



ANTES QUE ELA DIGA NÃO

LIVRO I DA SÉRIE – SOBRE NÓS

FERNANDA FREITAS

AUTORA DO LIVRO
LEMBRE – SE DE MIM, THOMAS



**ANTES QUE ELA
DIGA NÃO**

FERNANDA FREITAS

**ANTES QUE ELA
DIGA NÃO**

1º edição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Freitas, Fernanda

Antes que ela diga não / Fernanda Freitas. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed.
da Autora, 2020. -- (Sobre nós ; 1)

ISBN 978-65-00-07448-2

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

20-41882

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

*Para Matheus Pedroso e
Felipe Tadeu, por me
ajudarem a entender o
basquete.*

*E para Maria, Ana, Thais,
Beatriz e Nathaxa, por todo
o incentivo e animação.*

01.

SOPHIE

Meu relógio biológico não existe.

Ou talvez esteja com um sério defeito.

Já ouvi algumas pessoas dizendo coisas como “Ah, eu acordo antes do despertador. O meu corpo sabe a hora que deve levantar.” *Rá*. O meu corpo com certeza está falhando comigo nesse departamento, porque se o meu relógio biológico funcionasse direito, e se eu não tivesse esquecido completamente de programar a porcaria do despertador, eu não estaria atrasada para o meu turno de trabalho no Tina’s.

Normalmente, eu sou uma pessoa pontual e pragmática, que planeja a semana antes de ela começar, e sabe exatamente onde deve estar e quando deve estar. Atrasos não fazem parte da minha rotina. Nunca fizeram. Sempre cumpri com todos os meus compromissos e todos os meus deveres exatamente como era esperado de mim.

Acho que poderia ser pior, no entanto.

Minha chefe é uma mulher de trinta e poucos anos chamada Tina, que herdou o estabelecimento do pai depois que ele faleceu. Ela deu uma repaginada no lugar, mudou para o nome dela e é notável o quanto a lanchonete é a sua vida. Ela vive pelo trabalho como a perfeita workaholic que é. Tina é uma mulher muito gentil, mas odeia atrasos, então já sei que vou precisar enfrentar uma dose de seu mau humor.

Eu poderia culpar a loucura da vida universitária, dizer que passei a noite acordada fazendo algum trabalho ou que fiquei de ressaca por conta de uma festa, mas nenhuma dessas coisas seria verdade. Sim, a vida universitária é uma loucura, e mesmo depois de quase três meses estudando na Duke, em Durham, na Carolina do Norte, eu ainda me perco vez ou outra no campus gigantesco da universidade. Mas, não, eu não estou atrasada por

nenhum dos motivos que listei acima. Eu estou atrasada porque dormi pouco e dormi mal, o que é duplamente desastroso. E, considerando que eu já não sou uma pessoa que tem sonos tranquilos, dormir pouco e mal ao mesmo tempo, é o que me levou ao estado de zumbi, digno do elenco de *The Walking Dead*.

Talvez eles devessem me contratar. A série é tão grande que eu tenho certeza que tem lugar para mais um zumbi no elenco.

Saí dos dormitórios feito um foguete quando me dei conta de que horas eram, e precisei pegar um Uber até Raleigh, uma cidade vizinha a Durham, onde está localizado o Tina's. Ainda bem que é uma viagem de apenas trinta minutos de uma cidade para a outra, então não é tão ruim assim. Consigo ir para o trabalho e voltar para o campus sem dificuldades, então posso me considerar sortuda por ter conseguido esse emprego.

“Desculpe o atraso”, eu me desculpo com Tina assim que entro pela porta. Minha chefe está parada atrás do balcão, mexendo na caixa registradora, mas levanta rapidamente os olhos amendoados para mim. A lanchonete está em pleno movimento, e a cara feia de Tina me confirma a sua insatisfação com o meu *pequeno* deslize.

Ela suspira. Alto. “Camila está te cobrindo no seu setor.”

Não perco mais tempo.

Deixo a minha bolsa atrás do balcão, prendo o pequeno avental preto na minha cintura — ainda bem que já vim com o uniforme, então não preciso testar ainda mais a paciência de Tina falando que vou me trocar — e pego o meu bloquinho de anotações para começar o trabalho.

Precisei tomar três copos de café antes de sair de casa, na tentativa de manter meus olhos abertos, mas a verdade é que eu ainda pareço parte do elenco de *The Walking Dead*. Ótimo. Espero não assustar nenhum cliente. Já é ruim o bastante ter chegado atrasada, imagina se eu ainda afugentar a clientela?

“Cami, oi, cheguei”, eu cumprimento às pressas a minha colega de trabalho. “Obrigada. Eu vou assumir agora.”

Camila foi quem conseguiu esse emprego para mim. Nós moramos juntas no alojamento do campus. Não juntas, *juntas*, mas moramos no mesmo andar, e nos conhecemos logo no início do semestre. Eu estava saindo para explorar o campus da Duke quando a encontrei tentando cozinhar alguma coisa na cozinha compartilhada da Bassett House — onde moramos. Bom, vamos apenas dizer que eu a impedi de causar um incêndio na casa toda.

Depois disso, meio que nos tornamos amigas.

Uma semana depois ela comentou que estavam contratando garçonetes na lanchonete onde trabalhava, me perguntou se eu tinha interesse, eu disse que sim, vim fazer uma entrevista com a Tina e, simples assim, dois dias depois, eu tinha um emprego.

“Oi, Soph”, Camila me cumprimenta com um sorriso. “A mesa quatro fez esse pedido”, ela rasga uma folha do seu bloquinho e me entrega.

Arregalo os olhos ao me deparar com uma quantidade monstruosa de comida. “Eles pediram tudo isso?”, pergunto.

“São os caras do time de basquete.” Ela dá de ombros. “Eles comem muito. Acho que faz parte do estereótipo.”

Olho para a mesa quatro, analisando os cinco garotos que conversam entusiasmadamente. Eles são enormes, tipo, muito grandes mesmo. Grandes o suficiente para fazer a mesa onde estão sentados parecer de criança. E todos estão usando a jaqueta azul e branca com o nome do time de basquete da Duke estampado: *Duke Blue Devils*.

“Certo. Obrigada pela ajuda, Cami.”

Deixo o pedido da mesa quatro com Ethan, nosso cozinheiro, e vou atender aos outros clientes do meu setor.

O Tina's é uma lanchonete com um estilo retro, que eu particularmente acho um charme. Há várias fotos de carros antigos e motos antigas espalhadas pelas paredes, e algumas fotos de filmes como *Grease* e *Os Embalos de Sábado À Noite*, ambos com o John Travolta. Tina deve ser fã do cara.

O piso de ladrilho preto e branco e as cadeiras e estofados vermelhos deixam o ambiente ainda mais característico. E o uniforme dos funcionários combina com tudo isso. Para as meninas, um vestido vermelho na altura dos joelhos com avental preto, e, para os meninos, uma camisa vermelha e calça e avental pretos. Embora só tenhamos um único garoto trabalhando como garçom conosco: PJ, vulgo Peter James.

Gosto do meu trabalho. Não amo, mas gosto. E, considerando o que eu precisei enfrentar para conseguir entrar na Duke, não posso reclamar. O salário que eu ganho aqui vai pagar a minha acomodação e refeição pelos próximos meses. E graças à bolsa integral que eu ganhei, pelo menos com a mensalidade eu não preciso me preocupar. A vida já foi bem pior e bem mais difícil que isso, então eu acho que a onda de sorte finalmente chegou.

“Oi”, cumprimento os rapazes da mesa quatro quando apareço para

deixar os pedidos. “Meu nome é Sophie, vou atendê-los agora. Ahn... Eu não sei quem pediu o que, então vou colocar tudo em cima da mesa e vocês aproveitem.”

Nunca precisei levar tanta comida para uma mesa só. Eles pediram cinco lanches, bacon, ovos, batata frita, anéis de cebola, porção extra de maionese e refrigerantes. E pelo menos três porções de cada coisa. E são dez horas da manhã. *Quem* come batata frita e anéis de cebola às *dez horas da manhã*? É como uma bomba nuclear caindo no estômago.

Foram quatro viagens do balcão até a mesa, e quase não consegui fazer com que tudo coubesse ali.

“Valeu, gata”, agradece um dos garotos. Mesmo sentado, sei que é alto, tem um cabelo castanho bem escuro, quase preto, e os fios estão desordenados, como se ele tivesse acabado de acordar. Seu maxilar é bem marcado e masculino, mas ele sorri com covinhas, o que dá um toque de menino ao seu rosto de homem, e os olhos castanho-esverdeados estão... fixos nos meus seios. É isso aí. O cara está encarando os meus seios.

Endireito a postura. “Bom apetite”, digo, e saio de lá antes que meu desconforto transpareça.

Odeio ter olhos masculinos em cima de mim, porque me fazem lembrar a noite em que eu fui atacada. Não cheguei a ser estuprada, consegui escapar antes de o cara ser bem sucedido na sua tentativa, mas o ataque foi suficiente para me deixar traumatizada.

Eu passo tanto tempo na defensiva que chega a ser exaustivo. Não gosto quando homens olham para mim com segundas intenções, ou quando fazem comentários sugestivos, ou quando chegam perto demais. Sei que esse garoto não estava sendo pervertido nem nada parecido, ele só estava me admirando, e isso é normal. Sei disso. Todo mundo dá uma conferida no sexo oposto. Mas, com o meu histórico, basta um olhar para me deixar apavorada.

“Ei, tudo bem?” PJ aparece do meu lado, me tirando dos meus pensamentos. “Você está com os olhos arregalados.”

PJ é homem, e um homem lindo, diga-se de passagem. Seu cabelo loiro escuro e olhos castanhos, unidos com um sorriso encantador, são capazes de conquistar alguns corações por aí.

PJ nunca deu em cima de mim, mas me lança uns olhares contemplativos vez ou outra. Eu costumava ficar muito incomodada com isso no início, mas o conheço há quase três meses e ele nunca insinuou nada, então acho que pode ser meu cérebro traumatizado vendo coisas onde não

tem.

Suavizo o meu rosto. “Tudo bem. Só estava lembrando que posso ter deixado uma panela no fogo”, minto, com algo alarmante que possa justificar meus olhos arregalados.

“Meu Deus, Sophie!” Ele ri. “Você e Camila fazem uma dupla destrutiva. Nunca podem cozinhar juntas, ou vão explodir a Bassett House.”

Dou risada também. “Tem razão. Eles deviam nos banir definitivamente da cozinha.”

PJ concorda, rindo.

O Tina’s está cheio, então não temos muito tempo de ficar de papo. Eu anoto pedidos, retiro pedidos e limpo as mesas conforme os clientes vão embora. E *todos* os clientes eventualmente vão embora, menos os cinco garotos da mesa quatro. Eles conversam, riem, e consigo ouvir uma coisa ou outra sobre basquete quando passo perto da mesa deles. Parece que a pré-temporada acabou e o campeonato realmente vai começar agora. Eles também conversam sobre alguma coisa que chamam de *draft*, que eu não faço a menor ideia do que significa.

Ah, e os palavrões. Nossa, escuto *centenas* deles.

Não entendo muito de basquete para compreender sobre o que conversam, mas sei que muitos garotos vêm estudar na Duke por conta do reconhecimento da universidade em relação ao esporte. É uma das melhores do país.

“Ei, Sophie!” Viro na direção do som do meu nome e encontro um dos garotos da mesa quatro balançando a mão no ar, tentando chamar minha atenção. Pergunto-me por um momento como ele sabe o meu nome, mas então lembro que eu me apresentei quando levei a infinidade de pratos para a mesa deles.

Me aproximo, cautelosa. “Oi. Vocês querem mais alguma coisa?” Tiro o bloquinho de anotação e a caneta de dentro do bolso do avental e olho para eles, esperando. Mas será possível que eles ainda vão comer mais? Os cinco devoraram toda a comida que pediram. Nenhuma migalha restou para contar a história. Será que aquela era só a primeira rodada?

“Que tal seu telefone?”, o garoto que me chamou pergunta, com um sorriso galanteador no rosto. O cara sabe que é bonito, e com certeza tem prática em conseguir o que quer das mulheres só com esse sorriso. Aliás, os cinco são ridiculamente bonitos, devo acrescentar. Por que os atletas são sempre bonitos? Os caras são capazes de parar o trânsito com toda essa

beleza andando solta por aí.

“Desculpa, mas o meu telefone não está no cardápio. Vocês querem mais alguma coisa que esteja no cardápio?”

Os outros garotos dão risada.

“Eu te falei que você ia levar um fora, cara”, outro garoto ri, zombando do amigo. Esse é negro, tem o cabelo preto, olhos esverdeados que contrastam lindamente com o tom da sua pele e os dentes mais brancos que eu já vi na vida.

São tantos garotos que eu fico confusa. Seria mais fácil se eu soubesse os seus nomes, mas perguntar os nomes implicaria mostrar interesse. E eu não estou interessada. Não mesmo. E estou muito bem sem nenhum homem mostrando interesse por mim também, e pretendo manter dessa forma.

“Vamos querer a conta”, diz o garoto que olhou para os meus seios. “E o seu telefone.”

Reprimo um suspiro. “A conta é pra já, mas o telefone, não vai rolar”, respondo resignada.

“Por que não?”

Dai-me paciência. Acabo voltando atrás no que acabei de dizer a mim mesma. “Qual é o seu nome?”, eu pergunto.

O menino que olhou para os meus seios abre um sorriso, deixando suas covinhas à mostra. “Derek.”

“Derek, eu não passo meu telefone para estranhos, estou no meio do turno do meu trabalho e nem um pouco interessada em nenhum de vocês.” Abro um sorriso mordaz. “Vou trazer a conta.”

Dou as costas para eles e caminho até o balcão para puxar a fixa da mesa quatro. E estou bem ciente dos cinco pares de olhos em cima de mim. Não é a primeira vez que preciso lidar com caras querendo o meu telefone enquanto estou trabalhando, e nem preciso mencionar o quanto eu acho isso inapropriado. Quer dizer, que droga, eu estou *trabalhando*, não estou em uma vitrine, sendo exibida até que alguém se mostre interessado e peça o meu telefone. Isso aqui é o meu trabalho e eu preciso desse dinheiro. Não estou aqui pra ficar paquerando, e mesmo que quisesse, não conseguiria de qualquer jeito.

“Aqui está”, entrego a conta para Derek.

Ele olha o valor, puxa a carteira do bolso da calça jeans e coloca o dinheiro em cima da mesa. “Te vejo por aí, gata.”

Abro outro sorriso mordaz. “Nossa, mal posso esperar.”

Normalmente devolvo desconforto com sarcasmo, e costuma funcionar tão bem que as pessoas chegam a me achar antipática. No entanto, a forma como Derek sorri para mim agora traz um quê de desafio que eu não gosto nem um pouco.

Ah, droga.

Eu não quero que ele ache que isso vai se tornar um tipo de joguinho de conquista. Posso ser virgem, mas não sou nenhuma idiota, sei exatamente o que caras como ele querem com garotas como eu. Com qualquer garota, na verdade. Eles querem sexo. E não é preconceituoso da minha parte afirmar isso porque é a verdade. Esse cara é mestre no jogo da sedução, enquanto eu sou uma garota de dezoito anos, totalmente inexperiente e virgem por ter sido atacada *antes* de um cara ter a chance de ser legal comigo. Acredite em mim, Derek Mackenzie não iria querer nada com uma garota traumatizada como eu — ah, sim, agora que ele me disse seu nome, e sei que faz parte do time de basquete, sei exatamente quem ele é. O cara sabe construir uma reputação, vou lhe dar esse crédito.

“Vamos embora, *Romeo*, temos treino”, diz o único garoto ruivo do grupo. E, olha, vejam só, ele também é lindo de morrer.

O ruivo começa a empurrar Derek em direção à porta, com os outros garotos logo atrás.

Antes de saírem, Derek olha por cima do ombro e me lança uma piscadela sedutora.

Ah, que ótimo. Acho que acabei de entrar no radar desse cara.

* * *

Jogo meu corpo cansado em cima da minha cama assim que entro no meu dormitório. Estou exausta, com os pés doendo horrores e, para piorar, tenho aula em uma hora. Preciso com urgência de uma boa noite de sono, porque não sei quanto tempo mais vou conseguir funcionar se continuar dormindo só quatro horas por noite.

Maldita insônia. Malditos pesadelos.

“Meu Deus, Soph. Parece que você foi atropelada por um caminhão”, comenta Eretria, uma das minhas colegas de quarto. Minha amiga ainda está de pijamas, com o cabelo castanho preso em um coque bagunçado no alto da cabeça, e seus olhos verdes me encaram com certa preocupação.

A Bassett House tem alojamentos individuais, duplos e triplos, e a

distribuição dos quartos é aleatória. Caí em um dormitório triplo com outras duas alunas do primeiro ano. E, em quase três meses morando juntas, cheguei à conclusão que Eretria e Savannah são divertidas, desorganizadas em um nível tolerável, e temos grandes chances de nos tornarmos melhores amigas pelos próximos quatro anos de faculdade.

“Estou considerando seriamente me entupir de calmantes para conseguir ter mais que quatro horas de sono”, digo, virando meu corpo na cama para olhar para a minha amiga. “E ainda tive que lidar com uns babacas dando em cima de mim no trabalho hoje. A mesma porcaria de sempre. E você? Algum motivo para estar com essa cara feia?”

Eretria bufa. “Eles escreveram o meu nome errado. Dá para acreditar? Eu estou bem ciente da estranheza do meu nome, mas, nossa, não é tão difícil. Eles escreveram E-R-I-T-R-E-A”, ela soletra, frustrada. “E nem me deixe começar a falar sobre a mulher da biblioteca que pronunciou errado. Qual é o problema dessas pessoas? A sílaba tônica está no Tri, droga.”

Dou risada.

Logo que nos conhecemos, Eretria fez uma palestra para mim e Savannah sobre o porquê do seu nome. Seus pais são dois nerds apaixonados por histórias élficas e de fantasia. Filmes como *O Senhor dos Anéis* e *Star Wars* estão no topo da lista. E o maior motivo da sua indignação, é que o seu irmão mais velho, Kyle, escapou ileso de ter um nome esquisito, e sobrou para ela carregar o “legado nerd” da família.

“Isso é quase uma blasfêmia”, brinco.

“Exatamente! Meus pais ficariam furiosos que o nome da filhinha élfica deles está escrito errado. Juro por Deus, Sophie, eu nunca vou assistir filmes élficos na minha vida. Eu tenho tanta foto com orelhas de elfo quando eu era pequena, que acho que em algum momento meu cérebro ficou confuso. Eu comecei a acreditar que minhas orelhas eram pontudas daquele jeito.”

Dou risada de novo.

“Sabe qual é o pior de tudo isso? Eu nem tenho certeza que Eretria é um nome élfico. Meus pais fizeram de mim uma fraude”, ela bufa de novo, e depois gira a cadeira para ficar de frente para o laptop aberto em cima da escrivaninha. “Eu vou resolver isso agora mesmo. Vou escrever um e-mail bem malcriado para o departamento de admissões e eles vão ter que consertar isso. E vá tirar esse uniforme, temos que sair em vinte minutos.”

“Você ainda está de pijamas”, aviso.

Eretria abaixa os olhos, olhando para suas próprias roupas. “Merda”, ela

xinga, irritada. “Fico pronta em dois segundos, só preciso resolver isso primeiro.”

Eretria e eu estudamos Direito, e como estamos no primeiro ano, temos todas as matérias juntas, pois o primeiro ano é composto pelas as matérias obrigatórias do curso. Mas isso vai mudar quando escolhermos a nossa especialidade. Eretria quer trabalhar com Direito Ambiental, porque é a louca do Meio Ambiente e Aquecimento Global, já eu quero ser advogada criminalista, então, eventualmente, vamos seguir caminhos diferentes, mas por enquanto é bom tê-la comigo nas aulas.

A Bassett House fica no East Campus, onde só os calouros moram, e nós estamos a cerca de quarenta minutos andando do prédio da Faculdade de Direito. Ou seja, a Duke é gigantesca. A universidade é dividida entre o East Campus — com alojamentos para os calouros —, o West Campus — com alojamentos para os alunos do segundo até o último ano — e o Central Campus — que liga os outros dois. Ainda bem que a Duke dispõe de um serviço de ônibus gratuito, que ajuda os alunos a se deslocarem de um canto a outro, porque, sinceramente, a pé seria loucura.

Troco de roupa depressa enquanto Eretria digita freneticamente o seu e-mail malcriado para o departamento.

“Você vai comigo até a casa do meu irmão hoje, depois da aula”, ela me avisa, sem tirar os olhos da tela. “Kyle está infernizando a minha vida desde que nossos pais o fizeram prometer que eu estaria fora de problemas.”

Kyle também estuda na Duke, mas Eretria me disse que ele mora fora do campus, em Raleigh, junto com uns amigos. Eu ainda não o conheci, mas ela está a tantos dias reclamando do pobre garoto que eu sinto como se já o conhecesse.

“Por que eu preciso ir junto?”

“Para que você possa testemunhar a meu favor, e dizer ao insuportável do meu irmão que nós vivemos em um lugar seguro, que eu não me meti em problemas e que ele pode parar de me encher o saco”, ela argumenta, fechando o laptop. “Está pronta?”

Olho mais uma vez no espelho para conferir minha aparência.

O clima em Durham nessa época do ano ainda é agradável, mas com o fim de outubro, as temperaturas vão começar a cair em breve. E eu amo o calor. Também gosto do frio, mas o calor é tudo para mim. Gosto mais das roupas do verão do que do inverno, e a minha disposição quando as temperaturas estão altas é muito maior do que quando está nevando. Odeio

sentir frio, mas não me importo de sentir calor.

Visto uma calça legging e um suéter vermelho — que destaca lindamente o meu cabelo loiro e comprido. E estaria perfeito, se não fosse o cansaço estampado no meu rosto. Eu sou a própria personificação do cansaço.

Meu Deus.

Eu preciso muito dormir.

Ignoro a exaustão e sorrio para Eretria, que já está trocando de roupa, vestindo uma das suas muitas peças de roupa preta.

Quando eu me formar na faculdade e tiver uma vida descecente pela primeira vez, vou poder descansar. “Pronta.”

02.

DEREK

Kyle colocou todo mundo para sumir com as evidências da vida devassa que levamos.

Saímos do treino e viemos direto para casa para dar uma geral no lugar. Quando se mora com vários jogadores de basquete universitários, a casa tende a estar sempre um caos, com muitas latas de cerveja espalhadas ou peças de roupa femininas perdidas aqui e ali. Sem contar os baseados que rolam vez ou outra. Mas Kyle prefere morrer a deixar a irmã testemunhar tal coisa.

“Minha irmã vai aparecer em dez minutos”, avisa Kyle, pegando as últimas latinhas de cerveja vazias de cima da mesa de centro e jogando-as no lixo. “Não quero nenhuma gracinha com ela.”

Nash ri. “Cara, eu nunca daria em cima da sua irmã... na sua frente.”

Kyle pega uma almofada do sofá e lança na direção de Nash, que desvia sem muita dificuldade enquanto se acaba de dar risada.

“Vai se foder. Ela tem *dezoito* anos. Fica longe dela, Nash”, avisa Kyle, depois de levantar o dedo do meio.

“Ela é gata?”, pergunta Friends, cujo o nome na verdade é Dylan Chandler, mas nós o apelidamos de Friends por conta do seu sobrenome ser o nome de um dos personagens mais icônicos do seriado.

Babyface dá risada.

O problema com apelidos é que, uma vez dado, não tem como voltar atrás. Babyface é Zach Bradley, mas desde o dia que ouvimos uma garota com quem ele estrava transando dizer que ele tinha carinha de bebê, nunca mais chamamos o cara pelo nome dele.

“Vamos pensar... O quanto Kyle faz sucesso com as mulheres?”, pergunta Ryan.

“Ele pega umas gostosas”, responde Nash. “Então, se as mulheres acham ele gostoso, acho que podemos esperar que a irmã dele também seja gostosa.”

Babyface concorda com a cabeça.

“Então, tá decidido, a irmã do Kyle é gostosa”, diz Ryan.

“Minha irmã é território proibido, porra. Eu invoco o Bro Code”, Kyle retruca.

Friends fecha a cara. “Isso é maldade.”

“Nós vivemos em um país livre, cara. Você não pode controlar a vida sexual da sua irmã”, argumento.

Nash aponta o indicador para mim. “Exatamente! Você é o cara, D!”

Kyle me fuzila com os olhos. “Traidor desgraçado!”

Christopher Nash é um baita Ala-Armador. O cara joga muito, e pelo que nos contou da sua vida antes da faculdade, ele já era a estrela do time de basquete da escola onde estudava em Detroit, no Michigan. No entanto, seu esporte preferido, sem dúvida nenhuma, é pegar mulher. Depois que cheguei em casa e o flagrei no sofá com três garotas, nada mais me surpreende em relação a ele nesse departamento.

Kyle Kinsley, por outro lado, é o mais sossegado e o mais responsável de nós. É o cara que nos lembra de que temos que fazer coisas importantes, como ir ao mercado ou lavar a roupa. Honestamente, nós estaríamos perdidos sem ele. E é bem provável que a casa que divido com ele e outros cinco caras, em Raleigh, tivesse se transformado em um chiqueiro, ou talvez em um motel. Com Nash por perto, nunca se sabe.

Nash e Kyle passam vinte e quatro horas por dia de todos os dias provocando um ao outro, justamente porque são dois extremos. O certinho e o depravado. Talvez eu me irritasse com isso se não estivesse ocupado demais dando risada. Os dois me impedem de ficar entediado.

Quando a campanha toca, nós levamos um susto. E eu preciso conter a risada quando vejo Kyle correndo os olhos minuciosamente pela sala, para garantir que não há nada comprometedor ao alcance dos olhos da sua irmãzinha. Por fim, quando se dá por convencido, Kyle olha feio para todos nós. “Eu tô de olho”, avisa.

Logo que Kyle abre a porta, uma garota morena — e gostosa — invade a nossa casa, seguida por outra garota loira que... Espera aí, *essa* loira eu conheço.

Os olhos azuis de Sophie correm pela sala, passam por todos os meus

amigos antes de pararem em mim, bem a tempo de me verem abrir um sorriso. Sophie, por outro lado, não parece nem um pouco contente em me encontrar de novo.

“Ah meu Deus, é sério isso?”, resmunga ela. “Você não me disse que o seu irmão era do time de basquete.”

“Não? Devo ter esquecido. Mas por que isso importa? Vocês se conhecem?”, a irmã de Kyle pergunta, olhando para Sophie e depois olhando para mim e para os caras. “Ah, meu Deus, por favor, não me diga que você ficou com um deles.” Os olhos verdes da garota se arregalam. “Você ficou com o meu irmão?”

“Tá maluca? Claro que não. Eles são os babacas que estavam dando em cima de mim no Tina’s hoje.” Sophie aponta para nós.

Nash dá risada. “Babacas? Nós fomos tão legais com você, gata. Só queríamos o seu telefone.”

Sophie revira os olhos.

“E você querendo me controlar quando não consegue nem controlar os seus hormônios”, diz a irmã de Kyle.

“Não começa”, ele avisa.

“O quê? Você pode dar em cima das minhas amigas, viver sua experiência como astro do basquete universitário e eu não posso passar três meses na faculdade sem que você me ligue a merda do dia inteiro? Eu não sou mais criança, Ky.”

“Com certeza não é”, concorda Nash, olhando para a garota de cima a baixo, o que rende um olhar de reprovação de Kyle. “O quê?”, ele pergunta a Kyle. “Sophie tem dezoito anos também, e você foi o primeiro a pedir o telefone dela.”

Sophie cruza os braços, visivelmente irritada.

“Viu? Seu amigo concorda comigo. Obrigada. Sou Eretria, a propósito”, a irmã de Kyle finalmente se apresenta.

Nash sorri. “Sou Christopher Nash, mas todo mundo me chama de Nash. Mas posso ser quem você quiser, gata.”

“Vou deixar você sonhar com isso.” Eretria sorri diabolicamente, e depois volta os olhos verdes na minha direção. “E você?”

“Derek”, respondo com um sorriso. “Os outros são Ryan, Friends e Babyface”, apresento o resto dos caras. “E Jeremy, que não está em casa agora.”

“Friends e Babyface?”, Eretria pergunta, franzindo o cenho. “Que

diabos de nomes são esses?”

Babyface dá de ombros. “Segundo nossos caros amigos, cada um tem o apelido que merece.”

Eretria ri. “Vocês tem nomes de verdade, então?”

Friends faz que sim com a cabeça. “Sou Dylan, e o Babyface aqui na verdade se chama Zach.”

“Ótimo. Prazer enorme conhecer vocês, meninos”, ela diz, sua voz é de uma sensualidade perigosa. “Agora que todos nós nos conhecemos e você já viu que eu estou viva e muito bem, posso ir embora?”, Eretria pergunta para o irmão.

Kyle abre a boca para falar, mas Nash é mais rápido. “Na verdade, nós íamos pedir uma pizza agora, então, se vocês quiserem ficar e comer com a gente...” Ele deixa a sugestão no ar.

“Nem pensar”, responde Sophie.

Eretria olha para a amiga fazendo um beicinho, mas aparentemente não causamos uma boa impressão com a garota, porque Sophie balança a cabeça de um lado para o outro, deixando claro a sua objeção em jantar com a gente.

“Qual é, gata, a gente não morde”, digo a ela, com o melhor sorriso que consigo. Sei que as meninas gostam das minhas covinhas, e eu não tenho nenhum pudor para usá-las como subterfugio para conseguir o que eu quero. E agora, quero Sophie. Adoro um bom desafio. “Quer dizer, só se você pedir.”

“Eca. Tá, primeiramente, não sou sua gata. Segundo, esse seu sorriso não vai conseguir nada comigo, então pode parar.”

Os caras gargalham.

É o segundo fora que levo dessa garota em menos de oito horas. Sophie está batendo recordes. Não lembro a última vez que levei um fora de uma garota. Tinha me esquecido de como é a sensação de ter que correr atrás de uma mulher.

“Soph, você quer mesmo voltar para o alojamento e comer sabe-se Deus o que Savannah vai inventar de cozinhar dessa vez, se podemos ficar e comer pizza *de graça*?”, argumenta Eretria. “Lembra do ensopado de frango da semana passada?”

Sophie faz uma careta, como se pensar no tal ensopado fizesse seu estômago embrulhar. Depois, ela olha para mim, olha para os meus amigos, e por último de volta para Eretria, que está com um sorriso convidativo, tentando convencer a amiga pelo estômago.

Eu nunca morei nos alojamentos da Duke, sempre dividi essa casa com os caras e nós não temos muitos problemas com comida. Embora nenhum de nós seja um grande chef de cozinha ou coisa assim, sabemos o suficiente para não morrer de fome. Mas, para ser justo, Ryan é quem cozinha melhor.

Por fim, Sophie suspira desanimada. “Odeio quando você tem bons argumentos.”

“Vou pedir a pizza”, anuncia Nash, sem perder tempo, puxando o celular do bolso. “Vocês comem pizza do quê?”

As duas se entreolham. “Brócolis”, respondem em uníssono. “E tem que ser a opção vegana. Nada de queijo, ovos, nem nada disso”, completa Eretria.

Eu e os caras nos entreolhamos, e depois olhamos para Kyle.

“Nem tentem discutir com ela”, ele aconselha. “Tria é defensora dos animais e do meio ambiente. Vai fazer o maior discurso sobre a crueldade praticada contra os animais e os impactos maléficos da pecuária no meio ambiente. Querem tentar a sorte?”

Olho para Eretria, que está com os braços cruzados, olhando de volta para mim, me desafiando a tentar argumentar.

“Pede logo a pizza, cara”, digo a Nash, que concorda com a cabeça na mesma hora e começa a disar para a pizzaria.

“Sábia decisão.” Eretria sorri. “Vem, Soph, vamos sentar.”

Embora Sophie tenha concordado em ficar, é visível que está desconfortável. Nunca precisei lidar com uma garota que não quisesse estar perto de mim, e a menos que Sophie tenha namorado ou coisa parecida, eu não sei o porquê estaria tão incomodada.

“Vocês querem beber alguma coisa?”, ofereço, educadamente.

“O que vocês têm?”, Eretria quer saber.

Olho para dentro da geladeira, vendo a quantidade de cerveja e destilados que temos, mas nem preciso olhar para Kyle para saber que ele está emitindo ondas telepáticas e pedindo que eu não ofereça cerveja para a sua irmã menor de idade.

“Ahn... água.”

Eretria revira os olhos. “Para uma sexta-feira à noite, vocês estão bem devagar. Esperava mais de vocês atletas. Nenhuma festa de fraternidade para ir? Nenhum bar?”, ela provoca. “Desculpa, Soph, achei que viveríamos uma aventura hoje, mas aparentemente estamos presas com seis idosos.”

Sophie ri.

“Nossa”, exclamo. “Você sabe rir?”

Ela fecha a cara com uma rapidez impressionante. “Sei, mas não tenho motivos pra rir *pra você*. Há uma grande diferença. Mas posso rir *de você* a qualquer momento.”

Nash leva uma mão ao peito como se tivesse sido apunhalado. “Ai. Essa doeu em mim. Você é brava, gata.”

Eretria concorda. “Soph é uma moça comportada. Já eu...” A garota deixa a frase pairando sobre as nossas cabeças enquanto seus olhos verdes nos encaram lascivamente.

Os olhos cinzentos de Nash escurecem de luxúria, Ryan fica meio boquiaberto e Friends e Babyface estão sorrindo feito dois imbecis. Parece até que nunca viram uma mulher gostosa na vida.

Porra.

Não preciso estar dentro da cabeça dos caras para saber o que estão imaginando, porque *eu* estou imaginando *exatamente* a mesma coisa. Merda. Agora eu estou visualizando Eretria nua, na minha cama, o cabelo castanho espalhado pelo meu travesseiro e...

“Eretria!”, Kyle a repreende, o que me tira do meu estado de delírio.

Melhor assim. Ficar duro agora seria vergonhoso, e me renderia um soco de Kyle, que está se revelando um irmão mais velho superprotetor.

“O quê?”, Eretria pergunta, inocentemente. “Eu estou na faculdade agora, Ky, lide com isso. Não sou nenhuma puritana, e mamãe e papai já estão bem cientes disso. Você vai perder o seu tempo e os seus cabelos tentando me controlar.”

Kyle exala, estressado.

Eu sou filho único, meu pai faleceu quando eu era pequeno, e minha mãe nunca se relacionou com outro homem, então eu nunca tive essa experiência com irmãos. Não sei o que é sentir essa insatisfação que Kyle não se esforça para esconder a respeito do comportamento da irmã. Acho que ele a colocaria em uma bolha se pudesse. No entanto, Eretria Kinsley está deixando bem claro que ninguém vai mandar nela.

Quando Nash abre a boca para falar, Kyle falta pular no pescoço dele.

“Eu só iria sugerir que a gente assistisse a um filme”, garante Nash.

Tem muito homem nessa casa, e a presença de estrógeno está deixando os caras malucos.

Eretria acha graça. “Não vai rolar, lindo. Soph e eu vamos comer e depois vamos embora. Temos uma festa na Kappa Kappa Gamma.”

Ryan abre um sorriso. “Festa, é?”

“Desde quando você vai a festas de fraternidade?”, Kyle exige saber.

Eretria dá de ombros, descontraída. “Vocês deveriam vir com a gente. As meninas adoram quando os atletas aparecem. E, cá entre nós, os jogadores de futebol americano nem são tão bonitos assim.”

Jenni, minha companheira de fodas casuais, me mandou uma mensagem hoje de manhã avisando sobre a festa, mas, para falar a verdade, eu não estava muito no clima. Ainda estou me recuperando da última festa que fui com os caras, na quarta-feira. Porra. Fiquei um lixo. Só de pensar no quanto eu bebi, sinto a náusea bater no fundo da garganta.

Babyface olha para a própria roupa. “Vou subir e tomar um banho. Guardem pizza pra mim.” E ele dispara escada acima.

“Não se esqueça que temos que passar na Bassett para buscar a Savannah”, diz Sophie.

Eretria concorda com a cabeça.

“Vocês moram na Bassett House?”, pergunto.

Sophie faz que sim. “Mas você precisa do código para passar pela porta da frente.”

Rio. “Você está sempre na defensiva?”

Ela dá de ombros. “Não sempre. Normalmente sou legal com as pessoas que eu gosto.”

Sophie não faz ideia do quão divertido é isso. Embora garotas como Eretria, decididas e sem papas na língua sejam interessantes, eu, particularmente, gosto de mulheres que me fazem correr atrás, que me desafiam. Gosto da conquista, gosto das farpas, gosto desse quê de incerteza que a paquera traz. Sophie não faz a menor ideia, mas quanto mais ela tenta me afastar, mais interessado eu fico.

Pode parecer loucura para algumas pessoas, mas, como Bruno Mars sabiamente pontuou na música *Grenade*: vem fácil, vai fácil. Sempre preferi pessoas que me desafiassem, coisas que me tirassem da minha zona de conforto, pois o sabor da conquista depois é muito mais gostoso.

“Então, quando você for legal comigo, posso considerar que gosta de mim, gata?”, pergunto. Não faço esforço para esconder um sorriso.

“Isso nunca vai acontecer, *gato*”, ela garante, e sua convicção é impressionante, mas Sophie não parece conhecer a obstinação e a resistência dos atletas. Nós vivemos em competição, nossa missão é sempre ganhar, somos praticamente máquinas de determinação, projetadas para alcançar qualquer meta, vencer qualquer obstáculo. Se quisermos, tentamos até

conseguir. Seja na quadra, seja na vida, seja com as mulheres.
Sorrio. “Isso é o que veremos.”

03.

SOPHIE

Se eu tinha alguma dúvida de que Derek está encarando a minha resistência como um jogo, essa dúvida morreu agora. O cara definitivamente acha que eu estou bancando a difícil por diversão. Rá. Ele não sabe da missa a metade. Aposto que se descobrisse que eu sou virgem, passaria a me ignorar rapidinho.

Muitos homens não gostam da responsabilidade de tirar a virgindade de uma mulher, e, além disso, muitos acham que só porque a garota é virgem, vai se tornar pegajosa e começar a acreditar que os dois foram feitos um para o outro.

Ah, pelo amor de Deus.

Não estou dizendo que isso não acontece, mas generalizar as virgens desse jeito é o mesmo que dizer *nenhum* homem presta, e isso não é verdade.

Mas é verdade que *eu* não conheci muitos que realmente prestassem. Não, desculpa, *eu nunca* conheci um homem que prestasse. Portanto, acho que é compreensível que eu não confie em nenhum deles.

Sei que nem todos os homens são como Owen, o desgraçado que me atacou. Me esforço de verdade para não julgar um homem que gosta de flertar — como Derek — como julgo Owen. Eles não são a mesma pessoa, e flertar não é nem de longe parecido com o que Owen fez comigo.

Talvez Derek ache a coisa mais repugnante do mundo o que Owen fez, talvez ele seja um cara muito legal e respeitoso, mas o pavor me invade tão depressa quando um homem se dirige a mim em tom de malícia, que nem tenho tempo de *não* fazer uma associação rápida com Owen e com o que aconteceu.

Maldito estresse pós-traumático.

“Ei, tudo bem?” Eretria pergunta baixinho, preocupada. “Você ficou

esquisita de repente.”

Não contei para ela ou para Savannah o que aconteceu comigo. Na verdade, ninguém sabe. Meu ataque e meu desconforto em relação aos homens não é algo que corro para contar para os outros, mesmo porque, talvez as pessoas não entendam, talvez achem que seja frescura da minha parte, já que não fui realmente estuprada. Mas não importa se Owen conseguiu o que queria ou não. Ele tentou. Tentou tirar de mim algo que eu *não queria* dar a ele. Isso já é grave o suficiente.

“Tudo bem”, eu respondo, lacônica, e forço um sorriso para não deixar minha amiga preocupada.

Eretria é uma pessoa perspicaz ao mesmo tempo em que não é enxerida. Ela não me enche de perguntas, e sabe exatamente quando quero conversar, o que me faz gostar de estar perto dela. Savannah, por outro lado, é tão agitada que me deixa tonta. Sempre parece que ela está à beira de um ataque de nervos, e quando ela coloca uma coisa na cabeça... Deus nos ajude.

Não estou dizendo que não gosto de ficar perto dela, porque gosto, mas Eretria entende melhor os meus silêncios, e isso é algo importante para mim.

No segundo dia morando juntas, Savannah cismou que tínhamos que mudar os móveis do quarto de lugar para termos mais espaço. Eretria e eu passamos trinta minutos tentando convencê-la que teríamos *exatamente* o mesmo espaço, e ele só seria *transferido* de lugar, mas Savannah estava convencida de que conseguiria um milagre se mudássemos os móveis. E então, passamos a tarde mudando os móveis de lugar.

E adivinhem, ficamos com exatamente o mesmo espaço de antes, mas disposto em outro lugar do quarto.

Argh. Savannah nos vence pelo cansaço. Sua intensidade é difícil de acompanhar.

Quando a comida finalmente chega, não me surpreendo nem um pouco com as quinze pizzas que são colocadas na mesa de centro. Eu vi o quanto esses garotos são capazes de comer. Eretria, por outro lado, está boquiaberta. “Vocês compraram *quinze* pizzas? *Quinze*? É serio?”

“Cheguei bem na hora”, diz Babyface, voltando para a sala e pegando uma pizza da pilha.

Friends senta na poltrona da sala, puxa uma pizza para o seu colo e sorri. “Gata, estamos em fase de crescimento.” Ele abre a tampa da caixa e faz uma careta que não combina com seu rosto bonito. O garoto negro tem olhos amendoados e uma barba grossa que o faz parecer ainda mais velho do que

suponho que seja. Mas, nossa, ele é muito bonito. “Essa é a de vocês. Cheia de coisa verde e sem a menor graça.”

Eretria pega a pizza das mãos do garoto e fareja o ar assim que abre a tampa. “Delícia. Pega, Soph.”

Pego um pedaço da pizza de brócolis e dou uma mordida. Eu *amo* brócolis.

Desde que conheci Eretria, ela vem tentando me dissuadir a parar de comer carne e me tornar vegana. Vegetariana, pelo menos. Ela vem tentando fazer o mesmo com Savannah, mas nossa colega de quarto sempre foge quando Eretria começa a falar dos malefícios de se comer carne e dos maus tratos que os animais sofrem. O próximo passo na sua missão Sophie e Savannah Salvando Os Animais é nos fazer assistir ao documentário “Terráqueos”. Ela garante que nós nunca mais vamos querer comer carne depois disso, mas eu não sei se tenho coragem de ver.

Faço uma ideia do tipo de crueldade a qual os bichinhos são submetidos. Já vi uns trechos por acaso na internet, e fiquei tão perturbada e horrorizada que não dormi direito por dias. Não sei se consigo dar conta de assistir a um documentário inteiro mostrando cenas de crueldade contra os animais.

Eretria garante que esse será o ponto de virada na minha vida. Lembro que ela me disse que, sim, eu ficaria perturbada, e sim, eu provavelmente choraria muito, mas me daria a motivação necessária para nunca mais querer olhar para um pedaço de carne na vida. Acredito totalmente nela, mas ainda acho que não conseguiria dar conta de tamanha brutalidade.

“Eu não sei como você pode não comer queijo, gata”, diz Nash, segurando um pedaço de pizza gorduroso na mão. A gordura é tanta que deixa a ponta dos seus dedos e os seus lábios brilhando.

“Eu como queijo, mas não o mesmo que vocês. Existe queijo para veganos, sabia?”, ela o informa.

Ryan concorda. “É verdade. Minha ex era vegetariana, e ela comprava um monte de paradas diferenciadas. Carne de soja e fazia bolo sem ovo ou leite. Nunca entendi isso.”

Eretria ri.

Ryan é o ruivo do grupo, o que empurrou Derek para fora do Tina’s dizendo que eles tinham treino. Então, suponho que Jeremy seja o outro menino que estava com eles. E, por fim, temos Babyface, o loiro do grupo. Preciso dizer que o apelido combina totalmente com o garoto, e imagino que seja esse o motivo. Não sei se ele é mais novo que os outros, mas tem uma

carinha de bebê que não combina com o seu tamanho ou com o corpo musculoso.

“Você também é vegana, Sophie?”, Derek me pergunta. Ele está sentado no chão entre Kyle e Ryan, enquanto Nash e Babyface estão sentados no outro sofá. Todos têm uma pizza no colo. Nunca vi tanto queijo, carne e condimentos em uma pizza antes.

“Não, mas gosto de comer saudável.”

“Não *ainda*”, corrige Eretria. “Eu estou tentando trazê-la para o caminho da luz e da bondade aos animais. É a minha nova missão de vida, já que todas as minhas tentativas com o meu irmão querido foram frustradas.”

Kyle dá de ombros, despreocupado, enquanto mastiga sua pizza. “Boa sorte, Sophie. Ela me infernizou com isso por anos. Minha irmã simplesmente não sabe a hora de desistir. Ela vê o limite e ela o ultrapassa.”

Dou risada. Posso ver Eretria mandando o limite a merda e seguindo sua vida como se não fosse nada demais.

“Ela riu de novo”, observa Derek, se divertindo em me encher o saco. “Cara, acho que agora ela gosta de você.”

Faço uma careta. “Vou tomar o cuidado de nunca rir na sua frente, se você vai sempre fazer esse tipo de comentário.”

Derek ri. Ele claramente está satisfeito de conseguir me deixar irritada.

“Então, Eretria, você gosta de cruzar limites?”, pergunta Nash. Ele tenta soar inocente na sua pergunta, mas qualquer pessoa conseguiria captar a malícia na sua voz. Eu acabei de conhecer o cara, mas a sua sagacidade pode ser sentida de longe.

Kyle endireita a postura e fixa os olhos no amigo, mas Nash não parece nem um pouco preocupado com o olhar mordaz do irmão da minha amiga.

Eretria dá de ombros. “Os limites estão aí para serem quebrados. É preciso viver de verdade porque a vida é fugaz.”

Nash começa a bater palmas. “Porra. Foi mal, cara, mas eu acho que tô apaixonado pela sua irmã.”

Coitado.

Eretria é capaz de comê-lo vivo. Se tiver alguém mais sagaz que esse cara, com certeza é a minha amiga.

Ela dá risada. “Não é o primeiro, e não será o último.”

Kyle passa a mão pelos cabelos, e depois balança a cabeça, atordoado. Não sei se ele está com raiva, se está desapontado com a irmã, ou se está incrédulo pela capacidade de Eretria de ser exatamente quem ela é. Minha

amiga não tem vergonha de dizer o que pensa ou o que sente, e a maioria das pessoas não está acostumada com isso, mas ela também não parece se importar com o que pensam ou dizem sobre ela.

“O que você está cursando, Sophie?” Derek pergunta, puxando conversa.

“Direito.”

Ele arqueia as sobrancelhas, surpreso. “Legal.”

Silêncio.

“Você não vai perguntar sobre mim?”, ele quer saber.

“Não.”

Os garotos explodem em uma gargalhada. Nash ri tanto que a sua pizza quase cai no chão.

“Ah, meu Deus. Agora sou eu que estou apaixonado”, diz Ryan, limpando as lágrimas do canto do olho. “Nunca achei que viveria para ver Derek Mackenzie levar um fora desses.”

Embora os amigos estejam rindo, Derek não parece se abalar. Ele continua me encarando com aquele sorriso, como se estivesse realmente se divertindo com a minha resistência.

Que alegria. Ele está entendendo tudo errado. Como conserto isso agora?

Meu celular começa a vibrar no bolso da minha calça jeans e eu o puxo de lá. O nome de Savannah aparece na tela. “Oi, Sav”, atendo. “Tudo bem?”

Um barulho ensurdecedor atinge meus tímpanos, me fazendo afastar um pouco o telefone do ouvido. Tenho certeza que todo mundo consegue ouvir a música que toca do outro lado da linha, e eu nem coloquei no viva voz.

“Porra, a festa tá bombando”, Babyface se anima.

“Soph, cadê vocês?”, Savannah grita do outro lado da linha. “Eretria, por que você tem celular se você não atende essa porcaria?”

“Eu não ouvi tocar”, ela se defende, puxando o celular do bolso. Três ligações perdidas. “Desculpa, amiga.”

“O quê?”, Savannah grita. “Calma aí!” A música vai ficando mais baixa. Acho que ela está procurando um lugar mais silencioso. “Pronto. Acho que consigo ouvir vocês agora. Me coloca no viva voz.”

E eu coloco.

“Respondendo a sua pergunta, estamos na casa do meu irmão”, diz Eretria. “Mas já estávamos indo te buscar. Nós não íamos nos encontrar em casa?”

“Sim, mas eu peguei carona com o pessoal da música, por isso estava tentando falar com vocês. Uns amigos meus estavam vindo pra cá, então aproveitei.”

“Estamos indo pra aí”, avisa Eretria. “E estamos levando alguns atletas com a gente.”

“Graças a Deus. Eu preciso de coisas bonitas para olhar.”

Os seis meninos diante de mim abrem um sorriso.

“Só olhar?”, Babyface pergunta em voz alta.

Savannah solta uma risadinha. “Depende. Vem pra cá e a gente conversa.”

O garoto coloca a caixa da pizza na mesa de centro e levanta. “Vamos logo, porra!”

“Gosto do seu entusiasmo”, flerta Savannah.

“Ei, ainda estamos aqui. Parem de flertar”, censura Eretria. “Estamos indo. Não faça nada divertido. Espere para fazermos juntas.”

“Combinado. Vejo vocês daqui a pouco.”

E Savannah desliga.

04.

SOPHIE

Em três meses de faculdade, já fui arrastada para mais festas do que gostaria. Savannah e Eretria são aquelas garotas consideradas a alma da festa. Elas conhecem pessoas com uma facilidade gigantesca, e qualquer lugar parece mais animado quando elas estão por perto. Eu, por outro lado, sou quieta demais. Estou sempre mais observando do que conversando, e normalmente só falo quando falam comigo.

Tento não resistir muito quando elas tentam me levar para a normalidade de uma vida universitária. Sei que me enclausurar no meu quarto e só sair de lá para trabalhar ou ir para as aulas não vai ajudar em nada a minha situação, então deixo que elas me levem a tira colo.

Eu preciso viver.

Preciso sair por aí, me divertir, cometer alguns erros e me arrepender de uma coisa ou outra.

Quero ter histórias para contar para os meus netos. Não quero ser uma mulher reclusa, que nunca viveu uma aventura na vida e sempre fez o que deveria fazer, conforme manda o figurino.

Não quero ser essa mulher.

E é por isso que concordei em vir a essa festa na Kappa Kappa Gamma para início de conversa.

As meninas da fraternidade são legais. Conheço uma ou outra de outras festas que vim, mas não chegam a ser minhas amigas ou coisa parecida. Mas sempre me trataram bem e respeitaram minha timidez, e isso vale muito pra mim.

“Vamos procurar a Savannah”, grita Eretria, assim que passamos pela porta.

A música eletrônica explode nas caixas de som e eu mal consigo ouvir

meus próprios pensamentos. A casa está lotada, como sempre, e o cheiro de álcool está impregnado por toda a parte. É possível ficar bêbado só por respirar.

Sempre que chego a uma festa, tenho a mesma impressão. Parece que as festas são todas iguais. As músicas são quase sempre as mesmas, sempre tem um grupo de pessoas jogando *Beer Pong*, da mesma forma que sempre tem alguém se pegando nos cantos das paredes. Ah, sem contar as várias meninas só de sutiã, que parecem ter saído de um catálogo da *Victoria Secrets* de tão bonitas.

“Manda uma mensagem pra ela”, grito para Eretria. “Vai ser impossível encontrá-la aqui dentro.”

Eretria assente, e pega o celular do bolso. Segundos depois, a mensagem com a resposta de Savannah chega.

“Ela tá na cozinha”, grita Eretria.

E nós vamos abrindo espaço entre as pessoas até chegarmos à cozinha que, adivinhem, está igualmente lotada de gente. Pessoas e mais pessoas colocando álcool nas veias.

“Vocês chegaram!”, Savannah abre os braços, vindo até nós para nos abraçar. Dá para perceber que nossa amiga já está um pouco alterada.

“Oi pra você, bêbada”, eu digo, rindo.

“Vocês demoraram muito”, Savannah resmunga. “Cadê o meu amigo do telefone?” Ela olha por cima dos nossos ombros.

“Quem? Babyface?”, pergunto.

Savannah franze o cenho. “Isso deveria ser um nome?”

“É um apelido. Parece que o nome dele é Zach.”

“E cadê ele? Levem-me ao meu príncipe.”

Eretria dá risada. “Vamos procurá-los.”

Demoramos quase cinco minutos para conseguir atravessar o mar de pessoas até uma sala de estar secundária. Mesmo não sendo nenhuma expert em festas, sei que essas salas secundárias são mais tranquilas. É como se fosse uma área VIP, onde normalmente os donos da casa ficam, onde a música não é tão alta e onde sempre está rolando uma pegação.

Como nesse exato momento.

Assim que eu entro na sala, meus olhos são recebidos pela imagem de uma garota ruiva sentada no colo de Derek e enfiando a língua na goela dele. É, o Sr. Astro do Basquete não perde tempo mesmo.

“Meninas!”, Quinn grita assim que nos vê passar pela porta. Ela é uma

das irmãs Kappa, e provavelmente a garota de fraternidade mais legal que eu já conheci.

“Oi, Q” Savannah cai nos braços de Quinn.

“Opa. Quanto você já bebeu, amiga?”

“Não muito. Mas bebi tequila.” Savannah faz uma careta. “Tequila é tiro e queda. Fico ruim rapidinho.”

Quinn concorda com a cabeça.

“Temos mais meninas no recinto”, avisa Melanie, outra irmã Kappa. “Agora podemos brincar de sete minutos no paraíso. Reúnam-se em um círculo, crianças. Vamos jogar.”

“Babyface”, Eretria chama. “Aqui está a sua princesa.”

Os olhos azuis de Babyface despem Savannah sem nenhum pudor, mas ela não se importa, afinal de contas, está fazendo o mesmo com ele. E, em um piscar de olhos, minha amiga já está do outro lado da sala, conversando animadamente com Babyface. Parece que eles nem vão precisar brincar de sete minutos no paraíso, provavelmente vão chegar lá sozinhos daqui a pouco.

“Vem, Soph, vamos jogar”, Eretria me puxa para que eu me sente no chão junto com ela.

Faço uma careta, mas me sento. Não porque eu quero, mas porque Eretria me puxa com força suficiente para me obrigar. “Eu não curto essas brincadeiras.”

“Você não precisa necessariamente beijar a pessoa”, diz Quinn, com um sorriso amigável. “Vocês podem só... conversar.”

Eu a encaro, séria. “Você realmente acredita nisso?”

“Não”, ela ri. “Mas é possível. Vai saber.”

Sete minutos no paraíso é só uma desculpa ridícula para beijar alguém. O mundo inteiro sabe disso. Ninguém pode realmente te obrigar a ficar trancado em algum lugar com alguém por sete minutos, mas as pessoas se submetem a isso para beijar, e se tiver química, transar em seguida. É assim que as coisas são.

“Desfaça essa careta”, ordena Eretria. “Você tem que se divertir mais, Soph. Não vamos ter dezoito anos pra sempre, temos que aproveitar essa fase para que possamos ir para a vida adulta sem ter deixado nada para trás para viver.”

“Odeio quando você tem bons argumentos”, digo, pela segunda vez essa noite.

Ela sorri. “Eu sei.”

Quando todo mundo está acomodado em um enorme círculo no chão, Melanie coloca uma garrafa de cerveja vazia no centro.

“Posso ir primeiro?”, pergunta Derek.

Por que isso não me surpreende?

“Vai em frente”, concede Melanie.

Derek inclina o corpo para frente e gira a garrafa.

Consigo ver o olhar de expectativa das meninas, quase implorando para o universo lhes dar uma chance de ter sete minutos em um quarto escuro com Derek Mackenzie. No entanto, como o universo é um grande comediante e gosta de rir da nossa desgraça, a garrafa para apontando *para mim*.

“Isso só pode ser piada.” Eu bufo.

Friends começa a rir. “Isso vai ser interessante.”

Olho para Derek e ele está triunfante. Eu não faço ideia de como esse garoto consegue manter esse sorriso com a cara feia que eu estou fazendo.

Merda.

“Sem celulares, queridos”, avisa Melanie. “Podem me entregar, e eu devolvo para vocês daqui a pouquinho. Lily, pode levar os pombinhos.”

Não protesto, porque não vai adiantar. A partir do momento que você senta na roda, você está concordando em participar. Todo mundo sabe disso. Fazer um escândalo agora seria besteira. Eu sentei na porcaria da roda, então aqui está o meu castigo.

Lily nos leva para um pequeno closet de casacos embaixo da escada. “Até daqui sete minutos.”

E a porta se fecha, deixando Derek e eu na penumbra do closet. Toda a claridade é proveniente de uma pequena luz amarelada de um abajur colocado no chão. Mas a luz é tão fraca que mal dá conta de iluminar o cômodo.

“Eu acho que o universo está nos mandando um sinal”, ele diz.

Put a merda. Ele está muito perto, mas nem tem como ficar mais longe. O closet de casacos é minúsculo — o que o torna perfeito para essa brincadeira.

Eu consigo sentir a respiração de Derek no meu rosto, o que faz meu corpo inteiro ficar rígido feito uma tábua.

Por que eu concordei com isso? Eu passo todo o tempo *fugindo* dos homens, e de repente me tranco em um armário com um voluntariamente?

Você está tentando ser uma garota normal, minha consciência me

incentiva.

É verdade. Estou tentando ser uma garota normal. Posso ser uma garota normal por sete minutos. São apenas sete minutos. Derek não tentaria algo à força comigo tendo tão pouco tempo. E, meu Deus, eu realmente não deveria julgá-lo tão mal desse jeito. Presumir que o cara faria uma coisa dessas parece muito errado. Eu não o conheço.

Justamente por isso. É uma faca de dois gumes.

“E que sinal seria esse, exatamente?”, quero saber.

“Que você deveria me dar uma chance.”

Dou risada.

Esse cara é inacreditável.

“Você não estava enfiando a língua na boca de uma garota há exatos cinco minutos?”

DEREK

Merda.

Em minha defesa, Jenni é um lance antigo. Nós nos conhecemos desde o primeiro ano e a atração física foi mútua e intensa. Sempre que nos encontramos, transamos. É cômodo, fácil e ela é uma garota legal.

Depois de alguns encontros, estabelecemos alguns termos. Não somos exclusivos, não sentimos ciúme um do outro e não devemos esperar nada do outro além de algumas noites de sexo todo o mês.

Jenni não quer namorar. Ela está extremamente focada na faculdade preparatória de medicina, então não quer dividir o seu tempo de estudos com um namorado. O que é ótimo para ambos. Podemos transar, aliviar o estresse e a tensão e ainda sermos amigos sem cobranças.

“Verdade”, respondo para Sophie. “Mas Jenni e eu somos só amigos.”

“Você sempre enfia a língua na garganta das garotas com quem você é só amigo?”

“Quase sempre.”

Ela solta uma risada cética. “Não sei se admiro a sua sinceridade ou se te acho um completo idiota.”

Dou de ombros. “Você pode tirar essa dúvida se concordar em sair comigo.”

“Para você poder enfiar a língua na minha garganta?”

Não consigo evitar sorrir, e se meu pau tivesse boca, ele estaria sorrindo

também. Porque está ficando duro bem depressa. “Esse é o plano.”

Sophie olha bem para a minha cara. Seu olhar é indecifrável, mas ela tem o par de olhos azuis mais bonitos que eu já vi. E também os mais misteriosos. Não consigo ler essa garota.

“Me dê uma razão”, ela pede.

Franzo o cenho. “Como assim?”

“Me dê uma razão para sair com você. Quer dizer, você provavelmente é um idiota. Um idiota *sincero*, vou lhe dar esse mérito.”

“Ah, obrigado, gata”, digo, achando graça. “Mas, me deixa ver se eu entendi. Você quer que eu te diga o porquê você deve sair comigo? No entanto, você provavelmente está esperando que eu diga algo idiota, e então você vai poder provar a sua teoria sobre mim e me dizer não antes mesmo de me conhecer. Tô certo?”

“Você é bom”, ela admite de má vontade.

Ouso dar um passo para frente. Um meio passo, na verdade, porque esse closet é tão pequeno que eu mal caibo aqui dentro.

A respiração de Sophie acelera e ela tenta dar um passo para trás, mas não tem para onde se esquivar. O closet acaba bem atrás dela.

“Acho que você deve me dar o benefício da dúvida.”

“E por que eu faria isso?”, ela indaga.

Dou de ombros. “Você está estudando Direito, certo? Não é meio que o seu dever ser justa? Você não pode julgar o réu sem saber a história dele, pode?”

“Você está realmente usando a minha profissão para conseguir um encontro comigo?”, ela pergunta, indignada, mas dá para ver pela sua expressão que a peguei de surpresa com a coerência do meu argumento.

“É isso aí, gata.”

Ela abre e fecha a boca algumas vezes, mas não diz mais nada. Rá. Parece que eu consegui deixá-la sem palavras.

“Nós devemos ter uns três minutos restantes. O que vai ser?”, pergunto.

“Eu não vou beijar você, Derek. E também não vou...”

Eu coloco o dedo indicador em cima dos seus lábios, tentando ser delicado ao pedir que ela cale a boca. E ela se cala. Seus olhos azuis me encaram enquanto passo o meu polegar pelos seus lábios macios. Quero tanto beijá-la que está me enlouquecendo ficar aqui dentro com ela e não fazer isso. No entanto, sei o suficiente sobre mulheres para saber que, se eu beijar Sophie agora, já era. Só vou provar para ela que sou o idiota que ela acha que

eu sou.

Inclino meu corpo lentamente para frente e lhe dou um beijo demorado na bochecha. Ela prende a respiração quando meus lábios tocam a sua pele. Sophie é quente, sedosa e tem cheiro de cereja. Não sei se é por conta de um perfume ou um sabonete, mas é um cheiro doce, gostoso e feminino.

Merda.

Péssima ideia chegar tão perto. Estou dolorosamente duro sob o zíper da calça, mas mesmo assim me afasto.

Ainda não, cara. Trate de se comportar.

“Não responda nada hoje, gata. Apenas pense nisso”, digo, minha voz sai mais rouca do que eu pretendia.

E a porta do closet é aberta.

05.

DEREK

O Campeonato de Basquete Masculino Universitário da NCAA começa na semana que vem, e o time está com foco total. Mandamos muito bem nos jogos da pré-temporada, e se continuamos nesse mesmo ritmo, tenho certeza que conseguimos chegar até o final da conferência, e depois aos playoffs.

Nós perdemos no ano passado, e tenho certeza que esse é um erro que não queremos cometer de novo. Portanto, começamos os treinos já no segundo dia de aula. Sem contar as horas na academia e o consumo reduzido de álcool estipulado por mim, o Armador e capitão do time.

O treinador Burke também está mais exigente do que nunca, fazemos muitos treinos de resistência, para melhorar a nossa velocidade na quadra, também treinamos muitos arremessos de três, e isso sem contar a quantidade absurda de suicídios que precisamos realizar a cada treino merda. Quando fazemos um bom trabalho, Burke nos poupa, mas quando o treino é uma merda, cada jogador faz duzentos suicídios.

E devo acrescentar que o treinador exige uma média maior do que a própria Duke. No entanto, não reclamamos. Cada jogador nesse time quer estar aqui e vai se esforçar para *continuar* aqui, e é por isso que eu acredito que temos uma chance real de vencer o campeonato esse ano. O time está entrosado e focado.

“Dakari, você tem que parar essa bola. Pare de fugir de contato físico”, ordena Burke. “Eu não quero ver a bola chegando perto dessa cesta.”

Dakari seria Ryan Dakari, meu colega de república que joga como Ala-Pivô.

No basquete, todos os jogadores atacam e todos os jogadores defendem, mas ainda temos funções específicas que formam a engrenagem para o time funcionar direito. Como Ala-Pivô, Ryan é o jogador que arma o jogo dentro

do garrafão, briga por rebote, ajuda na defesa e bloqueio da cesta, mas está claro que a cabeça dele não está no treino hoje.

Kyle lança para mim, e eu percorro a quadra batendo a bola e procurando alguém para passar. Encontro Nash livre no canto direito do garrafão, driblo Jeremy e jogo a bola para Nash, que recebe com precisão antes de jogar o corpo em cima de Ryan para abrir espaço. E, como Ryan está mole hoje, Nash consegue o espaço que precisa para adentrar o garrafão e enterrar a bola na cesta.

E o treinador vai à loucura. “*Dakari*, o que eu *acabei* de falar?”

Ryan passa a mão pelo cabelo, molhado de suor, e solta o ar dos pulmões, tentando relaxar.

“Foco, cara”, digo a ele.

Retomamos a jogada.

Babyface lança a bola para Brice Carpenter, que atravessa a quadra a toda a velocidade, mas é bloqueado por Kyle, que faz a barreira para impedir a entrada da bola no garrafão. Brice arremessa, tentando fazer uma cesta de três, mas a bola circula o aro duas vezes e cai para fora. Kyle pega o rebote, lança a bola para mim e eu atravesso a quadra correndo. Me posiciono na lateral esquerda do garrafão, arremesso e... cesta de dois pontos.

“Boa, caralho!”, comemora Nash.

“Nash! Linguajar!”, repreende Burke, bufando. “Chega! Venham aqui!”

Quando nos aglomeramos ao redor do treinador, estamos suados, ofegantes e exaustos. E não é preciso ser um gênio para saber que Burke não está nem um pouco feliz. Sei que ele gostou do desempenho de alguns jogadores, mas, com certeza, não com o de Ryan, então tenho certeza que vamos precisar fazer duzentos suicídios antes de finalmente irmos para os chuveiros.

Somos um time, o que significa que se *um* não vai bem, *o time* não vai bem. Portanto, não importa se só Ryan jogou mal hoje, isso compromete o time inteiro. Nós ganhamos como uma equipe, perdemos como uma equipe e treinamos como uma equipe. É o que Burke sempre diz, e embora eu preferisse morrer a fazer duzentos suicídios agora, sei que quando sou eu que jogo feito um merda, o time assume o sacrifício comigo.

“Quando vocês entram em quadra, o resto do mundo some. Se a cabeça de vocês não estiver cento e dez por cento no jogo, não vamos chegar ao final da conferência”, ele troveja, furioso. “Dakari estava com a cabeça sabe Deus onde hoje, mas ele não é o único jogador para defender. Beckham, você está

lerdo para voltar para a defesa”, acusa Burke, encarando Jeremy. “Movam esses pés, atravessem a quadra *voando* se for preciso, mas acompanhem o ritmo do jogo. Vocês têm que estar onde a bola estiver.”

Ninguém abre a boca para falar. Apenas ouvimos.

“Mackenzie, observe o andamento do seu time. Você é cérebro, caramba. Cadê as chamadas das jogadas na hora do ataque?”, Burke continua, olhando bem na minha cara. “E vocês, observem o Armador de vocês. Quando os seus olhos não estiverem na bola, é para o Mackenzie que vocês têm que olhar. Não é pra ficar na quadra pensando na morte da bezerra, cacete.”

Mais silêncio.

Embora nós não falemos, percebo que cada jogador absorve os puxões de orelha.

“Vocês querem chegar ao final da conferência?”, Burke instiga.

“Sim, senhor”, nós respondemos em uníssono.

“E vocês querem ir para os playoffs?”

“Sim, senhor.”

“Querem ganhar o campeonato?”

“Sim, senhor.”

“Então, chega desse jogo de merda. Duzentos suicídios e depois chuveiro.”

Nem ousamos resmungar. Da última vez que Burke ouviu um resmungo, acrescentou mais cem suicídios para cada jogador, então aprendemos a lição de que reclamar não é uma opção. Ele manda, nós obedecemos e ponto final.

“Meu Deus, eu tô morto”, resmunga Nash do chuveiro ao lado do meu.

E ele não é o único.

Não tem um centímetro do meu corpo que não esteja doendo. Os ombros doem, as pernas doem, os braços doem. Tudo dói. Porra. Odeio fazer suicídio. Odeio mesmo. Posso passar horas jogando e correndo pela quadra que não chego nesse nível de exaustão e dor.

Deixo a água quente cair pelo meu corpo em uma tentativa de mitigar a dor dos meus músculos. Molho o cabelo, fechando os olhos para aproveitar esse momento de paz. Encosto a minha testa nos azulejos ladrilhados, deixando a água caindo nas minhas costas. A sensação é boa, mas não ajuda em nada o meu corpo dolorido. Nem sei dizer o que dói mais.

A retomada de treino no início do semestre é sempre a pior parte. Nas férias, a moleza se instala, e para retomar o pique é sofrido. Até o nosso corpo se acostumar com a rotina puxada de treinos e musculação, demora algumas semanas. Por sorte, os jogos da pré-temporada nos ajudam a nos preparar para o restante da temporada.

“Eu preciso transar hoje”, declara Nash, interrompendo meu momento de relaxamento.

Rio. “Você *sempre* precisa transar.”

“Virou puritano desde quando?”

Brice dá risada. “Cara, você é uma máquina de fazer sexo. Quantas foram no último final de semana?”

Faço as contas mentalmente, e vejo que meus colegas de república também estão contando. Pois é. Quando se trata de Christopher Nash, nós precisamos *contar* quantas garotas ele levou para casa. Já desisti de contar quantas ele *não* leva para casa.

“Eu contei três”, anuncia Kyle.

“Eu também”, Babyface e Ryan confirmam.

“Eu não prestei atenção”, comenta Friends. “Eu tenho mais o que fazer da minha vida.”

Eu dou risada. “É, a gente *ouviu* bem o que você faz da sua vida.”

Friends ergue o dedo do meio pra mim.

Ele levou uma garota para casa no último final de semana e, porra, deu pra ouvir a coisa toda. As paredes finas não preservam a privacidade de ninguém. Transar naquela casa é o mesmo que ter uma plateia para te ouvir.

“Quantas você contou, D.?”, Babyface me pergunta.

“Acho que foram quatro, cara. Lembra da ruiva?”

Brice dá risada. “Nash comeu quatro mulheres em dois dias? Cara, você é meu ídolo.”

Nós damos risada enquanto Nash exhibe um sorriso orgulhoso no rosto. “Vocês deveriam parar de tomar conta da minha vida sexual, mas, se querem mesmo saber, foram três. Eu não comi a ruiva.”

Kyle franze o cenho. “E por que não?”

“Ela não transa no primeiro encontro, mas nós fizemos outras coisas interessantes.” Nash pode ser o cara mais mulherengo que eu conheço, mas ele tem uma regra básica: ele nunca conta o que faz ou deixa de fazer com as meninas. E, quando fala algo a respeito, suas descrições são sempre superficiais, como “outras coisas interessantes”. No entanto, não sei se isso é

realmente bom ou ruim. A imaginação dos caras é mais fértil do que solo adubado.

“Rei Nash, passe para nós a sua sabedoria”, brinca Jeremy.

“Certo. Primeira regra de todas. Preparados?” Todos os caras olham na direção de Nash enquanto ele faz a pausa mais dramática de todos os tempos. Quinze jogadores pelados olham para o cara como se ele fosse algum tipo de guia sexual e estivesse prestes a revelar o segredo do século. “Perguntem o nome dela, porra.”

Há um momento de silêncio, e depois os caras explodem em gargalhadas.

“Esse é o seu grande conselho?”, desdenha Ryan.

“É isso aí”, confirma Nash, exibindo seu melhor sorriso. “Tem muito cara afobado por aí que nem se dá ao trabalho de perguntar o nome da mulher que ele tá tentando comer. Porra. Esse é o passo *mais básico de todos*, seus idiotas.”

“E perguntar o nome da garota vai automaticamente fazer ela dar pra mim?” Babyface pergunta.

“É meio caminho andado. Mas se você tiver um papo ruim pra caralho, nada vai te ajudar, cara. As mulheres querem sentir que quando você tá com elas, você realmente sabe quem elas são. Mesmo que vocês nunca se vejam de novo, naquele momento, ela tem que se sentir a garota mais especial pra você”, explica Nash, passando a sua sabedoria adiante como se fosse um conhecimento que deve ser transmitido através das gerações.

Vejo Jeremy fazer uma careta alguns chuveiros à minha esquerda. “Eu não faço ideia do nome da última menina com quem transei”, admite.

Os outros caras começam a ficar pensativos, analisando nas suas últimas conquistas.

“Caralho, eu também não lembro o nome de nenhuma das últimas garotas com quem transei”, revela Chad Atwood, o nosso Ala-Pivô reserva do segundo ano.

“Rá! Eu sabia! Vocês são uns babacas.” Nash dá risada. “Vocês pulam o passo mais básico, porra. Que vergonha.” Agora ele está incrédulo. “Vamos fazer um teste hoje. Vamos ao Holme’s, e se vocês não acabarem na cama com uma garota depois de tudo que eu acabei de falar, então o meu nome não é Christopher Nash.”

SOPHIE

“De jeito nenhum, mocinha”, protesta Savannah, tentando me puxar para fora da cama pelos meus tornozelos. “É sábado à noite, Soph, você é uma mulher de dezoito anos cheia de saúde e que precisa se divertir. *E* você está de folga do trabalho. É a combinação perfeita para diversão.”

Estou agarrada a cabeceira da cama enquanto Savannah tenta me arrastar para fora dela, e isso me faz lembrar aquela cena do filme *Sexta-Feira Muito Louca*, onde a Jaime Lee Curtis tenta tirar a Lindsay Lohan da cama à força. Savannah e eu estamos iguaizinhas.

Em minha defesa, eu queria aproveitar a minha noite de sábado para dormir. Sim, eu estou de folga do Tina’s, e é justamente por isso que eu queria dormir. Ainda não fui capaz de colocar o meu sono em dia.

“Eu estou cansada”, resmungo. “Eu sou um ser humano, *eu tenho direitos*. Droga. Posso ficar em casa em um sábado à noite sem que isso pareça um crime.”

Savannah bufa. “Isso é um crime. Um crime terrível contra a diversão. Eretria, quer fazer o favor de me apoiar aqui?”

“Soph, ela tem razão. Você está de folga em um sábado à noite. Sabe quando isso vai acontecer de novo?”

“Na verdade, eu sei, sim. Daqui quinze dias”, respondo, relatando a minha escala de folgas nos finais de semana.

Savannah me puxa mais forte. “Eu posso estar *morta* em quinze dias. Só temos o hoje, Sophie. O amanhã só existe se acordarmos para vivê-lo.”

Eretria começa a rir, o que também me faz rir, e conseqüentemente perco a força em continuar segurando a cabeceira da cama, e Savannah vence a disputa, finalmente conseguindo me puxar para fora. Meu corpo cai no chão feito uma ameiba e lá eu permaneço, cansada demais até para levantar.

O carpete no chão é fofinho. E, para ficar claro o meu nível de exaustão, estou nesse momento considerando dormir no chão de carpete, sendo que a minha cama está, literalmente, logo atrás de mim.

“Isso não foi justo, eu estava rindo”, protesto.

“A vida não é justa, Soph, meu amor. Agora, encontre uma roupa bonita e nós três vamos aproveitar o hoje, porque o amanhã...”

“... só existe se você acordar para vivê-lo”, Eretria e eu completamos a frase em uníssono.

Savannah sorri, satisfeita. “Exatamente!”

“Ok, você venceu. Mas nós vamos voltar para casa até às duas da manhã, no máximo. Entendido?”

Minhas amigas se entreolham em um diálogo silencioso, tentando encontrar um modo de me dissuadir. Mas não vou ceder. Não nisso. Eu trabalho amanhã e realmente preciso dormir mais do que quatro horas. “Entendido?”, insisto.

“Entendido”, elas concordam em uníssono.

Aceito a derrota de que vou precisar mesmo sair e vou me arrumar.

Não conheço muito de Durham, ou de Raleigh, sequer, porque vim do Brooklyn, em Nova York, então, quando minhas amigas dizem que conhecem um lugar bacana para irmos, eu acredito nelas, apesar de serem completamente loucas.

A temperatura já começou a cair, então eu visto uma calça jeans, uma blusa preta e uma bota de cano alto. Sempre tento chamar o mínimo de atenção possível em festas ou bares, então, quase agradeço quando vejo a superprodução de Savannah e Eretria. Com seus corpos curvilíneos e roupas extremamente justas, as duas com certeza vão atrair todos os olhares, o que vai fazer com que eu passe despercebida, exatamente como quero.

Pegamos um táxi em frente à Bassett House, e meia hora depois, estamos em Raleigh, entrando em um bar chamado Holme’s, com as identidades falsas que Eretria conseguiu para nós no mês passado. Eu sinto um frio percorrer a minha coluna quando o segurança do bar pega a minha identidade falsa, olha para ela e depois olha para mim, conferindo se a foto e a autenticidade do documento procedem. Tento imitar Savannah e Eretria, fingindo indiferença, e quase estrago tudo arregalando os olhos em surpresa quando o segurança libera a minha entrada.

E aqui está o meu primeiro ato criminoso na universidade: burlar a lei para consumir álcool em um bar onde não é permitida a minha entrada.

Minhas amigas e eu nos sentamos nos banquetes altos do balcão do bar e, exatamente como eu imaginava, vários pares de olhos estão fixos em nós. Vários pares de olhos *masculinos*. Preciso controlar o meu desconforto, porque realmente não quero ter que explicar para as minhas amigas o motivo do tremor sutil que percorre meu corpo, das minhas mãos geladas e da minha respiração irregular.

Eu não fui atacada em um bar, nem em uma festa. A história é bem mais complexa do que isso, mas o problema não é o *lugar* onde eu estou, e, sim, os homens. E tem homens em todos os lugares do mundo, meu Deus. Não tem como fugir.

“O que você quer beber, Sophie?”, pergunta Eretria, correndo os olhos

pelo cardápio.

“Qualquer coisa. Você escolhe”, digo. “Mas, nada muito forte, por favor. Eu trabalho amanhã.”

Eretria concorda com a cabeça, sem tirar os olhos do cardápio.

“Eu preciso de alguma emoção hoje”, diz Savannah, animada. “Estou querendo escrever uma música nova, mas preciso de inspiração pra isso.”

Savannah é aluna de música, tem uma voz de rouxinol e compõe letras românticas maravilhosas. Ela cantou uma de suas canções originais para mim e Eretria na primeira semana de aula. Foi uma das coisas mais bonitas que já ouvi, e a voz suave de Savannah deixou a experiência ainda mais agradável.

Eretria faz o nosso pedido para o garçom, e depois começa a olhar ao redor. “Vamos à caçada”, ela diz. E eu acompanho os seus olhos verdes quando a vejo abrir um sorriso lascivo.

Ah, pelo amor de Jesus.

Bufo, mal humorada.

Nash é o primeiro que eu reconheço, depois vejo Derek e Babyface dando risada e virando doses de alguma coisa. Reconheço os outros meninos que conheci algumas noites atrás, mas não reconheço alguns dos outros rapazes, mas imagino que seja o resto do time de basquete, já que alguns deles exibem o moletom do Blue Devils como se fosse um troféu. Não, na verdade, acho que eles usam essas jaquetas para atrair as mulheres. Não é novidade para ninguém que o porte físico dos atletas tende a chamar muita atenção do sexo feminino.

Claro que não estou dizendo que aparência é só o que importa. Minha única amiga da época da escola, Ronnie Meyer, me disse uma vez que beleza atrai, mas conteúdo convence, e eu acho que ela está absolutamente certa. O cara pode ser um deus grego, mas se abrir a boca e não tiver nada para oferecer, toda a beleza vai pelo ralo. Da mesma forma que, algumas pessoas não são tão bonitas esteticamente, mas quando abrem a boca, se tornam maravilhosas.

“Nash?”, eu questiono Eretria. “É sério?”

Ela dá de ombros. “Ele é gostoso, interessante e ouvi falar que é muito bom de cama.”

“Isso é importante”, concorda Savannah. “Eu já ouvi falar dele. Tem uma reputação e tanto pela Duke.”

O barman coloca nossas bebidas em cima do balcão e eu encaro o drink rosa avermelhado que foi colocado na minha frente. “O que é isso,

exatamente?”

“Cosmopolitan”, minhas amigas respondem em uníssono.

Isso não foi muito esclarecedor, porque eu não faço a menor ideia do que é composto um Cosmopolitan, mas acredito que deva ser alguma coisa com vodca.

Um desses não parece tão ruim. Acho que posso beber um sem acordar de ressaca no dia seguinte. Não tenho muita experiência com bebidas.

Dou um gole no drink. É forte, mas gostoso.

“Voltando ao assunto... Seu irmão vai arrancar a sua cabeça se souber que você ficou com Nash”, digo.

Eretria abre um sorriso diabólico. “O que os olhos não veem o coração não sente, Soph.” Minha amiga levanta o seu drink para mim como em um brinde a distância e eu não posso evitar rir. Para dizer a verdade, sinto um pouco de inveja de Eretria e Savannah. Elas podem curtir a vida sem se preocupar com um trauma estúpido que as impede de ser uma garota normal de dezoito anos.

“Boa noite, senhorita”, o barman me cumprimenta, tirando minha atenção das minhas amigas e me fazendo encarar a nova bebida que foi colocada diante de mim. “Para você.”

Franzo a testa. “Desculpa, eu não pedi isso.”

“Aquele rapaz pagou pra você”, esclarece o barman, apontando para algum lugar à minha esquerda. Minhas amigas e eu olhamos para a direção apontada e — Santo Jesus, por quê? — encontro Derek sorrindo para mim.

“Esse garoto é inacreditável.” Pego a bebida de cima do balcão e disparo na direção de Derek. Não vejo se Eretria e Savannah me acompanham, mas não importa. Esse garoto vai entender *de uma vez por todas* que eu não estou participando de nenhum joguinho idiota. Ele não vai conseguir o que quer comigo, e quanto antes ele se der conta disso, menos dor de cabeça eu vou ter.

Paro na frente da mesa de Derek e coloco o drink que ele comprou na sua frente. “Não. Você *não* vai comprar bebidas pra mim, Derek. Para de me perseguir.”

Ele sorri com suas covinhas. “Oi, gata. Que coincidência te encontrar aqui.” Sua voz é grave, e seus olhos castanho-esverdeados brilham de entusiasmo. Ai, meu Deus. Como eu vou me livrar desse cara?

“Escuta, eu *não estou* interessada em você, entendeu? Eu nem *gosto* de você. Você é arrogante e irritante, e não faz o meu tipo, então, pode parar, tá

legal?”

Tenho vontade de socar a cara dele por ainda estar me olhando com um sorriso presunçoso. É como se ele não ouvisse nada do que sai da minha boca se o que eu disser não for do seu interesse.

“Oi, meninos”, cumprimenta Eretria, parando do meu lado direito enquanto Savannah para do meu lado esquerdo. “Que bom encontrar vocês aqui. Ah, oi, maninho.”

A mudança na expressão de Kyle é tão drástica ao ver a irmã que quase me faz dar risada.

“Essa é a sua irmã, Kyle?”, um dos garotos pergunta, boquiaberto, enquanto seus olhos correm livremente pelo corpo da minha amiga.

Kyle ignora o amigo. “O que você está fazendo aqui, Tria? Você é menor de idade. Como entrou aqui?”, ele exige saber.

Eretria dá de ombros. “Eu dormi com o segurança.”

Kyle engasga com a bebida que tinha acabado de colocar na boca. “O quê?!”

Os garotos começam a rir enquanto Savannah comprime os lábios para segurar a risada e não revelar a farsa da nossa amiga. Suspeito que... Não, na verdade, eu tenho *certeza absoluta* que Eretria ama infernizar o irmão mais velho.

“Eu estou brincando com você, Ky. Você sempre presume o pior de mim. Nós usamos identidades falsas. Superseguro e nada pornográfico”, garante Eretria, inocentemente.

Kyle balança a cabeça, incrédulo.

“E quem são seus amigos?”, Savannah pergunta, correndo os olhos pelos outros garotos igualmente altos e bonitos diante de nós.

Nash apresenta os amigos, mas são tantos garotos que eu não consigo decorar, é um grande borrão de nomes e rostos que eu não consigo associar.

“E vocês vêm sempre nesse bar?” Eretria quer saber. “Ouvi dizer que é um dos favoritos dos alunos da Duke.”

“Estamos sempre aqui porque é o bar mais próximo de casa”, Friends dá de ombros. “Mas o Noel’s, em Durham, também é muito bom, e é mais perto do campus.”

Savannah concorda. “Eu fui lá semana passada. É realmente interessante e a cerveja é melhor.”

“Vocês moram no campus?”, pergunta um dos garotos. Chad? Eu acho que o nome dele é Chad, mas seria incapaz de ter certeza.

“Bassett House, no East Campus”, responde Savannah.

“Ah, então são calouras?”, outro garoto quer confirmar. Brice, talvez? Minhas amigas assentem.

“E você, Sophie?” Jeremy olha para mim.

E eu olho para ele. “O que tem eu?”

“Você não falou mais nada depois que chegou aqui brigando com o nosso amigo D.”, ele observa, passando um braço pelos ombros de Derek.

Dou de ombros, despreocupada. “Eu não tenho mais nada para dizer. Na verdade, eu acho que já vou embora.”

“De jeito nenhum, Soph. Nós acabamos de chegar”, protesta Savannah, fazendo beicinho. “É sábado à noite, já conversamos sobre isso.”

Suspiro.

Eu poderia argumentar com Savannah, mas entraríamos em uma discussão que ela não me deixaria vencer, e eu não gosto de pegar táxi sozinha quando já está tarde assim. Além disso, eu prometi a elas que ficaríamos até às duas horas da manhã, o que significa que ainda tenho duas horas pela frente.

Dá para aguentar.

Só mais duas horas.

06.

DEREK

Faz exatos quarenta minutos que Sophie está muda, sentada em uma cadeira na minha diagonal, bebericando um cosmopolitan como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Eretria e Savannah conversam entusiasmadamente com os meus colegas de time, mas Sophie está em um silêncio que chega a ser incômodo. Será que ela não se deu conta de que estamos em um bar? Que é sábado à noite? E que as pessoas normalmente vêm para esse tipo de lugar para se divertir? Não sei qual é o problema dela. Não sei mesmo.

Os caras tentaram puxar conversa com Sophie, mas o seu laconismo insistente os fez preferir focar nas amigas dela, que são muito mais falantes e receptivas.

Mais da metade do time está colocando em prática o sábio ensinamento de Nash a respeito de perguntar o nome da garota antes de começar a dar em cima dela. Fiquei impressionado quando me dei conta que muitos dos meus amigos não perguntavam o nome das meninas antes de tentar levá-las para a cama. Porra. É o passo mais básico de *todos*. É verdade que eu já confundi ou esqueci o nome de algumas das meninas com quem estava transando, mas pelo menos eu *pergunto* o nome delas. Culpe o álcool pela minha falha de memória.

Bom, tá legal, se for para ser sincero, talvez eu não estivesse realmente prestando atenção quando essa informação me foi dita.

O meu primeiro ano na faculdade foi um borrão de sexo, álcool e basquete. Eu transei com tantas garotas naquele ano que cheguei a pensar se era possível que um pau se exaurisse. Eu comia mais garotas do que existiam dias na semana. Acho que podia me considerar um Nash 2.0.

No segundo ano, diminui o ritmo, foquei mais nos estudos e no

basquete. Agora no terceiro, continuo transando muito. Gosto de sexo. Não nego isso, e nem acho que deveria. É normal para qualquer homem da minha idade, mas acho que saí de perto da classificação de ninfomaniaco.

Como eu gosto de uma boa farpa, tento falar com Sophie de novo. “Ei, tudo bem com você?”

Ela olha para mim. “Sim, tudo ótimo.”

“Não parece que está tudo ótimo.”

“Só estou cansada, Derek. Preferia ter ficado em casa, dormindo.”

Dormindo em um sábado à noite? *Quem* é essa garota?

“Posso te levar em casa, se quiser”, ofereço. Estou aceitando os pretextos que o universo lançar na minha direção para ter a oportunidade de desvendar essa mulher.

Mas Sophie não perde tempo para negar. “Para você tentar enfiar a língua na minha boca? Não, obrigada.”

Dou risada. “Você está com uma fixação pela minha língua. Talvez devesse prová-la e acabar logo com isso.”

Ela solta um grunhido de irritação. “Tá vendo? É por isso que eu nunca vou sair com você.”

“Você vai, sim”, eu garanto. “Quando parar de ser teimosa e preconceituosa.”

Ela me encara, incrédula. “Você me chamou de preconceituosa? Você nem me conhece!”

“Parece que o feitiço virou contra o feiticeiro, não é?”, provoco. “Você também não me conhece, gata. Mas formou uma opinião sobre mim e nem se importa se ela é verdadeira ou não.”

“Minha opinião sobre você tem como base o que você mostrou para mim até agora. E quer saber a quais conclusões eu cheguei?”, ela pergunta, retoricamente. “Você é arrogante, acha que as mulheres devem cair aos seus pés só porque você é bonito e não sabe entender um fora.” Ela me encara, furiosa. “Que tal?”

Dou de ombros. “Bem raso, na minha opinião. Mas, ei, de que vale a minha opinião pra você, não é?”

Ela dá uma risada de escárnio. “Você está bancando a vítima agora?”

“Eu não banco a vítima, gata. Eu constato fatos. Ou você vai dizer agora que se importa com o que eu penso?”, desafio, mas ela não se manifesta. “É, foi o que eu pensei. Eu te ofereci uma carona para casa, só isso, mas se você quer continuar com a sua teimosia, fique à vontade.”

Saio da mesa, deixando Sophie e meus amigos para trás.

Essa garota me dá nos nervos. Não lembro a última mulher que conseguiu fazer isso comigo. E acho que nunca conheci uma garota tão teimosa.

Bufo, irritado, a caminho do balcão para buscar mais uma cerveja. Não quero mais pensar em Sophie e nem na sua teimosia.

O Holme's é um bar amplo, com detalhes em madeira para todos os lados e luzes amarelas que deveriam iluminar o ambiente, mas dão mais a sensação de uma meia luz do que qualquer outra coisa. Não é escuro como uma casa noturna, mas acho que dá para classificar como mal iluminado. E acho que isso é proposital, porque oferece um clima mais propício para paqueras. Há várias banquetas altas que pegam o balcão do bar de fora a fora, e mais algumas mesas dispostas principalmente nas extremidades do lugar.

Como Savannah disse quando chegou, o Noel's — bar mais próximo do campus da Duke — tem uma cerveja melhor, mas eu sem dúvidas prefiro esse ambiente meio escuro que o Holme's proporciona. O Noel's é claro demais para o meu gosto. Então, acho que podemos classificar da seguinte forma: se a sua intenção é só beber, Noel's é melhor; mas se você quiser paquerar e terminar a noite com uma mulher — ou um homem, vai da preferência — na sua cama, o Holme's é sem dúvida a melhor opção.

Está cristalino para mim que a mulher que vai terminar a noite na minha cama não será Sophie. Vou precisar de mais tempo para chegar até essa garota, então vou mudar o meu alvo, afinal de contas, um cara tem necessidades.

Na minha experiência, é sempre mais fácil puxar conversa com uma garota quando ela está sozinha, mas também não sou o tipo de homem que se intimida com um grupo de mulheres. Nash me provou que um grupo de amigas pode tornar a noite muito mais interessante — vulgo as três garotas com as quais o flagrei no ano passado.

Passo número um do manual da caçada: estabeleça o seu alvo;

Passo número dois: troque olhares com o alvo;

Passo número três: se ela sorrir, é só correr para o abraço.

O passo quatro consiste em conversar e flertar. Se ela corresponder, o passo cinco é decidir se a noite vai terminar na minha casa ou na casa dela.

Depois de passar alguns minutos analisando minuciosamente as minhas opções, escolho uma garota que está sentada sozinha em uma banqueta no balcão do bar. Fico observando para ter certeza de que ela não está

acompanhada, mas ninguém se aproximou dela nos últimos dez minutos, então acho que está mesmo sozinha.

A garota é loira, tem o cabelo curto, na altura dos ombros, e a sua pele bronzeada está praticamente brilhando por baixo do vestidinho vermelho. Suas pernas cruzadas são de dar água na boca e a forma como ela joga o cabelo escuro de um lado para o outro é de um charme e tanto.

Me aproximo, parando em pé ao lado dela, e debruço meu corpo no balcão como se fosse tentar chamar a atenção do barman, mas, na verdade, estou esperando que ela olhe para mim para que eu possa iniciar o contato visual. E, quando vejo, de soslaio, que ela virou a cabeça para me olhar, quase abro um sorriso de vitória, mas mantenho a indiferença. Mulheres tendem a não gostar de homens afobados.

Olho de volta para ela, lanço uma piscadela, ela solta uma risadinha e está feito. O gelo foi quebrado.

“Oi pra você”, ela me cumprimenta. Os olhos castanhos me analisando de cima a baixo. A garota exala sensualidade, e o meu pau começa a ficar bem feliz dentro da minha calça.

Sorrio de volta, deixando minhas covinhas bem à mostra. E sigo a estratégia infalível de Nash. “Oi, gata. Qual é o seu nome?”

“Rachel”, ela umedece os lábios. “E o seu?”

“Derek”, digo, estendendo a mão para ela, que aperta a minha em um cumprimento quase formal demais. Mas aproveito que nossas mãos estão unidas para fazer um carinho na palma da dela. “Prazer em te conhecer, Rachel.”

“O prazer é todo meu, Derek.”

A forma como Rachel olha para mim é suficiente para saber que eu não vou terminar a noite com a minha cama vazia.

07.

SOPHIE

Domingo à noite é A Noite das Meninas. Isso significa que Eretria, Savannah e eu nos entupimos de chocolate e pizza e passamos horas falando sobre a nossa vida, sobre sexo, sobre o que aconteceu na semana, sobre sexo, sobre a última fofoca do momento e, ah, sobre sexo.

Claro que eu não tenho muito a agregar nesse assunto, mas escuto e palpito como qualquer garota de dezoito anos faria.

Minhas amigas sabem que eu ainda sou virgem e, embora elas achem isso loucura, dizem que devo esperar até me sentir pronta. Bom, a questão não é bem estar pronta ou não, mas não discuti muito sobre isso com elas.

“E o que rolou entre você e Babyface na festa da Kappa?”, pergunta Eretria, e depois morde um pedaço de pizza de brócolis — óbvio.

Savannah enfia a colher dentro do sorvete antes de responder. “Ele gentilmente me levou para conhecer a casa dele”, ela diz, e o sorriso malicioso no seu rosto conta todo o resto da história. “Ele é um fofo.”

“Fofo?”, pergunto.

“Ele não foi fofo o tempo inteiro. O que ele estava fazendo com o meu corpo não tinha nada de fofo. Foi... incrivelmente gostoso e selvagem. Sério. Melhor sexo do ano”, garante Savannah. “Esses atletas são um pecado.”

Eretria concorda com a cabeça. “Parece que para ser atleta, os caras passam por um treinamento minucioso de como saber foder bem. Tenho um deles bem na minha mira.”

“Nash?”, suponho.

“O próprio”, ela sorri. “Estou só esperando a oportunidade perfeita para dar o bote nele.”

Enfio uma colher de sorvete na boca enquanto penso que nada de bom pode sair disso. Ainda mais com Kyle espreitando a vida da irmã caçula.

“Isso vai dar um problemão”, avisa Savannah. Pelo menos eu não sou a única que acha isso. “Seu irmão vai ter um colapso nervoso.”

Eretria dá de ombros. “Ky precisa entender que eu cresci, que não sou mais uma criança irresponsável e que ele não tem o direito de controlar a minha vida.”

“Apoiado.” Savannah deixa o sorvete de lado e pega um pedaço da pizza lotada de queijo e carne.

“Sabe quantos animais estão presentes nessa sua pizza?”, acusa Eretria, olhando para a pizza com uma cara feia. “Isso é um absurdo, Savannah. Não sei como sou sua amiga.”

Dou risada.

Eretria ainda não esqueceu a sua missão Sophie e Savannah Salvando Os Animais. E, algo me diz que Eretria Kinsley não é do tipo que desiste.

“Você quer falar sobre os animais? E o meio ambiente? E todo o lixo que produzimos?” Savannah retruca.

“O ser humano sempre vai produzir lixo, isso é inevitável. Por isso existe a reciclagem e opções biodegradáveis. E é por isso que, quando você vai ao mercado, você deve escolher trazer as compras no saco de papel e não em sacolinhas plásticas. E nem me deixe começar a falar sobre a saga dos canudinhos com as tartarugas. Ou sobre a quantidade de animais que são encontrados com lixo no estômago.”

Savannah faz uma careta. “Tá legal. Entendi. Desculpa. Não quis te deixar brava, amiga.”

Conheço Eretria há três meses e não há muitas coisas que ela realmente leve a sério, mas quando se trata dos animais e do meio ambiente, ela vira uma leoa. É quase como uma mãe protegendo seus filhotes. Ela não tem medo de dizer o que precisa ser dito para que sua visão prevaleça. E, sinceramente, não tem como argumentar sobre isso porque é tudo verdade.

“Você vai ser uma excelente advogada ambiental, Tria”, digo, categórica.

Ela abre um sorriso. “Obrigada.”

“Mudando de assunto... Você não nos disse nada sobre os sete minutos no paraíso com Derek Mackenzie”, acusa Savannah. “Comece a falar.”

“Estava mais para sete minutos no inferno com Derek Mackenzie”, digo, fazendo uma careta. “Sério, o cara não entende que eu não tô a fim.”

Minhas duas amigas me encaram perplexas.

“Como você pode não estar a fim daquele gostoso?”, indaga Savannah.

“Sophie, abra os seus olhos!”

Dou de ombros. “Ele é metido, irritante e não faz o meu tipo.”

“Derek faz o tipo de todo mundo. Você não está nos contando tudo”, acusa Eretria.

“Ele beijou você?”, pergunta Savannah.

“Não. Para falar a verdade, ele nem tentou”, admito. E então paro para pensar a respeito. Derek não deu nenhum indício de que iria me beijar, a não ser aquele mini passo na minha direção, mas, mesmo assim, seu corpo não deu nenhum sinal de que ele estava se preparando para me beijar.

É verdade que ele me deu um beijo na bochecha. Um beijo quente e demorado que me deixou um pouco tonta. Não vou mentir. A segurança de Derek é sensual. O nome do meio dele deveria ser esse, a propósito. Derek Sensual Mackenzie.

Então fico com a pulga atrás da orelha. Por que ele não tentou me beijar? Quer dizer, sete minutos no paraíso existe com essa principal finalidade, não é?

Droga. Talvez eu esteja um pouco confusa sobre o que eu realmente queria que tivesse acontecido. Estou aqui me questionando o porquê de ele não ter me beijado, mas e se ele tivesse me beijado? Será que eu surtaria?

Provavelmente.

“Isso é novidade”, diz Eretria, desconfiada. “No entanto, é uma prova de que ele não é um babaca completo. Ele não tentou nada porque sabe que você não está a fim, então ele respeitou isso. Nos dias de hoje, com tanto babaca por aí sem entender um não, Derek não ter te beijado é uma coisa boa.”

Savannah concorda com veemência. “É verdade.”

Acho que elas estão certas. Se for olhar por essa perspectiva, Derek não ter me beijado realmente é uma coisa boa.

08.

DEREK

O mundo está acabando em água. E não, eu definitivamente não estou exagerando. Tenho certeza absoluta que o dia do dilúvio de Noé foi parecido com o dia de hoje. Está chovendo há horas, e sem nenhum indício de que vai parar. O céu está tão carregado de nuvens cinza escuro que parece que já é noite, mas são só quatro horas da tarde.

Quando saí de casa para ir ao mercado, não estava chovendo desse jeito. Os limpadores de para-brisas vão de um lado para o outro freneticamente, tentando afastar a água que bate violentamente contra o vidro da minha caminhonete. É quase impossível enxergar com clareza, então preciso reduzir a velocidade para vinte quilômetros por hora para garantir a minha segurança e a segurança dos outros motoristas.

Quando chove desse jeito, todo o cuidado é pouco.

Lembro quando minha mãe estava me ensinando a dirigir. Ela sempre dizia que precisamos dirigir por nós e pelos outros. Muitos motoristas são irresponsáveis e inconsequentes, e é assim que muitas pessoas acabam morrendo no trânsito. Minha mãe me fez prometer que eu sempre dirigiria prestando atenção em mim e nos outros. “Direção defensiva, filho”, ela costumava me dizer. Quase consigo ouvir a voz dela também dizendo “Reduza a velocidade, Derek. Preste atenção nos cruzamentos, olhe para os dois lados, observe os sinais de trânsito e os faróis com atenção.”

Sinto falta dela.

Não consigo visitá-la tanto quanto gostaria.

Nasci e cresci em Carson City, em Nevada, e o estado fica do outro lado do país. Desde que vim para a Carolina do Norte, consegui visitar minha mãe só uma vez a cada ano, sempre no Natal. Ela passa o dia de Ação de Graças com os meus avós, mas faz questão de que eu esteja em casa para o Natal.

Tentei convencê-la a se mudar para a Carolina do Norte para ficarmos mais próximos, mas ela não quis deixar os pais, já que os dois já são bem velhinhos. Eu entendo. Sei que ela quer cuidar deles, então não fiquei chateado quando ela me disse que não sairia de Carson City.

No entanto, sinto muito a falta dela.

Minha mãe e eu sempre fomos muito próximos, já que meu pai morreu quando eu era pequeno, então é difícil passar o ano inteiro longe dela.

Estou passando na frente do Tina's, seguindo para casa, quando vejo uma cabecinha loira conhecida, parada do lado de fora do estabelecimento.

Essa é a minha chance.

Piso no freio e paro a caminhonete no meio fio. Abaixo o vidro do lado do passageiro para que Sophie possa me ver.

“Oi, gata”, cumprimento com o melhor sorriso que consigo, e não me espanta nem um pouco que Sophie tenha fechado a cara quando me viu. Quase tenho vontade de rir. “Precisando de uma carona?”

Ela nega com a cabeça. “Estou esperando o táxi.”

Com essa chuva, Sophie vai continuar esperando por *muito* tempo. Está chovendo demais. “Há quanto tempo está esperando?”

Sophie faz uma careta. “Quase trinta minutos”, ela responde com relutância. “Mas, tudo bem, não me importo de esperar.”

“Para de ser teimosa, Sophie. Minha língua e eu não vamos atacar você. Prometo.” Estou determinado a não sair daqui até essa garota desistir da teimosia e entrar na porcaria do carro.

Sabe-se lá quanto tempo essa tempestade vai durar. Provavelmente Sophie vai começar a criar raízes no chão e o táxi ainda não vai ter aparecido.

O corpo dela enrijece no mesmo segundo. “Eu sei disso.”

“Ótimo. Então entra no carro, eu vou te levar para casa”, insisto.

Sophie parece pensar por um momento, e eu quase consigo ver o seu cérebro destrinchando a minha oferta. Por fim, ela solta um longo suspiro desanimado antes de correr até a porta da caminhonete e entrar rapidamente, fugindo da chuva. “Obrigada”, ela agradece, sem jeito.

“Sem problemas, linda.”

Fecho o vidro do lado dela, trancando a chuva do lado de fora, e ligo o aquecedor no carro, porque noto que Sophie está tremendo. Mesmo que ela não tenha se molhado quase nada, talvez esteja com frio pelo tempo que ficou parada do lado de fora, esperando o táxi. E, meu Deus, ela estava disposta a continuar no frio ao invés de aceitar a minha carona.

Menina teimosa.

Ficamos uma boa parte do tempo em silêncio. Começo a desconfiar que talvez Sophie seja introvertida, pois todas as vezes em que a encontrei, ela nunca falou mais do que o necessário. Sophie está sempre observando mais do que conversando, e isso instiga a minha curiosidade.

Como eu disse antes, nunca estive perto de uma garota que não quisesse estar perto de mim, que não se jogasse aos meus pés ou não correspondesse aos meus flertes. Sophie é o extremo oposto de todas essas garotas, porque ela está sempre me dando fora e deixando claro a sua insatisfação comigo. Ao mesmo tempo em que é excitante e desafiador, é irritante e confuso. Não sei como fazer essa garota abaixar a guarda.

Sophie passa o tempo todo olhando pela janela, observando a chuva bater contra o vidro enquanto eu a observo de soslaio. A garota não olhou para mim *nenhuma* vez desde que saímos do Tina's, e toda essa quietude dentro do carro está me deixando incomodado.

“Você realmente vai ficar em silêncio até chegarmos ao campus?”, pergunto, e o som repentino da minha voz a assusta, fazendo seu corpo estremecer um pouco. Se eu não tivesse dificuldade para desvendar essa garota, diria que está com medo de estar no carro comigo. Mas, sempre que acho que estou dizendo ou pensando a coisa certa, Sophie me mostra que eu estava redondamente enganado.

“Você também não está falando nada”, ela devolve. “Por que eu deveria puxar conversa com você?”

“Por que não deveria?”, eu retruco. “Você decidiu que me odeia sem nem me conhecer.”

“Odiar é uma palavra forte. Eu não odeio você, Derek, eu só não gosto de você.”

Muito esclarecedor.

É possível que uma garota não goste de flertar? Porque isso é tudo o que eu tenho feito com Sophie até esse momento. Estive flertando com ela desde que a conheci, mas tenho certeza absoluta que nunca faltei com respeito com ela, ou ultrapassei qualquer limite. É verdade que posso ter corrido os olhos descaradamente pelo seu corpo cheio de curvas, mas eu a estava olhando de uma forma contemplativa.

Merda. Talvez ela não tenha interpretado dessa forma.

“Mas por quê? Eu fiz alguma coisa que te ofendeu?”

Ela nega com a cabeça, mas não esclarece nada.

“Gata, você está me deixando confuso aqui. Se eu não te ofendi, com certeza fiz alguma coisa errada, porque ninguém desgosta de alguém sem motivo.” Não consigo esconder a frustração na minha voz. Mas que merda. Essa garota é indecifrável.

Sophie faz eu me sentir como se estivesse de volta na escola, quando estava descobrindo meu interesse pelo sexo oposto e ficava confuso com os sinais que as garotas me davam. Elas estavam a fim de mim ou não estavam? Eu deveria tomar uma atitude? Elas estavam me achando um idiota ou um “fofo”, como costumavam me chamar? Eu odiava estar naquele lugar, odiava ser inexperiente com as mulheres. Claro que isso mudou conforme eu fui crescendo e ganhando confiança, algo que não tinha aos treze anos.

Tudo melhorou ainda mais nesse departamento quando eu entrei no time de basquete, no primeiro ano do colegial. Os atletas são como deuses na escola, e na faculdade também, na verdade. E, não vou mentir, eu gosto da atenção. Gosto que as pessoas saibam quem eu sou, gosto de ouvi-las gritando meu nome quando lanço uma bola na cesta e marco, gosto de ter várias garotas esperando por mim quando o jogo acaba, seja para comemorar comigo quando ganhamos ou para me consolar quando perdemos. De qualquer forma, sempre acabo na cama com uma mulher.

O que eu posso dizer? Um cara tem suas necessidades. E as mulheres têm as delas também, devo acrescentar. Não é nenhum crime.

No entanto, com Sophie, eu me sinto aquele garoto idiota de treze anos que não sabia o que fazer quando conversava com uma garota. Porra. Eu odeio me sentir nesse lugar.

“Eu não gosto que deem em cima de mim, tá legal?”, ela diz, finalmente, e sua voz traz um quê de cansaço que não compreendo. Mas, sejamos francos, o que eu compreendo quando se trata dessa garota? Eu digo: nada. Não entendo *nada* sobre ela.

Franzo o cenho, mais confuso a cada frase que ela diz. “Você tem namorado ou algo assim?”

“Não.”

“Eu não entendo”, verbalizo a minha confusão.

Sophie suspira, cansada. “Você não tem que entender, você só tem que respeitar, ok? Se conseguir fazer isso, então talvez nós possamos ser amigos.”

Confesso que ser amigo de Sophie não é bem o que eu estou buscando aqui, mas está claro que não vou conseguir o que eu quero com ela se não fizer as coisas do seu jeito.

Eu só tenho uma amiga mulher. Brianna. E nossa amizade é tão forte que chego a tratá-la como um dos caras enquanto ela me trata como uma de suas amigas. Pois é. Brianna fofoca comigo como se eu fosse uma garota superinteressada em saber o tamanho do pau do cara com quem ela transou na noite passada. Confie em mim, essa informação não é algo que um cara quer ter conhecimento. O único pau que me interessa é o meu, muito obrigado.

Brianna e eu somos amigos desde crianças. Ela morava na casa do lado da minha, e foi ela quem me deu todos os conselhos possíveis e imaginários sobre mulheres quando eu tinha vergonha demais de mostrar a minha inexperiência para os meus amigos.

Com exceção de Brianna, para quem nunca olhei com segundas intenções, porque ela é quase como uma irmã para mim, todas as outras mulheres que apareceram na minha vida, acabaram na minha cama. Então, não sei se quero ser *amigo* de Sophie. Mas, está claro que a garota não vai deixar eu me aproximar se não for com esse intuito.

Talvez Sophie mude de ideia depois de me conhecer e se der conta de que, apesar da minha reputação de mulherengo, eu sou um cara legal.

“Certo”, respondo, lacônico. “Então, se eu não der em cima de você, você vai parar de tentar destruir a minha autoestima?”

Sophie abre um sorriso tão discreto que é quase imperceptível. “Talvez.”

“Preciso te avisar, gata, provavelmente vou cometer uns deslizes antes de me adaptar com esse lance de não dar em cima de você.”

“Você pode começar parando de me chamar de gata”, ela me orienta. “Eu tenho um nome, sabe...”

Sorrio. “Um nome lindo, por sinal.”

“Você está dando em cima de mim de novo, Derek.”

“Claro que não. Estou elogiando o seu *nome*, não você”, me defendo, mas, porra, acho que ela está certa. Acho que ainda estou dando em cima dela, e usando o seu nome como desculpa.

Como ser só amigo de uma garota bonita como Sophie? Eu mal consigo manter meus olhos longe dela. Por sorte, estou dirigindo, então isso me força a prestar atenção na rua e não no seu rosto bonito.

Sophie é loira, tem um cabelo cheio, com ondas leves do meio para baixo. Seus olhos azuis são tão misteriosos que me fazem ter certeza de que ela esconde segredos, e, nossa, não vou nem começar a falar sobre os lábios. São cheios e rosados, e tem um formato que se assemelha a um coração. Ela é

linda. E as curvas nos lugares certos são capazes de levar um pobre universitário de vinte e um anos como eu à loucura. Ela poderia ser um pouco mais alta, no entanto, mas, ainda assim, a garota é o sinônimo de tentação. Como não vou dar em cima dela? Parece impossível.

“Isso não vai dar certo”, conclui Sophie, interrompendo meus pensamentos. “Você não consegue não dar em cima de uma garota. Não é da sua natureza.”

Franzo o cenho. “O que você quer dizer com isso?”

“Que você está acostumado com mulheres que não oferecem resistência ao seu charme.”

“E daí? Você está sugerindo que eu não consigo controlar os meus impulsos sexuais, ouvir um não e aceitá-lo?” Tiro os olhos da rua e olho para Sophie a tempo de vê-la engolindo em seco e fechando os punhos.

Não entendo os sinais que o corpo dela produz.

“Eu não disse isso”, ela garante, e depois solta o ar dos pulmões lentamente. “Só estou dizendo que você está acostumado a flertar. Só isso.”

E ela volta a encarar a janela do carro, deixando claro que a nossa conversa acabou.

SOPHIE

Entre pegar um táxi com um motorista que não conheço e aceitar uma carona de um cara que conheço mais ou menos, achei que a segunda opção era mais segura. Por isso aceitei a carona de Derek. E, considerando a tempestade que está caindo sobre as nossas cabeças, não estava nem um pouco animada em sentar no banco de trás de um táxi e aguentar em silêncio a viagem de trinta minutos até o campus.

A verdade é que estou fazendo um esforço monumental para controlar meu desconforto ao redor de Derek. Não acho que ele vai me machucar, não mesmo, mas meu corpo e, principalmente, minha mente não me deixam relaxar.

Eu também não achava que Owen fosse me atacar, mas ele me atacou, e ele teria feito mais do que só me atacar se eu não tivesse sido capaz de fugir. Também estava chovendo naquela noite, o que torna essa tempestade e a carona com Derek ainda mais desesperadora para mim.

Aquela noite é a razão dos meus pesadelos até hoje. Desenvolvi insônia depois do ataque. Acho que é porque tenho medo de fechar os olhos e abaixar a guarda. Acho, inclusive, que posso ter desenvolvido algum tipo de terror noturno, mas tenho sido capaz de esconder isso de Eretria e Savannah. Ainda não acordei no meio da noite aos berros. E isso só não aconteceu ainda porque não estou me permitindo dormir como deveria.

Deus.

Eu estou tão cansada.

Cansada de não dormir direito, e mais cansada ainda de sentir que há algo de errado comigo. Sei que há, mas não sei o que fazer a respeito. Não posso simplesmente confiar nas pessoas como se o ataque nunca tivesse acontecido, porque aconteceu, e isso me transformou. Nunca mais beijei um

garoto, não consigo confiar em nenhum homem o suficiente para transar e... Deus, eu nem consigo *estar perto* de um homem sem sentir meu corpo tremer dos pés a cabeça.

Eu preciso de ajuda. Sei disso. Não estou cega em relação ao meu problema e, acredite, eu quero resolvê-lo, mas enquanto não tiver dinheiro o suficiente para pagar um psicólogo, preciso continuar convivendo com isso. Ou, talvez, encontrar alguém em quem eu possa confiar o suficiente para contar o que aconteceu comigo. Enquanto nenhuma dessas coisas acontece, eu vou levando do jeito que consigo.

“Sophie, vou precisar parar o carro”, avisa Derek, e, novamente, sua voz grave, irrompendo o silêncio de repente, me assusta, mas não consigo deixar de notar que ele me chamou pelo meu nome e não por *gata* ou qualquer variação disso.

“Por quê? Qual é o problema?”

“A chuva é o problema”, ele responde, cerrando os olhos para tentar enxergar a rua. “Não estou vendo nada.”

Só então eu tomo consciência do quanto a chuva piorou. Um raio atravessa o céu cinzento, e o barulho estrondoso de um trovão invade meus ouvidos me fazendo pular do banco. “Melhor parar”, concordo com Derek.

“Precisamos achar um lugar para estacionar. Não confio em parar no acostamento. Ninguém está enxergando coisa alguma com essa chuva. Podemos causar um acidente”, ele diz, e sou obrigada a concordar de novo.

“Tem um supermercado alguns metros à frente. Podemos parar no estacionamento.”

Derek concorda com a cabeça, reduzindo ainda mais a velocidade da caminhonete. Demoramos mais tempo do que o normal para chegar ao estacionamento do supermercado, mas entendo que Derek está sendo cauteloso, e agradeço por isso. E quando ele estaciona o carro, o alívio me invade. Estamos seguros, mas também presos juntos.

Maldita tempestade.

No entanto, de novo, acho que é melhor estar presa no carro com alguém que sei quem é do que com um motorista desconhecido de táxi.

Precisamos de mais motoristas femininas no mundo. Não. Na verdade, precisamos de mais segurança para a população feminina. É um absurdo pensar na quantidade de mulheres que são atacadas, estupradas e mortas por homens. E por qual motivo? Por diversão? Por vingança? Por não aceitar uma rejeição?

Lembro-me dos olhos de Owen quando ele estava tentando se forçar em cima de mim, tentando me manter parada e quieta. Os olhos dele brilhavam de lascívia e divertimento. O desgraçado estava gostando de me ver lutar. Como se isso lhe desse ainda mais prazer. Meu Deus. Honestamente, não faço a menor ideia do que se passa na cabeça de uma pessoa que tem coragem de fazer esse tipo de coisa. Não entendia naquela época, e nem nunca vou conseguir entender.

“Você está bem?”, a voz de Derek me traz de volta a realidade. “Você ficou branca de repente.”

Limpo a garganta. “Estou bem. Acho que deve ser fome”, minto. Quer dizer, minto mais ou menos, porque estou com um pouco de fome. Já deveria estar em casa agora, então já deveria ter comido, mas graças a essa tempestade ridícula, estou presa no carro com Derek Mackenzie. Como se os sete minutos no inferno não tivessem sido suficientes.

O universo deve estar rindo da minha cara.

“Espere um minuto”, ele pede, e abre a porta do carro.

“Derek, o que...” Mas ele já foi. O cara simplesmente saiu do carro no meio de uma tempestade. Ele é maluco?

Vejo que ele vai para a parte de traz da caminhonete, mas não consigo enxergar o que está fazendo. Na verdade, mal consigo enxergar *Derek*. O mundo realmente está desmoronando sobre as nossas cabeças.

Um minuto depois, ele volta para dentro do carro, ensopado. O cabelo escuro está pingando e caindo na sua testa, várias gotas de água estão presas a sua pele bronzeada e a roupa está tão colada em seu corpo que consigo ver com perfeição os músculos do seu abdômen, dos seus braços e das suas pernas.

Minha nossa.

Ele está tão bonito nesse momento. Quer dizer, Derek é bonito naturalmente, mas agora, ensopado de chuva, ele tem uma beleza despretensiosa. Ele não está jogando charme ou sorrindo com aquelas covinhas para tentar me seduzir. Não. Ele simplesmente está bonito porque é bonito, e não porque está se achando o dono do mundo.

“Aqui. Acho que isso vai resolver o problema até você chegar em casa”, ele me estende um pacote de Ruffles. Só então percebo que ele estava segurando o salgadinho esse tempo todo, mas eu estava focada demais em sua beleza para me dar conta disso.

Franzo o cenho, confusa. “De onde foi que isso saiu?”

“Eu estava voltando para casa do mercado quando te encontrei”, ele esclarece, e depois dá de ombros. “Não sabemos quanto tempo vamos ficar presos aqui, mas pelo menos você não fica com fome.”

Uau. Certo. Isso foi... bem legal da parte dele. Principalmente se considerarmos que o cara enfrentou uma tempestade e que eu não sou a pessoa mais simpática do mundo com ele. Mas, ainda assim, ele saiu da proteção do carro para pegar um salgadinho para mim porque eu disse estar com fome. Ele não precisava ter feito isso, poderia simplesmente ignorar o que eu disse e permanecer seco e aquecido, mas preferiu ficar ensopado dos pés a cabeça para fazer algo por mim.

Não consigo evitar um sorriso. “Ahn... obrigada.”

Derek passa a mão pelos cabelos molhados, o que faz com que algumas gotas voem na minha direção. Encolho-me um pouco, mas não reclamo.

“Um sorriso e um obrigado? Acho que estamos progredindo aqui”, ele conclui, e diferente dos comentários irritantes que fez antes a respeito de eu saber dar risada, esse comentário não traz nenhum quê de sarcasmo.

Não respondo, porque não sei o que responder, então me concentro em comer o salgadinho como se minha vida dependesse disso, mas me certifico de oferecer para Derek, que recusa na mesma hora, falando algo sobre uma dieta que precisa seguir com afinco por conta do basquete. Talvez o salgadinho fosse para um dos garotos que dividem a casa com ele. O que acaba não fazendo muito sentido também, considerando que todos jogam bastante, mas eu não questiono. Se eles querem quebrar a dieta, quem sou eu para objetar?

Meu celular começa a tocar dentro da minha bolsa, e eu deixo o salgadinho de lado por um momento para poder atender.

É Savannah.

“Oi, Sav”, cumprimento assim que aceito a chamada. “Tá tudo bem?”

“Eu é que te pergunto. Onde você está? Deveria ter chego há meia hora”, ela diz, preocupada. “Está em segurança? O mundo está acabando. Eretria disse que é culpa do aquecimento global.”

Dou risada. É claro que Eretria falaria uma coisa dessas. “Estou segura, mas talvez demore mais um tempo para conseguir chegar em casa. A chuva não está cedendo.” Não menciono que estou com Derek, porque sei que isso daria material suficiente para elas me infernizarem por semanas. E eu não quero esse tipo de perturbação, principalmente porque não há nada acontecendo entre nós dois.

“Tudo bem. Eretria e eu só queríamos saber se você estava bem. Fique segura, Soph. Ligue se precisar de alguma coisa.”

Sorrio. “Pode deixar. Até mais tarde.”

“Até mais tarde.”

Quando desligo o telefone, começo a pensar na sorte que eu tive de cair em um dormitório com, não uma, mas duas garotas surpreendentemente legais. É verdade que Eretria e Savannah são duas malucas completas, e estão sempre atrás de homem, mas não as julgo por isso nem um pouco. Na verdade, me sinto menos alienígena quando estou perto delas. Talvez, se eu não fosse uma garota de dezoito anos traumatizada, seria como elas. Não me preocuparia de estar perto de garotos, provavelmente beijaria alguns por aí e sexo com certeza não seria um problema. Me sinto normal quando estou com elas, e a sensação é muito boa.

Vejo, de soslaio, que Derek checa alguma coisa no seu celular antes de fazer uma careta. “Nenhuma ligação dos meus amigos perguntando se eu estou vivo”, ele lamenta.

Reprimo uma risada. “Eles devem estar ocupados com alguma garota”, brinco, mas duvido que seja mentira.

“Provavelmente”, concorda ele.

Rá. Eu sabia.

Pode ser que eu seja um pouco preconceituosa em relação aos atletas, mas eles têm reputações que não me dão motivos para acreditar que seja de outra forma. Derek também, a propósito. Já ouvi coisas suficientes a respeito dele para saber que o segundo esporte preferido do cara é levar mulheres para a cama, e ele tem um bom placar nesse departamento.

Quando o vi no Tina’s, antes de me dizer o seu nome, não fazia ideia que se tratava de Derek Mackenzie. Não tinha visto o cara até então, e o seu nome era tudo o que sabia pelas fofocas que escutei. Mas um nome sem um rosto para associar não é lá muita coisa.

Quando eu estava na escola, os atletas costumavam ter a mesma reputação. Acho que algumas coisas realmente nunca mudam. A faculdade é uma extensão mais difícil da escola — e com menos horas para dormir.

“Bom, já que estamos presos aqui, me fale de você”, pede Derek, ligando o carro e colocando o aquecedor no máximo. Percebo que seus lábios tremem um pouco. Ele deve estar morrendo de frio por estar todo molhado, e me sinto mal por ter mentido sobre estar com fome. Ele não teria tido a brilhante ideia de encarar a tempestade para pegar algo para eu comer se eu

não estivesse revirando lembranças que deveria esquecer.

Dou o braço a torcer. “O que você quer saber?”

Tenho medo que ele comece a fazer perguntas sobre a minha infância, sobre os meus pais ou sobre qualquer coisa meramente particular. Não quero falar da minha infância ou dos meus pais, na verdade. Acho que posso considerar que a minha vida foi boa do momento em que nasci até os meus sete anos. Dos sete anos em diante, foi uma sucessão de desastres nos quais eu não quero pensar agora.

Derek dá de ombros. “O que você quiser me contar.”

Certo. Dou conta disso. Posso escolher o que contar, já que não tenho como fugir dessa situação. Não tenho nenhuma intenção de me aventurar nessa tempestade, então, estou presa no carro de Derek até a chuva acalmar.

“Nasci em Nova York. No Brooklyn, para ser mais exata. Morei lá até vir para a faculdade.”

“E por que está cursando Direito?”

Uma pergunta não tão fácil de responder. Escolhi fazer faculdade de Direito para garantir que crianças e adolescentes tenham uma chance melhor na infância do eu tive, e que pessoas como Owen sejam punidas. Mas não posso contar isso para Derek, então me atenho a mesma versão que contei para Savannah e Eretria durante a nossa conversa para conhecermos umas as outras, no dia em que nos mudamos para o alojamento.

“Quando eu era pequena, houve uma feira de profissões na minha escola e eu fiquei encantada quando a mãe de uma das alunas da minha sala contou que era advogada, e que colocava os caras maus na cadeia para proteger as pessoas.” Dou de ombros, descontraída. Essa é a primeira parte de uma longa história. “Desde aquele dia, me interessei pela profissão. Quando cresci, fiquei apaixonada por seriados policiais como *Law & Order*, ou seriados de advogados como *Suits* e *How To Get Away With Murder*.”

“Minha melhor amiga assiste *Law & Order*. São casos bem pesados, não? Como estupros e essas coisas?”

Engulo em seco, e torço para que ele não perceba a mudança no meu corpo. “Sim”, me limito a dizer, limpando a garganta. “E você estuda o que?”

Derek arregala os olhos. “Nossa, *finalmente* você decidiu me fazer essa pergunta”, ele brinca, sorrindo. “Faço Marketing, mas o que eu quero mesmo é entrar na NBA.”

“Faz sentido. Duke é uma das melhores faculdades voltadas para o basquete, não é? Ouvi dizer algo a respeito disso.”

Ele faz que sim com a cabeça. “Com certeza é uma das melhores. Você gosta de basquete?”, ele quer saber.

“Não gosto e nem desgosto”, respondo, sinceramente. “Nunca assisti a um jogo para ter uma opinião formada a respeito. Esporte não é muito a minha praia.”

Derek me olha perplexo, como se eu tivesse acabado de falar o maior absurdo da história da humanidade. “Como assim você nunca assistiu a um jogo? Gata, você está perdendo toda a adrenalina de ser uma torcedora.”

Pela primeira vez, não me incomodo de ele ter me chamado de “gata”, porque não sinto nenhum flerte na forma como ele falou. Só acho que é tão habitual para Derek conversar com as meninas desse jeito que ele nem sequer dá conta.

“Não espere me ver na arquibancada gritando por você. Se um dia eu estiver lá, vai ser para gritar contra você.”

Derek gargalha, jogando a cabeça para trás para rir de verdade. O som me pega de surpresa, porque jurava que ele iria fechar a cara diante do meu comentário, mas, por algum motivo, parece se divertir quando o trato com indiferença ou quando digo coisas que, teoricamente, deveriam chateá-lo. Não entendo esse cara.

“Não posso dizer que eu esperava algo diferente de você. É a sua cara torcer pelo time adversário de propósito”, ele diz, ainda rindo. “Mas, você deveria nos ver jogar um dia, mesmo que seja para gritar e ressaltar os meus erros.”

Sorrio. “Vou pensar sobre isso.”

A chuva começa a ficar mais fraca à medida que o interior do carro começa a ficar mais quente. Os vidros estão embaçados, e tudo o que eu consigo pensar nesse momento é naquela cena de Titanic onde a Rose e o Jack estão dentro de um carro e os vidros estão embaçados. E a semelhança acaba aí. Graças a Deus, Derek não moveu um músculo dando a entender que está vindo para cima de mim para me beijar ou coisa parecida. Muito pelo contrário, ele conversou comigo sem flertar e fez eu me sentir menos desconfortável, o que é uma grande coisa para mim.

“Acho que podemos tentar ir agora”, ele diz, passando a mão pelo vidro embaçado para enxergar a chuva do lado de fora. “Parece que o pior já passou.”

Concordo. “É, acho que sim.”

O caminho até o campus não demora, já que Derek não precisa mais

dirigir tão devagar quanto antes. A tempestade foi reduzida a uma simples garoa, e é seguro aumentar um pouco a velocidade. Então, em quinze minutos, Derek está parando a caminhonete na frente da Bassett House.

Nós não conversamos durante o restante do trajeto, mas o silêncio não foi nem um pouco constrangedor. Na verdade, foi um tanto quanto pacífico.

“Obrigada pela carona”, agradeço com sinceridade. “E pelo salgadinho também.”

Derek sorri. “De nada, gata.” De novo, sem nenhum quê de flerte na sua voz.

“Dirija com segurança.” Pego a minha bolsa e pulo para fora do carro. Literalmente pulo, porque a caminhonete de Derek é tão alta que não consigo alcançar o chão, então preciso saltar para fora, o que eu o faz dar risada. “Até o seu carro precisava ser alto?”, resmungo.

Ele continua rindo. “Você precisava ser tão baixinha?”, ele devolve.

“Não sou baixinha, você é que é enorme”, devolvo. E só depois me dou conta do duplo sentido na segunda parte da minha frase.

Derek abre um sorriso, e meu desconforto volta a toda a velocidade como um soco no meu estômago. Ai, droga.

“Tchau, Derek.”

Fecho a porta da caminhonete e vou correndo em direção da porta da frente da Bassett House, sem dar a ele a chance de falar qualquer outra coisa.

10.

SOPHIE

Ainda estou pensando na besteira que falei para Derek quando entro na Bassett House e encontro Camila na cozinha. Diferente da primeira vez em que a encontrei nesse cômodo, dessa vez ela parece ter tudo sob controle. Nada está pegando fogo, não há fumaça e nem cheiro de queimado. Tudo parece bem.

Demoro um momento para perceber que Camila não está sozinha, ela está com outra garota e as duas parecem estar cozinhando juntas.

Camila olha para trás, me encontrando parada, e sorri. “Ah, oi, Soph”, e então ela franze o cenho. “Você chegou só agora?”

“Pois é. A chuva atrasou toda a minha vida hoje.”

Ela concorda com a cabeça. “Molly, essa é Sophie. Ela trabalha comigo no Tina’s, e é a garota que te contei que me salvou de provocar um incêndio. Sophie, essa é Molly, minha namorada”, Camila nos apresenta.

Preciso me esforçar muito para não arregalar os olhos, porque sei que isso seria grosseiro da minha parte. Não me entenda mal, eu sou a favor da liberdade sexual. As pessoas podem amar quem elas quiserem, independente se são do mesmo sexo ou não. Não há um por cento de preconceito no meu corpo, mas Camila é tão discreta quanto a isso que eu nunca iria imaginar. Só realmente fiquei surpresa.

Sorrio. “Muito prazer, Molly”, cumprimento. “Devo presumir que você é a responsável por Camila não estar colocando fogo na cozinha de novo?”

Molly ri. “Com certeza. Estou tentando enfiar conhecimentos culinários nessa cabecinha dela.”

“Não é culpa minha que o meu pai me tratava como uma princesa e não me deixava fazer nada em casa”, Camila se defende. “Agora estou colocando fogo em cozinhas alheias.”

Dou risada.

“Não se preocupe, amor. Vamos dar um jeito nisso”, garante Molly, fazendo carinho no rosto de Camila.

Certo. Eu estou de vela aqui. “Bom, vou deixar vocês duas. Estou sobrando aqui. Bom te conhecer, Molly.”

“Bom te conhecer também, Sophie.”

“Juízo, crianças”, brinco, e as duas dão risada.

Subo as escadas para o segundo andar da Bassett House e atravesso o corredor até chegar ao meu quarto. Tudo o que eu quero nesse momento é tomar um banho e cair na cama. *Essa noite* eu vou dormir. *Preciso* dormir. Do contrário, serei um caso perdido, totalmente inútil no dia seguinte.

Amanhã é terça-feira, tenho aula cedo e turno no Tina's à tarde. E vou estar inválida para ambas as coisas se não tiver uma boa noite de sono.

Talvez eu precise realmente recorrer a alguns calmantes.

Odeio tomar remédio. Qualquer tipo de remédio. Prefiro dar tempo para o meu corpo corrigir o problema por si só, mas sei que a minha insônia não será resolvida naturalmente.

Eu recorri a calmantes poucas vezes se levar em consideração a frequência com a qual minha insônia dá as caras, e todas as vezes que os tomei foi porque estava beirando à exaustão. Como é o caso agora. Sinto que meu corpo vai entrar em colapso se eu não descansar.

Assim que eu abro a porta do meu quarto, um trovão irrompe o silêncio, fazendo Eretria e Savannah berrarem. Vejo pipoca voando para todos os lados ao mesmo tempo em que a luz pisca, dando indícios que pode ser que fiquemos sem energia essa noite. Para falar a verdade, estou surpresa que ainda temos energia elétrica depois da chuva que caiu.

O meu aplicativo de previsão do tempo mencionava chuva, mas não o fim dos tempos.

“Ai, meu Deus do céu, Sophie”, Eretria grita, levando uma mão ao peito como se tentasse acalmar seu coração alarmado. “Você quase me mata de susto! Puta merda!”

Dou risada. “Me desculpa.”

“A pipoca já era”, lamenta Savannah, fazendo um biquinho. “Que droga, Soph. Você apareceu bem na hora do assassino.”

Assassino? “Quê?”

“Estamos assistindo *Hush*”, esclarece Eretria. “Juro por Deus que por pouco eu não fiz xixi nas calças.”

“Vocês são completamente malucas. Esse filme é muito perturbador”, digo, categoricamente.

E é mesmo. Não que eu tenha assistido, o trailer me causou perturbação o suficiente para imaginar como deve ser o filme completo.

Hush conta a história de uma mulher surda e muda, que mora em uma casa enorme — e no meio do nada — sozinha. Primeiramente, meu Deus do céu, a mulher é corajosa, devo admitir. Não estou dizendo que uma pessoa surda e muda não possa ter uma vida normal, mas, de verdade, não sei se teria essa coragem. Quer dizer, e se eu me machucasse em casa? Como iria pedir socorro? O que leva exatamente a problemática do filme. Quando um assassino invade a casa dela, fazendo jogos de terror com a pobre mulher, ela tem de lidar com toda a dificuldade de não conseguir gritar, pedir socorro ou ligar para a polícia. Quer dizer, imagina o quão desesperador deve ser isso.

“Eu falei para a Savannah, mas ela me encheu o saco para assistir a porcaria do filme”, reclama Eretria. “Agora não vou conseguir dormir a noite.”

“Bem-vinda ao clube”, digo desanimada.

Savannah me olha com solidariedade. “Não conseguiu dormir ainda?”

“Não como deveria.”

Vivo dizendo para as minhas amigas que vou me entupir de calmantes para dormir, mas a verdade é que elas acham que é brincadeira. Não contei a elas que realmente tomo calmantes de vez em quando. Não quero que fiquem preocupadas comigo. Principalmente Savannah, que não consegue aceitar meias verdades. Ela iria infernizar a minha vida, pedir que eu fosse ver um médico, dizer que calmantes não podem ser tomados levianamente e sabe mais o que ela diria. Não quero essa dor de cabeça.

“Vou tomar um banho”, aviso. “E vou amar vocês para sempre se me deixarem cair na cama e dormir em silêncio.”

Eretria sorri. “Vamos terminar de assistir ao filme na área comum.”

“Obrigada.”

Pego uma toalha no armário, um pijama confortável e a nécessaire, que contém meu sabonete, shampoo e condicionador e um hidratante corporal com cheiro de andiroba que eu amo.

Assim que arrasto meu corpo cansado para de baixo do chuveiro e sinto a água quente caindo no meu corpo, relaxo instantaneamente.

A missão Bela Adormecida começa agora.

DEREK

Consigo chegar em casa antes que o dilúvio decida dar as caras de novo.

Dirigi de volta para Raleigh depois de deixar Sophie em casa e refleti sobre o que aconteceu durante todo o caminho. Pela primeira vez, Sophie realmente conversou comigo. Não foi o suficiente para entender o que se passa na cabeça daquela menina teimosa, mas foi o suficiente para saber que, pelo menos, ela não me odeia. E isso é bom, porque quer dizer que ainda há chances de que eu consiga ficar com ela.

Sophie me faz pensar em Aria Thorne, minha namorada da época da escola. Aria e eu ficamos juntos por pouco mais de sete meses, e terminamos porque ela era extremamente controladora. No entanto, fiquei meses atrás da garota. Aria estava convencida que eu iria partir o seu coração — e, bom, foi isso mesmo o que aconteceu —, mas ela baseou esse pensamento no fato de eu ser atleta. Ela acreditava cegamente que o meu único intuito era transar com ela. E não nego, eu queria mesmo, mas eu também gostava dela. Se a garota não tivesse tentado controlar até o quanto de ar eu respirava, talvez pudéssemos ter ido longe juntos.

Estaciono a caminhonete na frente de casa, pego as sacolas na caçamba e levo as compras para dentro. Nem me preocupo em correr para fugir da chuva porque já estou todo molhado. Falando nisso... Não sei o que me deu em mim. Quando vi o quanto Sophie estava branca, e ela disse que era porque estava com fome, me deu um estalo na cabeça e eu simplesmente decidi pular para fora da caminhonete e enfrentar o fim dos tempos em forma de tempestade só para alimentar a garota. Que loucura. Eu dei uma de fofo com uma garota que mal consegue sorrir para mim.

Eu odeio esse papel onde Sophie me coloca. O papel do menino bobo e inexperiente. Já disse isso, né?

Quando entro em casa, um cheiro de comida caseira invade as minhas narinas. E o mais surpreendente é que o cheiro é gostoso, o que significa que não é nenhum dos caras quem está cozinhando. Qualquer um deles seria incapaz de cozinhar qualquer coisa com um cheiro bom assim. Até mesmo Ryan, que normalmente é o melhor cozinheiro da casa.

Deixo as sacolas com as compras no chão, tiro os sapatos ensopados, deixando-os junto à porta, e vou farejando o ar enquanto caminho até a cozinha. Pareço aqueles personagens de desenhos animados que vão flutuando ao sentirem cheiro de comida boa.

Ao chegar à porta da cozinha, tenho certeza que devo estar vendo uma miragem. A garota está de costas, mas eu reconheceria esse cabelo cacheado em qualquer lugar do mundo. Os cachos escuros de Brianna caem sobre as suas costas até a cintura. Ela está de costas pra mim e sei que está de fone de ouvido, pois seu corpo balança suavemente de um lado para o outro enquanto ela mexe alguma coisa em uma panela no fogão. Ela ainda não percebeu que eu cheguei, e o meu lado bonzinho me diz que eu devo anunciar a minha entrada, mas o meu lado maldoso implora para que eu a assuste.

E o lado do diabinho vence dessa vez.

Dou alguns passos para frente, sorrateiro, e coloco as mãos no seu quadril. “Bú!”

Brianna grita e dá um pulo, ficando de frente para mim e utilizando a colher de pau suja de molho como arma. Quando ela se dá conta de que sou eu, seus olhos cintilam, e não sei se ela vai me abraçar ou tentar me matar.

“Seu. Desgraçado.”, ela me xinga, batendo no meu peito com os punhos fechados. “Cretino infeliz.”

Dou risada, dando um passo para trás para abrir a distância entre nós e fugir dos seus golpes desgovernados.

“Você está tentando me matar? Por que diabos você fez isso?”, reclama Brianna, levando uma das mãos ao peito, que sobe e desce depressa por conta do susto.

Continuo rindo. “Desculpa, Bree. Não resisti.”

Ela continua com a cara fechada, mas não dura muito. Dois segundos depois ela já está sorrindo para mim. Seus olhos cor de avelã brilham de alegria. “A sua sorte é que eu te amo, senão estaria pronta para te matar”, ela diz, e eu acredito nela. “Que saudade, Mack.”

Brianna é a única pessoa na face da Terra que me chama de Mack, por conta do meu sobrenome. Quando éramos pequenos, ela disse que queria me dar um apelido que só ela usasse — porque Brianna é ciumenta nesse nível. Ela passou dias pensando a respeito até finalmente se contentar com Mack. E é assim que ela tem me chamado desde então.

Minha melhor amiga lança os braços ao redor do meu pescoço, me abraçando, e eu envolvo os meus na sua cintura fina. Ela tem cheiro de tutti-frutti, e é um cheiro tão familiar que automaticamente me transporta de volta para casa, em Carson City, onde Brianna e eu passamos toda a nossa vida, compartilhando segredos, criando problemas e enlouquecendo nossos pais.

“Por que você está todo molhado?”, ela pergunta, saindo do meu abraço.

“Onde você esteve nas últimas horas, Bree? O mundo estava desabando.”

Ela ri. “Não prestei atenção. Estava fazendo o jantar para você”, ela esclarece, indicando as panelas no fogão com a cabeça.

“O que você está fazendo aqui?”, pergunto, confuso. “E, também senti saudades.”

Brianna estuda na NYU, em Nova York. Nós nos vemos poucas vezes no ano, mas nos falamos por telefone quase toda semana, e ela sempre tenta vir em jogos importantes para me dar apoio. Mas, a temporada ainda não começou e hoje é domingo, o que significa que amanhã ela tem aula, então não posso nem começar a imaginar o que ela possa estar fazendo na minha casa.

“Estava esperando que tudo desse certo para poder te contar, mas eu pedi transferência pra Duke”, ela me conta.

Franzo o cenho, ainda mais confuso. “Mas você ama a NYU.”

Minha amiga dá de ombros, descontraída. “Tenho certeza que vou amar a Duke também, e o programa de Direito também é muito bom. E, tenho você por perto como um *plus*.”

Conheço Brianna o suficiente para saber quando ela está mentindo para mim, e ela *está* mentindo para mim *agora*. No entanto, também a conheço o suficiente para saber que, se ela não quiser que eu saiba o que aconteceu, eu não vou saber o que aconteceu.

Suspiro. “Sei que está escondendo alguma coisa, Bree.”

“Sei que você sabe, e nós dois sabemos que você não vai conseguir arrancar nada de mim”, ela sorri, brincalhona. “De qualquer forma, eu queria saber se posso ficar aqui com você por alguns dias. Não tive tempo de resolver todos os detalhes sobre acomodação.”

A ideia de Brianna morar comigo não me agrada nem um pouco. Não por mim, mas por conta dos caras. Brianna é bonita demais para ficar perto desses malucos. E não é preciso juntar dois mais dois para saber o que vai acontecer se tivermos uma garota morando sob o mesmo teto. Muita testosterona para pouquíssimo estrógeno.

“Você sabe que moro com *seis* caras, não é?”

Ela sorri. “Não se preocupe comigo, Mack, eu dou conta de um ou outro universitário tentando me levar para cama”, ela garante. “A menos que você também deva ser incluído nessa equação. Acho que não dou conta de todos.”

Reviro os olhos, e ela gargalha, jogando a cabeça para trás. “Você quer

dar pra mim agora?”, pergunto, cruzando os braços. “Desde quando?”

Ela faz uma careta. “Desde nunca. Eca. Seria muito esquisito. Você é lindo e tudo mais, mas, nossa, seria como dormir com um irmão.” Brianna balança a cabeça. “Não vai rolar.”

“Ótimo. Então não me venha com piadas sexuais, sua maluca.”

Minha mãe e os pais de Brianna costumavam torcer para que ficássemos juntos, como se nós dois fôssemos o típico clichê dos filmes, onde os dois vizinhos são amigos e, de repente, como em um passe de mágica, eles descobrem o amor verdadeiro um no outro. Bom, não me entenda mal, Brianna é linda pra caramba, e gostosa, e eu com certeza tentaria levá-la para a cama se não tivéssemos o lança que temos.

Como ela sabiamente pontuou, seria como dormir com uma irmã e, nossa, nem consigo começar a explicar o quanto isso soa errado.

Nós nunca vimos um ao outro desse jeito. Inclusive, quando chegamos à idade de começar a namorar, ela me chamou na sua casa para me situar de que nós dois nunca teríamos nada, e que se eu fosse secretamente apaixonado por ela, era bom que eu comesse a tirar o meu cavalinho da chuva.

Uma vez que tudo estava esclarecido entre nós, ela passou a me contar sobre os caras de quem estava a fim, e eu falava sobre as meninas gostosas da escola.

E somos assim até hoje.

“Você ainda não me disse se posso ficar aqui ou não”, ela me lembra que eu ainda lhe devo uma resposta.

Nem preciso perguntar para nenhum dos caras se tudo bem Brianna ficar aqui por alguns dias, pois eu sei *exatamente* qual será a resposta, então nem me dou ao trabalho.

“Claro que pode, Bree.”

Ela abre um sorriso enorme, que alcança seus olhos cor de avelã, antes de lançar os braços sobre mim de novo, para me dar mais um abraço. Um mais rápido dessa vez. “Obrigada. Obrigada. Você é o melhor amigo do mundo, Mack.”

“Só... não durma com os meus amigos, Bree”, peço, fazendo uma careta. “Eu não quero ter que ouvir. As paredes são finas”, aviso.

Brianna ri. “Não se preocupe, Mack. Eu sei ser discreta.”

Rá. É *justamente* disso que eu tenho medo.

11.

DEREK

“Isso aqui tá bom pra caralho”, declara Nash, levando mais uma garfada de comida à boca.

Brianna fez uma quantidade gigantesca de macarrão com almôndegas. Ela conhece muito bem o apetite dos atletas, então se certificou de fazer muita comida.

“Está mesmo”, concorda Babyface.

“Você arrasou, gata”, acrescenta Jeremy.

“Humm”, é tudo o que Friends consegue dizer.

Brianna dá risada. “Obrigada, meninos. Não prometo cozinhar todos os dias, mas já que vocês foram tão fofos e me deixaram ficar, posso fazer uma coisinha ou outra de vez em quando.”

É muito esquisito ter uma menina entre nós. É ainda mais esquisito que nós todos estejamos sentados à mesa, porque isso nunca acontece nessa casa. Nossa mesa é mais usada para *Beer Pong* do que para fazer refeições.

“Casa comigo”, diz Ryan, que olha para Brianna como se ela tivesse lançado um feitiço sobre ele.

Faço uma careta.

“Ora, ora, parece que temos um ciumento entre nós”, diz Kyle, dando risada.

“Ora, ora, devemos começar a falar sobre Eretria?”, revido, e Kyle automaticamente fecha a cara. Rá.

Nash dá risada.

“Quem é Eretria?”, pergunta Brianna, curiosa.

“Irmã mais nova do nosso amigo Kyle”, esclarece Babyface.

Brianna abre um sorriso. “Ela é bonita?”

“Bonita? A garota é tão gostosa que o calor dela contribui para o

aquecimento global”, diz Friends. “Não, na verdade, ela deve ser *a causa* do maldito aquecimento.”

Kyle lança um olhar mordaz na direção do nosso amigo. “Fiquem longe da minha irmã, porra.”

Brianna está sentada entre mim e Kyle, e ela coloca a mão em cima da mão dele, o que faz meu amigo endireitar a postura na mesma hora. “Calma, lindinho. Você não sabe que não pode controlar a vida sexual de uma mulher? Quanto mais você colocar a sua irmã no terreno proibido, mais os caras vão querer ficar com ela”, aconselha Bree.

“Isso tem muito sentido”, concorda Ryan.

“Tem, não tem?” Brianna abre um sorriso. “Bom, meninos, espero que vocês tenham aproveitado o jantar, mas, se não se importarem, vou subir para tomar um banho. Minha viagem foi longa.”

“Eu vou te levar lá em cima”, digo, levantando da mesa. “Não temos um quarto livre, Bree, mas...”

“... mas você pode dormir no meu quarto”, Babyface se apressa em dizer.

Brianna ri. “Obrigada, mas Mack é o único que vai ter o prazer de dormir comigo.” Brianna olha para os meus amigos e abre um sorriso lascivo. “Por enquanto.”

Reprimo um gemido.

“Vem, Mack.” Ela segura a minha mão e me puxa para o andar de cima enquanto meus amigos me olham com um sorriso enorme no rosto, como se eu tivesse acabado de me dar bem.

Subo as escadas e levo Brianna até o meu quarto, no final do corredor. Ela se joga em cima da minha cama, abrindo os braços e as pernas, fazendo anjinhos no colchão.

“Eles pensam que vamos transar, Bree.”

“Deixa que pensem. Você não falou que era para eu não dormir com os seus amigos? Agora eles vão pensar que *you* está dormindo comigo, então vão pensar duas vezes antes de dar em cima de mim. Vocês têm um tipo de *Bro Code*, não?”

Pisco algumas vezes. E não é que ela tem razão?

“Gosto do seu raciocínio.”

Brianna ri. “Eu sei. Eu sou um gênio”, ela se vangloria. “Mas, realmente vamos precisar dormir na mesma cama. Tudo bem pra você?”

“Sem problemas.”

“Ótimo.” Brianna levanta da cama, vai até a sua mala e começa a procurar alguma coisa. “Onde fica o banheiro?”

“Na porta da frente”, digo.

Brianna tira uma toalha e um pijama de dentro da sua enorme mala cor de rosa. “Um banho é tudo o que eu preciso para ser feliz agora.”

“Tranque a porta. Não confie nesses caras”, eu alerto.

Ela ri. “Desde quando você é ciumento?”

“Não sou ciumento. Tô tomando conta de você.”

A feição de Brianna muda. De repente, ela fica séria. “Senti falta disso na NYU.”

Eu fico tenso. Brianna não é do tipo que faz rodeio para contar as coisas, e ela quase nunca fica séria. Bree é como um raio de Sol, sempre alegre e pronta para fazer uma boa piada, então, quando fica séria desse jeito, sempre presumo o pior.

“O que rolou lá, Bree? Você pode contar pra mim.”

Ela força um sorriso. “Você sempre cuidando de mim”, seu tom está distante, assim como os seus olhos, e eu começo a achar que algo realmente ruim pode ter acontecido com ela. “Está tudo bem agora, Mack.”

Solto o ar dos pulmões e puxo Brianna para um abraço. Ela entrelaça os braços nas minhas costas, me abraçando forte. “Seja lá o que for, eu tô contigo, Bree. Quando estiver pronta pra falar, eu estarei aqui.”

12.

SOPHIE

E o que eu mais temia que acontecesse, acontece.

Acordo no meio da madrugada aos berros.

Sinto mãos em cima de mim e ouço vozes, mas o meu estado de pânico não me permite pensar ou ver qualquer coisa que faça o mínimo sentido. Meu cérebro entrou em pane, meu coração está disparado, meu corpo inteiro está rígido e eu acho que posso estar chorando, mas não tenho certeza.

“Não. Não”, eu grito, o pânico na minha voz é palpável. “Não toca em mim. Não toca em mim.”

“Soph, sou eu. Sou eu.”

Braços me envolvem, mas meu corpo se debate automaticamente, lutando para escapar de quem me segura, exatamente como lutou quando os braços de Owen me seguraram. Não estou raciocinando, e meu corpo age por puro instinto enquanto eu tento agredir a pessoa que está me segurando.

Preciso fugir.

Preciso escapar.

Ele não pode conseguir me pegar de novo.

“*Sophie*, sou eu”, Eretria grita.

Minha visão, de repente, fica clara.

A luz do quarto está acesa, Savannah está parada ao lado da minha cama, com o cabelo todo bagunçado e o rosto amassado pelo travesseiro. Seus olhos estão arregalados, e eu vejo o assombro estampado em sua feição. Eretria está atrás de mim, sentada na minha cama, me envolvendo com os seus braços. “Sou eu. Sou eu”, ela continua repetindo.

Aos poucos, me acalmo. Meus batimentos cardíacos diminuem, meu corpo começa a relaxar e a minha respiração lentamente volta ao normal também. Começo a me dar conta de onde eu estou, como se, magicamente,

minha consciência voltasse.

Estou no meu quarto, no alojamento, com as minhas duas colegas de quarto olhando para mim assustadas.

Eu estou segura.

Está tudo bem.

Ele não está aqui.

Ele não me encontrou.

“Me desculpa”, eu consigo choramingar, cobrindo meu rosto com as mãos, morrendo de vergonha do que acabou de acontecer, do que elas acabaram de presenciar. “Me desculpa.”

Savannah senta na beirada da minha cama. “Soph, o que acabou de acontecer?”, sua voz demonstra uma preocupação genuína.

Um nó se instala na minha garganta e eu não consigo falar, apenas balanço a cabeça de um lado para o outro e começo a chorar. Não quero ter que contar a elas, não quero falar sobre isso nunca na minha vida. Mas, como vou conseguir esconder isso delas se *moro* com elas?

Eu poderia tentar mudar para um dormitório individual, mas acho que seria impossível a essa altura.

E o que minhas amigas iriam pensar se eu fizesse isso sem explicar o motivo? Com certeza ficariam chateadas comigo, e pensariam que não quero ficar no mesmo quarto que elas. Pensariam e entenderiam tudo errado, e não acho que eu posso me dar ao luxo de perder o pouco de normalidade que consigo sentir quando estou com elas. Sei que se preocupam comigo, sei que gostam de mim, e realmente acho que entenderiam o que aconteceu comigo se eu contasse. Mas nunca precisei falar sobre isso com ninguém antes, nunca falei em voz alta que sofri uma tentativa de estupro.

“Você está tremendo, Soph”, avisa Eretria, me apertando um pouco mais forte no abraço. “O que está havendo? Tem alguma coisa que podemos fazer?”

“Não foi nada. Foi só um sonho ruim” eu balbucio, mas está claro que não estou convencendo ninguém disso. É o eufemismo do ano.

Savannah coloca uma mão em cima do meu joelho. “Amiga, você pode contar pra gente. Está tudo bem.”

Meus lábios começam a tremer, indicando que vou explodir em lágrimas muito em breve. Olho para Savannah e depois viro a cabeça para trás para olhar para Eretria, e é quando me dou conta que seus braços estão vermelhos e arranhados.

Eu fiz isso. Meu Deus do céu. Eu machuquei a minha amiga porque meu pânico me fez acreditar que ela era Owen e que eu estava revivendo aquela noite.

“Tria, eu... eu não queria fazer isso. Eu...”, minha voz falha.

Eretria me abraça mais forte. “Não se preocupe com isso.”

Não me preocupar com isso? Como, por Deus, eu não vou me preocupar com isso?

Eu acabei de *atacar* a minha amiga porque ela estava tentando me acalmar durante um ataque de pânico.

Um aperto se instala no meu peito e uma onda de nervosismo percorre minhas veias. Minhas mãos estão geladas, meu corpo está tremendo e eu mal consigo controlar a trepidação da minha respiração. Minhas amigas não me forçam a falar, no entanto. Elas continuam olhando para mim com olhos solícitos e esperam que eu esteja pronta para explicar.

Posso confiar nelas. Sei disso.

Engulo o nó imenso na minha garganta. “Eu fui atacada por um cara dois anos atrás. Ele tentou me... mas ele não... vocês sabem... mas, eu não consigo esquecer e...” Minha voz falha, e, sinceramente, acho que não consigo mesmo explicar mais do que isso.

Por um minuto inteiro, nenhuma das duas fala, mas sei que estão processando e digerindo o que eu acabei de dizer, embora não tenha explicado nem um terço da história. Mas *isso*, ninguém precisa saber.

“Sophie...” a voz de Savannah sai com tanta tristeza que é a última gota que faltava para o copo transbordar.

Explodo de chorar.

Minhas amigas me envolvem em um abraço coletivo. Para a minha surpresa, elas não me perguntam nada. Nem como aconteceu, nem se eu conhecia o cara, nem se prestei queixa. Nada. E eu sou tão grata por isso, porque realmente não conseguiria mergulhar naquelas memórias de novo. Passei meses chafurdando na tristeza e no desespero depois que aconteceu. Senti medo de tudo e de todos, e estava sempre achando que ia acontecer de novo, que Owen tentaria terminar o que não conseguiu da primeira vez.

Eu nunca o vi de novo depois daquela noite, mas eu ainda o vejo nos meus pesadelos. E me pergunto se um dia vou realmente conseguir esquecê-lo.

* * *

Na manhã seguinte quando acordo — depois de ter demorado quase duas horas para conseguir dormir de novo —, minha aparência moribunda me encara de volta no espelho. Precisei passar mais maquiagem do que o normal para esconder as olheiras enormes que enfeitam o meu rosto de um jeito bizarro. Meus olhos inchados de choro também não ajudam em absolutamente nada.

Depois que desidratei de chorar nos braços das minhas amigas, finalmente consegui dormir de novo, mas, como de costume, não foi um sono tranquilo. Sei que dormi, mas é aquele tipo de sono onde você fica dormindo e acordando várias vezes durante a noite e, no final das contas, sente como se não tivesse dormido absolutamente nada. A maioria dos meus sonos é desse jeito.

Para o meu alívio, nem Eretria e nem Savannah tocaram no assunto desde a hora que acordamos. Talvez elas não saibam o que dizer a respeito, ou talvez não queiram que *eu* tenha que falar a respeito. Seja qual for o motivo, é melhor assim.

“Você está pronta?”, Eretria pergunta enquanto passa uma escova nos cabelos compridos.

“Pronta.”

Savannah saiu há uns dez minutos, dizendo que iria encontrar uma amiga de turma. E como eu e Eretria vamos para o mesmo prédio, sempre esperamos uma a outra.

Não deixo de notar que ela está muito mais quieta do que o normal. Sei que tem a ver com a minha revelação durante a madrugada, mas tudo o que eu não preciso agora é que elas me tratem diferente. Isso só vai reafirmar que eu tenho um problema, e eu não preciso disso.

“Tria, você tem algo para me dizer?”, eu pergunto, virando meu corpo totalmente na direção dela.

Não consigo evitar olhar para os vergões inchados nos seus braços. Marcas que eu deixei por conta do meu pânico. Tento ignorar, no entanto. Por um lado, foi bom que eu finalmente contei a elas o que aconteceu comigo, mas prefiro esquecer que todo o resto aconteceu. O ataque de pânico, eu tentando machucar Eretria involuntariamente. Argh, tudo isso pode ser apagado, obrigada.

Ela suspira. “Desculpa.”

“Por que está se desculpando?”, indago. “Fui eu quem te machuquei, lembra?”

Ela nega com a cabeça. “Já te disse para não se preocupar com isso”, diz. “Estou me desculpando porque não sei o que dizer. E também não vou te perguntar nada. Imagino que você não queira falar sobre isso. Me sinto uma péssima amiga por não saber como te ajudar.”

Abro um sorriso para ela. “Você já me ajuda só por saber e por não me encher de perguntas. E vai ser ótimo se vocês duas não começarem a me tratar diferente por conta disso.”

Eretria assente. “Anotado.”

Saímos do dormitório logo em seguida, a caminho do West Campus, onde fica o prédio da Faculdade de Direito.

Eu adoro a arquitetura gótica do West Campus. Pelo que eu li a respeito, os prédios foram construídos com inspiração no estilo neogótico, que teve início na Inglaterra no século XVIII. Às vezes, quando não estou correndo para ir para a aula ou correndo para ir para o Tina’s, gosto de olhar em volta e apreciar a arquitetura. É tudo tão bonito e ao mesmo tempo tão antigo, mas não que isso seja ruim. Na minha opinião, é ótimo. Me faz imaginar como era a vida na época em que a Duke foi fundada, em 1838.

Gosto de imaginar os alunos daquela época, andando de um lado para o outro.

Me pergunto se eles imaginavam que a vida um dia seria como é hoje, com toda a tecnologia, os avanços, com mulheres lutando pela igualdade...

Se não estou errada, as mulheres não podiam fazer faculdade naquela época. Mas acho que estavam próximas de mudar essa realidade. Não lembro ao certo. E que loucura pensar nisso. Mas acho que seria loucura para as pessoas no passado também, se pudessem ter um vislumbre de como o futuro seria.

Eretria e eu compramos um café e estamos quase entrando no prédio quando o celular dela começa a tocar. Ela puxa o aparelho do bolso de trás da calça e uma careta surge em seu rosto.

“Kyle”, ela me informa, desanimada. Mas seu rosto se ilumina rapidamente, como se ela tivesse tido uma ideia genial. Eretria leva o dedo indicador aos lábios, me pedindo para ficar em silêncio, e ela aceita a chamada, colocando no viva voz. “Ai, gato, espera. Meu irmão tá me ligando. *Humm*. Eu gosto quando você faz assim.”

Tampo a boca com a minha mão e abafa a risada.

“Eretria!”, Kyle ruge do outro lado da linha. “*Onde você está? Quem está com você?*”

Ela aperta os lábios para não dar risada. “Oi, Ky. Estou ocupada agora”, ela arrasta a voz, como se estivesse ofegante.

“Eretria, eu juro por Deus... *juro por Deus...* onde você está, porra?” Ele está furioso, mas minha amiga não parece dar a mínima para isso. Como eu disse, o seu passatempo preferido é fazer da vida do irmão um inferno.

“Você sabia que não pode usar Deus e um palavrão na mesma frase?”, ela o informa. “É blasfêmia, Ky.”

Ele bufa. “Onde você está?”, Kyle repete a pergunta, ignorando o comentário da irmã.

Eretria suspira. “Estou parada na porta do prédio de Direito junto com Sophie.”

“E você acha que eu vou acreditar nisso? Quero falar com a Sophie”, ele exige.

“Você já está falando com ela. Está no viva voz.”

Eretria olha para mim em um pedido silencioso para que eu fale alguma coisa que prove a minha presença. “Oi, Kyle. Como está sendo a sua manhã?”, brinco.

O suspiro de alívio que ele solta do outro lado da linha é cômico. “Estava indo muito bem, até a engraçadíssima da sua amiga tentar me levar à *insanidade*.”

Dou risada.

“O que você quer, Ky?”, Eretria questiona. “Você vai me fazer chegar atrasada para a aula.”

“Nash vai fazer aniversário e pediu que eu convidasse você e as meninas. Como não tenho como impedir que ele faça o convite, estou te ligando para informar antes que ele mesmo faça isso de um jeito que eu não possa supervisionar.”

Eretria suspira. “Meu herói”, ela cantarola, sarcástica. “Sempre disposto a defender a minha honra. Pena que ela já foi perdida há muito tempo.”

Dou risada de novo, ao mesmo tempo em que Kyle exala do outro lado da linha. Ele está puto.

Eu acho muito provável que um dia Eretria o faça ter um ataque do coração. De verdade. Kyle fica muito pilhado com as provocações da irmã. Não sei como ele ainda se surpreende. No entanto, algo me diz que Kyle tem motivos para não duvidar de que a irmã é capaz de qualquer loucura. Sinto essa sagacidade em Eretria. Ela não tem medo de nada, não se intimida com nada. Se eu já consegui perceber isso em alguns meses, imagino o que Kyle

sabe sobre ela por conta dos anos de convivência.

“Quando e onde vai ser a festa?”, pergunto, tentando tirar o foco de Kyle da irmã antes que ele morra de ódio do outro lado da linha.

“Hoje, aqui em casa.”

Franzo o cenho. “Hoje?”, quase grito. “Vocês vão dar uma festa no início da semana?”

“Nós não temos treino amanhã, então dá pra beber sem jogar como um merda no dia seguinte”, esclarece Kyle. “E sexta começa a temporada, então é meio que uma comemoração antes de focarmos no campeonato.”

“Perfeito. Diga ao Nash que estaremos aí”, Eretria diz. “Agora preciso desligar, Ky. Bom dia pra você, maninho. Te amo.”

“Você ama o meu tormento”, ele lamenta.

Ela ri. “Isso também. Beijos.”

“Você vai matá-lo um dia”, eu digo quando ela desliga o telefone e enfia o aparelho de volta no bolso de trás da calça.

Eretria dá de ombros. “Quando ele parar de me tratar como uma criança, então posso parar de atormentá-lo.” Ela sorri. “Vamos. Estamos atrasadas.”

E ela me puxa para dentro do prédio.

O dia passa arrastado, se negando a acabar. Parece que o tempo decidiu andar para trás ao invés de para frente. As aulas passaram devagar, quase parando. E até o meu turno de meio período no Tina’s, que normalmente passa depressa por conta da quantidade de serviço, passou devagar hoje. Mas tenho certeza que a quantidade de serviço foi a mesma de sempre, pois me sinto exausta. O que não é nenhuma novidade no meu caso.

Quando entro no meu quarto no alojamento, me atiro na minha cama sem nem me dar ao trabalho de tirar os tênis, mas mantenho os pés para fora da cama. Não quero sujar os lençóis.

Savannah está sentada na escrivaninha, com fones de ouvido, apoiando um violão no colo e escrevendo coisas em um caderno. Sei que ela está compondo, ou tentando, pelo menos. E também sei que, quando ela está assim, não devemos falar com ela. Savannah está no que ela chama de Bolha de Criatividade, e quem a tirar de lá será condenado à morte. Palavras dela, não minhas.

Portanto, aproveito o silêncio que habita o quarto. Nossa. Queria muito ter mais horas de calma e silêncio. Acho sinceramente que não estaria uma

pilha de nervos se tivesse mais disso na minha vida.

“Argh”, resmunga Savannah, arrancando uma folha do caderno. Ela amassa até formar uma bola e joga para trás, acertando a minha cabeça.

“Ei”, protesto.

Savannah olha na minha direção. “Desculpa.”

“O que foi?”, pergunto, sentando na cama e finalmente tirando os sapatos para poder me aconchegar melhor.

“Eu estou com um tremendo bloqueio criativo”, ela diz, tirando os fones de ouvido.

Não entendo muito de composição. Não. Perdão. Na verdade, eu não entendo nadinha de composição. Mas Savannah passa boa parte do seu tempo livre com fones de ouvido, ou com um violão no colo, tentando compor. Já a escutei cantando uma música original, que compôs antes de entrar na faculdade, e, sério, foi lindo de ouvir. O que posso fazer? Sou uma romântica incurável.

“Talvez seja uma boa ideia se você tentar espairecer?”, sugiro ao mesmo tempo em que pergunto, porque, de novo, não entendo nada sobre o processo criativo para compor uma música.

Savannah abre um sorriso. “Isso é uma ótima ideia. Vamos arrumar uma festa para ir.”

“Não sei se Eretria te disse, mas temos a festa de aniversário do Nash para ir hoje. Em plena terça-feira. Isso é loucura.”

O sorriso de Savannah se expande ainda mais. “Você disse que Nash vai dar uma festa?”

Faço que sim com a cabeça.

“Ah, meu Deus. Temos que escolher uma roupa matadora”, ela afirma, colocando o violão no chão, pulando da cadeira e indo até o armário.

Parece que o seu bloqueio criativo não será mais um problema.

13.

DEREK

Tem mais pessoas dentro da minha casa do que seria possível. Parece que a Duke inteira está aqui dentro. É quase impossível andar, ou se mexer, ou respirar. O cheiro de álcool e suor enche minhas narinas a cada respiração que eu levo para os meus pulmões. E a temperatura dentro da casa é, com certeza, pelo menos dez graus mais alta do que a temperatura do lado de fora.

Eu sou um devoto das festas universitárias, mas sei que Paige — a proprietária da casa que alugamos — não vai gostar nem um pouco se alguma coisa for danificada. Por isso, eu prefiro muito mais quando a festa não é na porcaria da *minha casa*. Isso aqui poderia facilmente ser a versão 2.0 de Projeto X. Não duvido nada que a polícia seja chamada por um dos vizinhos dentro das próximas horas.

Nash, claro, não sabe ser discreto. O filho da mãe tinha que convidar a merda da faculdade inteira para uma festa no início da semana.

Nossos vizinhos são tolerantes, mas não são surdos. Alguém na China deve estar ouvindo a música tocando aqui dentro. Eu mal consigo ouvir meus próprios pensamentos, e tenho quase certeza que as paredes da casa estão tremendo. Sei que os quadros estão. E, por incrível que pareça, é nisso que estou concentrado enquanto Daphne distribui beijos quentes e molhados no meu pescoço. Ou seria Daisy?

Não lembro.

O que eu sei é que estou no sofá com uma garota gostosa sentada no meu colo, beijando o meu pescoço enquanto eu estou concentrado nos quadros que tremem na parede. Sério, qual é o meu problema?

Daphne-Daisy para de me beijar para olhar para a minha cara. Seus olhos castanhos estão brilhando de tesão quando encontram os meus, mas, por sabe Deus qual motivo, eu estou alheio e os malditos quadros parecem

muito mais interessantes.

“Derek, você nem está me tocando”, ela resmunga, com a voz dengosa.

Forço-me a prestar atenção nela. “Desculpa, gata. Estava pensando no quanto você é gostosa. Fiquei distraído”, minto.

Como eu esperava, Daphne-Daisy abre um sorriso satisfeito e gruda os lábios nos meus. Sua boca é quente, assim como todo o seu corpo, e ela sabe muito bem o que fazer para me deixar maluco. E quando a língua dela encontra a minha, a garota começa a se esfregar em mim. Claro que meu corpo está respondendo aos seus estímulos porque, porra, como não estaria? A garota é gostosa e me quer. Mas minha cabeça está em outro lugar.

Merda. Não consigo me concentrar.

Daphne-Daisy morde meu lábio inferior ao mesmo tempo em que suas mãos hábeis encontram a barra da minha blusa. Ela enfia as mãos por baixo do tecido e corre as unhas pelo meu peito.

Quando ela tenta tirar a minha blusa, eu seguro os seus pulsos, o que a faz parar abruptamente de me beijar.

“O que foi?”, ela questiona, franzindo o cenho.

O que foi?

Porra, estamos no meio da merda da sala de estar, com algumas dúzias de pessoas ao nosso redor, e a garota está realmente considerando transar *aqui*?

“Estamos em público, gata”, lembro a ela.

“Então vamos subir pro seu quarto.” Ela levanta do meu colo, segura a minha mão e, com uma força muito maior do que eu diria que ela é capaz de exercer, ela me puxa do sofá e me arrasta escada acima.

Não resisto. Afinal de contas, por que faria isso?

“Qual é o seu quarto?”, ela me pergunta.

Aponto com a cabeça a porta no final do corredor e Daphne-Daisy me puxa até lá, mas, quando abrimos a porta, sou surpreendido por uma imagem que eu nunca, nunca, nunca, deveria ver desse ângulo.

A bunda de Friends está bem no meio do meu campo de visão enquanto ele come uma garota *na porra minha cama*.

“D, saí fora!”, ele grita quando me vê, e a garota cobre os peitos enormes com um dos meus travesseiros.

“Você tá no meu quarto”, eu acuso. “Por que você tá no meu quarto, porra?”

“O meu está ocupado, o seu estava livre.”

“Nós vamos precisar do quarto agora”, diz Daphne-Daisy.

Ah, meu Deus. Eu realmente preciso saber o nome certo dessa garota.

Friends rosna. “Use o banheiro.”

“Use o banheiro. Essa é a porra do meu quarto”, digo.

A garota de Friends bufa. “Vocês vão discutir isso *agora*?”

“Saí fora, D, porra!”, meu amigo traidor grita de novo.

“Vai ter volta, Friends”, eu ameaço. “Você tá ferrado!”

E fecho a porta do quarto.

Filho da puta. Na minha cama. Porra. Vou ter que trocar todos os lençóis.

“Parece que terá de ser no banheiro”, conclui Daphne-Daisy.

“Foi mal, Daphne”, digo. E o nome me escapa antes que eu possa impedir.

A garota me fuzila com os olhos. Merda. Acho que o nome dela não é Daphne no final das contas. *Talvez Daisy?*

“Meu nome é Dakota”, ela rosna, furiosa.

O quê?

Meu Deus. Nem Daphne e nem Daisy. *Dakota*. Eu errei feio. Mas pelo menos acertei que começava com D.

Porra.

Falhei miseravelmente na missão nome. Nash não ficaria feliz comigo agora.

“Quer saber? Esqueça. Você é um babaca, Derek.” E ela sai pisando duro, necessitando abrir o máximo de distância entre mim e ela.

É, mereci essa.

Exalo, frustrado. É por isso que “gata” é sempre uma forma de tratamento segura.

Desço as escadas para o primeiro andar, necessitando de uma bebida. Estou sóbrio demais para uma festa.

Isso tudo é culpa do Friends. Se ele não estivesse fodendo na minha cama, isso não estaria acontecendo. *Maldito Friends!*

Ryan aparece do meu lado de repente, segurando uma cerveja, que eu roubo da mão dele sem pestanejar. Tudo o que bebi hoje foi uma dose de vodca antes de a festa começar, quando os caras e eu brindamos, em uma comemoração privada e quase familiar.

“Ei”, Ryan protesta, gritando por cima da música, quando eu viro a bebida na minha boca. Minha garganta ficou seca de repente. “Pegue suas

próprias cervejas, cara.”

Ignoro, bebendo a cerveja de uma vez só. Caramba. Minha garganta se transformou no próprio deserto do Saara.

“Sua garota acabou de chegar”, ele continua gritando para que eu possa ouvi-lo.

Olho para ele, confuso. “Minha garota?”

Ryan faz que sim com a cabeça. “Sophie.”

Ah. Sophie.

Não falo com ela desde o dilúvio. Também não pensei nela, mas agora que sei que ela está aqui, não consigo evitar abrir um sorriso. “Tem certeza?”, me certifico, tentando falar mais alto que a música para que ele possa ouvir.

Ryan assente. “Eu vi ela com a Eretria.”

Dou um tapinha no ombro de Ryan, agradecendo pela informação valiosa que ele acaba de me trazer. E, como uma fênix, meu animo para essa noite renasce.

Graças ao meu um metro e oitenta e oito, consigo enxergar por cima da cabeça da maioria das pessoas — com exceção dos meus colegas de time, que estão presentes e são tão altos quanto eu. Corro os olhos pela sala de estar e pela cozinha, mas Sophie claramente não está por aqui. Tento a sala de jantar, onde a mesa de jantar virou mesa de *Beer Pong*, mas Sophie também não está. Volto para a cozinha, com o intuito de pegar uma bebida antes de voltar a minha busca, e, por sorte, encontro Eretria, servindo dois copos de bebida.

Os cupidos estão do meu lado essa noite.

Me aproximo da garota, que não demora muito para notar a minha presença.

Eretria está usando um vestido preto, curto e justo, que marca suas curvas dolosamente atraentes. O cabelo castanho está solto e os olhos verdes estão ressaltados por uma maquiagem preta. Ela é linda que dói. Não é à toa que Kyle está sempre perdendo a cabeça.

Abro um sorriso. “Oi, Tria.”

Decido não flertar com a amiga de Sophie. Eretria não tem medo de flertar de volta, e embora eu não ache ruim ficar com ela, sei que Kyle arrancaria a minha cabeça. E meu foco é Sophie. É dela que eu estou a fim.

“Oi, Derek”, ela sorri. “Se meu irmão perguntar por mim, você não me viu aqui.”

Dou risada. “Claro.” Me aproximo mais um pouco. “Sophie está com

você?”

Eretria endireita as costas, deixando transparecer um nervosismo que não lhe é característico. “O que você quer com ela, hein?”, ela me pergunta, protetora.

“Quero conhecê-la”, digo, decidindo jogar em terreno seguro. Quero muito mais do que só conhecer Sophie. Quero saber o gosto do beijo dela e quero transar com ela. Mas não vou dizer isso a Eretria.

“Vocês homens nunca querem só isso”, ela acusa.

“Qual é, Tria, eu estou interessado nela, mas Sophie decidiu que não quer nem me dar uma chance e...”

“Se ela decidiu isso, então você deveria respeitar, não?”, ela me interrompe. Seus olhos verdes me desafiando.

Suspiro. “Antes que ela diga não, eu quero dar a ela a chance de me conhecer de verdade”, digo. “Me ajuda aqui.”

Eretria coloca o dedo indicador bem no meio do meu peito e olha para mim como se fosse capaz de me matar com os olhos. E ela não se intimida nem um pouco pela nossa diferença de altura monstruosa. “Se você machucá-la, Derek, eu juro que arranco os seus olhos”, ela me ameaça, e eu acredito nela. “E se ela falar não, você vai deixá-la em paz. Está claro?”

“Cristalino.”

A irmã de Kyle me olha por mais alguns segundos, e depois solta um suspiro. “Ela estava no quintal quando eu saí para pegar nossas bebidas.”

Eu abro o meu melhor sorriso com covinhas. “Obrigado, Tria.”

“Eu nunca te disse nada.” E ela me lança um olhar mortal que diz que é para eu manter a boca fechada a respeito da sua participação.

“Certo.”

Deixo Eretria na cozinha e disparo para a porta dos fundos, que leva para o quintal. A porta é de vidro, então nem preciso abri-la para ver que Sophie está sentada nos degraus da pequena escada da varanda. Mas também vejo que ela não está sozinha. Tem um cara sentado ao seu lado. No entanto, Sophie está se esquivando dele, então não acho que seja seu amigo ou coisa parecida.

Entre várias coisas que a minha amizade com Brianna me ensinou, é identificar os sinais de quando uma garota precisa ser resgatada de um cara que não está entendendo que ela não está a fim. Fiz isso com Bree mais vezes do que seria capaz de contar. Os sinais são sempre os mesmos, e são claros como a luz do Sol, só mesmo um babaca não saberia entender.

Quando o cara enfia a mão nos cabelos de Sophie, tentando puxá-la para um beijo, e ela coloca a mão no peito dele para tentar afastá-lo, eu abro a porta em um rompante.

“Oi, linda”, eu digo, em alto e bom tom, e o cara automaticamente se afasta. “Desculpa te deixar esperando. A fila para o banheiro estava enorme.” Eu já usei essa desculpa tantas vezes para salvar Brianna que a tenho tatuada no meu cérebro. “Está tudo bem aqui?”

Sophie está com os olhos azuis arregalados, em pânico. Seu peito sobe e desce tão depressa, deixando transparecer o seu medo, que preciso cerrar os punhos para não socar o desgraçado. Está *estampado* em seu rosto que ela não estava interessada, que não estava gostando, mas mesmo assim o imbecil estava forçando a barra. Nunca vou entender que tipo de prazer doentio esses caras sentem para querer ficar com uma mulher à força.

“Ah. Ela é sua namorada?”, o cara me pergunta, visivelmente engolindo em seco. Não preciso que ele se levante para que eu saiba que sou duas vezes o tamanho dele. Seria idiota se ele tentasse me enfrentar.

“É. Você estava tentando beijar minha garota?”, pergunto, dando um passo na direção dele, que levanta do degrau da escada na mesma hora, dando alguns passos para longe de Sophie.

“Não. Nós... hum... nós estávamos conversando”, ele gagueja. “Eu... ahn... vou indo.” E o covarde desaparece em meio às outras pessoas, fugindo como o diabo foge da cruz.

Cretino filho da puta.

Odeio esse tipo de homem. Esses que bancam o machão para uma mulher, que normalmente não consegue se defender utilizando a força, mas que se acovardam quando precisam enfrentar outro homem. Na minha opinião, esse é um dos piores tipos de homem.

“Você está bem?”, pergunto para Sophie, me aproximando, mas ela se esquiva de mim antes que eu tenha a chance de tocar nela. “Tá legal. Não vou tocar em você.”

Ela está tremendo, e seus olhos ainda estão arregalados. Será que aquele filho da puta fez alguma coisa com ela antes que eu chegasse?

“Ele tentou alguma coisa?”, eu exijo saber, abaixando ao lado dela, mas sem tocá-la. Seus olhos estão presos em lugar nenhum e ela parece estar em choque. Caralho. “Sophie. Olhe para mim, linda!” E ela me olha. O medo nos seus olhos só serve de combustível para a minha raiva. “Ele tentou alguma coisa?”, repito a pergunta, pausadamente.

Ela nega com a cabeça, e meu corpo relaxa. Um pouco. Solto o ar dos pulmões, aliviado, mas Sophie ainda não se moveu, seu corpo ainda está tremendo, a respiração está acelerada e ela ainda não falou coisa alguma.

SOPHIE

Minha garganta fechou completamente.

Sei que estou respirando, mas sinto como se não estivesse. Sinto como se o ar que entra nos meus pulmões não fosse o suficiente. Minha respiração está trepidando e minhas mãos estão tremendo tanto que eu preciso apertá-las uma na outra para tentar conter os tremores.

Meu Deus.

Será que não posso ficar cinco minutos sozinha em uma maldita festa sem que algo ruim aconteça? Será que nunca vou conseguir conversar com um homem sem que ele tente fazer exatamente o que aquele cara acabou de tentar?

Ele estava conversando comigo, perguntou o meu nome, se eu estudava Duke, qual curso eu estava cursando e foi isso. Três perguntas. Ele me fez três perguntas, e depois decidiu tentar me beijar.

Três malditas perguntas. E tudo explodiu bem na minha cara.

“Vem comigo, Sophie”, pede Derek. Sua voz é calma e firme, mas eu não consigo me mexer. E, mais importante, eu não quero, em hipótese alguma, que ele me toque agora. Não consigo lidar com isso. “Eu não vou tocar em você. Eu prometo. Só vou levar você para um lugar mais tranquilo, tá legal?”

Um lugar mais tranquilo.

Ele está de brincadeira comigo? Por um acaso não é isso o que os homens dizem quando querem ficar sozinhos com uma mulher a qualquer custo?

Olho bem nos olhos castanho-esverdeados de Derek, tentando enxergar a alma dele. Como eu sei se posso confiar nesse cara? Com todo o meu histórico, com o que acabou de acontecer... Como eu posso confiar em qualquer homem de novo?

No entanto, os olhos de Derek não me mostram nada além de preocupação e... Raiva? Mas acho que a raiva não é para mim, e sim para o garoto que ele espantou com todo o seu teatro.

É a segunda vez que Derek faz algo legal por mim — se não contarmos

a carona no dia do dilúvio. Primeiro, teve a coisa do salgadinho em pleno temporal, e agora isso. Talvez eu o esteja julgando mal. Talvez ele seja um cara legal. Quer dizer, ele não fez nada que me prove o contrário, além daquele olhar descarado no Tina's quando nos conhecemos, mas não é realmente um pecado contemplar o sexo oposto. Então, talvez ele seja confiável?

Deus. Eu não sei.

“Você...” Minha voz falha, mas eu limpo a garganta para conseguir continuar. “Você pode me levar para casa?”

Ele faz que sim com a cabeça. “Claro.”

Me levanto devagar.

O tempo parece estar em câmera lenta.

Sigo Derek para dentro da casa, e ele vai abrindo espaço entre as pessoas para conseguirmos passar. Eu tento não encostar em ninguém enquanto atravessamos o mar de universitários bêbados. Não. Na verdade, tento que ninguém encoste *em mim*.

Depois que Owen me atacou, eu passei dias sem conseguir lidar com o toque de outra pessoa. Não sei explicar. Mas sentia como se um toque pudesse me partir ao meio. Qualquer toque era ameaçador e me fazia lembrar como ele me tocou, como os seus dedos correram pela minha pele... E agora, me vejo de volta naquele mesmo lugar. Não conseguindo permitir que qualquer pessoa toque em mim, porque Owen e suas mãos são tudo o que eu consigo pensar agora.

Isso é tortura.

E eu sinto a náusea cutucar o fundo da minha garganta.

Quando estamos fora da casa, não consigo mais segurar e vomito na grama. Meu estômago se revira com as lembranças. Não faço nem ideia do que vomitei, pois já faz algumas horas que eu comi.

Derek aparece do meu lado e, hesitante, ele envolve meu corpo com seus braços fortes. “Calma, linda. Tá tudo bem.”

A voz de Derek é suave, e meu corpo estranhamente se sente protegido pelos seus braços. Então, não o afasto. Ao invés disso, faço a coisa mais patética do mundo e o abraço de volta, enterrando meu rosto em seu peito musculoso. Derek é enorme e seu corpo serve como uma fortaleza para mim. Um refúgio seguro onde posso me abrigar e me esconder desse pesadelo que me atormenta.

Sem nenhum aviso prévio, Derek leva a mão para a parte de trás dos

meus joelhos e me pega no colo. “Tá tudo bem, linda. Vou te levar pra casa.”

Ele caminha até a caminhonete e me coloca sentada no banco do carona.

Acho que Derek percebe que eu estou em estado de choque e não consigo me mexer, pois até o cinto de segurança ele colocou em mim. O vejo dar a volta do para-choque da caminhonete e entrar. E assim que Derek liga o motor e começa a dirigir, uma parte do pânico se esvai.

Puxo meu celular do bolso e mando uma mensagem no grupo que tenho com Eretria e Savannah.

Eu: Tô indo p casa. N tô no clima de festa. Mas tá td bem.

Eretria: Vc tá indo sozinha? O q aconteceu, Sophie?

Eu: Nd. Tá tudo bem. Tô só cansada. Vejo vcs em casa.

Savannah: Avisa qnd chegar.

Eu: Blz.

Guardo o celular, encosto minha cabeça no banco e fecho os olhos, sentindo meu corpo relaxando, mesmo com Derek ao meu lado. Talvez meu cérebro esteja começando a assimilar que ele pode não ser um perigo para mim. Não lembro a última vez que me senti realmente à vontade perto de um homem.

O ataque aconteceu há dois anos, então ainda é recente, mas mesmo antes disso, eu era uma garota tímida. Ficava nervosa quando os garotos tentavam puxar conversa comigo e tendia a tagarelar até as coisas pararem de fazer sentido e eles me achessem maluca. Depois do ataque, fiz totalmente o contrário. Eu parei de falar. Passei a conversar somente o estritamente necessário e a usar o sarcasmo como arma de defesa.

Se antes eu mantinha os garotos longe porque parecia maluca e falava demais, agora os mantenho longe porque me acham antipática. Se eles soubessem...

Derek não força uma conversa comigo durante todo o caminho, e eu o agradeço mentalmente por isso. Não sei o quanto ele conseguiu perceber do meu pânico, mas entendeu que eu não queria ser tocada — bom, ele me tocou do mesmo jeito depois, mas não senti medo.

O garoto tentando me beijar trouxe as lembranças da noite do ataque à tona. De repente, era Owen quem estava na minha frente. O mundo escureceu e eu perdi a capacidade de reagir. Não sei o que teria acontecido se Derek não tivesse aparecido.

Aliás, *quem* é esse cara?

E como ele foi do cara idiota do Tina's para o meu super-herói particular?

Não faço a menor ideia, mas acho que gosto disso.

14.

DEREK

Sophie não falou nada durante todo o caminho da minha casa até a Bassett House. E, de novo, ela não olhou para mim. Passou o tempo todo ou de olhos fechados ou olhando a paisagem pela janela. Mas, diferente da primeira vez em que dei carona para ela, dessa vez eu não tentei puxar conversa. Só um idiota não perceberia que a garota está assustada e não quer conversar.

Quando estaciono a caminhonete na frente da Bassett House, Sophie não pula para fora imediatamente como eu achei que faria. Ela fica parada, olhando para a porta de entrada por quase um minuto inteiro antes de *finalmente* olhar para mim. Consigo ver nos seus olhos que ela ainda está assustada, o que me faz questionar se ela não está mentindo para mim e o cara realmente tentou alguma coisa a mais com ela que eu não tenha visto. Mas, considerando que eu nunca sei o que Sophie está pensando, não posso ter certeza de coisa alguma.

“Você está bem?”, eu pergunto, quebrando o silêncio, e mantendo o contato visual que ela continua sustentando.

Sophie engole em seco. “Você poderia ficar comigo um pouco?”, ela pergunta. Noto a dificuldade com a qual ela me faz essa pergunta. Parece que me pedir isso vai contra todos os seus princípios. “Eu não quero ficar sozinha agora. Nós podemos... hum... assistir um filme?”, o embaraço em sua voz chega a ser fofo.

Me contenho para não rir da forma como cada palavra que ela diz parece ser um martírio. E também tento não sorrir demais. Não quero que ela interprete errado. Quer dizer, claro que eu estou feliz que ela me convidou para entrar e passar mais tempo com ela, afinal de contas, é tudo que estou tentando conseguir nos últimos dias, mas não quero que ela interprete o meu

sorriso como se eu estivesse pensando que acabaremos juntos e pelados na cama. Sei que isso não vai acontecer. Não hoje, pelo menos. Não depois do que aconteceu na festa com aquele filho da puta.

“Claro, linda. Eu fico sim.” Uma resposta simples, nada comprometedora, sem nenhum quê de malícia que possa deixá-la insegura em me deixar entrar.

Penso que, decidido isso, Sophie vai sair do carro, mas não, ela continua parada. “Derek, vamos só assistir a um filme. Isso não é um convite com entrelinhas”, ela me avisa.

Sorrio. “Eu sei que não.”

Ela assente, e finalmente abre a porta do carro.

Como da primeira vez, Sophie precisa pular para fora, o que me faz dar uma risadinha, e rende a ela um grunhido de irritação.

Sigo-a até a porta de entrada da Bassett House, ela coloca o código para abrir a porta e nós entramos. Sophie me leva para uma ampla sala de estar comunitária, com um sofá bem grande que forma um “L” e duas poltronas de frente para uma TV de tela plana. O lugar é confortável, mas tem cheiro de produto de limpeza. Não é um cheiro daqueles agradáveis, gostosos, mas não chega a ser insuportável.

Agora entendi porque Kyle sempre insiste em comprar produtos de limpeza com cheiros agradáveis. Talvez eu devesse agradecer a ele por isso depois.

“O pessoal deixa alguns DVDs aqui, mas não acho que vamos ter muitas opções”, avisa Sophie, abrindo uma gaveta do rack que sustenta a televisão. “Ahn... temos o box da primeira temporada de *The 100*, o box da terceira temporada de *Orange Is The New Black* e alguns filmes de comédia e terror.”

Eu abro a boca para dizer a ela para assistirmos um filme de terror, pois gosto da ideia de Sophie se aconchegando em mim quando ficar assustada, mas ela trata de tirar meu cavalinho da chuva.

“Não vou assistir filme de terror”, ela diz.

Bufo. “Aí fica difícil, gata.”

“Pretendo dormir à noite. Nada de filme de terror”, ela diz, resoluta. “O que você acha de *The 100*?”

Tento lembrar se já li ou vi alguma coisa sobre essa série. “É aquela dos jovens criminosos que são mandados para a Terra depois que a espécie humana foi morar no espaço por causa do apocalipse?”

Sophie ri da minha explicação, mas confirma com a cabeça. “Tem

ação”, ela me encoraja.

“Você já assistiu?”

“Não, mas vi o trailer da primeira temporada no YouTube porque estava pensando em começar a assistir.”

Solto um suspiro. “Tá. Mas se for uma merda, eu vou escolher outra coisa.”

“Justo”, ela concorda.

Sophie coloca o primeiro disco e senta-se no sofá, mantendo distância de mim para deixar claro os nossos termos. Mas tudo bem, eu os aceito. E, ainda mais depois do que aconteceu com o cara, acho que nem teria coragem de tentar alguma coisa. Percebi o quanto ela ficou assustada. No entanto, por algum motivo, ela abaixou a guarda o suficiente para me convidar para ficar mais tempo com ela, o que eu realmente não esperava.

Assistimos ao primeiro episódio de série em silêncio, e preciso admitir que fiquei intrigado para saber o que aconteceria a seguir. Também me peguei me perguntando o que eu faria se voltasse para a Terra depois de noventa e sete anos vivendo no espaço.

“Qual é a primeira coisa que você faria quando chegasse à Terra depois de tanto tempo no espaço?”, Sophie me pergunta, como se estivesse lendo a minha mente.

“Não faço nem ideia. Acho que procuraria uma garota para transar.”

Sophie gargalha. “Você é muito previsível.”

“Qual é, gata, eles eram prisioneiros no espaço. Imagina que merda”, defendo a minha perspectiva.

Ela continua rindo e balança a cabeça de um lado para o outro, deixando claro que não concorda em nada comigo.

“O que você faria?”, devolvo a pergunta.

“Fácil. Eu iria explorar o lugar para saber do que dispúnhamos. Procuraria por água, principalmente.”

“Você é muito previsível”, devolvo. “Está na cara que você seria a Clarke.”

“E você, o Bellamy.”

Dou risada. “Provavelmente.”

“Quer assistir mais um?”, ela pergunta.

“Claro.”

Assistimos até o sétimo episódio sem pausa, e fizemos alguns comentários rápidos vez ou outra. Mas, fora isso, nós ficamos em silêncio

total. A única garota com quem consigo ter esse tipo de programa é Brianna. Fora ela, eu nunca fiquei sentado tanto tempo ao lado de uma mulher sem tentar beijá-la.

“Algo me diz que eu ainda vou gostar do Bellamy”, diz Sophie, depois que terminamos o sétimo episódio.

Dou risada. “É, parece que ele não é tão babaca quanto parecia”, digo, aproveitando a deixa para fazer uma analogia comigo mesmo, já que a primeira coisa que Sophie pensou a meu respeito foi que eu era um babaca.

“É, parece que não.” Ela sorri.

Progresso, senhoras e senhores. Progresso.

“Você teria coragem de matar alguém?”, pergunto. “Tipo, se fosse como na cena do Atom.”

“Ele estava sofrendo. E você viu quando a Clarke olhou para o Bellamy e balançou a cabeça fazendo que não? Tipo, ela sabia que o Atom não sobreviveria. Por que deixá-lo agonizando?”, Sophie argumenta. “Acho que nesse caso, e só nesse caso, sim, eu teria coragem de matar. Foi para o bem dele.”

Concordo. “Acho que quando a sua sobrevivência está em jogo, você faz coisas que nunca acreditava ser capaz.”

“Você está roubando as frases do Bellamy agora?” Sophie dá risada.

“Mas ele está certo. As pessoas se tornam pessoas diferentes quando precisam sobreviver.”

Sophie pensa por um instante. “Não sei se conseguiria torturar uma pessoa.”

“Mesmo se um amigo seu estivesse morrendo? O terráqueo tinha o antídoto e não queria falar qual era. Você teria deixado seu amigo morrer envenenado?”

“O Bellamy deveria ouvir a Octavia. Está na cara que o terráqueo gosta dela, mas o Bellamy é teimoso feito uma mula.”

Nego com a cabeça, defendendo o meu personagem favorito. “Ele faz o que ninguém mais tem coragem de fazer. Concordo que ele nem sempre acerta, mas um bom líder faz o que deve ser feito pelo bem dos seus.”

“Ok, Bellamy”, ela brinca. “Você venceu. Quer assistir mais um?”

Puxo o meu celular do bolso e dou uma olhada na hora. “São quase quatro da manhã. Você tem aula cedo?”

“Tenho, mas mesmo que eu deite na cama agora, não vou conseguir dormir. Mas, se você precisar ir embora, tudo bem.”

“E deixar você assistindo sem mim? Nem pensar, Clarke. Pode colocar mais um episódio.”

Sophie dá risada, apertando *play* para o episódio seguinte.

* * *

Acordo devagar.

Abro os olhos, piscando lentamente, e tentando me acostumar com a mudança de luminosidade. A primeira coisa que o meu cérebro registra, ainda naquele estágio onde você está começando a entender quem é você e onde você está, é que não estou no meu quarto.

Onde é que eu tô?, é a segunda coisa que me vem na cabeça. Mas, um instante depois, eu noto uma cabecinha loira encostada na outra ponta do sofá.

Então me lembro.

Sophie e eu estávamos assistindo *The 100*. Acho que acabei pegando no sono no meio do episódio oito, pois eu não lembro o que acontece nele.

Não faço ideia de quem dormiu primeiro, mas tenho a impressão de que fui eu, pois com certeza me lembraria de tê-la visto dormindo. Porra. Sophie é tão linda quando está dormindo. Fofa até. E fofura não é lá uma característica que ela deixa transparecer com frequência. A não ser quando está rindo. Sua risada parece a risada de uma criança, e é gostosa de ouvir.

Que merda.

Não tem nada nessa garota que não seja gostoso. Ela inteira é gostosa. Incluindo a voz, a risada e o sarcasmo incurável.

Fico tentado a ficar observando-a dormir, mas quando puxo o celular do meu bolso e vejo que horas são, sei que preciso acordá-la. Merda. Sophie provavelmente já perdeu a primeira aula.

Saio do sofá devagar para não assustá-la, e depois agacho na sua frente. Santo Deus. Ela é ainda mais linda de perto. Tiro um minuto para olhar para o seu rosto bonito enquanto ela está dormindo, porque isso me permite olhá-la sem deixá-la constrangida. Seus lábios rosados e em formato de coração quase me fazem cometer uma loucura e beijá-la, mas sei que perderia qualquer chance com ela se fizesse isso.

Mas, puta merda... Tão linda.

“Sophie”, chamo, balançando suavemente o seu ombro. “Acorda, linda.” Ela resmunga alguma coisa ininteligível que me faz sorrir. “Perdemos a hora”, eu a informo.

Sophie ronrona antes de começar a se mexer, quase acordando. O som invade os meus ouvidos, me causando arrepios. Ótimo. Agora eu estou excitado com um ronronar. Como isso é possível?

Lentamente, Sophie se espreguiça, boceja e finalmente abre os olhos azuis. Ela franze o cenho quando me vê, como se estivesse se perguntando o que eu estou fazendo aqui, mas a confusão dura só alguns segundos, pois ela relaxa o rosto logo em seguida.

“Bom dia”, ela diz, a voz rouca de sono. “Ah meu Deus!” Ela senta no sofá em um sobressalto. “Que horas são?”

“Quase onze.”

“Onze?”, ela ecoa, arregalando os olhos. “Ah, merda. Perdi a hora.” E então ela joga o corpo para trás, deitando no sofá de novo. “Parece que vou perder as aulas de hoje, mas, nossa, eu precisava muito disso.”

Franzo o cenho. “O que? Perder a hora?”

Ela nega com a cabeça. “Dormir bem”, esclarece. “Eu tenho insônia, então dormir bem é algo raro para mim.”

“Que merda.”

“Pois é”, ela suspira. “Bom, eu preciso estar no Tina’s daqui a pouco. Você pode me dar uma carona? Posso fazer um café da manhã para compensar os seus serviços como meu motorista nas últimas horas.”

Rio. “Você está tentando me conquistar pelo estômago, gata?”

Ela faz uma careta. “Não estou tentando te conquistar, idiota. Só estou retribuindo um favor.”

“Seus termos são severos, mas eu os aceito.”

“Ótimo.” Sophie pula do sofá. “Vamos até a cozinha. Vou ver do que dispomos.”

Sigo Sophie até a cozinha comunitária da Bassett House e a observo quando ela começa a abrir os armários e a geladeira, procurando o que quer que tenha em mente para o café da manhã. Por ser baixinha, Sophie precisa se esticar inteira para alcançar os armários de cima, o que faz sua blusa subir e me dar uma visão deliciosa dos furinhos nas suas costas, bem acima da bunda. Porra. Que gostosa.

Aproveito que ela está de costas para dar uma reorganizada nas coisas lá embaixo. A última coisa que eu quero é que Sophie veja que eu estou excitado. Já entendi que tenho que ir devagar com essa menina.

Limpo a garganta. “Quer ajuda?”, pergunto ao vê-la se esticar toda mais uma vez.

“Não, obrigada. Sei me virar sozinha.”

Não insisto.

Minha mãe e Brianna são as únicas mulheres que já cozinham para mim. No entanto, estou descobrindo rapidamente que Sophie não se parece em nada com as outras garotas com quem rapidamente fiquei acostumado quando cheguei à faculdade.

E eu gosto disso.

Gosto que Sophie não seja como as centenas de garotas com quem já estive. Sim, centenas. Como eu disse, meu primeiro ano na faculdade foi uma verdadeira orgia, e eu não me lembro nem da metade das garotas com quem transei naquele ano. Será que isso faz de mim um canalha?

“Você come panquecas?”, Sophie pergunta, colocando uma frigideira em cima do fogão.

“Sim.” Me aproximo. “Tem certeza de que não quer ajuda? Você não precisa cozinhar pra mim, gata.”

Sophie vira o corpo na minha direção, ficando totalmente de frente para mim. “Não é retribuição de favor se você me ajudar. E eu nem vou começar a falar sobre isso de ‘gata’.”

Sorrio. “É involuntário”, me defendo. “Mas não estou dando em cima de você.”

Bom... Mais ou menos.

Sophie olha bem para a minha cara, como quem diz que sabe muito bem que eu não estou sendo totalmente sincero quanto a isso. No entanto, ela não parece mais estar tão na defensiva quanto antes. Mas ainda é claro para mim que eu estou muito longe de ganhar inteiramente a confiança dessa menina.

15.

SOPHIE

Eu dormi ao lado de Derek Mackenzie.

Meu Deus. Não acredito que abaixei a guarda desse jeito. Não acredito que chamei o cara para entrar porque estava com medo de ficar sozinha. Só que, droga, eu realmente estava com medo de ficar sozinha. Por causa daquele idiota da festa, as lembranças de Owen invadiram a minha cabeça tão depressa quanto a velocidade da luz, e eu sei que entraria em pânico se não conseguisse me distrair.

Então Derek serviu para me distrair. E, por incrível que pareça, foi legal. Derek sentou ao meu lado, assistiu os episódios do seriado e não deu em cima de mim nenhuma vez. Foi surpreendentemente agradável ficar com ele.

O único garoto com quem assisti filmes antes foi Scott, o meu vizinho quando eu morava no Brooklin. No entanto, acho que não conta, pois Scott tinha cinco anos na época. Eu era sua babá três vezes por semana. Nós nos divertíamos, e ele era um garotinho muito fofo. Isso foi antes do ataque, então eu era uma pessoa completamente diferente do que sou agora. Acho que posso dizer que eu era divertida, despreocupada e topava qualquer aventura desde que fosse minimamente seguro.

Sinto falta da garota que eu costumava ser.

“Suas panquecas são incríveis, Sophie”, Derek diz antes de enfiar mais um pedaço na boca. “Brianna não vai ficar feliz de saber que você está roubando o posto dela de melhor cozinheira.”

Brianna?

Não sei se Derek está tentando me testar ao mencionar o nome de outra garota para mim. Será que ele está tentando me deixar com ciúme? Mas por que diabos faria uma coisa dessas? Quer dizer, nós mal somos amigos.

“Brianna é minha melhor amiga”, esclarece Derek. Não sei se ele

conseguiu ler meus pensamentos estampados na minha cara. Eu realmente espero que eu não seja tão óbvia assim. “Nos conhecemos desde criança. Além da minha mãe, ela é a única garota que já cozinhou pra mim.”

“Você tem uma *menina* como melhor amiga?”, pergunto.

“Você acha que não posso ser só amigo de uma garota?”

Dou de ombros. “A garota da Kappa também era sua amiga e você estava...”

“... enfiando a língua na garganta dela.” Ele dá risada. “Já sei disso. Mas Brianna é realmente só minha amiga. Sem língua envolvida.”

“Não imaginaria isso.”

“Por que não?”, ele indaga.

“Não sei. Mal te conheço. Só não diria que você tem amigas que não te beijam.”

Derek dá risada. “Você me julga muito mal, gata. Não sou esse babaca que você imagina.”

Droga. Talvez ele realmente não seja, mas de jeito nenhum vou admitir isso.

“Como eu disse, eu mal te conheço.”

“É. Mas não demorou muito para me chamar de babaca quando apareceu na minha casa com Eretria”, ele me lembra.

“Mas você foi um babaca aquele dia”, retruco. “Não pode me culpar por acreditar nisso já que a sua atitude não causou exatamente a melhor das primeiras impressões.”

Derek fica um minuto em silêncio.

“Justo”, responde ele, por fim.

Abro um sorriso vitorioso.

“Eu preciso tomar um banho e me trocar. Você... hum... consegue me esperar ou precisa ir embora?”, pergunto, levantando da mesa.

“Consigo esperar. Só tenho aula a tarde hoje.”

“Certo. Não vou demorar”, prometo.

A regra na Bassett House a respeito das áreas comunitárias é bem clara. Quem sujou, lava; quem bagunçou, arruma. Portanto, eu lavo a louça depressa antes de ir para o meu quarto pegar uma roupa limpa e uma toalha para tomar um banho rápido e necessário.

Quando entro no meu quarto, nenhuma das meninas está lá. Imagino que Eretria esteja na aula, que eu irresponsavelmente perdi, e Savannah deve estar trabalhando na composição da sua música nova em algum lugar. Ela disse

uma vez que prefere compor ao ar livre, pois sua inspiração flui melhor do que dentro de quatro paredes. Então, acho que é isso que ela está fazendo, já que sei que ela só tem aula a tarde hoje.

Puxo meu celular do bolso da calça para dar uma olhada nas mensagens. Como esperava, tenho mensagens não lidas de Eretria.

Ela: Soph, vi q vc tava dormindo no sofá com DEREK MACKENZIE. O q??? Como isso aconteceu?

Ela: Dps quero saber todos os detalhes sórdidos. N te acordei pq sei q vc precisava dormir. Tô anotando td na aula. Dps te passo.

Eu: Obg. E n tem nenhum detalhe sórdido. E valeu por n me acordar. Eu realmente precisava dormir. Vou p o Tina's. Te vejo mais tarde. Bjs.

Deixo o celular carregando um pouco e vou correndo para o banho. Se quiser manter o meu emprego, não posso nem sonhar em chegar atrasada de novo.

Não consigo aproveitar o banho como gostaria, o que é bem triste porque eu considero a hora do banho meu momento preferido para relaxar e deixar a minha mente divagar. Penso em tudo e em nada ao mesmo tempo. Acho que meus melhores momentos de reflexão sobre a vida são quando eu estou embaixo do chuveiro. Algumas pessoas cantam como se fossem superestrelas, outras pessoas aproveitam o barulho da água caindo para chorar e o som encobrir o choro — eu já fiz muito isso — e outras pessoas refletem sobre a vida, ou só ficam pensando na morte da bezerra. Seja o que for, acho que a hora do banho é um momento sagrado, portanto fico triste por não poder aproveitar agora.

Rapidamente, volto para o quarto, coloco meu uniforme do Tina's, prendo meu cabelo em um rabo de cavalo alto, passo uma maquiagem simples, só para dar uma cor ao meu rosto, tiro meu celular do carregador — mas enfio o cabo na bolsa, pois sei que logo ficarei sem bateria — e em trinta minutos estou de volta à sala de estar comunitária da Bassett House, onde Derek está me esperando.

Ele está mexendo no celular, mas levanta os olhos do aparelho e sorri para mim quando me vê parada na porta.

E que sorriso.

As covinhas em suas bochechas trazem um ar de menino para o seu rosto de homem e não há como negar que ele é bonito. Não. Perdão. Bonito é

pouco. O cara é tão lindo que chega a ser irritante. Deveria ser proibido uma pessoa ser tão bonita assim, pois a autoestima alheia é massacrada. Como os outros homens podem ter qualquer chance com uma garota quando Derek Mackenzie está por perto?

E eu estou viajando demais agora. Meu Deus. Não posso ficar pensando nesse cara. Não posso nem ousar me sentir atraída por ele, porque, francamente, o que poderia acontecer entre nós? Como posso pensar em me envolver com um cara como Derek Mackenzie, que está acostumado a levar garotas para a cama com a facilidade com que respira, se eu mal consigo ficar perto de um homem sem sentir um embrulho no estômago?

Graças a Owen, todos os homens que chegam perto de mim, eu comparo a ele. Eu o vejo em todos os homens. Merda. O filho da puta está enraizado na minha cabeça.

“Podemos ir?”, pergunto, engolindo o nó na garganta.

Derek levanta do sofá e caminha na minha direção. Quando para na minha frente, volto a ter aquela sensação de nunca me sentir tão pequena quanto quando ele está perto de mim assim. No entanto, o que me chama atenção é o fato do meu corpo não estremecer com a sua aproximação — o que *sempre* acontece quando um homem se aproxima de mim.

Olho para cima para conseguir olhá-lo nos olhos. Derek abre um sorriso com aquelas covinhas e o meu corpo treme, mas não é medo. É... Desejo?

Ah, não.

Eu *não* posso começar a gostar desse cara.

“Você fica bonita nesse uniforme”, ele diz, sua voz sai um pouco mais rouca do que o normal. “Vermelho combina com você.”

Minhas bochechas começam a queimar e eu sei que estou corando. *Preciso* desviar os olhos, porque as minhas bochechas são capazes de explodir com a forma como ele olha para mim agora, mas não consigo parar de olhar para ele. Seus olhos castanho-esverdeados parecem ter se tornado ímãs e eu estou perigosamente atraída. Perigosamente hipnotizada por eles.

“Gosto dos seus olhos. São lindos.” Derek umedece os lábios e o meio das minhas pernas queima.

Ai, minha nossa. Ele está muito perto de mim agora. Eu consigo sentir a sua respiração no meu rosto e o calor escaldante que o seu corpo emana. E eu quero beijá-lo. O desejo latente pulsando dentro de mim, me pegando totalmente de surpresa.

“Eu...” E minha voz desaparece.

Sinto quando a mão enorme de Derek pousa na minha cintura e ele gentilmente puxa meu corpo para mais perto do dele. Não resisto, deixo que ele grude nossos corpos. Perdi totalmente a força, minha resistência está no chão e meu corpo está em chamas. Nunca senti nada parecido com isso antes.

Quando desvio os olhos, Derek levanta o meu queixo e me obriga a olhar de volta para os seus olhos. E é quando vejo. Está bem ali entre os tons de verde. O desejo, a luxúria. No entanto, diferente dos olhos lascivos de Owen, os de Derek me olham com carinho, e o desejo presente neles é saudável, respeitoso e quase desesperado.

Ainda com a mão no meu queixo, Derek abre os lábios e exala, os olhos nublados de desejo. “Eu vou beijar você, Soph. Então, se você não quiser, é melhor se afastar de mim.”

Meu Deus. Eu mal consigo ficar em pé, como ele espera que eu consiga me afastar? No entanto, eu me afasto mesmo assim. Eu mísero passo para trás, porque, embora eu não esteja com medo de Derek e queria, sim, beijá-lo, tenho medo que, se fizer isso, não vou conseguir parar. E, considerando como meu coração bate depressa agora, tenho pavor de pensar que posso me apaixonar por ele.

E se isso acontecer, se eu me apaixonar por ele, o que isso significaria para mim? Sofrimento iminente, imagino.

Derek tem uma vastidão de meninas prontas para dar a ele o que ele pedir, meninas não complicadas, não traumatizadas. Por que ele perderia seu tempo comigo? Por que ele se daria ao trabalho?

Solto o ar que nem me dei conta de que estava segurando. “Podemos ir?”, repito a pergunta.

Uma mecha do meu cabelo se solta do rabo de cavalo, caindo no meu rosto, e Derek rapidamente a afasta, prendendo-a atrás da minha orelha antes de fazer um carinho delicado na minha bochecha com o seu polegar.

Meu coração bate lépido e um arrepio percorre o meu corpo, me fazendo estremecer.

Quando Derek fala, sua voz está pesada e rouca. “Vamos.”

Perco a capacidade de falar. Meu cérebro não consegue formar qualquer frase com o mínimo sentido. Ou seja, fiquei burra de um minuto para o outro. Meu Deus. Esse cara está fundindo o meu cérebro.

Vou em silêncio da Bassett House até o Tina’s, mas sinto os olhos de Derek em cima de mim. Eu não olho para ele, no entanto. Tenho medo do que os meus olhos podem revelar se encará-lo.

Assim que Derek estaciona a caminhonete na frente do Tina's, seguro o impulso de abrir a porta e fugir, porque sei que preciso agradecer. Ele foi muito legal comigo nas últimas horas e, embora eu queira manter distância de Derek antes que esse fogo dentro de mim vire algo mais, meus pais me ensinaram boas maneiras.

Limpo a garganta. "Ahn... Obrigada. Pela carona e pelo que você fez ontem."

Parece ridículo ignorar o que aconteceu entre nós poucos minutos atrás, na Bassett House, mas eu não faço ideia do que dizer a respeito daquilo. Merda. Não sei nem o que pensar a respeito daquilo. O que eu sei é que meu corpo está me traindo. Eu ainda sinto o calor do toque dele em mim e ainda quero beijá-lo, quero descobrir se ele é tão bom beijando como imagino que seja. Como sua reputação garante que é.

Ele sorri. "Você não precisa me agradecer, linda."

"Você é meio que legal, sabia?"

"Meio?" Ele ri. "Ah, obrigado, princesa."

Uma risadinha me escapa. "Bom, ahn... Eu preciso ir", digo, tirando o cinto de segurança.

"Te vejo por aí, gata", ele diz. Sua frase clássica quando está se despedindo de mim.

"É. Te vejo por aí", sorrio, e pulo da caminhonete, ainda sentindo meu corpo pegando fogo.

16.

DEREK

Depois de deixar Sophie no Tina's, passo em casa rapidinho para trocar de roupa e volto para o campus para encontrar os caras na academia. Como não temos treino hoje, o time passa a manhã malhando para compensar.

Eu odiava malhar. Minha preguiça não me permitia acordar cedo para fazer exercícios físicos. Foi Brianna quem conseguiu me colocar na linha. Ela aparecia na minha casa às seis horas da manhã e literalmente me arrastava para fora da minha cama.

Brianna sempre teve uma tendência a engordar, e quando se deu conta disso, ela matriculou a nós dois na academia que ficava perto da nossa casa e me obrigou a acompanhá-la três vezes por semana.

Foi naquela época que eu percebi que os meus companheiros de time, do basquete da escola, estavam começando a ter músculos e eu estava ficando para trás. Então, aproveitei o incentivo de Brianna para criar vergonha na cara e ir malhar. Se eu quisesse me tornar um bom jogador de basquete, precisava ter porte físico para encarar o jogo de corpo dos adversários.

O primeiro jogo da temporada vai acontecer depois de amanhã, e eu já estou sentindo a adrenalina tomar conta do meu corpo. Estou louco para voltar para a quadra pra valer e liderar o time até a vitória do campeonato.

“D., por onde você esteve?”, Kyle me pergunta assim que me vê passando pela porta. “Brianna estava perguntando por você hoje de manhã.”

Dou de ombros. “Estava com uma garota.”

Não me esforço para dar mais detalhes aos meus amigos. Deixo que eles pensem que tive uma noite incrível de sexo com uma garota. É mais fácil assim.

“Você também?”, pergunta Chad. “Porra, Babyface estava com uma garota, Nash estava com uma garota, Kyle estava com uma garota e agora

você. Estou ficando enferrujado.”

Os caras dão risada.

“Esse é o meu garoto”, comemora Nash, que está levantando a barra no supino. Babyface está em pé atrás, acompanhando-o para garantir a segurança de Nash caso ele precise de ajuda.

Faço um alongamento rápido e troco de lugar com Nash no supino. Babyface vai fazer algumas flexões e deixa Nash para me acompanhar. Meu amigo fica parado atrás de mim, coloca a barra em minhas mãos e eu faço as sequências, trazendo a barra para perto do meu peito antes de levantá-la no alto.

“Espero que a garota tenha valido a pena, cara. Você perdeu toda a festa”, diz Nash, prestando atenção nas minhas séries.

Mesmo que nada tenha acontecido com Sophie, acho que demos um passo em direção ao progresso. E também teve o nosso breve momento hoje de manhã. Ela deixou que eu me aproximasse, e eu fui até um pouco ousado, tocando nela e sugerindo um beijo. Porra. Eu estava maluco para beijá-la, mas não faria isso sem a sua permissão.

Confesso que fiquei decepcionado quando ela se afastou, mas, mesmo que tenha recusado um beijo meu, linguagem corporal é uma coisa que nunca mente. Sophie queria me beijar tanto quando eu queria beijá-la. Eu sei que sim, mas não entendo o porquê de ela não der cedido a essa vontade.

Estava esperando que ela fosse me afastar, gritar comigo ou me xingar, mas não, ela aceitou o meu carinho. Sua respiração estava pesada quando eu a puxei para perto de mim e seus lindos olhos azuis estavam brilhando de excitação. Ela é tão linda e enigmática que não consigo tirá-la da minha cabeça.

“Valeu a pena, sim”, eu afirmo.

Nash abre um sorriso descarado. “A minha noite também valeu a pena”, ele me conta, e depois começa a olhar para todos os lados como se quisesse se certificar de que ninguém está nos ouvindo. “Vamos apenas dizer que Kyle não vai ficar feliz quando souber quem acordou na minha cama hoje de manhã.”

Arregalo os olhos. “Você dormiu com a Eretria?”

“Shhh... Fala baixo, porra”, ele me censura, olhando para Kyle para ter certeza de que nosso amigo não me ouviu. “Sim. E, cara, melhor presente de aniversário da minha vida.”

Nash tira a barra das minhas mãos e coloca no suporte. Saio do supino

para que ele assuma o meu lugar, já que vamos alternar as séries.

“Kyle vai acabar com a sua raça, cara”, digo, e pego a barra do suporte para entregar nas mãos de Nash.

“Ele não vai descobrir. Foi coisa de uma noite só”, ele garante antes de dar início na série.

Eu espero que Nash esteja certo. A temporada da NCAA começa na sexta, o que significa que não podemos ter dois jogadores brigando. E isso com certeza vai acontecer se Kyle descobrir que Nash transou com Eretria depois de ele deixar muito claro que era para ficarmos longe da sua irmã caçula. Todo o nosso foco precisa estar no campeonato, se quisermos realmente vencer.

Sem contar que nós moramos juntos, o que torna tudo ainda pior.

O problema é que Nash não pensa em nenhuma dessas coisas. Ele simplesmente prefere acreditar que Kyle nunca vai descobrir, então ele está seguro. Mas, porra, a vida tem a tendência de fazer as mentiras explodirem na sua cara mais cedo ou mais tarde.

E é isso o que me preocupa.

Vai ser um inferno se tivermos que lidar com a merda toda em casa, e se o time tiver que lidar com os dois se estranhando em quadra.

Como jogadores titulares, temos que manter a cabeça no lugar. Já vi muita briga acontecendo no vestiário e na quadra por conta de mulher.

Ano passado foi prova disso.

Nash, como sempre, transou com a ex-namorada de um jogador do nosso time, Jacob Foster. O problema foi que o cara voltou com a namorada depois, e ela se sentiu culpada por ter dormido com outro cara e contou para ele. Perdemos o jogo porque Foster estava puto de raiva e toda a sua concentração foi para o espaço, e quando chegamos no vestiário, ele deu um soco em Nash sem nenhum aviso prévio. Simplesmente meteu um soco na cara do meu amigo.

O treinador Burke ficou possuído de raiva, e nós levamos um esporro tão grande que eu me lembro até hoje.

Jacob se formou logo em seguida, então o problema foi embora junto com ele. Mas Nash acaba de arrumar mais um.

Ninfomaníaco filho da mãe.

Depois de quarenta minutos malhando, vamos para o chuveiro. Agora, não sinto dores no corpo, mas sei que vou sentir amanhã, pois peguei mais peso do que o normal hoje. Estava com energia extra para gastar e, diferente

dos meus amigos, não estou de ressaca, já que saí da festa muito antes de ela terminar. Mal tive chance de realmente beber, mas não me arrependo. E também não me arrependo de não ter ido para a cama com a Dakota-não-Daphne-ou-Daisy. Eu posso conseguir uma garota como ela quando eu quiser — e não estou tentando ser um babaca, é só a verdade —, mas uma noite como a que eu tive com Sophie, é uma chance em um milhão.

Trinta minutos depois, estou caminhando para o prédio da Faculdade de Negócios quando encontro Eretria saindo do prédio da Faculdade de Direito. A garota tem sido como um cupido para mim e Sophie, então acho que pode me ajudar em mais uma coisa.

“Eretria”, grito, e quando ela olha para trás, na minha direção, dou uma corridinha para conseguir alcançá-la. “Oi.”

“Ai, Santo Deus. Quando você vem falar comigo, eu já sei que a Sophie está envolvida.”

Sorrio. “Você é esperta. Gosto disso.”

“O que você quer, Derek?”, ela pergunta, me encarando. Eretria assume uma postura protetora toda vez que se trata de Sophie, o que eu não entendo. Parece que ela se sente na obrigação de proteger a amiga de mim. Eu sei a reputação que eu tenho, mas não é como se eu fosse magoá-la de propósito. As garotas normalmente se relacionam comigo já sabendo como as coisas funcionam, então não tenho culpa se depois elas se fingem de desentendidas e saem por aí espalhando meias verdades sobre mim.

Não sou contra relacionamentos, mas não encontrei nenhuma garota com quem conseguisse me conectar de verdade para dar o posto de namorada. Então, minha cama está testemunhando um rodízio frenético de mulheres há alguns anos.

“Quero o número de telefone dela”, eu respondo com um sorriso. “Sophie e eu passamos a madrugada assistindo a um seriado e eu queria marcar com ela para continuarmos assistindo.”

Eretria cruza os braços. “Por que ela?”

“Como assim?”, pergunto, franzindo o cenho.

“De todas as garotas nessa faculdade que você poderia levar para a cama só com esse seu sorriso, por que a Sophie?”

“Justamente porque ela não se abala com o meu sorriso, porque ela não se joga nos meus pés e isso me deixa louco”, respondo com sinceridade.

“Então isso é só um jogo pra você?”, ela continua o interrogatório.

“Eu não sei o que é. Como eu deveria saber? Eu nem a beijei ainda.”

Eretria me encara por quase um minuto inteiro, e depois fica em silêncio por mais alguns segundos antes de suspirar. “Me dá o seu celular.”

Nem questiono, apenas tiro o celular do bolso da calça, desbloqueio e entrego para ela. Eretria move os dedos rapidamente pela tela e depois me entrega o aparelho de volta.

“Eu não tenho nada a ver com isso”, ela diz, novamente pedindo que eu mantenha a minha boca fechada a respeito da origem da informação.

Abro um sorriso quando vejo o nome e o número de Sophie na tela do meu celular. “Obrigado, Tria.”

Com uma seriedade que não combina com seu rosto bonito, ela me encara bem nos olhos. “Espero não me arrepender disso, Derek.”

Eu também espero que ela não se arrependa, porque quando ela disse que arrancaria os meus olhos se eu magoasse Sophie, eu acreditei nela.

“Não faço promessas, gata, mas o plano é fazer você não se arrepender.” Não tem como ser mais sincero do que isso agora.

Eretria ri. “Gosto da sua sinceridade.”

Dou uma piscadela. “Preciso ir. Você é definitivamente um dos cupidos enviados pelo céu.”

Ela ri de novo. “Espero que a minha flecha seja melhor do que a do meu cupido. Minha vida amorosa é uma merda.”

Não sei se devo mencionar que Nash me contou que eles dormiram juntos, então decido ficar de boca fechada porque tenho amor a minha vida. Não há como saber como Eretria vai reagir ao saber que Nash andou falando sobre o que aconteceu entre eles por aí. Embora eu não ache que ele tenha comentado com ninguém além de mim, porque não faz o feitiço dele espalhar suas conquistas, Eretria não sabe disso. No mínimo ela vai achar que Nash contou para o time inteiro que eles dormiram juntos e que Kyle deve estar prestes a matá-la por isso.

“Boa sorte com isso”, é o que eu consigo responder.

“Obrigada. Te vejo por aí.” E ela vai embora, rebolando pelo campus, e quase quebrando pescoços alheios enquanto faz isso, pois Eretria é linda nesse nível.

Kyle está ferrado.

Nash está mais do que ferrado.

E eu devo estar ferrado por tabela com esses dois.

Merda.

Percorro depressa o resto do caminho até o prédio, e antes de entrar no

auditório para a primeira aula do dia, mando uma mensagem para Sophie.

Eu: Oi, gata. Aq é o Derek. Qnd vms continuar assistindo The 100?

A resposta vem alguns segundos depois.

Ela: Como vc conseguiu meu número?

Eu: Tenho minhas fontes.

Ela: E as suas fontes deduziram q eu queria q vc tivesse o meu número?

Entro no auditório sorrindo igual um idiota. Não estava mentindo para Eretria quando disse que Sophie me deixa louco. Correr atrás dela é divertido e empolgante. Faz muito tempo que não me sinto assim em relação a uma garota.

Eu: Exatamente. Qual é, gata, pensei q estávamos progredindo no território da amizade.

Ela: N sou sua gata. Já conversamos sobre isso. E ainda n somos amigos.

Eu: O q somos então?

Ela: Vc é o cara chato q n me deixa em paz.

Eu: hahahaha e quem vc é nessa equação?

Ela: Uma garota tentando trabalhar, Derek. N posso ficar de papo. Algumas pessoas têm responsabilidades.

Eu: Ei, eu tbm tenho responsabilidades.

Ela: Claro q tem. Enfiar a língua em bocas alheias.

Eu: hahahaha vc n vai superar isso nunca?

Ela: Vc vai?

Eu: Com ctz. Se vc aceitar sair cmg. Então só vou tá enfiando a língua em UMA boca.

Ela: Ah meu Deus, vc é incorrigível, e nojento, e eu odeio vc.

Eu: Nós 2 sabemos q isso n é vdd.

Ela: Tchau Sr. Língua.

Eu: Bom trabalho, Sra. Língua.

Bloqueio o celular, sorrindo mais do que antes, e subo os degraus do auditório, procurando uma cadeira vazia nas últimas fileiras, pois detesto

sentar na frente. Sei que muitas pessoas acham que o atletismo vem combinado com a burrice, o que é ridículo. Eu sou atleta e não tenho nada de burro, mas gosto de sentar no fundo para fugir do olhar do professor. Posso gostar de me sobressair na quadra e com as mulheres, mas na sala de aula prefiro passar despercebido. Embora isso nunca tenha funcionado.

Apoio o cotovelo na mesa e apoio a cabeça nas mãos, esperando o início da aula. Começo a sentir os músculos dos braços doerem, e espero não estar quebrado para o jogo de amanhã.

“Oi, Derek.” Olho para o lado e dou de cara com Dakota. Puta merda, desde quando nós temos essa aula juntos? “Você sumiu ontem.”

“Se eu não tô errado, você me chamou de babaca e foi embora, gata”, lembro a ela.

“Você me chamou de Daphne”, ela rebate.

Dakota parece uma garota completamente diferente da que eu conheci ontem à noite. Agora, suas roupas cobrem muito mais do seu corpo do que as roupas que usava na festa, seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo e o batom vermelho deu lugar a uma boca nude e brilhosa. Ela é tão bonita quanto me lembro, mas ao vê-la mais natural, acho-a ainda mais bonita. No geral, prefiro quando as garotas tem uma aparência mais natural, sem quilos e quilos de maquiagem. Outra coisa que me faz gostar de Sophie.

Caralho. Essa garota deu para estar na minha cabeça o tempo todo agora.

“Foi mal. Eu tinha certeza que era com D, mas estava em dúvida entre Daphne ou Daisy”, confesso. “Mas, ei, Dakota é um ótimo nome também.”

Uma risada escapa dela. “Você é inacreditável.”

“Mas mereci ser chamado de babaca.”

Ela sorri. “Mereceu. Bom, eu estava bem bêbada ontem. Me lembro de alguns flashes, mas tudo deixou de fazer sentido em algum ponto depois das dez da noite.” Ela inclina o corpo na minha direção. “Talvez possamos continuar de onde paramos ontem, já que agora você sabe o meu nome.”

A ideia me faz abrir um sorriso receptivo, mas, para a minha surpresa, meu pau não reage. Nem um leve indício de que está interessado em transar com Dakota. Mas que merda está acontecendo comigo? Uma garota gostosa está se jogando para cima de mim e o meu pau declara celibato sem me informar nada? Desde quando isso?

Sou levado pela minha mente até uma loirinha de olhos azuis. E então meu pau reage.

Sophie.

Que ótimo. Meu pau quer Sophie, mas Sophie não quer o meu pau. Nem sei se ela *me* quer, que dirá ele. Com a sua rapidez em me dar um fora, uma mera menção de que quero transar com ela seria o suficiente para a garota nunca mais olhar na minha cara.

“E então?”, Dakota insiste, impaciente.

Caramba. Ainda não respondi. “Foi mal, gata. Eu tô atolado hoje”, minto. *Eu estou mentindo para não transar com uma garota.* Eu realmente devo estar ficando maluco.

Dakota bufa. “Qual é o seu problema, Derek? Eu não sou bonita o suficiente pra você, é isso?”

Ah, Santo Jesus Cristo. Agora vou precisar lidar com uma garota histérica faltando cinco minutos para a porcaria da aula começar.

“Não tem nada a ver com a sua beleza, gata. Você é linda.”

“Então qual é o problema?” Ela ainda não está satisfeita.

“Não tem problema nenhum, só tô ocupado hoje.”

Dakota abre a boca para disparar a sua irritação, mas o professor começa a falar.

“Boa tarde, turma”, o professor Eric Crawford nos cumprimenta com um sorriso.

Obrigado, Deus.

“Derek”, Dakota sussurra.

“A aula começou, gatinha. Depois conversamos.”

Ela bufa, afundando o corpo da cadeira e cruzando os braços em cima do peito, sem fazer o menor esforço para esconder a sua insatisfação. Bom, não posso fazer nada sobre isso. Não sou obrigado a transar com ela só porque ela é bonita, assim como nenhuma menina é obrigada a transar comigo pelo mesmo motivo. As pessoas precisam se acostumar a levar foras.

É, diz aquele que está correndo atrás de uma garota que já lhe deu bem mais de um fora.

Merda.

Eu preciso resolver essa questão com Sophie. Se não há mesmo a menor chance da garota querer alguma coisa comigo, preciso achar um jeito de tirá-la da minha cabeça.

E quanto antes eu fizer isso, melhor.

17.

DEREK

“Onde estamos indo?”, Brianna me pergunta do banco do carona da caminhonete.

Depois das aulas e do treino, eu tirei o resto do dia de quinta-feira para mostrar o campus para ela e ajudá-la a se localizar, afinal de contas, a Duke é imensa. De tudo o que eu mostrei para Brianna, o que ela mais gostou, sem dúvida nenhuma, foi o Sarah P. Duke Gardens, que consiste em uma área ajardinada e arborizada bem grande dentro do campus. Aproximadamente 22 hectares de jardim e lagos. É realmente muito bonito, e foi construído em homenagem a esposa de um dos benfeitores da universidade.

Não posso dizer que Brianna está equivocada em se impressionar com o lugar, porque também é o meu ponto preferido do campus. Transmite certa paz. É o lugar perfeito para ir quando se precisa pensar. Bom, pelo menos para mim é. Eu gosto de me sentar em um banco e observar as árvores quando preciso colocar a minha cabeça no lugar.

“Vou te levar para conhecer a garota com quem estou tentando transar”, digo.

Brianna faz uma careta. “Que romântico.”

“Preciso de uma opinião feminina sobre ela, porque nada parece funcionar com aquela mulher.”

“Derek Mackenzie não conseguiu levar uma garota para a cama com essas covinhas?”, ela provoca. “O que está acontecendo com o mundo?”

“Não é?”, concordo, e balanço a cabeça, incrédulo. “Ela não se rendeu, e você sabe que eu amo um bom desafio. A garota me deixou curioso, mas, porra, ela é imune ao meu charme, Bree.” Minha frustração é quase patética. “E garota nenhuma está me deixando interessado agora, porque só consigo pensar nessa mulher. Eu recusei sexo com uma garota porque meu pau não

reagiu.”

Brianna gargalha, jogando a cabeça para trás. “O seu pau não reagiu? Como assim, cara?”

“A garota estava ali, na minha frente, se jogando para cima de mim e ele me deixou na mão. Aí, foi só eu começar a pensar em Sophie e pronto, estava armado.” Reprimo um gemido. “Preciso que você me dê a sua opinião para que eu decida se continuo tentando ou esqueço essa mulher. Um cara tem necessidades, Bree. Não posso ficar atrelado a uma garota que não quer ficar comigo.”

“E você espera que eu te ajude a vencer a barreira da pobre garota?”

Faço que sim com a cabeça. “Temos um trato, lembra?”

Como somos amigos há muito tempo, Brianna e eu não temos o menor pudor de conversar sobre qualquer coisa um com o outro. E é por isso que ela se sente totalmente a vontade de me falar sobre o tamanho do pau dos caras com quem dorme, e também espera que eu dê o meu parecer masculino sobre algumas coisas que os caras dizem ou fazem com ela. Como, por exemplo, quando dizem que vão ligar e não ligam; quando agem como se ela fosse a garota dos sonhos deles e depois somem do mapa... O tipo de coisa que normalmente nos caracteriza como babacas.

Em contrapartida, Brianna precisa me dar o seu olhar feminino sobre as situações que *eu* passo com as mulheres porque, sinceramente, eu não faço ideia do que se passa na cabeça delas. Quando acho que estou começando a entender, percebo que na verdade não estou entendendo merda nenhuma.

Ela suspira. “Justo.”

Estaciono a caminhonete no estacionamento do Tina’s e pulo para fora. Brianna sai logo em seguida.

“Certo. Devo bancar a sua amiga ou a sua namorada?”, Brianna quer saber. “Qual é o plano?”

Dou risada.

Fizemos algumas coisas parecidas com isso na época da escola. Quando Brianna queria fazer ciúme em algum pobre garoto, nós dávamos um jeito de descobrir onde ele estava e eu fingia ser o seu namorado por algumas horas. E ela me prestava o mesmo favor. Encenamos isso tantas vezes que poderiam nos dar um prêmio pelo melhor casal de namorados falsos da história. Somos excelentes nesses papéis.

“Amiga”, eu oriento. “Eu não estou tentando deixá-la com ciúme. A garota não está nem aí pra mim, Bree.”

Pode ser que muitos caras nunca admitissem uma coisa dessas, mas não tenho problema de masculinidade frágil. Sophie não quer nada comigo, mas não quer dizer que ela não possa mudar de ideia. Sei que sou atraente, embora nunca tenha notado Sophie olhando para mim com ar de contemplação. Mas isso também não muda o fato de que eu sou um cara atraente. Só me diz que preciso abordá-la de outro jeito, pois já sei que não será pela beleza. Se Sophie me acha bonito, sabe esconder isso muito bem.

“Certo. Então, qual é o plano?”, Brianna pergunta de novo.

Dou de ombros. “Não tenho um plano. Quero que você observe e depois me diga o que você acha sobre ela.”

Brianna suspira. “Os planos na escola eram muito mais divertidos.”

Eram mesmo, de fato.

Nós dois nos divertíamos muito na escola, mas quando nos separamos por conta da faculdade, algumas coisas mudaram. Nós também mudamos. Não somos mais crianças, embora ainda tenhamos nossos momentos de infantilidade vez ou outra.

Por exemplo, no ano passado, Brianna decidiu que seria interessante passar um creme depilatório nas minhas pernas enquanto eu estava dormindo. Resultado: quando eu fui tomar banho, todos os meus pelos caíram magicamente das minhas pernas. Quis matá-la. Juro. Saí do banheiro xingando os quatro ventos enquanto ela chorava de rir na minha cama. Brianna riu tanto que quase morreu sem ar. Desgraçada.

É claro que teve retaliação.

Eu coloquei descolorante no seu xampu e... bom, nem preciso dizer o que aconteceu depois. Nunca ouvi uma pessoa gritar tanto e tão alto. Por um momento, achei que ela iria realmente me matar, por isso fiquei duas horas trancado no banheiro, pedindo desculpas enquanto ela me mandava para o inferno, e depois xingava todas as minhas futuras gerações. Brianna me mandou tantas vezes para o inferno naquele dia que fiquei impressionado de realmente não ter ido parar lá.

Quando entramos no Tina's, tomo o cuidado de me sentar em uma mesa que esteja no setor de Sophie. Brianna se senta no estofado, de frente para mim, e pega o cardápio em cima da mesa para começar a analisar os pratos.

“Já que você precisa dos meus serviços, você que vai pagar”, ela me avisa.

“Isso é extorsão, Bree.”

“Não chega nem perto, Mack. Isso é uma troca de favor entre amigos”,

ela sorri.

“Tá. Eu pago”, respondo de má vontade.

Brianna abre um sorriso enorme. “Que bom, porque eu estou *morrendo* de fome.”

Ai, Santo Jesus.

É nessa hora que o filho chora e a mãe não vê.

Brianna come quase tanto quanto eu. É uma verdadeira draga. Meu cartão de crédito está chorando só pela menção da sua fome.

Deixo Brianna concentrada no cardápio e corro meus olhos pelo salão à procura de Sophie. Encontro-a saindo pela porta que só permite acesso aos funcionários. Desvio os olhos dela rapidamente para que não me pegue olhando. Sei que ela não demoraria cinco segundos para juntar os pontos e entender que eu estou aqui bancando o perfeito stalker. Então, tento ser ainda mais maluco e fingir que parei aqui despretensiosamente para tomar um café com a minha melhor amiga.

Minha visão periférica capta quando Sophie começa a se aproximar da minha mesa. Só levanto os olhos quando ela para bem próxima.

Sophie está segurando o seu bloquinho de anotações na mão e suspira quando se dá conta que sou eu.

“Oi, Derek”, ela me cumprimenta, desanimada. “A que devo a honra?”

Dou de ombros, descontraído. “Trouxe a minha melhor amiga para comer alguma coisa. Ela pediu transferência para Duke recentemente. Estamos comemorando.”

Sophie olha para Brianna. “Seja bem-vinda. Brianna, certo? Derek me falou sobre você.”

Minha amiga sorri. “Espero que não tenha falado mal”, ela brinca. “E obrigada. Eu estou bem empolgada. Ahn... desculpa, não sei o seu nome.” Bree finge muito bem, mas acho que talvez deveria ter dito que eu também falei de Sophie para ela. Mas... ela é a mulher no nosso plano. Se ela achou melhor não dizer nada, não vou discutir.

“Sophie.”

“Muito prazer, Sophie.”

As duas trocam um olhar de cumplicidade.

“Vocês já decidiram o que vão pedir?”, Sophie pergunta, pousando a ponta da caneta no bloquinho, pronta para começar a anotar nossos pedidos.

Brianna corre os olhos pelo cardápio, tentando se decidir, o que leva quase um minuto inteiro. “Ah, sim, eu quero um milk-shake que chocolate,

uma porção de batatas fritas e um pedaço de torta de maçã. Ah, e um café.”

Sophie solta uma risadinha fofa e anota o pedido de Brianna antes de olhar para mim. “E você?”

“Só um café.”

Ela anota isso também. “Certo. Fiquem à vontade.” E sai antes que eu possa dizer qualquer outra coisa.

Brianna começa a rir. “Meu Deus. Ela *realmente* não está nem aí para você, Mack. Achei que você estava exagerando.”

Uma das muitas coisas que gosto em Brianna é que ela não tem medo de me dizer o que eu preciso ouvir. Ela não faz o tipo de amiga que diz o que você *quer* ouvir, e sim, o que você *precisa* ouvir. E isso é uma merda às vezes, mas se tem alguém que nunca vai alimentar falsas esperanças para mim, esse alguém é Brianna. Por isso, quando me vejo em uma sinuca de bico, é para ela que peço ajuda.

Também tenho intimidade o suficiente com a minha mãe para conversar com ela sobre garotas ou sobre qualquer coisa. Não me sinto nem um pouco envergonhado em fazer isso, mas minha mãe tem a tendência de ser... bom, mãe demais. Ela sempre vai me dizer o que eu quero ouvir. Provavelmente, diante dessa situação com Sophie, ela me diria algo como “Ah, querido, não tem como ela não gostar de você. Seja gentil com a moça, a chame para sair, e eu tenho certeza que ela vai enxergar que você é um bom rapaz.”

Eu poderia chamar Sophie para sair, mas tenho certeza que receberia um belo e sonoro “não”.

“Eu te disse”, digo a Brianna. “Eu poderia estar pegando fogo e ela não me salvaria. Na verdade, acho que ela jogaria mais gasolina, pra eu morrer mais rápido.”

Brianna joga a cabeça para trás, gargalhando.

“A garota mexeu com você, Mack. Não é do seu feitio ser dramático assim”, observa ela.

E não é mesmo.

Porra, essa garota está fundindo o meu cérebro.

Observo Sophie enquanto ela deixa o pedido que Brianna e eu fizemos com o cozinheiro. Depois, ela volta para o salão e começa a limpar uma mesa há alguns metros de distância. Parece estar com o pensamento longe, pois faz tudo automaticamente, como se o corpo dela já tivesse memorizado que ela precisa borrifar um líquido na mesa e depois passar o pano para tirar os vestígios dos clientes anteriores, deixando tudo organizado e limpinho para

os próximos que virão.

Sophie ajusta os cardápios e o suporte de guardanapos em cima da mesa e... Ela me pega olhando para ela. E por alguns segundos, ela me olha de volta, como se estivesse curiosa ou confusa do motivo pelo qual estou encarando-a.

“Já pensou em chamá-la para sair?”, a voz de Brianna me tira do transe, e eu volto a olhar para a minha amiga.

Bufo. “Tá de sacanagem? Ela diria que não sem pensar duas vezes. Pensei que você tinha entendido que a garota não quer ficar comigo, Bree.”

Brianna apoia os dois cotovelos na mesa e entrelaça os dedos das suas mãos como se ela fosse começar a rezar, mas sei que é a sua pose de pensativa. Seu cérebro está trabalhando nesse momento para tentar me ajudar com a minha empreitada. Ela apoia o queixo nas mãos e encara fixamente um ponto acima da minha cabeça.

“Você pode começar a aparecer nos lugares onde ela está, sabe? Como se fosse totalmente obra do destino”, ela sugere.

“Claro, porque parecer um stalker vai fazer a garota abaixar a guarda e sair comigo.”

Brianna faz uma careta. “Certo. Espera. Estou pensando.”

Nesse interim, enquanto Brianna tenta bolar o plano perfeito, Sophie volta a nossa mesa para trazer os pedidos. Ela coloca o café na minha frente; o milk-shake, as batatas fritas e o pedaço de torta de maçã na frente de Brianna, que abre um sorriso de agradecimento.

Sophie nos deseja bom apetite, mas antes que possa ir embora, Brianna a impede. “Sophie, você está hoje à noite?” Vejo quando a postura de Sophie se endireita e ela assume a defensiva, como se antecipasse um problema. “Derek é meu melhor amigo e tudo mais, mas eu preciso muito de um conselho feminino no quesito roupas para uma entrevista de emprego e não posso confiar na opinião dele nesse departamento. E, bom, eu acabei de chegar por aqui, então não tenho nenhuma amiga. Você é a primeira garota que conheço.”

A postura de Sophie relaxa, mas só um pouco. Me pergunto se Sophie estava pensando que Brianna estaria tentando bancar a cupido para marcar um encontro entre nós dois. “Entrevista de emprego para qual ramo? O que você está estudando?”

E então, meu cérebro estala. Brianna estuda Direito, assim como Sophie. Isso não poderia ser mais perfeito. É bem provável que minha melhor amiga

consiga ficar próxima de Sophie só pela profissão em comum.

“Direito”, conta Brianna. “E esses caras engravatados são superdifíceis de convencer. Então, eu preciso de uma roupa perfeita.”

Sophie sorri. “Eu também estou estudando Direito.”

“Ai, meu Deus, então você é realmente perfeita para a missão. Por favor, diz que está livre hoje à noite”, Brianna implora, fazendo beicinho e juntando as mãos entrelaçadas em cima do peito, implorando de verdade, o que faz Sophie dar risada. No entanto, consigo ver pela sua linguagem corporal que ela ainda está um pouco tensa, sem ter certeza se deve aceitar ou não.

“Estou livre depois das sete”, ela informa, por fim.

Brianna bate palmas. “Perfeito. Eu passo aqui para te buscar, pode ser?”

“Combinado”, Sophie confirma. “Bom apetite pra vocês.” E ela vai embora sem nem olhar para a minha cara.

Minha melhor amiga olha para mim com um sorriso tão largo no rosto que parece que está prestes a distender um músculo. Ela claramente está orgulhosa de ter pensado em alguma coisa.

“Boa, Bree”, eu sorrio de volta para ela. “Você tem mesmo uma entrevista de emprego?”

“Não.” Ela abre um sorriso mais largo ainda. “Como estamos morando na mesma casa, você vai ter uma desculpa para vê-la de novo enquanto eu tento extrair alguma informação que possa te ajudar.”

Sorrio mais ainda. “Você é a melhor, Bree.”

Ela dá um longo gole no seu milk-shake. “Você estaria perdido sem mim, Derek Mackenzie. Deus me mandou para guiar o seu caminho, porque Ele sabia que você não conseguiria sem mim.”

Dou risada. “É, claro. Com certeza foi por isso que você veio ao mundo.”

Brianna lança uma piscadinha para mim antes de começar a atacar a comida. Sei que essa comilança dela vai me render dor de cabeça, pois ela vai me acordar amanhã querendo correr para queimar as calorias.

Quando Brianna entendeu que para manter o corpo que queria e ainda poder comer tudo o que queria, ela precisaria manter uma rotina de exercícios físicos, ela passou a se esforçar pra caramba para malhar e se manter em forma.

Teve épocas em que a achei maluca por se preocupar tanto com isso, mas também teve épocas onde eu presenciei de perto toda a sua insegurança com relação ao seu corpo.

Brianna é linda. Com certeza uma das garotas mais bonitas que já conheci. Além do fato de ela exalar sensualidade, o que normalmente faz os caras caírem aos seus pés. E sei que ela se sente bem quando come o que gosta e malha depois, então, como um bom amigo, vou me forçar a acordar cedo para correr com ela.

“O que foi?”, Brianna me pergunta, olhando para a minha cara com uma expressão confusa. “No que você está pensando que está com essa cara de banana?”

Dou risada. “Estava pensando que você vai me fazer acordar cedo para correr.”

Brianna ri. “Você me conhece tão bem, Mack, é por isso que eu te amo.” Sorrio para ela. “Eu também te amo, sua maluca.”

18.

SOPHIE

As sete em ponto, Brianna aparece no Tina's para me buscar, como combinado. Ainda não sei o porquê concordei com isso, já que não é do meu feitio marcar coisas com completos estranhos. No entanto, Brianna também estuda Direito, o que pode me render alguma indicação para um estágio futuramente.

Meu Deus. Eu me tornei uma aproveitadora.

Brianna está com a caminhonete de Derek, e ela abre um sorriso largo assim que eu pulo para dentro.

“Oi”, ela me cumprimenta. “Muito obrigada por isso, Sophie. De verdade.”

Sorrio de volta. “De nada. Espero que realmente consiga te ajudar. Meu senso de moda não é o melhor do mundo.”

Ela começa a dirigir. “Não se preocupe com isso. Eu preciso parecer séria e respeitável. E ninguém melhor do que uma amiga advogada para me ajudar com isso.”

“Aonde vamos, afinal de contas?”

“Eu morava em Nova York, estudava na NYU e pedi transferência recentemente, como o Mack disse, então ainda não tive tempo de arrumar um lugar para ficar. Estou morando com ele e os meninos por enquanto.”

Franzo o cenho. “Mack?”

“O Derek”, ela esclarece. “Eu o chamo de Mack por conta do sobrenome.”

Assinto.

E então me dou conta de que estou, novamente, a caminho da casa de Derek. Como é possível uma coisa dessas? O cara foi de completo desconhecido para alguém que está regularmente na minha rotina agora.

Tento não deixar a minha inquietação transparecer. Ainda estou tentando lidar com o que rolou com Derek na Bassett House. A verdade é que, agora, estou forçando a minha resistência. Estou fazendo um esforço enorme para permanecer indiferente. Antes, eu realmente não queria Derek perto de mim, mas agora sinto um frio na barriga por saber que vou vê-lo de novo.

Começar a ter sentimentos por Derek Mackenzie só me trará problemas e frustrações, sei disso, mas não consigo ignorar o desejo que varre meu corpo. Eu deveria cortar o mal pela raiz, mas como faço isso se o cara está em todos os lugares?

“Então, o que você tem achado da Duke até agora?”, pergunta Brianna. “Você é caloura, não é?”

“Sim. Vim de Nova York, inclusive. Morava no Brooklyn.”

“Não brinca! Que máximo! Eu amo Nova York, e amava a NYU. É uma pena que precisei sair de lá”, ela lamenta, mas balança a cabeça logo em seguida, como se estivesse tentando clarear os pensamentos. “Enfim, o que está achando da Duke?”

Fico tentada a perguntar o porquê de Brianna ter saído da NYU, já que ela parece realmente gostar de lá, mas se ela quisesse falar sobre isso, teria falado. E ninguém melhor do que eu para entender quando alguém quer guardar um segredo. Por isso, decido não perguntar.

“Eu estou gostando. Gosto do curso, das minhas colegas de alojamento e até do meu trabalho. E o campus é lindo, o que é um bônus. Não posso reclamar.”

“Seus pais devem morrer de saudade de você. Minha mãe me liga todo o santo dia para dizer que queria que eu estivesse mais perto de casa. Mack e eu somos de Nevada, literalmente do outro lado do país.”

Engulo em seco.

“É, eles sentem muito a minha falta”, e essa é a mentira que mais me dói contar.

Brianna concorda com a cabeça. “Você já foi ao Sarah P. Duke Gardens? Mack me levou lá hoje e, nossa, eu fiquei apaixonada pelo lugar. Se tornou o meu ponto preferido dentro do campus.”

Me agarro a mudança de assunto, torcendo para que Brianna não perceba a minha mudança de humor. “Eu fui até lá no meu primeiro dia no campus. Estava louca para conhecer o lugar, mas depois não voltei mais. Não tive tempo. Mas, definitivamente é lindo, e também é o meu lugar preferido.”

A casa de Derek fica perto do Tina's, então não demoramos muito para chegarmos. Brianna estaciona a caminhonete na entrada da garagem e nós duas pulamos para fora do carro.

Assim que passo pela porta, sou surpreendida por quatro garotos gritando feito loucos enquanto jogam *NBA* no vídeo game.

“Desgraçado”, xinga *Friends* enquanto Derek dá risada. Os dois movem os dedos freneticamente sobre o controle do Playstation. Kyle está sentado na poltrona, com um balde de pipoca na mão, rindo também.

“Vai D.!", torce Ryan.

Jeremy está sentado no sofá com uma ruiva sentada em seu colo enquanto os dois conversam e bebem uma cerveja. E não vejo Babyface ou Jeremy em lugar nenhum da sala. Talvez estejam no quarto.

“Boa noite, garotos”, cumprimenta Brianna, passando na frente da televisão sem nenhum receio de atrapalhar o jogo deles.

“Bree”, reclama Derek, tentando enxergar a jogada.

“As pessoas precisam passar, Mack”, ela retruca. “Vem Soph. Vamos subir.”

Derek olha para mim rapidamente e me lança um sorriso com covinhas. Meu coração traidor palpita. “Oi, linda. Parece que os nossos encontros estão virando rotina.”

“Pois é. Que sorte a minha”, brinco.

Brianna gargalha. “Eu gosto dela, Mack. Gosto de verdade.”

“O D. gosta de levar fora da Sophie”, comenta Kyle, enfiando um punhado de pipoca da boca, o que faz o meu estômago roncar, já que ainda não jantei.

Atravesso a sala, passando na frente da televisão, o que faz *Friends* resmungar dessa vez, mas eu ignoro. Caminho determinada até o balde de pipocas de Kyle e o roubo das suas mãos.

“Ei”, Kyle protesta. “Isso é meu.”

“Eretria não vai ficar feliz de saber que você me deixou passar fome, Kyle. E tenho certeza de que você não quer que ela tenha mais motivos para te azucrinar”, argumento. “O que significa que o balde de pipoca agora é meu e de Brianna. Divirtam-se, meninos.”

Brianna ri. “De novo, eu gosto demais dela.”

Kyle bufa, cruzando os braços como uma perfeita criança mimada.

“Vamos, Soph”, diz Brianna, segurando minha mão livre e me puxando escada acima.

Ainda não estive no andar de cima da casa de Derek, e todas as portas do corredor estão fechadas, o que torna difícil identificar o que é quarto e o que é banheiro, então só me resta reparar nos quadros nas paredes. São pinturas abstratas que eu não entendo, mas acho que elas não são para ser entendidas mesmo, ou talvez o meu senso artístico seja uma bela merda, o que é bem provável. Os artistas fazem coisas para se expressarem, certo? Seja música, poema, pintura... Mas, de verdade, não entendo nada do que os artistas querem transmitir com pinturas abstratas.

Brianna caminha até a última porta no corredor e abre, entrando em um quarto que com certeza não é dela. A jaqueta do time Duke Blue Devils e a bola de basquete em cima da escrivaninha me fazem chegar a essa conclusão rapidinho. Sei que é o quarto de Derek, pois sinto o perfume dele invadir as minhas narinas, e preciso controlar o impulso de fechar os olhos e inalar o aroma masculino de loção pós-barba e menta. Um arrepio percorre as minhas veias e meu coração idiota dispara.

Ah, meu Deus.

Isso não pode estar acontecendo. Não posso realmente estar gostando dele.

“Estou dividindo o quarto com o Mack”, explica Brianna, me tirando os meus pensamentos. “É bom ter um amigo com quem você pode contar, sabe? Não importa o que aconteça comigo, sei que ele vai estar lá para me socorrer.”

“Vocês são amigos há quanto tempo?”, a pergunta me escapa antes que eu possa controlar a minha língua. Droga, eu não deveria parecer interessada. Já é ruim o suficiente que o idiota do meu coração esteja acelerado agora.

“Desde que eu consigo me lembrar. Não tenho nenhuma lembrança da minha infância que ele não faça parte. Eu sempre morei na casa do lado da dele, então acho que foi inevitável. Mas não, não somos como aqueles filmes clichês de adolescente onde os vizinhos descobrem que são apaixonados um pelo outro. Mack é como um irmão pra mim. Um irmão incrível.”

Olho para Brianna, desconfiada. Eu acho que eu estou começando a entender o que realmente está acontecendo aqui.

Coloco o balde de pipoca em cima da escrivaninha e cruzo os braços, encarando a garota diante de mim. “Você precisa mesmo da minha ajuda ou só me trouxe aqui para ter a chance de encher a bola do seu amigo?”

Ela faz uma careta. “Culpada”, ela se entrega, e começa a rir. “Eu deveria saber que é difícil enganar o pessoal que faz Direito. Quer dizer, é

meio que a nossa função pegar mentiras.”

Dou risada. “Nisso você está certa”, concordo. “Não acredito que isso está acontecendo agora. E não acredito que ele tenha pedido a sua ajuda para tentar ficar comigo.”

O cara é determinado, tenho que admitir. E está usando todos os subterfúgios possíveis para conseguir o que quer. Não sei se devo me sentir lisonjeada ou perseguida.

Quem você está tentando enganar, querida?, meu coração me pergunta. *Vamos acabar logo com isso.*

“Olha, não vou dizer que ele está apaixonado por você porque isso seria mentira, mas posso dizer que ele está muito interessado”, ela diz, com um sorriso gentil no rosto. “Não sei quais são os seus motivos para estar dizendo não para ele, mas você realmente não quer dar nem uma chance de conhecer o cara?”

Se for para ser sincera, me sinto de volta no jardim da infância, aonde um amigo do menino interessado pela menina ia conversar com ela para tentar fazer o amigo se dar bem. Não sei se acho isso fofo ou completamente infantil. Mas, uma coisa eu não posso negar, meu coração está me traindo e Derek já está, de alguma forma, ultrapassando as barreiras que eu tão cuidadosamente coloquei ao meu redor para me proteger.

“Derek é um pegador”, digo, categoricamente. “Você é a melhor amiga dele e sabe disso melhor do que eu. Sabendo disso, quão burra eu teria de ser para deixar alguém como ele entrar?”, pergunto com sinceridade. Deixar Derek entrar é sinônimo de desastre. Para mim. Se eu me apaixonar por ele, vai ser um verdadeiro desastre *para mim*. “Ele vai partir meu coração. Por que eu deveria facilitar para que ele consiga fazer isso?”

“Você está certa. Derek é um pegador. Agora. Ele é um pegador *agora*. Mas isso não significa que ele não pode conhecer uma garota legal, se apaixonar por ela e ser um bom namorado”, argumenta Brianna, em defesa do seu melhor amigo.

“Sim, mas isso também não significa que essa garota será eu.” Suspiro, cansada. “Eu não posso lidar com um coração partido. Não há espaço na minha vida para esse tipo de sofrimento agora.”

E digo mais, eu nem sei se *quero* um namorado. Nunca tive um, e não sei como lidar com a minha situação tendo um namorado. O que tudo isso significaria para ele?

Brianna dá alguns passos na minha direção e segura as minhas mãos.

Nossa. Ela realmente está empenhada em me fazer dar uma chance ao Derek.

“Saia com ele uma vez. Deixe que ele te leve para jantar ou coisa assim. E se você não quiser mais nada com ele depois disso, eu te prometo que ele não vai te incomodar mais. Nem que eu tenha que chutar a bunda dele para garantir isso”, ela propõe, sorrindo. “Só... de mulher para mulher, Soph, eu conheço Derek a minha vida inteira, se tem um cara para quem você deveria dar uma chance, esse cara é ele.”

Não respondo de imediato, pois tiro alguns minutos para pensar a respeito. Talvez não seja o fim do mundo sair com Derek. E depois, eu posso simplesmente dizer que não quero mais nada com ele e Brianna terá de dar um jeito de cumprir a sua parte do acordo. E então, a minha vida pode voltar a ser o que era antes.

Isso sim é o que eu chamo de cortar o mal pela raiz. Brianna está praticamente me oferecendo uma saída para tudo isso. Eu só preciso aceitar, sair com ele uma vez, dizer que não quero vê-lo de novo e tudo isso terá acabado antes que o meu coração idiota tenha a chance de se derreter por ele.

E então, eu estarei salva de Derek Mackenzie.

“Se eu não quiser mais vê-lo depois disso, você promete para mim que ele não vai me procurar mais?”, me certifico, séria. “E ele também não vai aparecer no meu trabalho com alguma desculpa ensaiada de que está lá como cliente? Você pode me prometer isso?”

Brianna abre um sorriso. “Eu prometo.”

Solto o ar dos pulmões. “Tá bom. Eu vou sair com ele.”

19.

DEREK

“Volta! Volta!” Escuto Burke gritando para nós, incentivando o time a atravessar a quadra voando para defender o ataque do Louisville Cardinals, nosso adversário da noite.

Estamos jogando em casa, e os gritos da torcida servem de combustível para voarmos pela quadra como raios.

Wilson, o Ala-Armador e estrelinha do Louisville Cardinals, arremessa a bola na cesta, mas Jeremy pula para defender, fazendo a bola desviar o curso. Ryan pega o rebote, dribla um adversário, e joga a bola para Kyle, que é marcado por dois jogadores.

“Bola!”, eu grito, e Kyle lança a bola pela lateral do corpo de um dos caras que o estava marcando. “Um-a-um! Um-a-um!”, eu chamo o código, que quer dizer que cada um dos meus amigos deve marcar um cara do outro time para facilitar o meu caminho até a cesta.

Atravesso a quadra feito um raio, vendo Nash de soslaio me acompanhando. Quando chegamos perto do garrafão, lanço a bola no ar na direção de Nash, e ele pula para enterrar a bola na cesta, fazendo um Alley-oop perfeito.

A torcida vai à loucura. “Defesa! Defesa!”

“Volta!”, Burke continua gritando.

Atravessamos a quadra correndo de novo, para a defesa. Faltam dois minutos para o jogo acabar e nós estamos ganhando, mas não com uma vantagem muito grande — 73x68 é o placar, e em dois minutos, isso pode mudar completamente. Basta um deslize para que Cardinals vire o jogo.

Eles estão fazendo passe de bola, tentando nos confundir para chegar à cesta.

“DD”, eu grito para o time. DD significa dupla defesa, então precisavam

prestar atenção para a bola não ser lançada nem por cima da nossa cabeça e nem pela lateral do nosso corpo. Ou seja, cobrir todos os possíveis caminhos da bola.

Wilson pega a bola e salta para arremessar na cesta e tentar uma de três, mas Ryan bate na bola, e ela sai pela linha lateral.

“Tempo!”, pede Burke. O juiz apita e o cronômetro para. Nós nos reunimos ao redor do nosso treinador. Estamos ofegantes, exaustos e suados, mas prontos para ouvir a instrução. “Nash, joga o corpo para abrir espaço. Pressiona os caras. Eles estão exaustos. Abram essa vantagem de pontos o máximo que conseguirem, e depois segurem a bola”, ele orienta. “Beckham, Dakari, continuem fazendo exatamente o que estão fazendo.”

Os caras assentem.

“Kinsley, você jogou bem, filho, descansa um pouco. Bradley, você entra”, diz o treinador, chamando Babyface, colocando-o no lugar de Kyle. “Certo. Abram a vantagem e segurem a bola. Blue Devils no três. Um, dois, três.”

“Blue Devils”, nós unimos nossas mãos e gritamos em uníssono.

A próxima jogada começa, e o cronômetro volta. Roubo a bola e sigo atravessando a quadra. Passo para Babyface quando sou marcado, e ele continua a jogada. Me livro do cara bloqueando o meu caminho e Babyface se prepara para jogar a bola para Nash, mas nosso amigo é marcado por dois adversários.

“Nash não tá lá! Volta!”, grito.

“Bola!” grita Ryan.

Babyface joga a bola por cima da cabeça do adversário, Ryan a recebe e arremessa, fazendo uma linda cesta de três pontos.

Nós corremos de volta para a defesa.

“Defesa! Defesa!” A torcida grita.

“Segurem a bola! Segurem a bola!” ordena Burke.

Olho para o cronômetro. Trinta segundos.

Avanço para roubar a bola, mas o jogador arremessa por cima da minha cabeça, marcando uma cesta de três.

76x71.

Caralho.

“Segura! Segura!”, eu grito para o meu time.

Vinte segundos.

Nash está com a bola, batendo, mas não avançando para o ataque. Ele

passa para Babyface, que também segue batendo a bola, mas não ataca. O mais seguro agora é manter a bola sobre a nossa posse até o cronômetro zerar.

Um jogador vai para cima de Babyface, mas ele lança a bola para Jeremy.

Dez segundos.

Jeremy lança para mim, bato a bola duas vezes no chão e eu lanço para o Ryan.

E o cronômetro zera.

A torcida explode em berros e os caras se amontoam uns nos outros para comemorar.

“A temporada já é nossa, caralho!” Alguém grita.

E, porra, pode ser *muito cedo* para falar, afinal esse foi o primeiro jogo, mas eu realmente acho que essa temporada é nossa.

SOPHIE

Eretria: OS MENINOS GANHARAM!!!!!!

Savannah: 76X71.

Eretria: Vai td mundo se encontrar no Holme's. Vms passar aí p te pegar em 20 min.

Savannah: E n existe a possibilidade d vc dizer q n.

Suspiro.

As duas foram assistir ao jogo e me mandaram mensagem durante a coisa toda, me situando do que estava acontecendo na quadra como se eu fosse fã número um do esporte.

Elas pareciam muito empolgadas pelas mensagens. Sei que Eretria está acostumada a ver o irmão jogar, e ela já me disse que vira outra pessoa quando está na arquibancada. Ela é uma torcedora fiel. Savannah, por outro lado, não é fã de esportes, assim como eu, mas está claro que a opinião dela pode ter mudado depois dessa noite.

Eu: Eu n tenho nenhuma roupa aqui p ir pro Holme's. Só tenho meu uniforme.

Savannah: Dãã, como se a gnt fosse se esquecer disso.

Eretria: Passamos em casa e pegamos uma roupinha p vc. D nada.

Suspiro de novo.

Essas duas são incorrigíveis, e estão sempre muito bem preparadas para derrubar meus argumentos.

Ir ao Holme's não fazia parte dos meus planos para hoje, mas não adianta discutir, e, para falar a verdade, eu nem estou com muita resistência para aceitar. Da última vez em que estive lá, não consegui me divertir nada. Talvez hoje eu consiga.

Precisava descansar? Precisava. Mas, droga, eu também preciso me divertir um pouco. E talvez seja legal ir para parabenizar Derek. Não vai ser o fim do mundo se eu der os parabéns pela vitória.

Eu: Tá. Espero vcs.

Guardo o celular no bolso do uniforme e volto para o salão para continuar a limpeza das mesas do meu setor. O movimento está tranquilo hoje, então não me sinto tão exausta como normalmente me sinto quando vai chegando o final do turno.

“Parece que o Blue Devils ganhou hoje”, comenta PJ, aparecendo de repente do meu lado.

“Você também já soube?”

Ele faz que sim. “Meus amigos são fanáticos por basquete. Estavam na arquibancada gritando mais do que as líderes de torcida.”

Solto uma risadinha. “E você? Não é um fã?”

“Prefiro futebol americano.”

“Bom, eu não entendo nada nem de um e nem do outro”, admito.

Ele ri. “De qualquer forma, meus amigos me chamaram para ir ao Holme's. Parece que o time vai comemorar lá. Tá a fim?”

“Estou indo pra lá com as minhas amigas. Elas me mandaram mensagem agorinha me convidando. Somos amigas dos meninos do time”, digo. Não sei por que estou dizendo que sou *amiga* deles. Amiga é um pouco demais, mas acho que estou na defensiva com o convite de PJ.

Ele não parece perceber a minha inquietação, pois abre um sorriso largo. “Boa. Querem carona? Eu tô de carro.”

Nego com a cabeça. “As meninas já estão de táxi. Só vou entrar e nós seguimos.”

“Beleza. Eu te encontro lá, então.”

Forço um sorriso, e só volto a relaxar quando PJ se afasta.

Ai, Deus. Eu realmente espero que PJ não tenha acabado de dar em cima de mim porque isso seria desastroso para o clima no trabalho. E eu gosto de PJ. Somos meio que amigos. Ele sempre foi legal comigo, e eu não quero que isso mude porque, se mudar, não vou mais conseguir ficar perto dele sem me sentir desconfortável.

* * *

O Holme's está entupido de gente.

Acho que nunca vi tantas pessoas por metro quadrado.

Como os garotos venceram, muitos alunos da Duke dirigiram até Raleigh para acompanhar o time na comemoração da primeira vitória da temporada.

No entanto, mesmo o bar estando lotado de gente, não é difícil encontrar os meninos. Eles estão no fundo do Holme's, são os caras mais bonitos e altos do lugar e há muitas meninas penduradas em seus pescoços. Nada surpreendente.

"Tria", Kyle grita assim que vê a irmã. Ao julgar pela recepção calorosa e pela voz arrastada, dá pra ver que ele está bêbado. Bastante bêbado.

Eretria ri. "Oi, maninho. Quanto você já bebeu?"

Kyle aproxima o indicador e o dedão, em um sinal que deveria significar que foi pouco, mas é claro que não foi esse o caso.

"Eu preciso comer alguma coisa, estou morrendo de fome", diz Savannah. "Alguém quer alguma coisa?"

"Asinhas de frango", grita Babyface, que parece estar tão bêbado quando Kyle. "E batata frita."

Savannah ri. "Mais alguma coisa?"

"Você." Babyface sorri feito idiota, mas mesmo com seu rostinho de bebê, o cara sabe ser sensual.

"Segure-se nesse pensamento, bonitão. Eu volto logo." Savannah pisca para ele e some no meio das outras pessoas para fazer o pedido no balcão, deixando Babyface com um sorriso lascivo no rosto.

Eretria está superenvolvida em uma conversa com Nash, então sou deixada de lado no meio de vários jogadores de basquete bêbados e muito felizes.

Corro os olhos pelo bar e me surpreendo ao me dar conta de que estou procurando por Derek, mas ele não está em nenhum lugar no meu campo de

visão. Começo a girar no meu próprio eixo, procurando por ele, e acabo dando de cara com o dito cujo. Bom, com o peitoral musculoso dele, na verdade.

“Oi, gata”, ele me cumprimenta com um sorriso. Seu rosto está um pouco vermelho, o que me diz que ele também já bebeu um pouco, mas não parece tão bêbado quanto Kyle ou Babyface. “Procurando alguém?”

Engulo em seco. “Ah, tô procurando um amigo meu, do trabalho, ele disse que estaria aqui”, minto.

Derek abre mais o sorriso, mostrando as covinhas. Lindo que dói. “Sei. Bom, enquanto o seu amigo não dá as caras, que tal beber alguma coisa comigo? Podemos fazer *body shot*.”

Reprimo uma risada. “Ah, claro, com certeza. Tira a camisa, bonitão, vamos começar.”

Ah, meu Deus. *Quem* sou eu nesse momento?

Derek dá risada. “Cuidado, linda. Posso começar a achar que você está falando sério.”

Reviro os olhos, e Derek coloca uma mão na minha lombar para me guiar até o balcão. É a segunda vez que ele toca em mim e meu corpo não reage negativamente. Muito pelo contrário. Eu estou em chamas de novo. E um raio atinge o meio das minhas pernas. Minha mãe do céu. Isso não é bom.

Quer dizer. É bom, sim. Por um lado, é ótimo. O calor correndo pelas minhas veias é delicioso, mas, minha nossa, não tem como isso dar certo. Tem?

“O que você quer beber?”, Derek pergunta.

Penso por um momento, tentando ignorar a eletricidade que percorre minha coluna. “Um cosmopolitan.”

Gostei desse da última vez, então prefiro jogar em terreno seguro.

Derek faz o nosso pedido para o barman e então encosta as costas no balcão e também apoia os antebraços ali. Ele é tão bonito que mal consigo manter os olhos longe dele.

Estou encrocada. Isso é claro como a luz do Sol.

“Algum sinal do seu amigo?”, pergunta Derek.

“Não.” Limpo a garganta. “Talvez ele não venha.”

Para falar a verdade, eu não estou fazendo o *mínimo esforço* para encontrar PJ.

“Parabéns pelo jogo, a propósito.”

Ele abre aquele sorriso com covinhas de novo. “Obrigado, linda. Você

estava lá? Não vi você.”

Faço que não. “Estava trabalhando, mas Savannah e Eretria me mandaram mensagem narrando a coisa toda. Parece que você mandou bem.”

“Fiz vinte e nove pontos dos setenta e seis, mas não que eu esteja me gabando”, ele diz, brincalhão.

“Não, claro que não. Você *nunca* faria isso”, digo, sarcástica.

“Nunca”, ele brinca. Seus olhos correm demoradamente pelo meu corpo, me causando uma pontinha de desconforto, mas o calor latente nas minhas veias é muito maior. “Você está bonita, Clarke.”

Levo alguns segundos para entender que ele não confundiu o meu nome, e sim está se referindo a mim como Clarke por conta de *The 100*, já que chegamos à conclusão que eu seria a Clarke e ele, o Bellamy, se fizéssemos parte do seriado.

Me troquei no Tina’s antes de vir para cá. E, eu não deveria ter confiado na escolha de roupa de Eretria e Savannah para mim. Elas trouxeram um vestido preto, colado, que acentua as curvas do meu corpo muito mais do que eu estou acostumada e confortável em mostrar. Pelo menos o vestido não é indecentemente curto.

Minhas bochechas começam a queimar quando os olhos de Derek se fixam nas minhas pernas nuas. Ele me olha com desejo, mas não me sinto desrespeitada ou objetificada. Só me sinto uma mulher bonita que desperta interesse em um homem bonito. E, caramba, é exatamente assim que eu deveria ter me sentido desde que me tornei madura o suficiente para ter esse tipo de interação com o sexo oposto.

“Obrigada, Bellamy. Você também não está tão ruim.”

Ele sorri.

Derek está vestindo uma calça jeans e a jaqueta do time de basquete. O cabelo está desordenado e meio úmido, provavelmente por conta de um banho recente. Me pergunto como seria correr os dedos pelo cabelo dele, sentindo a textura dos fios contra a minha pele. E eu não deveria pensar essas coisas, pois se torna difícil respirar.

O garçom traz as nossas bebidas e eu tomo metade do drink de uma vez só. Minha garganta estava seca como o Deserto do Saara.

Eu estou flertando de volta.

Não faço nem ideia de quem eu sou, mas não estou reclamando.

“Achei você”, diz PJ, aparecendo do meu lado de repente, o que quase me faz engasgar com a bebida. “Estava começando a achar que você tinha

desistido de vir, Sophie.”

Engulo o susto. “Cheguei tem um tempinho, mas o bar está bem cheio”, respondo. “Ahn... Derek, PJ. PJ, Derek”, apresento os dois.

Os dois apertam as mãos em um cumprimento másculo. PJ não é tão alto quanto Derek, mas, de repente, me sinto entre duas muralhas.

“Parabéns pela vitória”, diz PJ.

“Valeu, cara. Você é um fã?”

PJ nega com a cabeça. “Não. Mas meus amigos são. Eles quiseram vir até aqui para comemorar. Inclusive, você devia vir e conhecer os caras, Soph.”

Derek endireita a postura, e eu tento não deixar estampado na minha cara que não quero ir a lugar nenhum. A ideia de estar cercada de homens que não conheço me desespera.

“Se importa se ela for depois, cara?”, pergunta Derek, passando o braço pelo meu ombro. “É que nós estamos com uns amigos e, sabe como é, minha garota e eu estamos comemorando.”

PJ olha bem para a minha cara e depois olha para Derek, que continua com o braço ao redor de mim. E, caramba, será que ele está com febre? Porque o calor do seu corpo quase me faz suar. Derek é muito quente.

“Ah, tá, claro”, responde PJ, forçando um sorriso. “Te vejo mais tarde, então.”

Concordo com a cabeça, abrindo um meio sorriso.

Derek continua com o braço forte ao meu redor mesmo depois que PJ se afasta.

Solto o ar dos pulmões e reprimo um gemido. Ah, Deus. Ele realmente está dando em cima de mim. Isso é péssimo.

“Pensei que você tinha dito que o cara era seu *amigo*.”

“E ele é. Bom, mais ou menos. Nós trabalhamos juntos no Tina’s, mas nunca saímos juntos ou coisa assim.”

E Derek confirma as minhas suspeitas. “Ele tá a fim de você, Soph.”

“Parece que sim”, concordo desanimada.

“Ainda bem que eu estou aqui para te salvar.” Ele lança uma piscadela para mim.

“E que lance de demarcação de território foi esse?”, pergunto, me referindo ao braço dele, que continua por cima dos meus ombros, me mantendo próxima a ele.

Derek dá de ombros. “Eu sei ler quando as mulheres precisam ser

resgatadas. Já fiz muito isso com Brianna. E você estava visivelmente desconfortável, então...”

“Obrigada.” Sorrio. “Você está se saindo um ótimo príncipe encantado, correndo para resgatar a donzela em perigo.”

Ele ri. “Se você for a donzela, pode apostar.”

20.

SOPHIE

Sábado à tarde, Derek me manda uma mensagem dizendo que vai passar na Bassett House as sete para me buscar para o nosso encontro. Brianna tratou de organizar a coisa toda muito rápido. Acho que ela estava com medo que eu pudesse mudar de ideia.

Ele: N se arrume demais, Clarke. Vista algo confortável.

Eu: Aonde vc vai me levar? Pensei q íamos jantar.

Ele: E nós vms. N estrague a surpresa.

Eu: Tá, mas é bom ter comida envolvida.

Ele: hahahaha pode deixar.

Meu turno no Tina's termina as cinco, então decido pegar um Uber até em casa para ter mais tempo de me arrumar. Considerando que vou chegar à Bassett House por volta das cinco e meia, vou ter apenas uma hora e meia para um dar um jeito no meu semblante cansado, mas pelo menos não estou no patamar de *The Walking Dead*. Ainda.

Eu tomo um banho mais rápido do que gostaria, mas tiro um tempo essencial para lavar o cabelo. Não quero encontrar Derek com o cabelo cheirando fritura.

Quando entro de volta no quarto, Savannah está encarando as roupas que separei para o encontro. Ela parece pensativa *demais*, o que é um péssimo sinal. E Eretria não está aqui para me ajudar a controlar a intensidade de Savannah.

Falando em Eretria... Aquela danada está muito sumida ultimamente. Sei que moramos juntas e eu a vejo todos os dias nas aulas e tudo o mais, mas tenho a impressão de que ela nunca mais esteve por perto nos horários livres.

“Você não vai vestir isso, Soph”, ela afirma.

“O que há de errado com as minhas roupas?”

“Você vai a um encontro, pelo amor de Deus. Você quer usar legging e suéter? Você usa isso todos os dias”, ela argumenta, pegando minhas roupas de cima da minha cama e levando-as de volta para o meu armário. “Vamos escolher alguma coisa para impressionar o cara.”

“Eu não quero impressionar o cara, Sav. Devo te lembrar que esse encontro é algo de uma noite só. Não há a menor chance de acontecer alguma coisa entre mim e Derek Mackenzie.”

“E por que não?”, ela pergunta, me encarando. “Olha, eu sei que você teve uma experiência de merda com um cara de merda e que você construiu esses muros para se proteger, mas eles não só te mantêm segura, Soph. Eles também te afastam do amor. Você não pode passar o resto da sua vida com medo.” Savannah se aproxima de mim, me puxando para um abraço inesperado. “Não o deixe vencer. Cada vez que você afasta as pessoas, você está dando mais poder para o cara que fez isso com você. Não o deixe controlar a sua vida, amiga. Por favor.”

Preciso respirar fundo, pois sinto meus olhos enchendo de lágrimas. Savannah está certa. Eu sei que não posso passar o resto da vida com medo do sexo oposto e talvez, só talvez, eu devesse estar me empenhando mais nesse encontro com Derek, já que ele é o primeiro cara em muito tempo que faz eu me sentir bem.

“Obrigada”, agradeço sinceramente, e Savannah me solta do abraço. “Você é uma amiga incrível, Sav.”

Ela abre um sorriso. “Eu tenho os meus momentos.” Ela ri. “Agora, vamos dar um *upgrade* nessas roupas.”

Depois de quase quinze minutos tentando entrar em um acordo, Savannah e eu chegamos às roupas vencedoras: uma calça skinny preta, uma blusa vermelha, um casaco por cima, porque já estamos em novembro, e botas de cano alto. Optei por não usar salto, pois Derek falou que era para ser confortável, então essas botas servem.

Passo um pouco de rímel, que ajuda a destacar meus olhos azuis, e um batom para tingir os lábios, dando aquela aparência de rosa natural que eu tanto amo. Também passo um pouco de blush, para dar uma cor ao meu rosto cansado. E estou pronta. Pelo menos as olheiras não estão dando as caras hoje. Graças a Deus!

“Você está maravilhoosaaaaa!”, vibra Savannah, batendo palmas rápidas

para comemorar o seu sucesso na empreitada de me fazer mudar de ideia a respeito da roupa. “Derek Mackenzie não terá a menor escolha a não ser se apaixonar por você.”

Dou risada. “Ah, claro. Como se ele estivesse interessado em monogamia.”

“Nunca se sabe, amiga. Nunca se sabe.”

Meu celular apita em cima da cama, indicando uma nova mensagem.

Ele: Cheguei.

Eu: Tô descendo em 1 min.

São sete horas da noite em ponto. Nossa. Eu realmente preciso parar de julgar mal o cara. Jurava que ele iria me deixar esperando para chegar “elegantemente” atrasado.

“Tô indo”, aviso Savannah. “Não me espere acordada, mas eu te ligo se precisar ser resgatada, tá legal?”

Minha amiga assente. “Com certeza. Divirta-se, Soph.”

Sorrio. “Obrigada.”

Enquanto desço as escadas e caminho até a porta de entrada da Bassett House, sinto minhas mãos suarem e preciso limpá-las na calça enquanto Derek ainda não está por perto para notar o meu nervosismo.

Paro diante da porta, ainda do lado de dentro da casa, e respiro fundo algumas vezes antes de sair.

Eu consigo fazer isso. Derek é um cara legal. Não preciso me preocupar com nada. Está tudo bem. Eu posso fazer isso.

Caminho até a caminhonete já conhecida de Derek e literalmente pulo para dentro. Por que raios esse carro precisa ser tão alto?

Ele solta uma risadinha enquanto me ajeito no banco do carona. “Oi, linda”, ele me cumprimenta com um sorriso. “Saltando muito de caminhonetes ultimamente?”

“O seu carro é ridiculamente alto. Não foi feito para pessoas da minha altura”, resmungo.

Ele ri de novo, e o som grave invade o interior da caminhonete. É uma risada gostosa de ouvir. Ai, quem eu estou querendo enganar? Ele por inteiro é gostoso. De ver, de ouvir, e aposto que de sentir também. E... ai meu Deus do céu, o que eu estou pensando agora?

Savannah estava errada. Derek não vai cair aos meus pés. Droga. É

provável que *eu* caia aos dele essa noite. Ele está lindo. Vestindo uma calça jeans escura, suéter cinza, que aperta os seus braços fortes, o que faz qualquer garota ter vontade de ser abraçada por ele, e o cabelo está bagunçado, mas não de um jeito desleixado, e sim de um jeito que o deixa com um ar de descontraído. E nem vou começar a mencionar as covinhas.

Deus me dê forças.

“Aonde vamos, afinal?”, pergunto, querendo desesperadamente mudar o rumo dos meus pensamentos.

“Já ouviu falar do Frankie’s? É tipo um parque de diversões. Em Raleigh.”

“Tipo um parque de diversões? Como pode ser *tipo* um parque de diversões?”

Derek começa a dirigir. “Não tem brinquedos que causam adrenalina, como montanhas russas e tal, mas tem alguns brinquedos, um salão com vários vídeo games e corridas de kart.”

Dou o braço a torcer. “Parece divertido.”

“E é.” Ele sorri, satisfeito que eu tenha gostado da ideia. “Eu meio que só tenho uma chance aqui, certo?”

Confesso que me sinto mal de estar saindo com ele já tendo estabelecido na minha cabeça que isso não vai acontecer de novo. Talvez Savannah esteja certa e eu devesse tentar não afastar as pessoas de mim. Derek não fez nada que me prove que não posso confiar nele. Muito pelo contrário, ele foi legal comigo praticamente todas as vezes que nos encontramos. E, embora eu queira ignorar o fato, não há como negar que estou começando a sentir algo por ele.

Depois de tanto tempo reagindo negativamente aos homens, sentir esse conforto que sinto com ele é algo que eu não deveria estar ignorando. Mas, merda, eu estou com medo. Não consigo parar de pensar no tipo de entrosamento que teríamos. Só porque não tenho medo de estar perto dele significa que vou conseguir beijá-lo sem surtar? Significa que quando suas mãos estiverem no meu corpo, eu não vou ter um ataque de pânico?

Eu não sei. E pensar nisso me desespera.

“Vamos ver como as coisas vão acontecer essa noite. Depois pensamos no resto”, é a minha resposta para Derek. Mas acho que estou falando mais para mim mesma do que para ele.

“Parece bom”, diz.

Derek me lança um sorriso com covinhas, e não consigo evitar sorrir de

volta.

O cara está me conquistando.

21.

SOPHIE

“Você sabe dirigir, certo?”, Derek me pergunta quando já estamos na fila de uma atração chamada *Drifter*, que nada mais é do que uma espécie de corrida de kart em uma pista especial de redução de atrito. E eu não faço a menor ideia do que isso significa.

Faço uma careta. “Mais ou menos.”

Derek vira o corpo completamente na minha direção e me encara. “O que você quer dizer com ‘mais ou menos’?”

“Quero dizer que aprendi a dirigir aos dezesseis anos, tirei a carta, mas nunca mais dirigi depois disso. Não sou nenhum piloto de fuga.”

“Você acha que consegue pilotar um kart sem matar alguém ou a si mesma?”

“Talvez.” Dou risada. “Eu não sei. Nem sei se ainda sei dirigir. Droga.”

Ele ri também. “Temos que dar um jeito nisso, gata. Você vai voltar para o campus dirigindo”, ele me avisa.

Arregalo os olhos. “Você tá maluco? De jeito nenhum.”

“Então você vai ter que passar a noite na minha casa e dormir com a Brianna, porque eu não vou te levar de volta.”

Gosto como ele já deixou claro que eu dormiria com *Brianna* e não com ele. Gosto como Derek tem o cuidado de falar as coisas e não deixar margem para duplo sentido no meu entendimento.

“Não sei dizer se você é maluco ou se realmente confia que eu vou dirigir bem e não matar nós dois, ou destruir o seu carro”, digo a Derek.

Ele dá de ombros. “O kart vai ser um bom treinamento. Se você for péssima, você dorme na minha casa, e amanhã cedo, com a segurança da luz do Sol, eu vou te ensinar a dirigir.”

Eu deveria dizer não, pois nada de bom pode acontecer em dormir na

casa de Derek, mas fico surpresa quando me pego dizendo: “Combinado.”

Acho que Derek também não esperava que eu fosse concordar com a sugestão, pois seus olhos se arregalam, mas só por um instante. Não faço ideia do que está acontecendo, e de onde surgiu essa ousadia repentina da minha parte, mas quero aproveitar esse bem estar, porque faz muito, muito tempo mesmo que eu não me sinto assim.

Quando chega a nossa vez, cada um se acomoda em um kart. Minhas mãos estão suando de nervoso, mas consigo sentir a adrenalina percorrendo as minhas veias.

Isso vai ser divertido.

É dada a largada. E, meu Deus do céu, eu sou péssima motorista. Não, na verdade, eu sou pior que péssima. Talvez uma palavra melhor para descrever seja: desastrosa. Eu sou um verdadeiro desastre atrás de um volante, não faço a menor ideia como consegui minha carteira de motorista para início de conversa.

Ouçõ a risada de Derek enquanto eu tento me manter na pista e não batendo na área de proteção do acostamento. Me sinto como se estivesse em um carrinho de bate-bate e não em uma corrida. Eu passo mais tempo batendo nas paredes do que na maldita pista. É vergonhoso, mas estou me divertindo como nunca, rindo da minha própria desgraça.

“Talvez nós devêssemos ter começado com o vídeo game”, diz Derek, rindo, depois que saímos do *Drifter*. E é claro que eu mal consegui chegar à linha de chegada. “Pelo menos no vídeo game você poderia treinar para manter o carro na pista.”

Dou risada. “Eu te avisei que sabia dirigir mais ou menos.”

“Mais ou menos?”, ele quase grita, arregalando os olhos, sem parar de dar risada. “Gata, você *não sabe* dirigir. Ponto final.”

Eu o empurro em forma de protesto, mas seu corpo enorme e musculoso mal se mexe. Nós estamos rindo como dois malucos, atraindo olhares feios na nossa direção, mas Derek não parece se importar com isso, e, para falar a verdade, nem eu. Estou me divertindo demais para ter vergonha de gargalhar igual louca em público.

“Isso não é justo. Eu nunca mais pratiquei”, defendo minhas habilidades, ou a falta delas. “Você dirige para todos os cantos. É óbvio que você seria melhor do que eu.”

“Uma criança no kart infantil é melhor motorista do que você, linda.”

Empurro Derek de novo, mais forte dessa vez, o que o faz entrar em

uma nova onda de risadas.

“Idiota”, eu brinco.

“Você precisa comer muito para melhorar essa sua força, Clarke. Eu mal saí do lugar”, ele diz, desdenhando o meu empurrão. “Vamos resolver isso. Vou te levar para comer agora.”

Derek passa o braço pelos meus ombros e me puxa para perto. Meu corpo estremece, mas não por medo, e sim por sentir a eletricidade que o corpo dele irradia.

Sei que vai soar ridículo, mas tenho vontade de chorar por estar conseguindo me sentir confortável ao lado de Derek. Por estar me sentindo normal, como toda a garota de dezoito anos deveria se sentir em um encontro com um cara legal. Uma garota normal não deveria ter de pensar em todas as coisas ruins a qual foi submetida durante os últimos anos.

Essa noite, eu sou apenas uma garota como qualquer outra. E não poderia estar mais feliz e tranquila com isso.

DEREK

A última vez que tive um encontro de verdade com uma garota foi com Aria, minha namorada da época de escola. Desde que entrei na faculdade, transar nunca foi tão fácil, então, toda a formalidade de levar uma garota para sair, seguir o passo a passo dos encontros, se tornou banal. As pessoas se conhecem em uma festa, transam e às vezes nunca mais se encontram de novo.

No entanto, agora, com Sophie, eu voltei a sentir aquela sensação de expectativa que o sexo casual com as garotas da faculdade não proporciona, justamente porque você já sabe onde as coisas vão terminar: com os dois pelados na cama, se chupando e depois transando como se não houvesse o amanhã. Com Sophie, por outro lado, eu estou totalmente no escuro. Não faço a menor ideia do que se passa na cabeça dela. Sei que está se divertindo, e isso é tudo que eu sei. Mas gosto da expectativa, gosto de não saber o que vai acontecer. Senti falta dessa sensação direcionada a uma garota.

“O que você quer comer?”, pergunto a ela. “Tacos, hambúrguer ou...”

“Tacos”, ela me interrompe, falando depressa. “Nossa, eu amo tacos.”

Dou risada. “Tacos, então.”

Levo Sophie para o restaurante do Frankie’s e nós pegamos uma mesa

no salão. Ela pega o cardápio antes mesmo de se sentar. Seus olhos azuis percorrem o cardápio depressa à procura do melhor prato.

“Eretria vai me matar, mas eu vou ter que pedir tacos de camarão”, ela diz.

“Ela ainda está tentando te transformar em vegetariana?”

“Kyle estava certo quando disse que ela não sabe a hora de desistir.” Sophie dá risada. “Mas, não me importo, eu quero parar de comer carne porque não quero contribuir com o que fazem com os bichinhos.”

Sorrio. “Eu não conto se você não contar.”

“Combinado.”

Nós fazemos os pedidos para o garçom, e depois Sophie apoia os cotovelos na mesa e apoia a cabeça nas mãos, olhando para mim de um jeito engraçado. Ela está meio que sorrindo como uma louca, mas seus olhos me encaram com curiosidade.

“O que foi?”, pergunto, achando graça.

“Ansioso para o próximo jogo da temporada?”

“Com certeza. Acho que temos grandes chances de ter uma boa temporada. E você deveria ir a um jogo, sabe, para gritar quando eu fizer uma merda muito grande e torcer pelo adversário.”

Sophie ri. “Quando é o próximo jogo?”

“Na terça à noite”, respondo, contendo um sorriso que quer escapar. “Você vai trabalhar?”

“Vou estar de folga, então acho que vou poder assistir você fazendo várias besteiras na quadra.”

Dou risada, e Sophie abre um sorriso ao mesmo tempo em que seus olhos azuis brilham de divertimento. Ela é linda pra cacete. O tipo de beleza que traz um quê de mistério, e é capaz de fazer um homem mover mundos e fundos por ela.

Gostar de Sophie não fazia parte dos meus planos, mas acho que essa insistência em tentar ficar com ela, pelo prazer de um bom desafio, está me rendendo mais do que só um encontro. Eu gosto dessa menina, gosto da companhia dela e gosto de como ela não se deixa intimidar por mim. Meu status social não a faz me tratar diferente, como costuma acontecer, e é bom ter alguém que te puxa de volta para a Terra. Isso impede que a minha arrogância atinja níveis irreparáveis.

Quando as meninas da faculdade olham para mim, elas veem o capitão do time de basquete, mas quando Sophie olha para mim, ela enxerga a *mim*.

Porra. É uma diferença absurda.

“Você sempre quis jogar basquete?”, Sophie pergunta, cheia de curiosidade.

“Não sempre. Particpei de um torneio entre amigos quando era adolescente, mas nem fazia parte do time da escola ou coisa assim. Foi só uma coisa entre amigos, que se juntaram para jogar no tempo livre. Mas o treinador me viu jogando um dia, gostou e me convidou para fazer um teste para entrar no time.” Dou de ombros. “Os atletas sempre tiveram facilidade de pegar mulher, então, aceitei a oferta dele com isso em mente, mas depois descobri que eu realmente sou bom.”

Sophie joga a cabeça para trás, dando risada. “Você entrou no time para ter a chance de ficar com as meninas?”

Engulo um suspiro. “Eu era muito tímido quando era mais novo, a minha autoconfiança era do tamanho de uma formiga. Pergunte a Brianna. Eu fazia papel de idiota quando tentava falar com uma garota.”

“Fazia?”, ela me provoca, rindo.

Pego um guardanapo, faço uma bolinha e jogo nela, mas também estou dando risada. Sophie se protege da bolinha como se fosse capaz de matá-la.

“De qualquer forma, quando entrei para o time, fui obrigado a me dedicar na academia para ter como competir com o jogo de corpo dos caras. Então, eu deixei de ser magrelo e virei essa tentação que você está vendo.”

Sophie pega a bolinha do chão e joga em mim. “Aproveitou e pegou toda a arrogância do mundo pra você também.”

“Posso ser arrogante, mas não sou mentiroso, gata.”

Ela revira os olhos.

Nesse momento, o garçom volta com os nossos pratos, nos deseja bom apetite, nós agradecemos e ele se retira logo em seguida.

Sophie dá uma mordida no taco de camarão e solta um gemido baixinho. Ai, porra. Essa garota não pode fazer esses sons em público. Agora meu pau está duro que dói.

Dou uma mordida no meu lanche para tentar ignorar o tesão que me atingiu.

“No outro dia, você me disse que quer entrar na NBA, mas qual seria o seu plano B? Você está estudando Marketing, certo?”

Faço que sim. “Eu realmente acredito que vou chegar à NBA, me inscrevi no *draft* e acho que tenho chances, mas, caso isso não aconteça, talvez eu volte para Nevada para assumir os negócios da minha mãe. Ela é

dona de uma cafeteria. Ou, sei lá, talvez eu abra o meu próprio negócio ou trabalhe em alguma empresa. Para ser sincero, não pensei muito no plano B. Estou focado no plano A”, admito. Minha mãe acredita cegamente no meu potencial, mas ela também diz que eu preciso ter um plano B.

“O que é *draft*?”

“É um evento anual no qual os times da NBA podem selecionar jogadores elegíveis e que desejam ingressar na liga”, esclareço. “Tem *draft* para outros esportes também, como futebol americano, hóquei, e por aí vai.”

“E para qual time você quer jogar?”

“Eu ficaria feliz só de *entrar* na liga, mas se estamos falando do time dos meus sonhos, então Boston Celtics com certeza seria minha primeira opção, também é o time para o qual eu torço.”

Sophie parece superinteressada no assunto, e eu estou adorando isso. Amo falar sobre o basquete, porque o esporte ocupa mais da metade da minha vida, mas também amo que ela se interesse por isso, embora já tenha me dito que não acompanha o esporte. Normalmente é difícil falar sobre o basquete com as garotas. Não é um tipo de assunto no qual elas se interessam. Mas, claro, Sophie não é como nenhuma garota que eu já conheci. Soube disso desde o começo, então não deveria estar surpreso.

“Quem te ensinou a jogar?”, ela continua, dando outra mordida no taco.

Engulo a comida. “Meu tio. Irmão do meu pai. Ele era a estrela do basquete da escola, mas sofreu uma lesão no joelho e não teve a chance de jogar profissionalmente. Então, ele decidiu virar técnico, e assumiu o time da escola onde estudou depois que o antigo técnico se aposentou. Ele me ensinou tudo o que eu sei.”

“E o seu pai? Ele não gostava de basquete?”

“Meu pai morreu quando eu era pequeno. Não me lembro muito dele.”

Sophie me olha cheia de solidariedade e sua mão se estica sobre a mesa para segurar a minha. “Sinto muito, Derek. Eu não sabia.”

Seguro a mão dela. “Obrigado.” Sorrio. “Os seus pais devem estar orgulhosos de você. Sempre foi seu sonho estudar Direito, não é?”

Ela solta a mão da minha, endireita a postura na cadeira e abre um pequeno sorriso. “Eles estão orgulhosos, sim.”

Sem dizer mais nada, ela volta a comer. Não posso dizer que sei muito sobre Sophie, mas consigo entender quando ela coloca fim em uma conversa. E foi o que ela acabou de fazer. Está usando a comida como desculpa para não precisar conversar comigo, e, mais uma vez, eu fico sem entender o que

se passa na cabeça dessa garota.

Será que aconteceu alguma coisa com os pais dela? Porque, seja o que for, ficou claro que Sophie não gosta de falar sobre eles.

Minha cabeça começa a me enviar avisos de “cuidado”, porque está claro que Sophie esconde alguma coisa. *Algumas coisas*, na verdade. No plural. Mas a forma como ela me faz sentir é o suficiente para que eu não queira ficar longe dela, independente dos segredos que possa esconder.

22.

DEREK

“Tá pronta?”, pergunto a Sophie, que está sentada no banco do motorista da caminhonete, segurando o volante como se sua vida dependesse disso.

“Mudei de ideia”, ela se acovarda, balançando a cabeça de um lado para o outro. “Eu vou destruir o seu carro, e isso para dizer o mínimo. Não quero nem mencionar o quanto essa ideia pode custar aos nossos ossos.”

Dou risada.

“É sério, Derek. Eu não vou fazer isso. Você tem jogo na semana que vem, não é? E se sofrermos um acidente?” Ela engole em seco. “E se eu matar você?”

Rio mais ainda. “Aposto que você gostaria disso.”

“É, um pouco.” Ela ri também. “Mas, sério, isso é uma péssima ideia, cara.”

Preciso concordar com ela. Eu não tinha a intenção de realmente fazê-la dirigir, pelo menos não agora, mas quando entreguei a chave e ela a segurou sem hesitar, achei que teria que realmente enfrentar a morte de frente. E nem vou mencionar a minha burrice de não me lembrar do jogo na semana que vem. Burke faria questão de me matar se eu aparecesse com qualquer osso quebrado no treino de amanhã.

“Certo. Vamos deixar essa ideia em espera por enquanto, mas temos que resolver esse problema, gata.”

Sophie solta um suspiro de alívio antes de saltar para fora da caminhonete. Nós trocamos de lugar rapidamente, e quando ela está dentro do carro de novo, eu me lembro do nosso acordo. “Isso quer dizer que você vai para a minha casa?”

Ela franze os lábios. “Eu preciso estar em casa amanhã as nove”, ela me avisa. “Preciso tomar um banho antes de ir para o Tina’s.”

“Eu tenho treino as dez. Te deixo em casa.”

Após quase um minuto inteiro pensando, Sophie olha na minha direção. “Podemos assistir *The 100*?”, ela pergunta.

“Pensei que você nunca pediria.”

Com um sorriso, Sophie coloca o cinto de segurança. Dou partida no carro e pego o caminho para casa.

Quando chegamos, noto que não há ninguém em casa antes mesmo de entrar. É sábado à noite, o que significa que os caras devem estar no Holme’s ou em alguma festa por aí. Brianna, que nem de longe é uma pessoa caseira, deve estar farreando em algum lugar também. Prefiro não pensar que ela esteja farreando *junto* com eles.

“Você quer alguma coisa?”, pergunto, caminhando até a cozinha para pegar uma cerveja na geladeira, já que passei a noite inteira bebendo água.

“Não, valeu.”

Pego a bebida e volto para a sala. Sophie está sentada no sofá, olhando em volta como se nunca estivesse estado aqui antes. Não demoro a perceber que ela está desconfortável.

Eu me sento ao seu lado no sofá e dou um gole na minha cerveja.

Sophie está tensa. Consigo sentir isso. E o silêncio da casa, que nos traz a consciência inegável de que estamos sozinhos, não ajuda em nada.

“Tá tudo bem?”, pergunto, e estendo o braço nas costas do sofá, o movimento de investida mais clássico que existe.

Ela me olha, surpresa, como se não entendesse o porquê estou fazendo essa pergunta. “Sim. Por quê?”

Dou de ombros, tentando parecer descontraído, mas a verdade é que estou começando a ficar desconfortável também. “Não sei. Você parecia tranquila antes de chegar aqui, agora seu corpo está tenso.”

“Não estou tensa.”

“Está sim. Consigo sentir.” Coloco minha cerveja na mesa de centro e suavemente puxo o rosto de Sophie na minha direção. Seus olhos azuis encaram os meus e ela não me afasta. “Não é nenhuma surpresa que quero você, mas não vou fazer nada que você não queira fazer. Eu tive várias oportunidades, Sophie, mas estou esperando você me mostrar que tudo bem se eu tentar beijar você.”

Sophie exala. Ela solta tanto ar pela boca que parece que estava segurando a respiração, e então percebo que é exatamente disso que ela estava com medo, que eu fosse aproveitar que estamos sozinhos na minha

casa para fazer alguma coisa. Porra. Que tipo de homem ela acha que eu sou?

“Eu não...” Ela limpa a garganta. “Eu não acho que você vá querer se envolver comigo, Derek.”

“Por que não?”

“Porque eu sou... complicada.”

“Todo mundo é complicado, gata. Posso lidar com isso.”

Ela nega com a cabeça. “Você não faz nem ideia do que...”

Sophie para de falar quando coloco uma mão em seu rosto, fazendo carinho em sua bochecha macia. Ela solta o ar dos pulmões e fecha os olhos por um momento, se entregando, mas se recupera rapidamente e volta a me encarar com aqueles olhos lindos.

“Por que você não deixa que eu decida isso?”, pergunto com um sorriso. “Eu acho que tem algo aqui, entre nós, e eu quero descobrir o que é. Arrisque-se comigo, Sophie.”

Como ela não me para, eu me aproximo, cautelosamente. Não quero assustá-la, mas, porra, quero muito beijar essa mulher. Desde aquele dia na Bassett House que eu não consigo pensar em outra coisa.

Avalio a expressão de Sophie. Seu olhar está fixo nos meus lábios e sua respiração está pesada.

Ela quer isso tanto quanto eu.

Me aproximo mais um pouco, devagar, e Sophie não se afasta. Paro a alguns centímetros de distância dos seus lábios e espero. Estou tão perto que consigo sentir a sua respiração na minha boca. Meu pau está tão duro que dói, mas não vou me mexer enquanto ela não me der um sinal de consentimento.

“Me deixe beijar você, Sophie”, peço, tentando incentivá-la a me dar uma resposta logo, porque ficar perto dela assim é insuportável.

Sophie engole em seco, mas assente devagar depois de alguns segundos.

Enfio minha mão nos seus cabelos loiros, tentando conter a afobação quando encosto meus lábios nos dela. São quentes, macios e deliciosos. Exatamente como eu imaginava. Ajeito o meu corpo no sofá para conseguir um ângulo melhor, e puxo Sophie para mais perto de mim. Ela não se opõe, e eu sinto uma de suas mãos correr pela lateral do meu pescoço até chegar à minha nuca.

Meu corpo está queimando por dentro e eu sinto um aperto no meu peito, um desejo irrefutável de parar o tempo e tê-la nos meus braços, não querendo que esse momento acabe. Meu cérebro fundiu e o fogo corre pelas minhas veias, me levando a um estado de tesão insuportável.

Chupo seu lábio inferior e Sophie geme, abrindo os lábios o suficiente para que eu consiga enfiar a minha língua, tirando máximo proveito da oportunidade. E, de repente, Sophie está dando risada.

“O que foi?”, pergunto, confuso.

“Nada.” Ela ri mais. “É só que você acabou de enfiar a língua na minha boca. Parece que a missão foi cumprida afinal.”

Dou risada também. “Engraçadinha. Traz essa boca de volta pra cá.”

E eu a beijo de novo, fazendo questão de enfiar a língua na boca dela logo de cara. O toque das nossas línguas é lento, quase exploratório, mas maravilhoso. Ela tem gosto de morango, mas acho que isso tem a ver com o batom que está usando.

Sophie solta um gemido gutural que reverbera dentro da minha boca, entrando no meu corpo, percorrendo minha corrente sanguínea e se alojando no meu pau, que pede desesperadamente por atenção.

Coloco as mãos no quadril de Sophie e a puxo para o meu colo. Ela acomoda as pernas ao redor de mim, intensificando o beijo.

Um gemido me escapa quando ela chupa a minha língua, e preciso me controlar para não deitá-la no sofá e rasgar as suas roupas. Quero Sophie como há muito tempo não quis uma garota. Quero estar dentro dela, quero fazê-la se sentir bem, quero saber que gosto ela tem. Quero horas e horas de sexo com ela.

E é pensando nisso que eu enfio minhas mãos por dentro da sua blusa, necessitando desesperadamente sentir a sua pele sedosa sob os meus dedos. Mas Sophie para abruptamente de reagir, separa os nossos lábios e sai do meu colo tão rápido que mal consigo acompanhar. “O que foi?”, eu pergunto, ofegante e perdido.

Sophie está tão ofegante quanto eu, mas agora está do outro lado do sofá, escorada, como se qualquer centímetro de distância de mim fosse importante demais. “Nós deveríamos parar”, ela diz, e sua voz sai tão angustiada que me deixa desconsertado.

“Eu fiz alguma coisa errada?”, pergunto, preocupado. Não acho que eu tenha feito, mas ela parece tão desesperada que começo a pensar que fiz.

“Não, você não fez nada de errado. Eu só... eu não... não consigo fazer isso.”

“Isso o que? Me beijar?”

“Eu preciso ir.” Ela levanta do sofá, ignorando a minha pergunta, e puxa o celular do bolso da calça. “Eu vou chamar um táxi. Você não precisa me

levar.”

Fico tão confuso que demoro alguns segundos para ter uma reação. Só quando Sophie já está na porta, pronta para sair, é que me levanto do sofá e vou atrás dela.

“Sophie, o que tá acontecendo aqui? Não tô entendendo nada. Eu fiz alguma coisa errada?”, repito a pergunta, com mais firmeza dessa vez. Se eu fiz algo errado, quero saber, porque foi totalmente involuntário e ela precisa saber disso.

“Derek, por favor, só me deixa ir”, sua voz sai em tom de súplica, e eu começo a ficar desesperado, porque noto que ela está tremendo dos pés à cabeça.

“Você não vai embora assim.” Coloco as mãos nos ombros dela para tentar acalmá-la, mas Sophie se afasta de novo, abrindo a distância entre nós.

“Não, por favor. Não toca em mim”, ela implora. Seus olhos azuis estão brilhando, e noto que ela está à beira das lágrimas. Caralho. O que foi que eu fiz?

Me afasto dela, dando um passo para trás, porque não sei mais o que eu posso fazer. Só quero entender o que está acontecendo. “Não vou tocar em você, tá legal? Mas também não vou te deixar ir embora desse jeito, Sophie.”

A respiração dela está acelerada, e sei que está fazendo um esforço monumental para não chorar na minha frente, mas isso só serve para me deixar mais apavorado.

Repasso os últimos acontecimentos na minha cabeça, tentando entender o que posso ter feito que a deixasse tão assustada.

Eu coloquei as mãos no corpo dela, por baixo da roupa, e isso... Ah, merda. “Você é virgem?”, indago, antes que meu cérebro consiga filtrar a pergunta. *Porra*. Acho que não deveria ter perguntado isso assim.

Sophie não esboça nenhuma reação de imediato, o que me deixa ainda mais confuso, mas então, quase um minuto inteiro depois, ela faz que sim com a cabeça.

Solto o ar dos pulmões. “Linda, você ser virgem não é nenhum problema pra mim, mas entendo que o ritmo das coisas é diferente pra você.” Dou de ombros. “Podemos ir devagar.”

“O que você quer comigo, Derek?”, ela exige saber. “Por que se dar a esse trabalho? Só para dizer que tirou a virgindade de uma garota?”

Fico boquiaberto. “Que tipo de homem você acha que eu sou?”, pergunto. Tento não me ofender, mas, porra, ela só pode estar de brincadeira

comigo.

“Não sei. Mal te conheço.”

“Então talvez você devesse parar de ser tão teimosa e se dar uma chance de me conhecer de verdade”, digo, irritado. “Que droga, Sophie. Você se esforça tanto para não me conhecer, mas é incrivelmente rápida para me julgar.”

Ela desvia os olhos de mim e suspira. “Desculpa. Você tá certo. Eu não deveria fazer suposições sobre você.”

Me aproximo dela de novo, e de novo com cautela. Coloco a minha mão no seu queixo e levanto o seu rosto para que olhe para mim. “Não tô nem aí se você é virgem ou não. Tudo o que eu tô te pedindo é que me conheça e que deixe eu te conhecer também. Se mesmo assim você me achar um idiota, então, bom, você não será a primeira. Isso eu te garanto.”

Ela ri, e não consigo evitar sorrir. Gosto do som da sua risada, e como os olhos dela brilham quando ela faz isso. Também gosto do sorriso dela, da maneira como revira os olhos quando eu falo alguma coisa que ela julga idiota ou quando me olha com um ar de curiosidade, como se quisesse saber todos os meus segredos.

Merda.

Eu gosto *dela*.

Não deveria ter sido atraído pelos seus comentários sarcástico ou pela sua irritante tendência de ser imune as minhas cantadas, mas, porra, eu fui atraído. Eu *estou* atraído.

“Eu posso fazer isso”, ela responde, por fim, abrindo um sorriso que me causa um aperto no peito. “Meu nome é Sophie Harley, prazer em te conhecer.”

“Derek Mackenzie. E o prazer é todo meu, gata.”

“Não sou sua gata”, ela rebate, brincalhona.

Sorrio. “Isso é o que veremos.”

SOPHIE

Meu corpo inteiro está doendo.

Sofás não foram feitos para dormir, mas lá estava eu, dormindo em um sofá de novo. E de novo com Derek. Mas, diferente de quando dormimos no sofá da sala de estar comunitária da Bassett House, dessa vez, na casa dele, dormimos abraçados em uma porcaria de sofá ridiculamente pequeno. Qual é

o problema dessas caras? Eles estão em sete. Sete jogadores gigantesco de basquete e eles têm um sofá daquele tamanho? É sério?

Certo. Eu fico *um pouquinho* mal-humorada quando sinto dor. Mas, para falar a verdade, eu estou saltitando de alegria por dentro.

Derek e eu dormimos juntos. Abraçados. Se isso não é progresso, eu não sei o que é. E, para completar, eu dormi a noite inteirinha, sem pesadelos, sem nada para atrapalhar o meu sono. E se não fosse a dor horrível nas minhas costas, eu com certeza estaria muito mais feliz.

Não sei exatamente que horas eu dormi, e também não sei como fui parar nos braços do cara. A última coisa que eu me lembro — depois que eu tive um pequeno ataque de pânico ao sentir as mãos de Derek no meu corpo —, é de estar assistindo *The 100* na televisão da sala. Depois disso, acordei com o despertador do celular de Derek tocando, nos avisando que ele precisava acordar para o treino, e precisava me levar para casa.

Graças aos céus todo mundo estava dormindo quando saímos da casa dele, então não precisei me deparar com nenhum dos garotos, ou Brianna, para ter que aguentar as risadinhas enquanto eu fazia uma espécie de caminhada da vergonha para fora da casa deles. No entanto, sei que todos eles devem ter nos visto, já que eles não voltaram para casa até o momento em que eu estava acordada.

Para ser sincera, não estou muito preocupada com isso. Eu estou me sentindo mais leve, como há muito tempo não me sentia, e sei que Derek é responsável por isso. Mas, uma voz no fundo da minha mente me alerta, dizendo que eu devo ir bem devagar. Derek diz que não se importa que eu seja virgem, mas essa nem de longe é toda a história. E, bom, se isso com ele evoluir — seja lá o que isso for —, talvez eu precise contar a ele.

Deus. Como faço isso?

E se ele pular fora?

Merda, merda, merda.

Não sei quando vou conseguir sentir esse conforto com outro homem de novo e, caramba, eu não quero que isso acabe. Quero continuar me sentindo como uma garota normal e Derek me proporciona isso. Não estou pronta para abrir mão.

“Oi, Soph”, a voz de PJ me traz de volta a realidade. Eu estou pegando as coisas do meu armário, pronta para ir embora depois de mais um turno no Tina’s. Graças a Deus PJ e eu não fizemos o mesmo horário de turnos nem hoje e nem ontem, então não precisei fugir dele durante o trabalho.

“Oi.” Sinto meu corpo entrando na defensiva.

“Então, você acabou não aparecendo aquele dia no Holme’s”, ele diz. “Pensei que te veria de novo por lá.”

“Pois é. Minhas amigas acabaram ficando um pouco bêbadas demais, e, bom, eu fiquei tomando conta delas”, conto.

Ele faz que sim com a cabeça, mas o movimento é totalmente automático. “Então, você e o Mackenzie estão juntos ou algo assim?”

Ai, meu Deus.

Eu não estou preparada para ter essa conversa.

“Nós somos amigos”, tento manter a conversa em tom casual.

“Então vocês *não* estão juntos?”, a esperança na voz de PJ me apavora.

“É... complicado”, respondo, tentando deixar uma incógnita na cabeça dele. Talvez isso seja suficiente para que PJ esqueça essa ideia de dar em cima de mim.

A verdade é que eu não sei o que está rolando com Derek. Nós nos beijamos uma vez só, isso não quer dizer que estejamos namorando ou coisa assim. Ele disse não se importa que eu seja virgem, disse que podemos ir devagar... Isso significa que ele quer continuar me vendo?

Ele disse hoje cedo que viria me buscar no Tina’s para finalmente, segundo ele, me ensinar a dirigir direito. Então, acho que talvez isso seja um sim. Ele quer continuar me vendo.

Deus.

Eu estou tão confusa que nem sei por onde começar a analisar essa situação toda. O que nós somos? Amigos com benefícios?

Preciso saber, porque se for só isso o que ele quer de mim, não é o suficiente. Com todos os obstáculos que eu tenho para confiar em um cara, depois de tudo o que eu passei, não posso confiar nele, me entregar para ele e depois perder isso.

Mas, merda, de novo, nós nos beijamos só uma vez. Não posso colocar o cara contra a parede e perguntar o que está rolando entre nós. Provavelmente, nem ele sabe.

“Somos amigos, certo?”, PJ me pergunta.

Franzo o cenho. “Sim, somos. Por quê?”

“Eu sei que você é caloura, então talvez não esteja por dentro dos boatos, mas Derek Mackenzie é o maior galinha que a Duke já viu depois de Christopher Nash. Você não pode confiar nele, Soph.”

Um nó gigantesco se forma na minha garganta.

Eu estou bem ciente da reputação de Derek, mas ainda assim é uma merda ter que ouvir sobre isso de outra pessoa. Faz eu me sentir mais uma na lista interminável de mulheres que já passaram pela cama de Derek Mackenzie. E eu nem cheguei na cama dele ainda.

“Eu estou ciente da reputação dele, PJ. Obrigada”, digo, soando mais ríspida do que eu pretendia. “Mas, como eu disse, é complicado. Mas eu sei muito bem onde estou pisando.”

Na verdade, não faço a menor ideia de onde estou pisando, mas não vou admitir isso para PJ.

“Você é boa demais pra ele.”

Forço um sorriso. “Obrigada por me avisar, mas tenho tudo sob controle.” Fecho a minha bolsa, pronta para sumir dali e colocar um fim nessa conversa. “Bom, tô indo. Bom trabalho.”

Passo por PJ em direção à porta, mas ele segura meu braço, me impedindo. Meu corpo começa a tremer. “Toma cuidado, tá legal? Não quero que você se machuque.”

Tento controlar a minha respiração e o tremor que varre meu corpo. “Claro. Pode deixar”, digo, e me solto suavemente da sua mão, lutando contra a vontade de sair correndo.

Quando chego do lado de fora, meu celular apita. Puxo o aparelho do meu bolso e encontro uma mensagem de Derek.

Ele: Fizemos um treino de merda. Burke nos colocou p fazer suicídio. Juro, gata, eu tô quase me suicidando. N vou conseguir te buscar, mas te encontro na Bassett House.

Eu: Td bem. Dou um jeito. Te vejo mais tarde.

Aparentemente, a aula de direção não vai rolar hoje.

Seja lá o que for suicídios no basquete, parece ruim. Aliás, não tem como atrelar algo bom à palavra suicídio, para começo de conversa.

Ótimo. Agora vou precisar pegar um táxi.

“Soph!” Escuto Camila me gritando. Viro na direção do som e a encontro dentro de um carro, do outro lado da rua. “Tá indo pra casa?”

“Tô. Você vai pra lá?”

“Vou. Vem! Eu te dou uma carona.”

A sorte está do meu lado hoje.

Atravesso a rua e entro no Chevrolet antigo de Camila. “Nossa, você

está me salvando! Obrigada mesmo.”

Ela me dispensa com um movimento de mão. “Imagina. Você me salvou de colocar fogo na casa, lembra? Vou estar te devendo para o resto da vida.”

Dou risada. “Fico feliz que tenha te impedido a tempo.”

Camila volta a dirigir em direção ao campus. “Então, eu meio que ouvi um boato.”

Olho para ela, desconfiada. “Um boato?”

Ela faz que sim. “Você e Derek Mackenzie?”

Meu Deus. Os boatos não correm nessa universidade, eles voam.

“Somos amigos.”

“Não foi o que eu ouvi”, ela acusa.

“E o que você ouviu?”

“Alguém viu vocês dois em um encontro ontem. Comentaram no Twitter e agora todo mundo quer saber quem é a garota anônima que roubou o coração de um dos caras mais cobiçados da Duke.”

Comprimo os lábios para evitar um sorriso.

Dizer que eu roubei o coração de Derek é um pouco demais, mas gosto de pensar que talvez eu esteja fazendo isso. Que é um processo em andamento.

É óbvio que eu não queria gostar dele, e lutei contra isso o quanto pude, mas, mesmo com toda a sua arrogância e insistência, Derek se mostrou um cara muito decente, divertido e respeitoso, o que eu realmente não esperava. Não para alguém que tem sexo oferecido de bandeja a cada esquina.

Mas, de novo, eu o estava julgando mal. Acho que eu julgo mal boa parte dos homens, na verdade.

“Somos amigos”, eu repito, sem jeito.

“Aham”, diz Camila, mas está claro pelo seu tom que ela não está acreditando em mim. “PJ não está feliz com isso, se quer saber.”

Encaro Camila. Ela sabe sobre PJ? Ah, Deus. Não preciso de outra confirmação de que ele está mesmo a fim de mim.

“Ele está a fim de você”, esclarece ela. “Desde o seu primeiro dia no Tina’s, na verdade.”

Reprimo um gemido angustiado. “Nós mal conversamos, mal nos conhecemos. Como ele pode estar a fim de mim?”

Camila dá de ombros, sem tirar os olhos da rua. “Ele está a fim da sua aparência. Claro que ele te acha legal e tal, mas é como você disse: vocês não se conhecem. Então, podemos deduzir que a sua aparência é o que o faz estar

a fim de você. E, quem pode culpar o cara? Molly que me desculpe, mas você é maravilhosa, Soph.”

Minhas bochechas coram. “Não ouse dar em cima de mim você também”, brinco.

Ela ri. “Você não faz o meu tipo. Eu gosto de morenas. Mas você é linda, Sophie. Não dá para culpar o cara.”

Solto um suspiro. “Eu não gosto de PJ desse jeito, mas não quero magoá-lo.”

“Se esse seu lance com o Mackenzie for além da amizade, PJ eventualmente vai partir para outra. Relaxa.”

Forço um sorriso.

Espero que ela esteja certa.

23.

DEREK

Na segunda-feira, eu busco Sophie no Tina's para a nossa primeira aula de direção. A levo para o bairro onde fica a minha casa, onde as ruas são mais tranquilas para que ela não tenha que lidar com muitos outros carros enquanto ainda está pegando o jeito.

Não vou mentir, estou apavorado pra caralho, e ela nem começou a dirigir ainda. Faz cinco minutos que Sophie está parada atrás do volante, encarando-o como se ordenasse que ele não a colocasse em perigo.

“Isso é uma péssima ideia, Derek”, ela repete pela terceira vez.

“Você já disse isso.”

“E continua sendo verdade.”

Dou risada. “Apenas ligue o carro, mulher.”

Contrariada, ela gira a chave na ignição. “E agora?”

“Você tá de sacanagem, né? Você se lembra de alguma coisa das aulas de direção?”

Ela morde o lábio inferior. “Mais ou menos.”

“Ah, meu Deus.” Dou risada, mas estou tremendo por dentro. “Tá. Primeiramente, você vai dar seta para indicar que vai sair com o carro. Depois, você vai checar pelo retrovisor se não está vindo outro carro. Pisar no acelerador você sabe, certo?”

Ela fecha a cara para mim. “Engraçadinho.”

Sophie respira fundo, e depois faz exatamente o que eu disse. Ela dirige feito uma lesma e eu preciso comprimir os lábios para não dar risada.

“O quê?”, ela indaga.

“Nada.”

Ela olha para mim, olha de novo para a rua, depois olha para mim mais uma vez. “O que eu fiz de errado?”

“Gata, um bebê em um andador andaria mais rápido do que isso”, digo, e começo a dar risada. “Sério, Clarke, não tem nem número para classificar a velocidade que estamos.”

“Cala a boca, Derek! Eu estou indo no meu ritmo, tá legal? Para de me apressar!”

Ficamos mais cinco minutos na velocidade lesma até ela evoluir para a velocidade tartaruga. Minha nossa senhora.

“Sophie...”

“Não. Comece.”, ela rosna.

Um motorista começa a buzinar atrás de nós e Sophie arregala os olhos azuis.

“Ah, meu Deus, o que ele quer?”

Dou risada. “Ele quer passar, gata.”

“Merda”, ela xinga. “Eu te disse que isso era uma péssima ideia, Derek.”

“Calma”, peço, colocando uma das minhas mãos em cima da dela, que segura o volante com força. “Acelera mais um pouco e depois vira na próxima à esquerda.”

Ela concorda com a cabeça, acelera o carro e entra na rua que eu indiquei. O motorista apressadinho passa por nós, buzinando feito um maluco, o que faz Sophie fazer uma careta de desgosto.

“Vamos dar mais uma volta no quarteirão. Tenta acelerar mais um pouco.”

A caminhonete finalmente atinge os vinte quilômetros por hora. E nós damos muito mais do que só uma volta no quarteirão, pois Sophie começa a se sentir confiante o suficiente para querer se aventurar mais um pouco, e eu deixo. O sorriso no rosto dela quando percebeu que tinha pegado o jeito me fez querer dizer sim para qualquer coisa que ela me pedisse.

Quase uma hora depois, voltamos para a minha casa, porque o estômago de Sophie roncando não é uma trilha sonora que me agrada.

“Brianna fez uma lasanha ontem. Ainda tem um pouco na geladeira. Posso esquentar pra você”, ofereço.

Quando Sophie não responde, olho para trás para me certificar de que ela ainda está lá, e a encontro olhando para mim de um jeito estranho. Seus lábios estão comprimidos enquanto ela faz aquela cara de quem está pensando demais em alguma coisa.

“O que foi?”, indago.

“Eu tenho uma pergunta.”

Endireito a postura, encostando o quadril na pia. “Certo. Manda.”

“Você pretende me beijar de novo em algum momento ainda nessa vida?”

Abro um sorriso descarado. Não consigo evitar. “Você quer que eu te beije?”

Ela me encara, séria. “Eu não estaria fazendo essa pergunta se não quisesse, Derek.”

Umedeço os lábios e atravesso a cozinha na direção dela. Sophie endireita a postura à medida que eu me aproximo. Seus olhos estão fixos nos meus, e eu consigo sentir a tensão sexual crescer ao nosso redor.

“Da próxima vez que você quiser me beijar, apenas me beije, linda. Juro que não vou reclamar.”

Ela revira os olhos.

Empurro delicadamente o corpo de Sophie até a bancada logo atrás, coloco as mãos na sua cintura e ergo o seu corpo, colocando-a sentada ali. Ela solta um gritinho com o gesto inesperado, mas logo depois abre as pernas para que eu me acomode entre elas. Enfio a mão nos seus cabelos e a puxo para um beijo. Seus lábios macios me recebem segundos antes de eu deslizar a língua para dentro da sua boca. E quando nossas línguas se tocam, uma onda de eletricidade percorre as minhas veias.

Faz dias que não transo com ninguém, o que é raro para mim. Embora eu tenha gozado ontem, batendo uma e pensando em Sophie, porque a garota dominou todos os meus pensamentos, não é a mesma coisa quando é uma garota quem está te tocando. Sinto falta de sexo, mas sei que preciso ir com calma com ela.

Sophie chupa e morde meu lábio inferior, me fazendo soltar um gemido gutural. Meu Deus. Eu quero demais essa mulher.

Suas mãos pequenas e delicadas percorrem o meu cabelo e suas pernas se entrelaçam nas minhas costas, abraçando meu corpo enquanto eu mantenho as minhas mãos na sua cintura. Não quero assustá-la de novo, então desacelero o meu ritmo para deixá-la confortável.

Quando meus lábios começam a beijar o seu pescoço, Sophie solta um gemido baixo. Consigo sentir o corpo dela entregue, então tento avançar. Devagar, enfio as mãos por baixo da sua blusa. “Se eu estiver indo rápido, me peça para parar, tá legal?”, oriento.

Ela não responde, mas sei que concordou com a cabeça.

Sinal verde, senhoras e senhores.

Deslizo as minhas mãos pela lateral do corpo dela, sentindo sua pele se arrepiar sob os meus dedos. E, exatamente como eu imaginava, ela é macia, sedosa e quente.

Sophie segura a minha cabeça e me puxa para mais um beijo. Dessa vez, seus lábios estão mais sedentos, mais urgentes. Sua língua dança com a minha, disparando ondas de desejo para os países baixos. Porra. Eu estou duro pra caralho. Meu pau implora por alívio. Por atenção.

Quando minhas mãos param em cima dos seios de Sophie, quase explodo. São grandes, redondos e empinados. E agora eu só consigo pensar em chupá-los, mas ela separa os nossos lábios depressa e para de reagir antes que eu possa ter a chance.

“Não”, ela arqueja, firme, e eu tiro minhas mãos na mesma hora.

“Certo. Desculpa.”

Ela puxa o ar com força para dentro dos pulmões, tentando estabilizar a respiração. “Eu sei que isso deve ser... uma merda pra você, mas eu não... é que eu...” Ela fecha os olhos por um momento, frustrada. “Eu não tô pronta ainda.”

Com o polegar, faço carinho no seu rosto lindo. “Não vou mentir, Clarke. É difícil pra caralho não jogar você na minha cama e arrancar as suas roupas, mas eu entendo, tá legal? Você não precisa se explicar. Tá tudo bem.”

“Obrigada”, ela agradece, me dando um beijo ténue antes do seu estômago roncar de novo.

Dou risada. “Ainda bem que ele roncou agora, porque teria acabado com todo o clima.”

Ela ri também.

E, caramba, é o som dos anjos.

24.

SOPHIE

Eu passo pelos portões de entrada do Cameron Indoor Stadium, na terça-feira à noite, sentindo um frio na barriga. É a primeira vez que vou assistir a um jogo de basquete ao vivo. Bom, é a primeira vez que vou assistir a um jogo de basquete e ponto. Mas, o frio na barriga se dá porque me pego surpreendentemente ansiosa para que a Duke ganhe, pois sei que isso é importante para Derek, já que ele realmente quer entrar na NBA.

Brianna já está na arquibancada, guardando três lugares perto dela. Eu me sento entre Brianna e Eretria; e Savannah se senta ao lado de Eretria. Dá para sentir a empolgação exalando do corpo das minhas amigas, mas sei que eu não estou diferente. Não vejo a hora de o jogo começar para que eu possa colocar essa ansiedade para fora. Tenho quase certeza que vou me revelar uma torcedora maluca, gritando e xingando tudo e todos.

“Ah, meu Deus, eles estão entrando”, Savannah exclama, animada.

Duke está jogando em casa, então a arquibancada é um mar de azul e branco — as cores da universidade. E assim que os meninos começam a entrar na quadra, a torcida vibra, gritando, berrando e lançando palavras de incentivo.

“Contra quem eles vão jogar?”, pergunto.

“Boston College Eagles”, responde Eretria, nossa especialista em basquete. “Eles foram bem na temporada passada, mas o time perdeu alguns bons jogadores que se formaram.”

“Então os meninos têm uma boa chance?”, pergunta Brianna.

Eretria confirma. “Sim.”

Os jogadores começam a se posicionar na quadra.

“Mack joga com a camisa 14. Caso você queira acompanhar o seu gato de pertinho”, brinca Brianna.

“Nós nem tivemos tempo de conversar sobre isso”, diz Savannah. “O que está rolando entre vocês dois?”

Eu abro a boca para responder que não faço a menor ideia, mas Eretria intervém. “Shhh... Vai começar.”

Ficamos em silêncio.

Derek e outro jogador se posicionam no círculo central da quadra e o árbitro joga a bola para cima. Os dois pulam para disputar a posse, e Derek acaba levando a melhor, batendo na bola, que Kyle acaba pegando.

“Vai, Ky!!”, grita Eretria. “Vai! Vai!”

Kyle atravessa a quadra batendo a bola e arremessa na cesta. E nós começamos a gritar como loucas.

“Ai, meu Deus, meu irmão é o cara”, diz Eretria, e é a primeira vez que a escuto falar de Kyle com tanto orgulho.

Olho para o placar. Está 3x0 para Duke.

Franco o cenho. “O placar está marcando três, mas ele só fez uma cesta. Como assim?”, pergunto, mais perdida do que cego em tiroteio.

Eretria ri. “Savannah me fez a mesma pergunta na semana passada. Funciona assim, quando um jogador sofre uma falta, ele cobra essa falta em cima da linha de lance livre, então, essa cesta vale só um ponto. Quando o jogador faz uma cesta *dentro* da linha dos três pontos, a cesta vale dois pontos. E quando um jogador faz uma cesta *atrás* da linha dos três pontos, a cesta vale três pontos”, explica Eretria, apontando para as tais linhas para que eu entenda do que raios ela está falando. “Ky fez a cesta de trás da linha dos três pontos, por isso valeu três. Entendeu?”

Assinto. “Certo. Não parece tão difícil.”

A torcida grita de novo e eu olho rapidamente para o placar para entender se fizemos mais pontos. O placar marca 5x2 para Duke. Meu Deus. Quando essas cestas aconteceram?

Foco no jogo, tentando acompanhar a velocidade com a qual tudo acontece. O ritmo é muito intenso e os garotos correm de um lado para o outro da quadra, o que me deixa cansada só de olhar.

No final do segundo período, quando falta apenas quinze segundos para terminar o jogo, nós quatro estamos em pé, de mãos dadas, esperando para ver o que vai acontecer. O jogo foi paralisado, pois o treinador Burke pediu tempo.

De onde estamos, não consigo ouvir o que ele está falando com os garotos, mas vejo as cabeças deles concordando com seja lá o que o treinador

está dizendo.

O placar está 76x78, e nós estamos perdendo. É provavelmente o último lance da partida, o que significa que os meninos precisam fazer uma cesta de três pontos para virar o jogo e ganhar.

“Ai, meu Deus!” Eretria extravasa.

A jogada começa e o cronômetro volta.

Friends está com a bola. Ele atravessa a quadra como um raio enquanto Derek grita alguma coisa parecida com “Um-a-um”, mas não tenho certeza se é isso mesmo. E também não sei o que significa.

Treze segundos.

O garoto do time adversário bloqueia o caminho de Friends.

“Nash tá livre! Nash tá livre!” Eretria grita.

Dez segundos.

E Nash não está mais livre.

“Volta a bola!” Minha amiga continua gritando. “*Pelo amor de Deus, Friends!*”

Sete segundos.

Friends lança a bola para Derek, que está livre na lateral *e atrás da porcaria da linha de três pontos*.

“Arremessa!”, eu e as meninas gritamos juntas.

E Derek salta, lançando a bola no ar em direção à cesta.

Quatro segundos.

“AAAAA”, Savannah se desespera.

A bola entra na cesta, o cronômetro zera e o barulho indicando o final da partida soa, junto com os gritos da torcida.

“Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!” Brianna grita.

“AAAAA!”, Savannah grita.

“AAAAA!”, eu grito.

“Eagles, o cacete!”, Eretria berra.

E eu não sei se dou risada, se grito, se pulo. Mas acabo optando por gritar o nome de Derek junto com todo o resto da torcida.

“Meu Deus, isso foi muito emocionante!”, eu digo. “Quando é o próximo jogo?”

Derek estava certo. Eu estava perdendo toda a adrenalina de ser uma torcedora. Assistir jogos ao vivo é muito melhor do que ver pela televisão. A energia das pessoas, os gritos, a tensão... É tudo muito mais excitante ao vivo. Acho que eu posso começar a me tornar uma fã de esportes, se for para

acompanhá-los assim.

“No sábado”, responde Eretria.

“Tão próximo?”, Savannah questiona. “Nossa, os meninos mal vão conseguir descansar.”

Brianna concorda com a cabeça. “Mas a vida de atleta é assim mesmo. É pior ainda quando se é profissional. Eles viajam muito.”

“É verdade”, confirma Eretria. “E o próximo jogo é fora, o que sempre é mais difícil porque a maior parte da torcida é do time adversário.”

“Onde vai ser o próximo jogo?”, pergunto.

“Em Blacksburg, na Virginia”, Eretria responde. “São três horas e pouquinho de viagem. Cansativo, mas talvez possamos dar um jeitinho de ir.”

Savannah faz uma careta. Acho que a ideia de ficar três horas dentro de um carro, para ela que é totalmente inquieta, é um martírio.

“Sábado é minha folga. Então acho que podemos ir, sim”, eu digo, animada.

“Vamos lá ver os meninos”, Eretria levanta, seguindo pelo corredor estreito de acetos até chegar ao corredor principal.

Nós a seguimos.

Ficamos esperando os garotos do lado de fora da arena. Demora um pouco até que eles finalmente comecem a sair, pois imagino que devam estar comemorando no vestiário, depois vão tomar banho, se vestir e só depois sair. Mas eu espero pacientemente, assim como todos os outros torcedores, que se aglomeram na saída da arena para receber os nossos campeões.

Abro um sorriso quando vejo Derek sair ao lado de Nash e Kyle. Eles estão vestindo terno e gravata azul e, meu Deus do céu, Derek está tão gostoso nesse momento que eu sinto um calor invadir o meio das minhas pernas.

Ai, minha nossa.

Nunca senti desejo sexual por ninguém antes, dadas às circunstâncias da minha vida. E preciso me segurar para não começar a arfar descontroladamente enquanto o desejo inunda minhas células.

Derek abre um sorriso, mostrando suas covinhas, assim que me vê. Caminho até ele para parabenizá-lo pelo jogo incrível e sou recebida pelos seus braços fortes, que me envolvem em um abraço apertado, me tirando do chão. Quase fico sem ar para respirar.

“Paraíso”, ele diz, enfiando o rosto no meu pescoço e inspirando o meu perfume.

Dou risada. “Parabéns pela vitória.”

“Obrigado, linda.” Ele me coloca de volta no chão. “Você torceu muito pelo time adversário?”

“Na verdade, gritei feito uma louca, torcendo *por você*”, confesso. “E aquela última cesta, nos segundos finais... Meu Deus do céu, Derek, quase tive um ataque.”

Ele gargalha. “O basquete está te conquistando, então?”

Você também está, eu quase respondo, mas mordo minha língua. “É, acho que sim”, é o que eu consigo dizer.

“D”, um garoto grita. Sei que é do time, pois ele também está de terno e gravada azul, mas não é nenhum dos meninos que moram com Derek, então não o conheço. “Estamos indo no Noel’s pra comemorar. Bora!”

Derek olha para mim. “Vamos?”

Sorrio. “Vamos.”

Estou descobrindo uma atual propensão em falar sim para esse cara.

O Noel’s é um bar perto do campus da Duke. Nunca fui até lá. Como estou sempre em Raleigh por conta do trabalho, e agora por estar vendo Derek com mais frequência, o Holme’s é sempre a primeira opção de bar. Mas os garotos estão animados demais para dirigir meia hora até Raleigh para começar a encher a cara.

Preciso admitir que ter um bar perto de um campus universitário é bom negócio, pois, quando chegamos, a entrada está abarrotada de gente, provavelmente alunos da Duke que tiveram a mesma ideia de comemorar a vitória do time no Noel’s.

“Meu Deus, isso aqui está uma loucura!”, diz Brianna, saltando da caminhonete de Derek e olhando para a fila do lado de fora.

Tem fila para entrar no maldito bar.

“É por isso que eu gosto do Holme’s”, reclama Babyface.

Nash passa o braço pelos ombros do amigo. “Você sabe que a gente entra em qualquer lugar, cara. Fila é uma parada que não existe no meu vocabulário.”

“Arrogante como sempre”, provoca Eretria.

“Arrogante não, gata. Estou constatando um fato”, ele retruca, lançando uma piscadela pra ela.

Tá. Tem alguma coisa acontecendo entre esses dois e eu estou claramente por fora.

Mas Nash está certo.

Assim que o segurança os reconhece, abre um sorriso para os garotos, deseja parabéns pela vitória em cima do Boston College e nos deixa entrar sem nem se dar ao trabalho de checar a nossa identidade. Rá. Não é à toa que esses caras tem uma autoconfiança inabalável. Eles são tratados como privilegiados. É como ter o mundo inteiro na palma da mão.

O interior do Noel's está tão caótico quanto o lado de fora. Dá para sentir a mudança drástica de temperatura assim que você entra. O frio é trancado do lado de fora e um calor infernal nos recebe de braços abertos.

Eu estou muito agasalhada para esse lugar. Tenho a sensação de entrar entrando em uma fornalha.

“Sinto que estou entrando no inferno”, resmunga Savannah.

Eretria e eu damos risada.

“Eu estou no meu ambiente, amiga.” Eretria dá uma piscadela. “Vamos pegar alguma coisa para beber.”

“E AÍ, GALERA!” Nash grita por cima da música do bar e as pessoas irrompem em gritos, assovios e aplausos. E, em um piscar de olhos, tem três garotas penduradas no pescoço dele.

Eretria revira os olhos. “Cretino exibido.”

Savannah e eu nos entreolhamos.

“O que está rolando entre vocês?”, Savannah questiona.

Nós nos aproximamos do balcão do bar e, sem nem perguntar, Eretria pede três doses de tequila para o barman. “O que está rolando é que nós transamos no aniversário dele.”

Meu queixo cai. “Você transou com o Nash?”

“E não contou pra gente?” Savannah se indigna.

Ela dá de ombros. “Sim, transei com ele”, responde. “E não contei porque não foi nada demais.”

Savannah olha para a nossa amiga com incredulidade. “Ah tá. E esse seu mau humor é porque não foi nada demais?”

O barman traz as doses, colocando-as na nossa frente, e Eretria pega um copinho. Savannah e eu a imitamos. Nós viramos a dose na boca, o álcool queima a minha garganta e todo o caminho até o meu estômago. Me sinto instantaneamente mais quente, como se fosse preciso. Estamos em uma amostra grátis do inferno dentro desse lugar.

“Eu não estou de mau humor”, Eretria garante, embora não soe convincente. “Mas ele é um idiota. Só isso. Mas, foda-se ele, eu tenho muitas opções essa noite.” Ela chama o barman e balança o copo para ele, pedindo

mais uma dose.

“Phie?”

Sabe aquele momento em que você leva um susto e parece que o seu coração para de bater por um milésimo de segundo? É o que acabou de acontecer comigo.

Uma onda de pânico corre pela minha coluna, invadindo minhas veias e tomando conta de todo o meu corpo.

Só tem *uma pessoa* nesse mundo que me chama de Phie.

Meu cérebro congela, minhas cordas vocais congelam e eu não consigo respirar. Não consigo respirar.

Minhas mãos tremem, meu corpo treme, minhas pernas tremem. Não consigo respirar.

Viro na direção do som da variação angustiante do meu nome, encontrando os olhos prateados de Owen me encarando de volta. Ele parece animado em me ver, verdadeiramente animado, o que faz as minhas vísceras se contorcerem.

Não consigo respirar.

Continuo petrificada como um dois de paus.

Olho para a jaqueta do Boston College que ele está vestindo. Ele foi para Boston? Meu Deus. Ele estava na quadra durante todo o jogo? Como eu não vi? Ele não jogou, tenho certeza, então devia estar no banco de reserva. Eu o teria visto se tivesse jogado. Eu o reconheceria em qualquer lugar do mundo, independente de quanto tempo passe.

“Caramba, gata, que bom te ver”, diz Owen, todo sorridente. “Faz o que? Dois anos?”

Não consigo respirar. Porque não tem mais ar nesse lugar. Owen o está roubando com seus olhos brilhantes de tesão e com o sorriso descarado.

Não consigo desviar os olhos.

Não consigo nem sequer mexer a porra de um músculo.

“Quem é o seu amigo, Soph?”, Savannah indaga, curiosa.

Owen olha para ela, o que faz o seu sorriso aumentar ainda mais. Não. De jeito nenhum eu vou permitir que ele chegue perto de nenhuma das duas. Mas, porra, não consigo me mexer.

Tenho vontade de gritar, mas não consigo.

“Sou um... amigo de infância”, ele se apresenta, omitindo todo o restante da história. Amigo de infância, uma ova! “Senti saudade, Phie.”

Owen desliza os dedos pelo meu braço. Meu corpo inteiro estremece e

eu começo a tremer descontroladamente. Um grito angustiado fica preso no fundo da minha garganta, minhas mãos se tornaram duas pedras de gelo e sei que ele consegue sentir meu corpo tremendo sob seus dedos.

Owen sustenta o meu olhar. Meu Deus, *ele está realmente feliz em me ver*. E o brilho lascivo nos seus olhos me embrulha o estômago. Sinto a náusea me atingir.

Isso só pode ser um pesadelo.

Esse cara é o meu pesadelo particular.

Ele continua sorrindo para mim. O mesmo sorriso de quando prendeu meu corpo embaixo do dele, tentando enfiar o pau dentro de mim à força.

Eu cambaleio alguns passos para trás, me desequilibrando, porque minhas pernas não são mais capazes de me manter em pé.

Ele me encontrou.

“Montgomery.” Ouço a voz ríspida de Derek atrás de mim, e não sei se me sinto aliviada em saber que ele está aqui ou aterrorizada com a possibilidade do que pode acontecer a seguir. “Tá perdido?”

Owen expande o sorriso, como se tudo tivesse ficado ainda mais interessante agora. “Mackenzie, que desprazer te encontrar. Tô vendo que você conhece minha garota.”

Derek olha para mim. “Quem? Sophie?” Ele dá risada. “Por favor, não me faça rir.”

“Ah, você não falou sobre nós, Phie? Agora eu tô decepcionado.”

Olho em desespero para Eretria e Savannah.

Eretria olha para Owen e depois olha para mim. E como a pessoa perspicaz que é, ela entende. “Porra! É você.”

Owen sorri. “Ah, então Phie falou sobre mim.”

A feição de Eretria fica dura como pedra, e ela sustenta o olhar de Owen, sem se deixar intimidar. “Derek, você poderia, por favor, levar a Soph pra casa? Agora.”

“Mas nós estamos colocando o papo em dia”, protesta Owen, se divertindo.

“Derek”, Savannah chama, séria. “Agora.”

“Vai, Soph.” Eretria me empurra delicadamente, e esse é todo o incentivo que o meu corpo precisava para disparar para longe de Owen. Abro, desesperadamente, espaço entre as pessoas, tentando chegar à saída do bar.

Não consigo respirar.

“Sophie”, Derek me chama, mas eu não paro até estar do lado de fora, perto de onde a caminhonete dele está parada. O ar gelado de novembro adentra os meus pulmões, e eu estou tremendo dos pés à cabeça. Mas não é frio. É puro e completo pavor.

“Linda”, Derek me alcança, parando na minha frente.

Eu desabo. O choro irrompe, me pegando de surpresa e pegando Derek de surpresa. Seus olhos castanho-esverdeados me encaram, repletos de preocupação.

O choque finalmente está passando e eu estou começando a assimilar o tamanho da merda que acabou de acontecer.

Ele me encontrou.

Agora ele sabe onde eu estudo.

“Sophie, o que tá acontecendo?” Derek exige saber.

“Eu não... eu... ele...”, eu balbucio.

“Linda, não tô entendendo. Você...”, ele se interrompe, endireitando a postura e olhando seriamente para mim. “Vocês dois estão juntos?”

Meu corpo estremece só de pensar nisso. “Não. Meu Deus. Claro que não.”

“Então o que é?”

“Nada.”

“Nada, o cacete, você tá chorando e dá pra ver nos seus olhos que você tá com medo. Então me fala o que tá rolando.”

“Esquece isso, por favor”, eu imploro.

Mas Derek está irredutível. “Não vou esquecer porra nenhuma. Me fala o que está acontecendo, Sophie, senão eu vou perder a cabeça.”

Eu explodo. “Ele tentou me estuprar.”

25.

SOPHIE

Derek fica imóvel.

Seus olhos castanho-esverdeados estão arregalados e eu consigo perceber que o seu corpo inteiro enrijeceu por conta da última coisa que eu disse.

Meu corpo volta a tremer quando eu me lembro dos olhos prateados de Owen, do seu sorriso e da forma como conversou comigo, cheio de segundas intenções. Ele não mudou muito. Parece mais velho, claro, mas ainda é exatamente como eu me lembro. Alto, forte — já que também é jogador de basquete — com cabelo loiro escuro e olhos prateados, quase azuis.

“O quê?”, a voz de Derek sai rouca e quase inaudível.

“Foi há dois anos e...”

Derek começa a caminhar na direção da porta do Noel's, mas eu corro até ele, entrando no seu caminho para impedi-lo. Coloco as mãos no seu peito, tentando pará-lo. “Não, não, por favor, não faz isso. Por favor, Derek.”

Seus olhos escurecem de pura fúria, seu corpo grande e musculoso está tremendo de ódio e os punhos cerrados já estão preparados para entrar na cara de Owen.

“Você está de brincadeira comigo? Você está protegendo esse filho da puta?”, ele explode.

“Não”, respondo com firmeza. “Pelo amor de Deus, claro que não. Mas eu não quero fazer uma cena, por favor. Não quero que tudo mundo fique sabendo, tá legal? Se você entrar lá agora e socar a cara dele, vai criar problemas. Ele com certeza não está sozinho, vai virar uma confusão generalizada entre os dois times. E depois você vai ter que se explicar e eu não... não consigo lidar com isso agora. Por favor, Derek.”

Ele passa as mãos pelos cabelos escuros, exalando ódio. E então,

começa a andar de um lado para o outro, pensando se deveria me dar ouvidos ou invadir o Noel's e matar Owen.

Não vou mentir. Uma parte de mim quer deixá-lo fazer isso. Fodam-se as consequências. Eu mesma mataria Owen se não ficasse desesperada demais só de chegar perto dele. Eu adoraria ver Derek arrancando sangue desse desgraçado, e então, talvez, não sei, eu me sentisse vingada. Mas, violência nunca é a resposta. Sei que é o meu ódio por Owen que gostaria de vê-lo machucado, mas eu não sou como ele. Não machuco as pessoas, e não vou deixar que Derek faça isso. Não por minha causa.

“Me leva pra sua casa”, eu peço, ainda tentando convencê-lo a não entrar no bar. “Eu não posso ficar aqui.”

Derek não responde, e seus olhos estão fixos na porta de entrada do Noel's. Se ele realmente decidir entrar, eu não vou conseguir impedi-lo.

“Por favor, Derek”, suplico, e seguro o seu rosto, puxando a cabeça dele levemente para baixo para que olhe para mim. “Não entre lá. Por favor.”

Derek exala, soltando todo o ar dos pulmões. “Eu quero matar ele.”

Suspiro. “Eu sei.”

“Mas não vou fazer isso para não te expor. *E só por causa disso*, Sophie. Não dou a mínima para o resto. E você vai me explicar tudo direitinho.”

Concordo com a cabeça. “Obrigada.”

Sinto como se uma bigorna estivesse pairando sobre o carro durante toda a viagem até Raleigh. Derek segura o volante com tanta força que me pergunto se ele está imaginando que está segurando o pescoço de Owen.

Quando chegamos na casa dele, o silêncio reina e é insustentável. Consigo sentir as ondas de fúria que Derek emana e não consigo evitar me sentir feliz por elas. Eu nunca tive ninguém para me defender, alguém que estivesse disposto em fazer uma loucura por mim, alguém que não hesitasse antes de tentar me proteger. Mas Derek é esse cara. Ele nem sequer pestanejou, foi direto defender a minha honra como se a vida dele dependesse disso.

“Vem. Senta aqui comigo”, eu chamo, me sentando no sofá e batendo no espaço vago ao meu lado.

Derek joga o corpo imenso no sofá, fazendo o móvel ranger quando recebe o seu peso. Ele está puto da vida. Não é preciso ser um gênio para saber disso. Está estampado na cara dele a sua necessidade de quebrar alguma coisa, já que o impedi de fazer isso com a cara de Owen.

Respiro fundo, puxando o ar para encher os pulmões e me dar fôlego

para o que eu sei que preciso contar. “Meus pais estão mortos.”

Derek olha rapidamente na minha direção, sendo pego totalmente de surpresa.

“Eu tinha sete anos quando eles morreram. Foi em um roubo. Dois assaltantes pararam o nosso carro e pediram que meu pai entregasse o veículo para eles. Acho que estavam fugindo da polícia ou algo assim. Eu me lembro de ouvir sirenes por perto. E, enfim, meu pai saiu do carro e minha mãe veio me tirar do banco de trás, mas o meu cinto emperrou e ela não conseguia me soltar. Os bandidos ficaram furiosos e pensaram que minha mãe estava mentindo para tentar atrasá-los, então um deles bateu com a arma na cabeça dela. Meu pai partiu pra cima do cara, mas o outro bandido atirou. Minha mãe começou a gritar e pedir por socorro, então eles atiraram nela também.”

Umedeço os lábios, sentindo minha garganta fechar e meus olhos arderem. Falar dos meus pais é algo que eu só fiz uma vez desde que eles morreram. Veronica Harvey, minha única amiga da escola, é a única pessoa que sabe que meus pais estão mortos, e nós duas perdemos contato depois que eu mudei de escola.

Meus pais são como uma ferida que eu venho há anos tentando cicatrizar e não consigo. Nunca vou conseguir. Eles eram meus pais e eu perdi ambos ao mesmo tempo, ainda sendo uma criança. É cruel. Tentar esquecer é tão inútil quanto tentar mudar o que aconteceu com eles.

“Os bandidos levaram o carro comigo dentro, mas o abandonaram alguns quilômetros depois, quando despistaram a polícia. Não sei o porquê não me mataram. Não sei mesmo. Eles não tocaram em mim. E eu fiquei no carro até que uma senhora me encontrou e me ajudou. Ela chamou a polícia, eu tive que contar o que tinha acontecido, e depois descobri que meus pais estavam mortos.”

Fecho os olhos e meus lábios começam a tremer. Sei que não tem como eu contar tudo isso sem chorar, então nem me dou ao trabalho de tentar segurar. Deixo as lágrimas rolarem quentes pelas minhas bochechas.

“Meu Deus, eu sinto muito, linda. Eu sinto muito mesmo”, Derek lamenta, sincero, e me puxa para mais perto de si, me envolvendo com um dos seus braços fortes. “Mas não entendo o que isso tem a ver com Montgomery.”

Reúno as forças para contar o resto da história. Não aguento mais esconder. Não aguento mais viver dentro desse pesadelo, sozinha.

“Meus pais eram filhos únicos, então eu não tinha tios que pudessem

tomar conta de mim, e minha única avó viva tinha Alzheimer e morava em uma casa de repouso, então não poderia tomar conta de mim. Eu passei por quatro lares adotivos até completar dezoito anos. Os três primeiros foram uma merda. Eu apanhava no primeiro, fui feita de empregada doméstica da família no segundo, e no terceiro, eles quase não me alimentavam. A única refeição que eu fazia era na escola. Eles só queriam o dinheiro do governo por tomar conta de uma órfã.” Faço uma pausa necessária para tomar fôlego e secar as lágrimas que embaçam minha visão. “Quando a coisa começava a ficar muito difícil, eu dava um jeito de eles me expulsarem, para que eu tivesse a chance de ir para uma família melhor. E então, quando eu tinha dezesseis anos, essa família apareceu. Eles me acolheram como se eu fosse uma filha mesmo. Me tratavam muito bem, queriam saber como tinha sido meu dia na escola, sempre pediam a minha opinião pra tudo e eu achei que finalmente teria uma chance, sabe? Depois de tudo o que a vida tirou de mim, eu achei que poderia ter uma chance.”

Tento organizar meus pensamentos. As lembranças vêm aos montes na minha cabeça e é tão difícil mergulhar nelas como foi difícil ver Owen de novo.

“Essa família tem um filho. Owen. Nós não éramos muito próximos, mas ele também me tratava bem. Era gentil comigo. E, bom, gentileza não era uma coisa que eu conhecia naquela época. Enfim, ele se formou na escola pouco tempo depois que eu fui morar com a família dele, e o pessoal da turma dele decidiu dar uma festa para comemorar a formatura. Owen voltou dessa festa no meio da madrugada, completamente bêbado e todo molhado porque estava chovendo naquela noite.” Eu estremeço, e minha voz começa a vacilar, tornando mais difícil continuar falando. “Ele entrou no meu quarto e... eu... eu estava dormindo e... eu acordei com ele em cima de mim, apertando os meus seios. Quando ameacei gritar, ele tampou a minha boca e disse que nós íamos nos divertir.”

O braço de Derek fica rígido em volta de mim, seus punhos estão cerrados e seu maxilar está tenso. Eu vejo o quanto está furioso pelos músculos tensionados dos seus bíceps. É como um vulcão, prestes a entrar em erupção.

“Ele... rasgou a minha roupa e... quando ele tentou colocar... você sabe... eu peguei a garrafa de cerveja que ele deixou no criado-mudo do lado da minha cama e quebrei na lateral do corpo dele. Foi quando eu consegui escapar. Me escondi no banheiro e tranquei a porta. Fiquei lá até os pais dele

acordarem. E ouvi a mentira toda que ele contou a respeito do corte que o vidro causou. Ele disse que caiu em cima de uma garrafa de cerveja na festa e acabou se machucando. Uma semana depois, ele foi para a faculdade, e eu não o vi mais desde então. Nunca estava em casa quando ele vinha visitar. Eu não sabia que ele tinha ido para Boston fazer faculdade. Tinha certeza que estava em Kentucky ou algo assim.”

“Você continuou morando com os pais dele?”

Confirmo com a cabeça. “Eu não tinha para onde ir e eles eram bons para mim de um jeito que ninguém nunca tinha sido antes. Não é culpa deles que o filho é um completo filho da puta e...”

“Um estuprador, Sophie”, ele me corrige, furioso. “É isso o que ele é. Pode não ter conseguido com você, mas só o fato de ele tentar o torna um estuprador.”

Solto um suspiro cansado. “Eu sei.”

Derek passa a mão pelo cabelo, possesso. “Você deveria ter me deixado arrebentar a cara do filho da puta.”

“Isso não mudaria nada”, digo, categórica. “Sim, seria bom vê-lo ter o que merece, mas isso não vai acontecer.”

“Como assim?”

Dou de ombros, impotente, com as lágrimas embaçando a minha visão de novo. “Eu não tenho como provar que ele tentou me estuprar. Não tenho como acusá-lo disso, então ele escapou ileso.”

Derek balança a cabeça, incrédulo. “Eu... eu nem sei o que te dizer, linda. Só consigo sentir ódio. Caralho. Eu quero matar ele, Sophie.”

“Eu sei. E tudo bem, você não precisa dizer nada. Eu só... eu não aguento mais isso. É demais. Encontrar ele essa noite foi demais. Eu sinto como se nunca fosse conseguir superar isso, como se ele fosse um pesadelo do qual eu não consigo acordar. Eu tô tão cansada dessa merda.”

Estou chorando compulsivamente agora, sem conseguir parar. Derek me puxa para o seu colo com delicadeza e eu me alinho ao seu peito como se fosse um bebê procurando afago.

“Por favor, não chora. Eu não aguento isso”, ele suplica, fazendo carinho no meu cabelo enquanto eu molho a sua camisa com as minhas lágrimas. “E você vai superar isso. Caramba, claro que vai.”

“Eu não sei como”, eu balbucio.

Derek puxa o meu rosto para cima, me forçando a encará-lo. “Nós vamos descobrir juntos”, ele garante. “Agora que tudo faz sentido pra mim,

vou poder te ajudar.”

Fungo, franzindo o cenho. “Como assim?”

Derek enxuga todas as minhas lágrimas, uma a uma. Seus olhos me encaram, tristes. “Você me deixou maluco, com o seu sarcasmo e a sua mania irritante de me dar foras. Eu fiquei louco e coloquei na cabeça que iria tentar te desvendar. Você parecia um desafio excitante.” Ele balança a cabeça, verdadeiramente aborrecido. “Eu queria tanto te levar pra cama e... Puta merda, eu não fazia a menor ideia, Sophie, mas agora entendo o porquê você estava tão na defensiva e o porquê você surtou quando nos beijamos. Eu... porra, gata, eu sinto muito mesmo. Fui tão idiota.”

Sorrio, e pela primeira vez, gosto de ouvi-lo me chamando de gata. “Você não tinha como saber.” Dou de ombros. “Não posso culpá-lo por isso, e nem você deve fazer isso. É verdade que eu não confio nos homens, e sempre penso o pior deles antes de começar a pensar o melhor. Mas eu... confio em você, Derek. Sei que você não vai me machucar.”

“Não vou. Nunca te machucaria.”

Seco os olhos com as costas da mão. “Eu sei”, confirmo. E sem nenhum aviso prévio, saio do seu colo e estendo a mão para ele. “Vem comigo.”

Ele me olha confuso. “Aonde vamos?”

“Para o seu quarto.”

A boca de Derek abre e fecha algumas vezes. Então, ele limpa a garganta para conseguir falar. “Você não precisa fazer isso, linda. Eu posso esperar.”

“*Eu* não quero mais esperar. Owen tem controlado a minha vida desde a noite em que me atacou. Eu não vou mais o deixar fazer isso”, afirmo, decidida. “Eu confio em você, Derek, e eu quero transar com você.”

26.

DEREK

Eu estou tenso dos pés à cabeça.

A raiva circulando nas minhas veias me faz querer explodir. Sexo é um ótimo jeito de aliviar a raiva, no entanto, sei que vou precisar ser cuidadoso e paciente. Mas não sei se estou no meu melhor momento para ser qualquer uma dessas coisas.

Minha cabeça está girando e eu só consigo pensar que estive tão perto de descontar a minha raiva na pessoa que a causou, mas Sophie me impediu. Juro que teria entrado no Noel's e partido Owen Montgomery ao meio. Mas, Sophie estava certa. Não tinha como fazer isso sem expô-la, e realmente não tenho o direito de falar sobre o que aconteceu com ela, muito menos jogar a merda toda no ventilador para todo mundo saber.

Isso foi a única coisa que me deteve. Sei que, no quesito força, Sophie não teria conseguido me impedir, mas gosto demais dessa garota para machucá-la desse jeito. Então, engoli o meu ódio e me afastei.

Porra. Mas agora tô explodindo por dentro.

Ele tentou me estuprar.

Essas quatro palavras estão ecoando na minha cabeça, me levando à insanidade.

Filho da puta maldito!

Quando entramos no meu quarto, Sophie tranca a porta atrás de si, olha para mim e apoia as costas na porta. Mesmo na penumbra do quarto, consigo ver o nervosismo no seu rosto.

“Linda, realmente não precisamos fazer isso”, repito.

“Eu quero. Quero mesmo. É só que... meu corpo está tremendo.”

Me aproximo dela, segurando seu rosto lindo entre as minhas mãos. Faço carinho nas suas bochechas macias enquanto seus olhos azuis me

olham. “Se você quer mesmo fazer isso, vamos devagar. Até o seu corpo e a sua cabeça se acostumarem com a ideia, tá legal?”

Ela concorda com a cabeça.

Começo a desabotoar a minha camisa. Já me livrei do paletó do terno e da gravata quando ainda estava no Noel’s. Estava quente demais lá dentro para ficar com tanta roupa.

“Não”, Sophie para as minhas mãos. “Eu faço isso.”

Abaixo minhas mãos para ela continuar desabotoando os botões de onde parei. Quando termina, Sophie empurra o tecido pelos meus ombros até a camisa cair pelos meus braços e atingir o chão. Ela segura a barra da minha regata branca e puxa, tirando-a pela minha cabeça.

Meu peito está nu agora, e ela corre os dedos finos pela minha pele, o que me arrepia dos pés à cabeça.

“Você é muito lindo”, ela diz, admirada.

Sorrio, satisfeito. “Obrigado. Mas você já se olhou no espelho?”

Ela solta uma risadinha. “Galanteador como sempre.”

Sophie leva as mãos até o cós da minha calça e começa a desafivelar o meu cinto. Em seguida, seus dedos hábeis estão abrindo a minha calça e, em um piscar de olhos, eu estou pelado, mas ela está totalmente vestida.

Sem dizer uma só palavra, Sophie olha para o meu pau duro e depois levanta os olhos até encontrar os meus. Seus lindos olhos azuis estão arregalados e ela me encara com desespero.

É fofa demais.

“O que foi?”, pergunto, achando graça.

“Isso não vai caber dentro de mim, Derek.”

Começo a gargalhar. “Não se preocupe com isso, linda. Ele vai caber perfeitamente, e eu vou com calma.”

Ela olha de novo para o meu pau, não parecendo nem um pouco convencida, no entanto.

“Ei”, chamo, levantando o rosto dela. “Não se preocupe com isso. Não vou machucar você.”

Sophie assente. “Sei que não.”

Depois de respirar fundo, ela segura a barra do seu suéter e o puxa para cima, tirando-o pela cabeça. Seu cabelo loiro cai em cima de um sutiã rendado preto, que segura seus seios cheios e redondos.

Meu pau pulsa.

Porra. Ela é tão linda.

“Deixa que eu faço isso”, é a minha vez de pedir.

Mas, antes de começar a tirar a roupa dela, eu a beijo. Os lábios de Sophie estão um pouco gelados, o que me leva a crer que ela está com medo. Não sei exatamente como fazê-la relaxar, mas acho que ir com calma e ouvi-la são a melhor opção que eu tenho.

Ela pode estar assustada, mas me beija com a mesma vontade, o mesmo desejo. Seus lábios são determinados, firmes, famintos, e quando ela os abre, esperando receber a minha língua, eu cedo de boa vontade.

Com um gemido baixo, Sophie leva uma de suas mãos até o meu pau e o segura, timidamente. Um gemido gutural me escapa enquanto eu quase explodo. Porra.

Mordo o seu lábio inferior, puxando-o suavemente. “Você vai me deixar maluco.”

Ela solta uma risadinha.

Deslizo minhas mãos até as suas costas e abro o fecho do seu sutiã. Ela respira fundo à medida que eu tiro a peça do seu corpo. E, puta que pariu, quando olho para ela...

“Nossa!”

“O quê?” Ela olha para si mesma. “O que tem de errado?”

“Errado?” Eu engulo em seco. “Não tem absolutamente nada errado. Seus peitos são uma delícia.”

A luz não precisa estar acesa para que eu saiba que ela está mais vermelha que um tomate.

“Ah”, ela diz, tímida.

Reprimo a vontade de colocá-los na minha boca. Sei que preciso deixá-la confortável primeiro e partir direto para o ataque pode ter o efeito contrário ao que estamos buscando aqui. Então, me desacelero para acompanhar o ritmo dela.

Quando finalmente tiro a calça e a calcinha de Sophie e olho para ela inteiramente nua, tenho certeza de que nunca vi mulher mais linda em toda a minha vida. Posso ter transado com algumas centenas de mulheres, muitas só nos últimos dois anos, e muitas muito bonitas, mas nenhuma mulher como Sophie. Nenhuma tão perfeita.

“Por que você está me olhando assim?”, ela quer saber.

Engulo o nó na garganta. “Você é perfeita.”

Ela abre um sorriso que me desmonta inteiro.

“Vem”, pego a mão dela. “Vamos pra cama.”

SOPHIE

Derek me deita na sua cama com tanto cuidado que me deixa emocionada. Ele deita o corpo em cima do meu, me beijando com vontade, com desejo. Seus lábios são quentes, macios e sedentos, assim como a sua língua, que invade a minha boca e causa as melhores sensações no meu corpo. Me concentro no ponto entre as minhas pernas que clama por ele.

Ai, minha nossa. Nunca me senti assim.

Derek desliza os dedos pela lateral do meu corpo antes de segurar gentilmente os meus seios em suas mãos. E é quando as lembranças me atingem como um soco no estômago, meu corpo esfria tão rápido que Derek logo sente a minha mudança de humor, mas ele não tira as mãos de mim.

“Olhe pra mim, Sophie.” E eu olho. “Eu não sou ele”, ele diz, firme. “Quero que olhe para mim o tempo todo. *Não* veja ele em mim. Eu *nunca* vou machucar você.”

Respiro fundo. “Você não é ele”, repito, mais para mim do que para ele.

“É isso aí.” E Derek aperta meus seios, sustentando meus olhos. Então, ele abaixa a cabeça e chupa o meu mamilo enrijecido e dolorido, me fazendo gemer. Depois, olha para mim para ter certeza de que está tudo bem. “Continue olhando pra mim, linda.”

E eu obedeço.

Ele chupa o meu outro mamilo e a sensação é tão maravilhosa que me faz querer fechar os olhos para sentir toda a intensidade, mas não faço isso, porque sei que se fechar os olhos, vou imaginar Owen.

Mas não é Owen quem está me tocando agora. É Derek. Um cara legal, gentil e que se importa comigo. Ele nunca me machucaria.

“Vou tocar em você”, ele me avisa. “Continue olhando pra mim, tá legal?”

Faço que sim. “Tá bom.”

Gentilmente, Derek afasta as minhas pernas e toca o meu clitóris inchado. E eu quase disparo feito um foguete. Arqueio as costas, desesperada por mais disso. E, como respondi positivamente, Derek começa a massagear o meu clitóris com o polegar e eu gemo tão alto que um astronauta no espaço poderia me ouvir.

“Me fala do que você gosta”, ele murmura, sua voz é rouca e faz cócegas contra o meu seio, que ele ainda está chupando com destreza.

“Eu não sei do que eu gosto, mas gosto disso. Com certeza gosto disso.”

Ele abre um sorriso de vitória. “Vou...”

“Não”, arquejo. “Não fala. Só... quero transe comigo como se eu fosse uma garota normal.”

“Uma garota normal?”, ele pergunta, achando graça. “E eu tenho beijado o que nos últimos dias?”

Reviro os olhos, mas estou rindo. “Você entendeu o que eu quero dizer. Você não estaria narrando a coisa toda para mim se eu não tivesse sido atacada.”

O corpo de Derek enrijece. “Não vamos falar sobre isso agora. Não consigo nem pensar a respeito sem morrer de ódio.”

Dou um beijo nele. “Apenas transe comigo, Derek. Se você fizer algo que eu não gosto, digo para você parar.”

Derek concorda com a cabeça.

Ele me dá outro beijo rápido nos lábios antes de começar a descer os beijos para o meu pescoço, depois meus seios, onde ele circula meus mamilos doloridos com a língua, depois distribui beijos molhados pela minha barriga e quando sua língua toca o meu clitóris, eu gemo ainda mais alto. Estou definitivamente tentando acordar os mortos agora.

“Ah meu Deus.”

“Tudo bem aí?”, ele se certifica.

“Tudo ótimo. Faz de novo, por favor.”

Ele dá risada, e sua língua volta a fazer maravilhas sobre a minha carne exposta.

Derek chupa e lambe meu clitóris, devorando-o. E eu explodo em um orgasmo delicioso que me faz tremer dos pés a cabeça. Minhas células estão vibrando e todas as minhas terminações nervosas estão ultrassensíveis.

“Isso... foi incrível”, consigo dizer.

“Nós só estamos aquecendo, linda.”

Minha nossa.

Olho novamente para o pau de Derek. Ele está bem no meio do meu campo de visão, imponente, grande, grosso, como se quisesse me dar um oi.

Não consigo evitar engolir em seco. Não tem como meu corpo ter sido projetado para receber uma coisa desse tamanho.

“Você está encarando ele de novo”, ele me avisa, dando risada.

“Eu sei. Desculpa. Ainda acho que isso não vai caber em mim. Quer dizer... isso cabe em alguém?”

Ele gargalha. “Ah, cabe. E vai caber em você, pode ficar despreocupada, linda.”

Suponho que eu deva acreditar nele, já que é ele quem detém toda a experiência no quesito sexual.

“Deixa eu me acostumar com essa ideia. Deita na cama. Quero experimentar uma coisa.”

Ele deita, eu me ajoelho ao lado do seu corpo e fico encarando o seu pau por quase um minuto inteiro antes de finalmente segurá-lo pela base, o que faz Derek soltar um gemido.

“Me oriente, tá legal?”, peço a ele.

“Primeira e única regra”, ele começa, sério. “Nunca, em hipótese alguma, nem por decreto, você deve morder.”

Dou risada. “Isso já é meio óbvio.”

“Só me certificando.” Ele sorri. “De resto, ele é todo seu.”

Todo meu.

Certo.

Merda. Talvez eu devesse ter visto alguns vídeos pornôns no final das contas. Não deve ser tão difícil, no entanto. É só colocar na boca, mexer a mão para cima e para baixo, para ajudar no atrito, e... será que é só isso?

“Você não precisa fazer isso”, ele diz, e um sorriso divertido está estampado no seu rosto bonito.

“Eu quero fazer, eu só... não sei o que fazer”, admito. “Ai, isso é muito vergonhoso.”

Ele nega com a cabeça. “Não tem nada de vergonhoso, linda. Você está descobrindo. Você acha que eu nasci sendo esse mestre em sexo?”

Faço uma careta diante da sua presunção. “Convencido.”

Ele ri. “Só relaxa. Se quiser mesmo fazer isso, é só colocar na boca e chupar, fazendo a sucção. Como um bebê mamando.”

“Isso soa muito errado, Derek. Você não deveria fazer essa analogia”,

digo, mas não dou tempo para ele responder. Ficar conversando só está me deixando mais nervosa. Então, abaixo a minha cabeça e enfio o seu membro na minha boca, fazendo o que ele disse, o que rende um gemido gutural vindo de Derek.

“Isso”, ele aprova. “Exatamente assim.”

Receber a aprovação é o que eu precisava para ficar confiante. O resto é puro instinto. Eu chupo, lambo, movendo minhas mãos para cima e para baixo.

Percebo que ele gosta quando eu corro a língua por ele inteiro, então faço bastante isso. E os sons que ele emite... Nossa. Não sabia que dava para ficar excitada só com sons.

“Para, para”, ele pede, apavorado, e eu imediatamente paro, assustada.

“O que eu fiz?” Meus olhos estão arregalados. “Eu não mordi.”

Ele ri. “Não é isso. Eu tô há algumas semanas sem transar, não ia durar muito e não quero gozar na sua boca.”

Ah.

Ainda bem que ele me avisou, pois talvez eu ficasse um pouco aterrorizada.

“Obrigada.”

Ele pisca para mim, depois estica o corpo até o móvel do lado da sua cama e pega um pacote de camisinha. “Você tem certeza que quer fazer isso?”

“Sim. Tenho certeza.”

Derek me puxa para um beijo e me deita de costas na cama novamente. Ele rasga a camisinha, veste e abre gentilmente as minhas pernas, se acomodando entre elas.

Fecho meus olhos, me preparando para a dor que eu sei que virá.

“Não feche os olhos, Sophie”, ele ordena, gentilmente. “Continue olhando pra mim.”

Abro os olhos, obedecendo.

“Isso.” Ele sorri. “Tá, vamos estabelecer uma coisa antes. Devo ir de uma vez só ou devo ir devagar?”

Penso por um momento. “De uma vez só. Não quero ficar criando expectativas para a dor. Melhor sentir de uma vez só.”

“Você que manda.” Ele faz carinho no meu queixo e sorri. “Continua olhando pra mim, tá legal?”

Faço que sim com a cabeça, pois estou tensa demais para falar.

Respiro fundo, e Derek entra em mim de uma vez.

A dor me invade, me obrigando a fechar os olhos e morder o lábio inferior para suportá-la. Meu corpo treme com a pressão. Porra, isso dói.

“Merda”, xingo, arfando.

“Putá merda, você é muito apertada”, ele diz, agoniado. “Tá tudo bem aí?”, ele murmura. Seus olhos estão fechados e ele solta o ar pela boca algumas vezes.

“Mais ou menos.” Solto um gemido de dor. “Tenta se mexer, pelo amor de Deus. Você está me matando assim.”

E ele obedece, abrindo os olhos. Entrando e saindo de mim em movimentos lentos, Derek mantém o contato visual comigo o tempo todo. No começo, não consigo sentir nada além da dor, mas logo o meu corpo começa a reagir positivamente. Derek leva a mão até onde estamos unidos e começa a massagear o meu clitóris à medida que suas estocadas ficam mais rápidas e profundas dentro de mim.

Derek geme baixinho. “Não vou aguentar muito, linda.”

Eu gemo. “Deixa rolar.”

Ele intensifica ainda mais os momentos no meu clitóris, e eu gemo de novo, alcançando o meu segundo orgasmo da noite. Meu corpo treme, exausto, saciado e feliz. E com um gemido gutural, Derek atinge o auge segundos depois. Seu corpo enorme cai em cima do meu, e ele esconde o rosto entre o meu ombro e o meu pescoço, distribuindo beijos molhados na minha pele.

“Você é muito gostosa”, ele diz, ofegante, e sai de mim.

Me surpreendo com a sensação de vazio que sinto quando ele faz isso.

“Como você tá?”, ele quer saber. “Tudo bem?”

“Um pouco dolorida”, admito. “Mas estou bem.”

Ele me dá um beijo na testa. “A próxima vez vai ser melhor. Prometo. Não vai doer mais.”

Sorrio pra ele. “Obrigada por isso.”

“Pelo que você está me agradecendo exatamente, Clarke? Pelos dois orgasmos incríveis que eu te dei?”, ele brinca.

Bato em seu peito esculpido. “Você é tão babaca.”

Ele joga a cabeça para trás, gargalhando.

“Não acredito que eu acabei de perder a virgindade com um babaca.”

Derek ri mais ainda.

“Para de rir, Derek.” Bato nele de novo.

“É muito fácil te irritar, linda.” Ele limpa as lágrimas dos olhos porque, sim, o filho da mãe estava chorando de rir. “Mas eu entendi o que você quis dizer. E você não tem nada pelo que me agradecer, princesa. Qualquer cara seria sortudo em ter uma garota incrível como você. Estou feliz que tenha sido eu.”

Minhas bochechas queimam, e eu sei que estou corando e sorrindo feito uma idiota. Quem diria que Derek Mackenzie sabe ser fofo?

“*Rá*. Parece alguém aqui não é mais tão imune as minhas cantadas.”

Fecho a cara. “Ah, meu Deus, você é *tão* babaca.”

E ele está rindo de novo.

Eu odeio esse cara, mas posso estar me apaixonando por ele.

DEREK

Faz quase quarenta minutos que Sophie está dormindo com a cabeça no meu peito. E faz quase quarenta minutos que eu estou revirando os últimos acontecimentos na minha cabeça sem parar.

Sophie é órfã.

Sophie foi maltratada pelas pessoas que deveriam cuidar dela.

Sophie sofreu uma tentativa de estupro.

Caralho.

Eu nunca imaginaria que uma coisa dessas tivesse acontecido com ela. Mas agora tudo faz sentido. O desconforto quando apareceu na minha casa com Eretria, quando estava no carro comigo no dia do dilúvio, quando o idiota da festa do Nash tentou beijá-la a força, quando não quis falar dos seus pais, quando toquei no seu corpo... Tudo se junta em um compilado que finalmente me faz entendê-la.

Me sinto tão idiota pelas coisas que eu disse e que eu fiz. Imagino quantas vezes eu devo tê-la deixado desconfortável. Eu sabia que ela não gostava de flertar, sabia que não gostava das minhas cantadas, mas jamais imaginaria que era porque ela estava com medo que a história se repetisse.

Sei que não posso culpá-la por não confiar nos homens, mas me mata pensar que ela pode ter pensado que eu seria capaz de fazer qualquer coisa meramente parecida com o que Montgomery fez com ela.

Merda.

Espero de verdade que ela nunca tenha pensado tão mal de mim, mas acho que entendo caso isso tenha acontecido.

No entanto, alguma coisa certa eu devo ter feito, ou essa garota incrível não estaria deitada na minha cama, alinhada ao meu peito e dormindo tranquilamente.

Lembro que Sophie me disse que ela tinha problemas para dormir. O que também faz sentido agora, já que o filho da puta a atacou enquanto ela estava dormindo. Mas, nesse momento, a paz no rosto de Sophie é a melhor visão que eu já tive em um bom tempo.

Fiquei transtornado quando ela disse que Owen tinha tentado estuprá-la. Inclusive, porra, ainda bem que Sophie não me deixou entrar no Noel's. Acho sinceramente que eu teria matado aquele maldito.

Conheço Owen Montgomery desde o meu segundo ano na faculdade, pois foi quando ele entrou na faculdade e começou a jogar basquete pela Boston College. Nunca gostei do cara. Ele joga sujo na quadra. Está sempre tentando nos desestabilizar com comentários repugnantes e não perde a chance de fazer uma falta sempre que tem chance. E as faltas que ele comete normalmente envolvem uma cotovelada no nariz ou coisa parecida. Soube que ele conseguiu quebrar o nariz de um adversário em uma partida no ano passado.

O cara não presta.

E ainda por cima tentou machucar Sophie.

Preciso pensar em outra coisa. Se a raiva tomar conta de mim, eu vou perder a cabeça.

Sophie se move, se aconchegando e soltando um murmuro ininteligível.

Sorrio, e a aperto mais perto de mim, sentindo o calor do seu corpo e o cheiro de baunilha do seu cabelo loiro e macio.

Nada mais importa. Ela está comigo agora e eu mover mundos e fundos por ela, se for preciso. Qualquer coisa que for preciso para mantê-la segura, eu farei.

29.

DEREK

É quarta-feira, véspera de Ação de Graças, e eu estou ajudando Brianna a fazer a sua mala, já que ela vai para Nevada passar o feriado com a família. Eu queria poder fazer o mesmo, mas tenho um jogo na sexta-feira, então aguentar um voo de quase oito horas para ir e oito horas para voltar, para passar só um dia, seria extremamente cansativo. Todos os meus companheiros de times que moram mais longe optaram por ficar em Raleigh e deixar para ver a família no Natal, já que teremos uma folga maior pelo calendário da temporada.

Não sei o porquê Brianna precisa de uma mala tão grande para passar só quatro dias em Nevada, mas ela está fazendo questão de enfiar o mundo inteiro dentro da sua mala cor de rosa.

Mas não é isso o que mais está me chamando atenção.

Conheço Brianna a minha vida inteira e sei dizer quando ela está tensa com alguma coisa. Ela evita me olhar nos olhos e suas respostas são lacônicas.

Desde que ela pediu transferência da NYU e veio para Duke, eu tenho esperado pacientemente que ela me conte o que aconteceu, mas ela não disse nada, e as poucas vezes em que perguntei se estava tudo bem, ela me respondeu que sim e que eu não deveria me preocupar.

Porra nenhuma.

“Tá legal, para”, eu digo, irritado. “Chega dessa merda, Bree. O que tá rolando?”

Ela me olha assustada. “Como assim?”

“Não banque a burra comigo. Você está estranha há dias.”

“Fico surpresa que você notou, já que está dentro de uma bolha chamada Sophie.”

Tem quase uma semana que Sophie e eu estamos dormindo juntos. E, quando eu digo dormindo, eu quero dizer transando e ela acordando na minha cama. E não estou reclamando, porque adoro acordar ao lado dela. Nossa, e nem me deixe começar a falar sobre o sexo matinal. Não há, no mundo, jeito melhor de começar o dia do que transando.

No entanto, o tom acusatório de Brianna me pega desprevenido. Ela está brava comigo agora?

“Nossa, larga as armas, Bree.”

Ela suspira. “Desculpa.”

“Anda. Me conta o que tá acontecendo.”

“Não tá acontecendo nada, Derek”, ela diz, irritada. Quando ela me chama pelo nome, não é bom sinal.

Mas eu não me intimido. “Aham. E meu pau é pequeno.” Bufo. “Desde quando estamos contando mentiras um para o outro?”

Ela não consegue segurar a risada. “Que comentário de merda, Mack.”

Dou de ombros. “Queria causar um impacto. Anda logo. Desembucha, Bree. Eu não vou te deixar em paz até você falar, e você sabe que eu sei ser bem irritante quando eu quero.”

Quando tínhamos dezesseis anos, Brianna estava apaixonada por um dos meus amigos da escola, Patrick Carson. Ela era completamente maluca pelo cara, mas eu não fazia a menor ideia. Ela escondeu de mim, com medo que eu fosse tentar bancar o cupido para os dois. Ela morria de vergonha até de pensar em falar com o cara, então ir a um encontro só com ele parecia o fim dos tempos.

Eu percebi que tinha alguma coisa estranha e perguntei o que estava acontecendo. E, claro, ela não queria me contar. Então comecei a ligar para ela no meio da madrugada, só para infernizar. E quando ela desligava o celular, eu jogava pedrinha na janela do seu quarto.

Perdi alguns dias de sono por conta disso, mas eu sou extremamente teimoso e obstinado quando enfio uma coisa na cabeça. E, naquele momento, eu queria saber o que Brianna estava escondendo.

Exatamente como agora.

“Você é sempre irritante, Mack. Mas tem épocas onde você fica insuportável.”

“Concordo em discordar.”

Ela revira os olhos.

Brianna se jogar na minha cama, e eu faço o mesmo. Ficamos um do

lado do outro, olhando para o teto do meu quarto, e me sinto de volta à adolescência. Foi olhando para o teto que tivemos nossas melhores e mais reveladoras conversas, então já sei que ela está finalmente disposta a me contar o que está errado.

“Eu conheci um cara na NYU”, ela começa, e o tom da sua voz me deixa tenso. Eu suspeitava que tivesse um homem no meio, mas não tinha certeza. E, sinceramente, não sei se consigo lidar com outra garota da minha vida tendo problemas com homens. Já basta o que aconteceu com Sophie.

Meu sangue borbulha de ódio sempre que penso nisso.

“Eu e esse cara começamos a sair”, Brianna continua, e eu paro de divagar para prestar atenção nela “e foi ótimo, até ele me ver em um bar com uns amigos e...”

“E o quê?”

“Ele perdeu a cabeça.”

Sento na cama em um rompante e encaro Brianna. “O que você quer dizer com ‘ele perdeu a cabeça’?”

Ela comprime os lábios à medida que as lágrimas se acumulam nos seus olhos.

“Pelo amor de Deus, Brianna, fala, porra.”

“Ele bateu em mim.” A sua voz falha. “Muito.”

Sinto uma pontada de pânico atingir o meu peito, mas é rapidamente substituída por ódio e fúria. Dois sentimentos que tenho sentido bastante nos últimos dias. Além da constante sensação de impotência.

Cerro os dentes tão forte que chega a doer. “Quanto exatamente é ‘muito’, Brianna?”

“O suficiente pra me fazer sangrar e me deixar com hematomas.”

Minhas mãos chegam a tremer de nervoso enquanto eu as passo pelo meu cabelo.

“Eu sinto muito”, ela continua. “Eu não contei nada porque eu tinha certeza que você apareceria em Nova York querendo matar o cara. Então, eu fui embora. Mas agora ele está me mandando mensagem dizendo que sente a minha falta, que sente muito pelo que aconteceu.”

“Você tá pensando em voltar pra ele?”, rosno pra ela. Não consigo evitar que a repulsa transpareça.

Brianna me olha incrédula. “Por Deus, Mack, claro que não.” O alívio me invade. “Eu só tô assustada. Não acho que ele consiga me encontrar. Eu não disse para ninguém para onde ia, mas, mesmo assim, estou com medo.”

Mordo o interior das minhas bochechas até sentir gosto de sangue na boca. Estou com muita agressividade reprimida depois que Sophie não me deixou arrebentar Owen Montgomery. E agora isso.

“Eu sei que você tá puto...”

“Eu não tô puto, Brianna. Eu já tô muito além do nível de estar puto. Não tem palavra que descreva o que eu tô sentindo agora”, digo, rispidamente. “Não acredito que você não me contou, que preferiu enfrentar essa porra toda sem me dizer nada. Caralho, Brianna. Eu...”

Levanto da cama. Não consigo ficar parado. A raiva correndo as minhas veias me deixa inquieto e furioso. Preciso aliviar essa agressividade ou vou explodir.

Brianna levanta também, e sem dizer nada, ela me abraça. Seu corpo pequeno se choca contra o meu e me aperta. Mesmo morrendo de raiva, eu a abraço de volta, apertado, como se pudesse protegê-la do mundo, porque é isso que eu sempre fiz. É o que eu continuo fazendo, porra. É o que quero fazer por Sophie. Quero protegê-la, quero cuidar dela. Sou bom nesse papel.

“Eu te conheço, Mack. Te conheço tão bem que eu sei que você estaria na NYU no mesmo dia. Sei que você procuraria o cara e sei que isso não iria acabar bem. Eu estava protegendo você dele.” Ela começa a chorar. “Porque é isso o que nós dois fazemos, não? Nós cuidamos um do outro.”

“Bree, um cara *bateu* em você. É óbvio que eu teria ido pra lá pra acabar com a raça dele. Você é minha melhor amiga. Nunca vou deixar que te machuquem. E se você estava machucada, eu iria querer saber. Eu já me meti em brigas antes, você sabe disso. Dou conta de um soco ou outro.”

Ela me olha, séria. “Você dá conta de uma arma? Porque ele andava com uma pra todo o canto.” Meu queixo cai, e como não respondo, ela continua: “É, foi o que eu pensei. Você é meu melhor amigo do mundo inteiro e eu te amo, mas não vou te colocar na posição onde você precisa resolver os meus problemas por mim, Derek. Isso não vai acontecer nem hoje e nem nunca. Você pode não gostar disso o quanto quiser, mas é assim que vai ser.”

“Não gosto disso nem um pouco”, admito.

“Eu sei, mas você vai ter que aceitar que eu nunca vou colocar a sua vida em perigo apenas para proteger a minha. Você é mais que só meu amigo, Mack, você é meu irmão.”

Um nó se forma na minha garganta. “Você tá tentando me fazer chorar? Porque não vai rolar, Bree.”

Brianna bate no meu peito, saindo do meu abraço. “Você é tão babaca. Eu tô abrindo meu coração pra você e você tá tirando sarro de mim?”

Sorriso. “Eu nunca faria tal coisa. Mas preciso fazer piada para não surtar. Você tem ideia do quanto meu sangue tá borbulhando de ódio? Se eu não fizer piada, vou explodir”, explico. “Mas eu sinto muito que essa merda toda tenha acontecido e eu não estava lá por você, Bree. Me sinto um amigo de merda.”

“Você é o melhor amigo que uma garota pode ter, Mack. Suas habilidades de príncipe encantado em um cavalo branco podem estar ocultas para o resto do mundo, mas não para as suas garotas especiais.”

Dou risada. “Minhas garotas especiais?”

“É isso aí. Sua mãe, eu e, pelo que parece, Sophie.”

Não posso discordar. Eu estava disposto a matar um cara por Sophie. E, embora eu não saiba o que está rolando entre nós, sei que não quero que acabe.

“Acho que você tá certa.”

“Eu sempre estou.”

“Concordo em discordar.” Sorrio. “Agora vamos terminar essa mala, porque, sério, Bree, o que mais você quer colocar aí dentro?”

Ela revira os olhos. “Você não entende nada sobre mulheres e suas malas, Mackenzie. Então, não opine.”

30.

SOPHIE

O Dia de Ação de Graças e o Natal são sempre uma incógnita para mim. Quando eu morava nos lares adotivos, era só mais um dia para me lembrar que eu não tinha uma família minha, que eu estava como intrusa na família dos outros. E, mesmo na casa de Owen, onde os pais dele me tratavam como filha, eu passava essas duas datas em alguma cafeteria, sozinha, pois tinha pavor de encontrá-lo.

E, quando Owen passava mais de um dia em casa, eu dizia para Lydia e Kilian, os pais de Owen, que eu iria dormir na casa de uma amiga, mas na verdade, eu alugava um quarto em algum hotel vagabundo, com o dinheiro do meu emprego de meio período como garçoneiro.

Sim, eu trabalho desde que me entendo por gente. Se não era nas casas onde morei de favor, era em alguma lanchonete. Sempre fiz questão de ter meu próprio dinheiro, pois, quando você não tem onde cair morto, como era o meu caso, sempre é bom estar preparado para reviravoltas.

Então, eu sempre fiquei um pouco alheia nesses feriados. Sempre me senti meio deslocada, como se eu não pertencesse em lugar nenhum. No entanto, esse ano, Eretria me convidou para passar o dia de Ação de Graças com a família dela em Virgínia Beach, na Virgínia.

Acabei tendo que contar a ela e Savannah sobre os meus pais. As duas estavam me enchendo de perguntas sobre o porquê eu não iria para Nova York passar o feriado com eles. Nem preciso dizer que foi mais um choque pra elas. E Savannah me fez prometer que nenhuma outra revelação triste viria de mim, então as poupei sobre a minha vida nos lares adotivos.

Savannah vai para a casa dos pais em West Palm Beach, na Flórida; e eu, Eretria, Kyle e Derek vamos para a Virgínia.

Como Derek mora na costa oeste do país, e vai ter jogo na sexta-feira,

achou que era melhor não voltar para casa. Então, Kyle e Eretria nos convidaram para nos juntar a eles e seus pais “malucos”. Palavras deles, não minhas.

São três horas e um pouquinho de viagem até Virgínia Beach, e Kyle vai dirigindo, mas Derek vai voltar dirigindo. Desse jeito não fica pesado para ninguém. Eretria até se ofereceu para dirigir, mas Kyle disse que preferia se atirar de um penhasco, onde a morte seria rápida, do que passar três horas achando que poderia morrer a cada quilômetro.

Estamos na metade da viagem quando o celular de Derek começa a tocar. Ele puxa o aparelho do bolso e eu vejo “Mãe” na tela.

“Oi, mãe”, ele cumprimenta, animado. “Feliz Dia de Ação de Graças pra você também.”

A maneira como Derek sorri ao falar com a mãe no telefone derrete o meu coração.

“Não, mãe. Não vou ficar sozinho. Estou indo para a casa de um amigo na Virgínia.”

“Oi, Sra. Mackenzie”, Kyle grita do banco do motorista.

Como Derek está sentado muito perto de mim, consigo escutar a risada da sua mãe, mesmo que o telefone não esteja no viva voz.

“Ela mandou oi, cara”, diz Derek. “Sim, mãe, vou conseguir ir para o Natal. Vou sair daqui no dia 23, à noite. Devo chegar aí na manhã do dia 24.” Pausa. “Pode deixar. Manda um oi para a vovó e o vovô.” Outra pausa. “Também te amo, mãe. Tchau.”

Não consigo deixar de ficar um pouco desapontada por Derek não ter dito nada sobre mim para a sua mãe. Acho que isso diz bastante sobre a que pé está o nosso... Relacionamento? Droga. Eu nem sei que nome dar para o que está acontecendo entre nós. No entanto, se fosse algo sério, ele teria contado para a mãe dele, certo?

Preciso me esforçar para não ficar pensando muito sobre isso, porque talvez seja cedo para colocarmos um rótulo em alguma coisa, mas, droga, eu não consigo simplesmente deixar as coisas rolarem para ver o que acontece. Sou pragmática demais para isso. Eu *preciso* saber o que está acontecendo, senão minha mente não vai me deixar relaxar.

Você está se precipitando, Sophie. Você e ele só estão dormindo juntos há uma semana. Muito pouco tempo, querida. Muito pouco tempo, a voz da minha consciência me aconselha.

“Ei, tudo bem?”, Derek pergunta, me tirando dos meus pensamentos.

Ele está me olhando com atenção, analisando o meu rosto.

Forço um sorriso. “Tudo bem.”

“Ai, nem acredito que vou ver o Pluto”, diz Eretria, do banco do carona.

“Quem é Pluto?”, pergunto.

“Nosso cachorro”, esclarece Kyle. “Tria é maluca por ele e ele por ela. O traidor me trocou por ela.”

Eretria abre um sorriso. “Qualquer um te trocaria por mim, Ky. Eu sou mais bonita, mais divertida e mais interessante.”

Kyle bufa. “Você é louca, isso sim.”

Derek ri. “Vocês vão ficar brigando o dia inteiro? Hoje não deveria ser um dia para agradecer?”

“Mas eu estou agradecendo”, garante Eretria. “Estou agradecendo que não sou uma chata de galocha igual ao Ky.”

“Eu não sou chato”, Kyle se defende. “Eu sou...”

“Ah, eu amo essa música”, Eretria grita, aumentando o volume do rádio, o que faz Kyle bufar e revirar os olhos ao mesmo tempo.

Esses dois...

A música Girlfriend da Avril Lavigne invade o interior da SUV e eu e Eretria começamos a cantar. Nenhuma de nós tem a voz maravilhosa de Savannah, mas acho que não fazemos feio e, venhamos e convenhamos, essa música é maravilhosa para cantar em uma viagem de carro.

Kyle, por outro lado, está com a cara tão fechada nesse momento que acho que seria capaz de assustar uma criancinha.

“Eu não aguento essa música”, Kyle resmunga.

“Essa música é perfeita”, defendo a Avril.

“É? Tenta ouvir mil vezes e aí você me diz se ainda é perfeita”, ele retruca.

Minha amiga olha para o banco de trás para esclarecer. “Eu sou muito fã da Avril. Ky a escutou muito, e muito contra a vontade dele, quando morávamos com nossos pais.”

Derek dá risada. “Você não facilitou para o cara, né, Tria?”

“Nem um pouco.” Ela sorri diabolicamente.

Não sei se dou risada ou se sinto pena de Kyle.

Entramos em um consenso com relação às músicas para o resto da viagem. Ficaríamos ouvindo dez minutos das músicas deles e eles teriam que ouvir dez minutos das nossas. Então, a playlist foi de Eminem para Avril Lavigne, da Avril para o Drake, do Drake para o Justin Bieber, do Bieber

para o Post Malone e por aí vai. Extremos opostos.

Quando finalmente chegamos a casa dos pais de Eretria e Kyle, somos recebidos por um cheiro fantástico de comida caseira. Nossa. Minha boca chega a salivar. Tem muito tempo que eu não sinto um cheiro tão gostoso.

“Minha elfo!”, diz o pai de Eretria assim que vê a filha entrando pela porta.

Reprimo uma risada. Ela não estava brincando quando disse que os pais eram nerds.

“Oi, papai.” Ela o abraça apertado.

Passados os cumprimentos e os abraços, Eretria finalmente me apresenta aos seus pais. “Ah, essa é a amiga de quem lhe falei. Sophie.”

A Sra. Kinsley sorri para mim. “Ouvi falar muito de você, Sophie. Sinto como se já te conhecesse.”

Abro um sorriso. “Obrigada por me receber na sua casa, Sra. Kinsley.”

“Imagina. Não precisa agradecer nadinha.” Ela me dispensa com um gesto de mão. “E você deve ser o Derek, certo?”

Derek faz que sim. “Sim, senhora. É um prazer conhecê-la. E obrigado mesmo por nos receber.”

“É ótimo finalmente conhecer alguns dos amigos dos nossos elfos”, diz o Sr. Kinsley. “Venham, vamos nos sentar à mesa. Estávamos só esperando vocês chegarem.”

Antes que possamos seguir os pais de Eretria e Kyle até a mesa de jantar, Eretria para na frente de Derek e olha bem para a cara dele, séria. “Se você falar alguma coisa para alguém sobre as fotos que você ver nessa casa, Sophie não vai ter mais com o que brincar”, ela ameaça, olhando rapidamente para a virilha de Derek. “Está claro?”

Derek comprime os lábios para segurar o riso. “Cristalino.”

“Ótimo!”

Ela vira as costas para nós e segue os pais até a sala de jantar.

Olho para Derek e dou risada. “Não se atreva a aprontar, eu preciso de você inteiro.”

Ele arqueia uma sobrancelha pra mim. “Ah, parece que alguém finalmente mudou de opinião a meu respeito.”

“O que eu posso dizer? O sexo me conquistou.”

“Só o sexo?”, ele indaga.

Essa é a minha deixa.

Abro a boca para falar, mas Kyle aparece na sala. “Vem, gente. Vamos

fazer a oração.”

E a oportunidade vai embora.

Derek segura a minha mão, me puxa para a sala de jantar e nós nos acomodamos na mesa. Segundos depois, estamos fazendo a oração, compartilhando as coisas pelas quais somos gratos nesse ano e desejando coisas boas desse dia em diante.

Quando terminamos a prece, mal consigo me controlar. Estou morrendo de fome e o cheiro de tudo é tão maravilhoso que chego a ficar perdida. Tem o famoso e fatídico peru, mas também tem salada de batata, lasanha, arroz, legumes salteados, legumes crus e o que eu acho ser carne de soja para Eretria.

“Não toque nesse peru, Sophie!”, Eretria troveja do outro lado da mesa quando percebe que estou tentada a pegar um pedaço.

“Minha elfo, as pessoas podem comer o que quiserem”, diz o Sr. Kinsley. “Só porque você é vegana, não significa que o resto do mundo precisa ser.”

Eretria olha para o pai, incrédula. “Claro que precisa, pai. Sabe quantos perus são mortos nessa época do ano? Imagina se você fosse um deles.”

“Eretria”, a Sra. Kinsley diz em tom de aviso.

“Não me venha com *Eretria*, mãe. Vocês sabem muito bem o que eu penso sobre isso. E Sophie disse que queria ser vegetariana.”

“Ela está certa”, concordo. “Eu disse isso mesmo.”

Kyle revira os olhos. “Eretria quer controlar a alimentação de todo mundo.”

“Ah, olá, Sr. Vou Controlar A Vida Sexual Da Minha Irmã. A hipocrisia está reinando, Kyle.”

O Sr. Kinsley engasga com o vinho. “O quê?”

“É isso mesmo. Kyle está ditando regras para mim como se eu fosse uma criança porque vocês pediram que ele fizesse isso”, ela acusa os pais.

A Sra. Kinsley está visivelmente envergonhada agora. Ela olha para mim e Derek, e depois para Eretria como se pedisse pelo amor de Deus que a filha não fizesse uma cena na frente dos convidados. Mal sabe ela que nós presenciamos várias trocas de farpas entre Kyle e Eretria nos últimos tempos.

“Nós só queremos te proteger, querida”, garante o Sr. Kinsley. “É para o seu bem.”

Eretria solta uma risada de escárnio. “Ah, claro. Me infernizar, controlar a minha vida e me ligar duas vezes por dia *todos os dias* realmente me faz

muito bem. Totalmente longe da insanidade. Eu não sou mais criança, sabiam?”

“Então para de agir como uma”, Kyle troveja.

“Parem de me tratar como uma!” Eretria explode, batendo as mãos na mesa. “Quer saber? Perdi a fome.” Ela arrasta a cadeira para fora. “Vou estar com Pluto, caso vocês ainda não tenham instalado a porcária de um chip de localização em mim.”

E ela sai da sala parecendo um tornado.

Olho para Derek, depois para os pais da minha amiga e, por último, para Kyle, que está com o maxilar tensionado. Ele está puto. De novo.

“Ahn... com licença”, digo, levantando da mesa também. “Eu vou ver como ela está.”

A Sra. Kinsley concorda com a cabeça e me lança um sorriso agradecido. “Ela vai estar no jardim.”

Assinto.

Volto para a sala de estar, onde vi que tinha uma porta para uma área externa, e saio para o jardim logo em seguida. É grande, e a grama está em várias nuances de laranja por conta do inverno que se acentua a cada dia que passa.

Encontro Eretria sentada na varanda dos fundos, com um cachorro vira lata enorme ao lado dela. Seu pelo preto é brilhoso e lindo, e o animal tem os olhos mais amarelos que eu já vi. Parece um lobo.

“Tria?”, chamo, me certificando que posso me aproximar. Não quero ser atacada por Pluto, que, definitivamente, tomou uma posição defensiva ao lado da minha amiga.

“Eles não entendem”, ela diz, frustrada. “Pode se aproximar, Soph. Pluto não faz mal a uma mosca.”

Duvido muito, mas me aproximo mesmo assim.

Sento do lado esquerdo de Eretria, com Pluto do lado direito, com a língua para fora e olhando para mim como se tentasse gravar o meu rosto, ou como se tentasse decidir se sou uma ameaça ou não. Vai saber.

“O que eles não entendem?”, pergunto.

Eretria solta um suspiro. Alto e cansado. “Eu cometi uns erros no passado, quando estava na escola. E eles continuam me crucificando por isso.”

Como não me explica mais nada, eu deduzo que ela não quer falar sobre isso. E Eretria sempre foi extremamente respeitosa com os meus silêncios,

então eu não vou forçá-la a dizer nada. Quando ela estiver pronta para falar, irá falar.

“Eu não sou mais aquela garota, mas essa, aqui e agora, sou eu e não sei ser de outro jeito. Eu sou impulsiva, faço o que tenho vontade, quebro a cara e foda-se, eu dou a volta por cima. Eu *sou assim*, Soph, mas eles acham que é rebeldia da minha parte, que estou sendo infantil.” Ela balança a cabeça, frustrada. “Não estou sendo infantil, droga, essa sou eu e eles não me aceitam assim. Kyle não me aceita assim, e é por isso que ele não sai do meu pé.”

“Você já tentou conversar com ele sobre isso?”

Ela bufa. “Você conhece o meu irmão? Ele é o garoto de ouro, pelo amor de Deus.” Ela passa a mão pelos longos cabelos castanhos. “Eu não vou mudar quem eu sou, nem mesmo por eles. São minha família, sim, mas se me amam, vão ter que me aceitar como eu sou.”

Sorrio para ela e entrelaço nossos braços. “Você é perfeita do jeito que você é. Não mude nunca.”

Eretria sorri antes de deitar a cabeça no meu ombro. Aproveito e deito a minha cabeça no alto da dela. “Obrigada, Soph. Você e Savannah são as melhores amigas que eu já tive.”

“Vocês duas também são as melhores amigas que eu já tive.”

Ficamos alguns minutos em silêncio. Eretria faz carinho em Pluto sem tirar a cabeça do meu ombro, e o cachorro parece aproveitar esse tempo com ela.

“Não está frio para ele ficar aqui fora?”, pergunto.

“Ele só fica aqui fora algumas horas por dia nessa época do ano. Para poder correr e brincar um pouco, mas ele passa as noites dentro de casa. Não é, Pluto?”

Ele olha para Eretria ao escutar o seu nome.

“É, esse é o meu garoto.” Ela faz um carinho no pescoço de Pluto antes de levantar a cabeça e olhar para mim. “Desculpa pelo peru. Não queria ser enxerida. Eu só...” Ela suspira. “Essa causa é muito importante pra mim e dificilmente encontro alguém que esteja disposto a abraçá-la, entende? Fiquei superfeliz quando você embarcou nessa comigo.”

“Não se preocupe, Tria. Eu não fiquei brava. Só foi automático, ainda não estou tão habituada a não comer carne.”

Ela concorda com a cabeça. “Tudo bem.”

“Mas te prometo, estou cem por cento interessada nessa causa.”

31.

DEREK

A volta para Raleigh foi de um silêncio assustador.

Sophie e eu nos entreolhamos várias vezes, como se perguntássemos um para o outro se deveríamos puxar assunto com Kyle e Eretria, que estavam sentados no banco de trás travando uma guerra fria.

Os dois não trocaram uma palavra desde o momento em que Eretria e Sophie voltaram para a mesa.

Depois de finalmente fazermos a refeição — em um silêncio desconfortável pra caralho —, Kyle e eu tiramos um tempo para conversar sobre o basquete com o pai dele enquanto as meninas ajudavam a Sra. Kinsley com a louça. E foi isso. Nenhuma interação entre eles desde a discussão.

No final das contas, fizemos uma viagem de três horas e pouco em um profundo e irritante silêncio. Se não fosse pelo rádio ligado, acho que eu teria enlouquecido.

Mesmo assim, ninguém se atreveu a cantar uma música sequer.

Quando finalmente chegamos no campus, Eretria praticamente puxou Sophie para fora do carro, desesperada para abrir a distância entre ela e o irmão. Mal consegui me despedir de Sophie, mas, quando cheguei em casa, lá estava uma mensagem dela no meu celular pedindo desculpas pela despedida apressada.

Eu: Td bem, linda. O clima tava ruim.

Ela: Ruim é eufemismo.

Eu: Tem razão. Te vejo amanhã?

Ela: Sim. Vc vem me buscar no Tina's?

Eu: Vou logo dps do jogo.

Ela: Tá. Vê se descansa. Até amanhã.

Eu: Até amanhã, linda.

“Foi mal, cara”, diz Kyle, tirando a minha atenção do meu celular. “Era pra ser algo divertido, mas passamos o dia com um clima de merda. E é *Ação de Graças*.” Ele bufa.

Eu me junto a ele no sofá. “Não precisa se desculpar, cara. Todas as famílias têm problemas.” Dou de ombros. “De qualquer forma, foi melhor do que ficar em casa.”

“Eu só quero cuidar dela, cara”, Kyle se explica, sua voz está cansada, como se ele já tivesse dito isso cem milhões de vezes. “Ela não entende.”

“Vocês dois já tentaram conversar? Eu sempre vejo vocês dois brigando ou se provocando, mas vocês já tentaram conversar?”

Ele dá risada. “Você conhece a minha irmã? Eretria faz o que Eretria quer. Sempre foi assim. Ela não está interessada na opinião de ninguém a não ser na dela.”

“Isso não responde a minha pergunta. Você já tentou conversar com ela? Não controlá-la, ou dar indiretas, ou irritá-la, mas sentar e conversar? Sei lá, cara, posso estar falando um monte de merda, mas vocês dois parecem sempre estar armados quando conversam, como se fossem inimigos, esperando quem vai atacar primeiro.”

Kyle suspira. Alto. “Nem sempre foi assim. Nós costumávamos ser melhores amigos, mas, em algum momento, ela só... mudou.” Ele passa as mãos pelo cabelo. “Enfim, só queria me desculpar pelo clima de merda, mas ainda bem que você e Sophie estavam lá, senão nós teríamos nos matado no caminho de volta.”

Solto uma risadinha. “Bem provável”, concordo. “Mas relaxa, cara. Está tudo bem.”

Nesse momento, Nash entra em casa junto com Babyface. Sei que os dois foram passar o feriado na casa de Nash, em Detroit. São quase duas horas de voo. Não é muito, então Nash preferiu ir para casa ficar com o pai, levando Babyface, que assim como eu, mora do outro lado do país.

“Pensei que vocês voltariam só mais tarde”, diz Nash.

“Acabamos de chegar”, respondo. “Como foi em Michigan?”

“Irado”, responde Babyface. “O pai do Nash é o cara mais engraçado que já conheci. Como foi na sua casa, K.?”

Kyle arria os ombros. “Eretria e eu brigamos. Mesma merda de sempre.”

“Ela tá bem?”, pergunta Nash, o que faz Kyle encará-lo com suspeita.

“Por que você quer saber se *ela* tá bem?”, indaga Kyle, desconfiado.

Arregalo meus olhos para Nash em um pedido silencioso para que ele dê um jeito de contornar essa situação. Sei que ele e Eretria dormiram juntos, mas acho que sou o único que sabe disso, levando em consideração a cara de curiosidade com a qual Babyface encara o nosso amigo.

Nash dá de ombros. “Ela é minha amiga.”

Porra, que argumento de merda, Nash, seu filho da puta.

“Ela é sua amiga”, ecoa Kyle. “Que tipo de amiga, Christopher?”

Agora fodeu.

Ninguém chama Nash pelo primeiro nome.

Sabe quando você tem a impressão de que alguém está bravo com você só por te chamar pelo seu nome e não pelo seu apelido? É exatamente isso o que está acontecendo aqui.

Nash fica tenso. “Ela é só minha amiga, cara. Não quero nada com a sua irmã. Nunca rolou nada com ela. Pelo amor de Deus.”

Mentir é ainda pior.

Filho da puta. *Filho da puta.*

Eu sabia que essa merda ia acontecer mais cedo ou mais tarde. E agora, mesmo que Kyle acredite nele, a merda só vai ficar maior ainda quando Kyle descobrir que Nash mentiu da primeira vez que ele perguntou.

Reprimos um gemido angustiado.

“Você jura?”, Kyle pressiona. “Jura que não aconteceu nada?”

“Nada aconteceu”, Nash nem hesita.

“Você jura?”

“Eu juro.”

Quero matar Nash, mas mantenho minha feição imparcial. Sei que Kyle ainda está desconfiado, e estou torcendo para que ele não olhe na minha direção, pois eu sou péssimo mentiroso. Omitir é fácil, consigo sem problemas, mas não mentir. Se ele virar para mim e perguntar se eu realmente não sei de nada, minha cara vai entregar a porra toda sem que eu precise falar.

“Ótimo. Não preciso de mais essa merda”, ele diz, levantando do sofá. “Vou tomar um banho e dormir. E vocês deveriam fazer o mesmo. Temos jogo amanhã.”

E Kyle some escada acima.

“Eu vou fazer o mesmo. Tô morto”, anuncia Babyface. “Valeu pelo

convite, cara. Seu pai é foda.”

Nash abre um meio sorriso. “É, ele é mesmo.”

Quando Babyface sobe as escadas, eu lanço um olhar mordaz na direção de Nash.

“O que você queria que eu dissesse?”, ele me pergunta baixinho. “Estamos no início da conferência, porra. Não tem nada garantido ainda. Se ele surtar agora, podemos nem chegar aos playoffs.”

“E quando exatamente ele deve surtar? Nos playoffs?”, eu digo, rispidamente, mas mantendo a voz baixa. “Eu te disse que dormir com Eretria era uma péssima ideia, porra. Você me disse que ele nunca iria descobrir.”

“E ele não descobriu”, ele argumenta.

“Ainda. Ele não descobriu *ainda*, Nash. Mas você acha mesmo que ele nunca vai ficar sabendo do que aconteceu?”

“Não até nós ganharmos o campeonato. Depois, eu mesmo vou contar a ele e vou arcar com a merda toda.”

Me levanto do sofá e o encaro. “Pelo bem da porra da temporada, eu espero que você esteja certo.”

SOPHIE

“Socorro, linda”, choraminga Derek. Ele está deitado na minha cama, ocupando todo o espaço com o seu corpo imenso. Mal tem espaço para que eu possa sentar no colchão. Deitar então... é impossível.

Ainda bem que a cama de Derek é de casal. Uma cama de solteiro para duas pessoas dormirem, com um cara do tamanho de Derek, é impensável.

“Você ainda não me disse onde está doendo.”

“Tudo está doendo”, ele choraminga de novo.

O último jogo foi difícil. O time adversário era um pouco agressivo demais e Derek está todo dolorido, sem contar o hematoma imenso nas costelas, graças a umas cotoveladas que levou. Fiquei assustada quando ele tirou a camiseta e meus olhos foram recebidos pelo roxo amarelado presente na sua pele.

“Ah, tadinho”, digo. “Mas eu preciso ir trabalhar, você sabe disso.”

“Liga lá e diz que você foi sequestrada.”

Dou risada. “Claro, porque isso faz total sentido. A vítima sequestrada ligar para avisar que vai faltar no trabalho.”

“Tem razão. Eu ligo e falo que você foi sequestrada.”

Rio de novo. “Desculpa, lindo, mas não vai rolar. Eu tenho...”, olho para o relógio na parede “... uma hora e meia para beijar os seus dodóis.”

“Não é suficiente, mas vou aceitar. Por enquanto.” Derek se senta na minha cama com uma dificuldade que me deixa com pena. Até levantar o próprio corpo com os braços está difícil pra ele hoje. “Vem cá.”

Subo no seu colo, ajeitando as minhas pernas ao redor do seu corpo, e sinto sua ereção cutucando o meio das minhas pernas.

Minha nossa.

“Você é tão linda”, ele diz, tirando meu cabelo da frente do meu corpo,

jogando-o para trás dos meus ombros. “Adoro quando você não usa sutiã.” Seus polegares começam a provocar meus mamilos já duros e doloridos por cima da minha camiseta larga de pijama.

Solto um gemido desesperado quando ele coloca as mãos por dentro da minha roupa e segura meus seios.

“Devo me preocupar com Eretria e Savannah entrando aqui a qualquer momento?”

Droga.

Estou tão acostumada a transar com Derek na casa dele, sem precisar me preocupar com alguém entrando no quarto de repente, que quase me esqueci completamente que não temos a mesma privacidade quando estamos no *meu* quarto.

“Não faço ideia”, respondo, sinceramente.

Os olhos esverdeados de Derek brilham. “Então precisamos ser rápidos.”

Num piscar de olhos, eu estou deitada de costas na minha cama e Derek está tirando minha calça de moletom junto com a minha calcinha. Ele tira a própria calça na velocidade da luz, puxa uma camisinha de dentro da carteira, veste e, quando pisco de novo, ele já está dentro de mim.

“Como você chegou aí dentro tão rápido?”, eu pergunto, arfando.

Ele ri. “Você é minha dose diária de felicidade, gata. E eu já estava no reservatório.”

Sorrio feito uma idiota porque eu amo quando ele é fofo, principalmente quando está transando comigo.

Derek deita o corpo em cima do meu e me beija. Ele abre meus lábios com a língua, deslizando para dentro da minha boca até encontrar a minha. Um gemido me escapa quando sua mão enorme agarra o meu seio esquerdo e ele provoca meu mamilo entre os seus dedos. A sensação é maravilhosa.

Amo como meu corpo se entrega para ele, como não sinto medo de nada quando estou com ele e como as sensações que me inundam agora são as mais deliciosas do mundo.

Quando fica impaciente com a minha blusa no meio do caminho, Derek a puxa para cima, deixando-a amontoadá acima dos meus seios antes de enfiar meu mamilo enrijecido na boca. E eu disparo feito um foguete, arqueando as costas e gemendo mais alto do que eu deveria, considerando que moro em um alojamento com centenas de outros estudantes.

“Geme pra mim, gostosa”, ele incita.

Meu corpo está tremendo do orgasmo delicioso que Derek acabou de me proporcionar quando ele chega ao auge, gemendo e se afundando em mim uma última vez.

Quando se livra da camisinha, Derek deita de lado e me puxa para junto de si, me abraçando por trás.

Não achei que eu conseguiria alcançar esse nível de paz ao estar deitada ao lado de um homem. Muito menos que esse homem teria acabado de transar comigo.

“Ei, quer ir pra casa comigo no Natal?”, Derek pergunta.

Viro meu corpo na cama para poder encará-lo. “Em Nevada?”

Ele faz que sim. “Eu e Brianna vamos para lá. Nossas famílias vão se reunir para a ceia, então vai ser uma festa e tanto.”

Derek quer que eu conheça a mãe dele. Isso parece sério e importante. Talvez seja a confirmação que eu estava esperando com relação ao nosso status?

Quase respondo que sim, mas então me lembro que não posso. “Não posso, eu preciso trabalhar.”

“No Natal?”

Faço que sim. “Não vou trabalhar no dia 25, mas vou trabalhar dia 26.”

“E no dia 24?”

“Trabalho até as três.”

“Merda.”

Sorrio. “Mas, obrigada por me convidar.”

“Com quem você vai passar o Natal?”, ele exige saber.

Ainda não pensei sobre isso. E minhas amigas não mencionaram nada sobre a data também, então fiquei sem graça de perguntar se poderia passar com elas.

“Não sei”, respondo.

“Com quem você costumava passar antes?”

“Com ninguém. Eu passava sozinha.” Suspiro. “Owen ia para casa para ficar com os pais, então eu dizia que ficaria na casa de uma amiga, mas, na verdade, passava as noites em que ele estava na cidade, em um quarto de um hotel qualquer, assustada demais para sair e de repente encontrar com ele na rua.”

Derek se ajeita na cama, visivelmente desconfortável de saber que eu passei as festas dos anos anteriores sozinha. Ou talvez ele só não suporte ouvir o nome de Owen.

“Tudo bem, Derek”, garanto a ele. “Eu estou acostumada com isso, não me incomoda mais. De verdade.”

Ele nega com a cabeça. “Não está tudo bem, Sophie. Nada disso está bem. É injusto pra caralho, na verdade.”

Dou de ombros, impotente. “As coisas são como elas são. Não posso mudar o que aconteceu, então não adianta ficar sofrendo por isso. Meus pais estão mortos, eu não tenho família ou lugar para ir, mas, pelo menos, eu não me sinto mais sozinha. E, acredite em mim, Derek, é mais do que o suficiente pra mim.”

Ele continua negando com a cabeça, discordando de mim.

“Está tudo bem. Prometo.” Dou um beijo rápido em seus lábios. “Preciso ficar pronta para o trabalho. Você me dá uma carona?”

Ele assente. E ainda está remoendo a conversa que acabamos de ter, pelo que consigo perceber.

“Ótimo. Obrigada.”

Pulo para fora da cama e vou me arrumar.

“Você tem uma bunda maravilhosa. Sabia disso?”

Olho para a minha própria bunda nua. “Acho que ela é razoável.”

“Razoável?”, ele quase grita, indignado. “Não tem nada de razoável aí, gata. Ela é perfeita.”

Reviro os olhos.

“Vou ao banheiro enquanto você se arruma”, ele anuncia, pulando para fora da cama para começar a se vestir.

“Parece que seus dodóis não estão mais doendo”, observo.

“Engano seu, linda. Tô quebrado. Mas tenho que estar morto para negar sexo com você.”

Dou risada.

“Volto já.” Ele me dá um beijo no alto da cabeça e sai do quarto.

A vida é engraçada.

No começo do semestre, me relacionar com um homem parecia algo impossível de acontecer. Mas agora, não consigo mais visualizar meus dias sem esse garoto irritante. Derek superou todas as minhas expectativas em relação a tudo. Ele me provou que a minha primeira impressão sobre ele estava errada, me ajudou quando eu precisei, tomou conta de mim, me defendeu... E tudo isso quando eu mal sorria para ele.

Sei que tudo começou porque ele achou que eu estava bancando a difícil e se viu desafiado, mas acho sinceramente que podemos chegar a algum lugar

juntos. E, embora ainda não tenhamos rotulado o que está acontecendo entre nós, sei que ele gosta de mim e se importa comigo. E sei, com todo o coração, que não quero que isso acabe. Quero ficar com ele. Quero tudo com ele.

Procuro meu uniforme do Tina's dentro do armário quando o telefone de Derek começa a apitar em cima da escrivaninha. Ignoro, afinal de contas, isso seria invasão de privacidade. Certo?

Sim, com certeza seria.

Mas o celular continua apitando sem parar, ocupando o silêncio do quarto, como se implorasse para que eu o pegasse. Talvez tenha acontecido alguma coisa séria, para mandarem tantas mensagens assim.

Por fim, decido que talvez seja melhor me certificar de que está tudo bem.

O iPhone de Derek não tem bloqueio de mensagens, então eu consigo lê-las sem precisar desbloquear o aparelho.

Jenni: Oi, gostoso. Vms nos ver hj né? Como combinamos?

Jenni: Vc ainda tá saindo c aquela garota? Sophie, né? A garçonete. Pensei q já tinha se divertido o suficiente c ela agora.

Jenni: Aposto q ela n faz o q a gnt faz junto.

Jenni: Já faz uma semana, D. Tô c sdd.

Jenni: Liga p mim.

Jenni: Vc falou q tava com dor. Eu posso cuidar dos seus machucados.

Jenni: N tô estudando essa noite.

Jenni: Traz esse pau p cá.

Jenni. Jenni.

De onde esse nome é familiar?

A garota da festa da Kappa Kappa Gamma!

É isso! A garota que Derek classificou como uma das amigas que ele costumava enfiar a língua na garganta.

Mas, espera aí, ela disse que “já faz uma semana”, o que significa que Derek e eu já estávamos envolvidos, o que significa que ele transou com outra garota além de mim e, mesmo assim, me chamou para passar o Natal na casa dele para conhecer sua mãe.

E por que ele teria combinado de vê-la hoje?

Claro, enquanto eu estou trabalhando, ele vai estar se divertindo com

outra garota.

Ah, meu Deus do céu. Eu não acredito que eu caí nessa.

Outra mensagem chega.

Nossa. Agora ela está mandando foto dos seios para ele.

Um calafrio percorre o meu corpo, se alojamento no meu estômago. De repente, estou enjoada, e sinto meu corpo inteiro tremer de raiva.

Não acredito que confiei nesse cara. Não acredito que achei que ele poderia ser diferente. Eu não...

“Tá pronta, linda?”, Derek pergunta, entrando no quarto. Ele olha para mim, depois olha para o seu celular na minha mão e olha para mim de novo. “Tudo bem?”

Engulo meu ódio. “Seu celular estava apitando sem parar. Achei que fosse alguma coisa importante, então peguei. Jenni está te mandando mensagem.” Entrego o aparelho para ele. “Ela disse pra você levar o seu pau até lá porque ela não está estudando essa noite. Ah, e ela tem peitos lindos, então parece que você acabou de se dar bem.”

Derek corre os olhos pelas mensagens no celular antes de voltar a olhar para mim. Ele parece bem confuso, mas considerando que é um ator do caralho, com certeza está fingindo agora. Está fingindo há semanas, o que é mais um dia, não é mesmo?

“Eu não sei do que ela está falando.”

Solto uma risada de escárnio. “Ah, esse vai ser o seu discurso? Sério? Que original, Derek. Parabéns!”

Pego a minha bolsa no chão, enfio meu uniforme do Tina’s lá dentro, pego meu celular em cima da escrivaninha, enfiando-o na bolsa também e começo a me vestir tão depressa que fico ofegante.

“Sophie, para”, ele diz, rispidamente, segurando meus ombros. “Eu tô falando a verdade. Eu não estive com Jenni desde o dia da festa da Kappa. Eu juro.”

“Sabe o que é pior, Derek? Eu levei dois anos para confiar em um cara de novo. *Dois malditos anos*. E você sabia disso.” A minha voz falha. Sinto as lágrimas enchendo meus olhos. “Depois de tudo o que eu passei, você não tinha o direito de fazer isso comigo. Se eu sou a porra de um jogo para você, você deveria ter desistido quando eu te contei sobre Owen, sobre os meus pais e sobre a merda toda.”

“Você não é um jogo pra mim”, ele diz, firme. “Sophie, eu nunca faria isso com você.”

“Você disse que não esteve com ela desde a festa da Kappa, então como ela sabe o meu nome? Como ela sabe que eu e você estamos juntos?”

Ele fica em silêncio por alguns segundos. “Eu não sei. Alguém deve ter dito isso a ela. Não é como se eu fosse um anônimo por aqui.”

Eu me desvencilho das suas mãos segurando os meus ombros. “Eu não acredito em você.” Seco as lágrimas dos meus olhos antes que elas possam cair. “Você quer saber o que eu acho? Eu acho que você finge ser esse cara bonzinho para que as garotas caiam feito um patinho. Funcionou comigo. Não era o que você queria desde o início? Me levar para a cama? Tá aí, você conseguiu. Parabéns! Você é um verdadeiro filho da puta.”

“Eu não fiz isso”, ele grita pra mim.

“E por que eu deveria acreditar em você?”, grito de volta. “Você acabou de mentir pra mim de novo. Disse que não esteve com ela desde a festa da Kappa, mas a garota sabe de tudo. Sabe até que você está machucado, Derek. Quais outras provas eu preciso para entender que você esteve com outras garotas durante todo esse tempo?” Eu o encaro, ignorando meu coração se partindo dentro do meu peito. “Por que eu deveria acreditar em você?”

“Porque eu te amo!”

Meu ar desaparece. E eu cambaleio alguns passos para trás, como se as palavras dele tivessem me atingido com um soco.

Ele disse mesmo isso?

Meu coração bate descompassado dentro do meu peito, quase abrindo um buraco para poder sair, mas o meu cérebro, que sempre me protegeu, me mantendo racional e não sentimental, para que eu pudesse sobreviver a todas as coisas ruins que aconteceram comigo, diz que é só mais uma das mentiras de Derek. As provas estão bem na minha cara. Eu teria que ser uma cega apaixonada para não enxergar o que está bem na minha frente.

Eu encaro Derek. “De todas as mentiras que você contou, essa é a pior delas.”

Disparo para fora do quarto. Não aguento olhar para ele nem mais um segundo, pois sinto que vou desmoronar e não quero fazer isso na frente dele.

“Sophie, espera”, ele grita, vindo atrás de mim.

Começo a descer as escadas correndo, ouvindo os passos dele atrás de mim.

“Para”, ele pede, mas eu não paro. Continuo descendo os degraus, tão rápido que quase caio.

Assim que saio da Bassett House, encontro Camila e Molly do lado de

fora. As duas estão prestes a se beijar quando eu chego feito um furacão. “Oi. Me tirem daqui. Por favor.”

Derek aparece na porta logo em seguida. “Sophie, por favor, me escuta.”

Olho para Camila. “Me leva para o Tina’s, por favor.”

Insistente como sempre, Derek para do meu lado, ignorando totalmente as duas meninas diante de nós. “Você não vai embora até nós conversarmos sobre isso. Por favor.”

“Eu acho melhor você se afastar, Mackenzie”, diz Camila, me puxando para mais perto dela e para mais longe de Derek. “Ela não quer falar com você.”

“E quem é você?” Derek questiona, irritado.

“Amiga da Soph, e ela não quer falar com você agora.”

Molly coloca os braços ao redor de mim, me protegendo. “Vamos para o carro, Soph. Vem.”

Derek olha para mim, desesperado.

O cara é bom ator, tenho que admitir.

“Linda, por favor...”

“Vai embora Derek.” Começo a chorar. “Acabou.”

Ele nega com a cabeça. “Não acabou.”

33.

DEREK

Depois que as amigas desconhecidas de Sophie a levaram embora sem me dar a chance de me explicar, eu entrei na minha caminhonete e dirigi feito um maluco até a casa Kappa.

Seja lá que merda Jenni estava pensando, ela vai precisar me explicar direitinho o motivo de ter decidido, do nada, me mandar mensagens como se nós tivéssemos nos encontrando.

Não menti para Sophie. Eu não vejo Jenni desde a festa da Kappa, então não faço nem ideia de que porra essa garota está pensando.

Estaciono a caminhonete na frente da casa da fraternidade e saio feito um míssil teleguiado, tendo Jenni como meu alvo.

“Jenni!”, grito, esmurrando a porta da frente. “Abre essa porta!”

Segundos depois, a porta se abre, mas não é Jenni quem atende. É Quinn. A loira olha para mim como se estivesse assustada, mas Quinn me conhece o suficiente para saber que não sou violento ou qualquer coisa parecida. Nós tivemos um lance breve no meu primeiro ano.

“Cadê a Jenni?”, pergunto, forçando minha entrada.

“O que tá acontecendo, D.?”, Quinn pergunta, preocupada.

“Ela está em casa ou não, Quinn?”

“Está no quarto.”

Subo as escadas correndo e vou para o quarto de Jenni, que eu conheço muito bem. Entro sem bater, encontrando-a deitada de bruços na cama, chupando um pirulito e lendo um livro como se não tivesse acabado de destruir meu relacionamento com Sophie.

É verdade que nós não tínhamos dado um nome para o que estava rolando entre nós, mas eu amo aquela garota. Na minha cabeça, ela já era minha namorada, mesmo que eu não tivesse dito para ela.

Merda.

Eu deveria ter dito para ela.

“Oi, D.”

“Qual é a porra do seu problema, Jenni?”, eu grito, batendo a porta do quarto atrás de mim. “Que merda de mensagens são essas?”

Ela dá de ombros, e não fala nada.

“É melhor você começar a falar agora, senão eu vou perder a cabeça”, aviso.

“E o que você vai fazer?”, ela me desafia. “Me bater? Nós dois sabemos que você não é capaz disso, D. Então, por que você não pula essa merda toda e desconta a sua raiva de um jeito mais interessante? Eu falei sério, estou livre hoje, podemos passar a madrugada toda transando.”

Meu sangue está fervendo, mas Jenni está certa. Eu prefiro quebrar a minha cara a levantar a mão pra uma mulher. Nunca faria isso, não importa quão puto eu esteja.

“Por que você me mandou mensagem como se estivéssemos nos vendo, Jenni?”

“Ela não parecia certa pra você.”

Cerro os punhos. “Ela não parecia certa pra mim?”, rosno. “E quem parece certa pra mim? Você? Pensei que você não quisesse um namorado.”

“Posso ter mudado de ideia.”

Meu Deus.

Eu vou cometer uma loucura.

“E aí você decidiu destruir o meu relacionamento só porque, de repente, você mudou de ideia? Você tá brincando comigo, porra?”

Ela estremece, e desvia os olhos de mim. De repente, não parece mais tão confiante.

Conheço Jenni há tempo suficiente para saber que isso não é do seu feitio. Ela é uma garota legal, estudiosa, esforçada, que veio de uma família pobre e deu um duro danado para conseguir uma bolsa de estudos na Duke e realizar o sonho de ser médica. Porra. Eu conheço a história dela de trás para frente. Somos amigos, caralho. Ou, pelo menos, eu pensei que fôssemos.

“É melhor você começar a falar, Jenni”, ameaço, furioso.

“Não tenho nada para dizer que já não tenha sido dito.”

Respiro fundo. E jogo sujo. “Você sabe quem eu sou, certo? Você sabe a influência que eu tenho. Eu vou fazer da sua vida um inferno se você não me ajudar a resolver a merda que você criou.”

E não estou blefando. Realmente posso tornar a vida social dela bem difícil. Uma das vantagens de ter o seu nome na boca de todas as pessoas da faculdade.

Não ligo se estou sendo um babaca. Não vou perder Sophie por conta de uma mentira de uma garota maluca. Não vou mesmo.

“Eu gostaria de ver você tentar”, ela me desafia.

SOPHIE

Não consigo me concentrar no meu trabalho, porque meu coração está destroçado. Tenho certeza que a cada passo que eu dou, um pedaço dele fica pelo caminho.

Passei o tempo todo com o choro entalado na garganta, mas quando o horário do meu intervalo finalmente chega, eu me escondo na pequena sala dos funcionários e desabo.

Porque eu te amo!

Essas palavras estão ecoando na minha cabeça desde que Derek as proferiu.

Meu Deus, se ele me ama, por que ele me traiu?

É verdade que nunca falamos sobre exclusividade, mas eu pensei que ele teria mais caráter do que isso. Sabendo o que tudo isso significa para mim, ele deveria ter me dito que não gostaria de ser monogâmico. Ele deveria ter me dito que gostaria de sair com outras garotas.

E se Jenni estiver mentindo?, meu coração esperançoso trai o meu cérebro.

E por que ela estaria mentindo?, meu cérebro devolve.

Porque ela pode estar apaixonada por ele e queria separar os dois, meu coração continua argumentando.

Mas como ela sabia de tudo aquilo? Até dos machucados dele. É muito suspeito, meu cérebro continua na defensiva.

Meu Deus.

Estou perdendo a cabeça.

“Soph?”, escuto a voz de PJ.

Me apresso para secar as lágrimas, mas não tem como ele não perceber que eu estava chorando. Meu nariz deve estar todo vermelho e meus olhos devem estar inchados.

“Por que você está chorando? O que aconteceu?”, ele quer saber.

“Nada. Eu estou bem.”

“Você não parece bem, linda.”

Começo a chorar de novo.

PJ senta ao meu lado no pequeno sofá, segura uma das minhas mãos e a leva até os seus lábios, dando um beijo. Meu corpo treme, mas estou entorpecida demais para me mover. “Vai ficar tudo bem, Soph. Seja o que for. Pode contar comigo, tá legal?”

Não respondo.

Merda.

Eu pensei que meu coração já havia sido partido o suficiente nessa vida, mas Derek veio para me provar que sempre dá para um coração ser partido de novo e de outros modos. Mas, porra, dói igual.

* * *

Entro no meu quarto logo após recusar outra ligação de Derek. Não posso falar com ele agora. Não posso vê-lo. Nem consegui assimilar o que aconteceu. E, sinceramente, nem sei se tem algo a mais para ser assimilado. Tudo parece bem claro. Ele me traiu. Fim da história.

Derek estava saindo com Jenni e comigo ao mesmo tempo. E com sabe Deus mais quem.

“Soph?”, Savannah olha para mim. “Ah, meu Deus, o que aconteceu? Você estava chorando?”

Eretria tira os olhos no laptop e olha para mim. “O que houve?”

“Derek estava saindo com outra garota além de mim”, eu conto, e começo a chorar de novo.

O queixo de Savannah cai. “Não acredito.”

“Você tem certeza?” Eretria.

Faço que sim com a cabeça e me jogo na minha cama. “Eu vi as mensagens no celular dele hoje de manhã. Não vi a conversa toda porque o celular estava bloqueado, mas eu consegui ver as mensagens que ela mandou pra ele.”

Minhas amigas sentam na minha cama, uma de cada lado de mim, e me abraçam.

“Não acredito que ele fez isso comigo”, eu choramingo. “Ele poderia ter me dito que não queria exclusividade. Eu teria achado uma merda, mas pelo menos ele teria sido honesto.”

“Eu sinto muito mesmo, amiga”, lamenta Savannah. “Que desgraçado! Eu achei que ele era um cara legal.”

Meu celular começa a tocar de novo.

“Ai, é ele de novo”, resmungo.

Eretria toma o celular da minha mão e aceita a chamada. “Você é muito cara de pau mesmo para ficar enchendo a minha amiga de ligações depois do que você fez, seu babaca.” Pausa. “Esse é o discurso mais velho que existe, Derek. Você não vai me convencer e nem convencer Sophie de nada disso. Deixe-a em paz.” Outra pausa. “Não vou deixar você falar com ela coisa nenhuma. Lembra quando conversamos na festa do Nash? Você me disse que a deixaria em paz se ela dissesse não. Bom, ela está dizendo não agora, Derek. Acabou.”

E Eretria desliga o telefone.

“O que você conversou com ele na festa do Nash?”, eu pergunto.

Minha amiga solta um suspiro alto. “Me desculpa, Soph. Fui eu que falei para ele que você estava no quintal naquela noite. E também fui eu que passei o seu telefone pra ele. Tinha certeza de que ele era um cara decente. Droga, eu olhei nos olhos dele e confiei nele.”

“Tudo bem, Tria. Ele me enganou também”, eu lamento, me sentindo a maior de todas as idiotas. “O pior de tudo é que... merda, eu tô apaixonada por ele.”

“Nós vamos dar um jeito nisso”, Savannah garante. “Não se preocupe, Soph. Nós vamos distrair você. Vamos sair, conhecer outras pessoas, fazer mais noites das garotas e assistir todos os filmes existentes no cinema. Você não vai ficar em casa chafurdando na tristeza por causa desse cara.”

“Sav tem toda a razão”, concorda Eretria. “Vou deixar, temporariamente, a missão Sophie e Savannah Salvando Os Animais e vou focar na missão Derek Babaca Nunca Mais.”

Rio entre as lágrimas. “Vocês são malucas, mas eu amo vocês. Obrigada.”

“Abraço coletivo!”, Savannah anuncia.

E em um piscar de olhos, estamos as três deitadas na minha cama, esmagando umas as outras no abraço coletivo mais cheio de lágrimas e risos que eu já testemunhei.

34.

SOPHIE

Natal

West Palm Beach, na Flórida, é um dos lugares mais lindos que eu já vi. E, ao mesmo tempo, é muito esquisito estar em um lugar que não está coberto de neve nessa época do ano.

Como uma nova iorquina, estou acostumada a ter neve no Natal. Estou acostumada com a paisagem branca e com o Central Park coberto por gelo. No entanto, Savannah mora em uma casa de frente para o mar, e tudo o que eu vejo é areia, mar e céu azul. E, embora essa época do ano não seja a mais quente por aqui, a temperatura é bem agradável.

Savannah me convidou para passar o Natal com ela e os seus pais. O que eu não estava esperando era encontrar uma mansão em forma de casa. Savannah é podre de rica e eu não fazia a menor ideia, pois ela é humilde até o último fio de cabelo.

E, nossa, nem me deixe começar a falar sobre o quarto dela na casa dos pais. Me surpreende que ela tenha concordado em ficar em um dormitório triplo na Bassett House, onde mal temos espaço. Logo ela, que viveu a vida inteira com espaço de sobra dentro desse quarto gigantesco. E... meu Deus do céu, ela tem uma sacada com vista para o mar.

Alguém me belisca.

“Eu sei o que você está pensando”, ela me acusa quando me pega admirando o cômodo. “*Nossa, Savannah é rica.*”

“Isso é um fato, Sav. Não tem nem como *não* pensar isso. Esse lugar é surreal.”

Ela sorri. “É lindo, não é? Sinto saudades dessa vista.”

“Nem consigo imaginar como deve ter sido acordar com essa vista

durante anos da minha vida”, digo, admirada.

Savannah ri. “É uma das poucas coisas na minha vida que eu nunca me cansei. Você sabe que fico entediada rápido.”

Concordo com a cabeça.

Nesse momento, alguém bate na porta. Não vi os pais de Savannah quando chegamos, então é possível que sejam eles.

“Entra”, Savannah diz.

Uma mulher rechonchuda abre a porta. Ela é ruiva, tem olhos verde esmeralda e veste um uniforme, então deduzo rapidamente que deve ser uma empregada da família.

“Duuuuuulce!”, Savannah grita, correndo para abraçar a mulher. “Ah, meu Deus do céu, que saudade!”

Dulce dá risada, abraçando a minha amiga com força. “Oi, criança. Elijah acabou de avisar que você estava em casa.”

“Ah meu Deus, eu vou te colocar dentro de um potinho e vou te levar para a Carolina do Norte comigo, Dulce. Não consigo viver sem você.”

A mulher ri. “Dramática como sempre, posso perceber.”

“Só um pouquinho.” Savannah sorri. “Dulce, essa é Sophie, minha amiga da faculdade. Soph, essa é Dulce. Ela foi minha babá, minha conselheira, minha amiga, minha mãe quando mamãe estava viajando. Essa mulher é maravilhosa.”

Dou risada. “É um prazer te conhecer, Dulce.”

“Igualmente, querida.” Ela abre um sorriso enorme para mim.

“Onde está mamãe e papai?” Savannah quer saber.

“Foram ao mercado, mas devem estar chegando a qualquer momento agora.”

Os pais de Savannah são podres de ricos e *vão ao mercado*. Nossa. Quer dizer, eles poderiam facilmente mandar um dos funcionários, mas não, eles mesmos vão ao mercado. Acho que já sei de onde Savannah puxou a humildade.

“Cadê a minha filhota?” Escuto uma voz masculina distante. Provavelmente vinda do primeiro andar da casa gigantesca.

“Papai, tô aqui em cima!” Savannah grita.

E, em segundos, um homem enorme e sorridente aparece no quarto e puxa Savannah para um abraço que faz minha amiga sumir.

“Você não vai voltar para a Carolina do Norte. Essa casa é um silêncio insustentável sem você.”

Savannah ri. “Eu também senti saudades.”

“Você deve ser a Sophie”, diz o pai de Savannah, olhando para mim depois de soltar a filha do abraço.

“Sim, senhor. É um prazer conhecê-lo.”

E o homem enorme me puxa para um abraço.

Ah meu Deus, não estava esperando por isso. Mas o abraço é tão breve que nem dá tempo para o meu corpo processar e começar a se tremer inteiro.

“Você é muito bem-vinda na nossa casa, Sophie. Qualquer amiga da minha garotinha, é amiga da família.” Ele sorri para mim.

“Obrigada, senhor. Sua casa é muito bonita.” Me sinto na obrigação de dizer porque, nossa, é realmente maravilhosa.

Uma segunda mulher aparece no quarto, e mesmo com cinco pessoas no cômodo, ele ainda parece gigantesco.

“Já gostei dela”, diz a segunda mulher, que eu deduzo ser a mãe de Savannah. “Muito obrigada, querida. Graças a mim essa casa é realmente muito bonita, porque se dependesse desse cara aqui, sabe Deus o que essa casa teria se transformado.”

Eu e Savannah damos risada.

“Oi, mamãe.”, Savannah abraça a mãe. “Sophie, mamãe. Mamãe, Sophie.”

“É um prazer, senhora.”

E adivinhem, ela me abraça também.

“O prazer é todo nosso.” Ela sorri. “Dulce, podemos começar os preparativos?”

Dulce assente. “Sim, senhora. O pessoal da cozinha já começou, mas estávamos esperando a senhora voltar do mercado.”

“Ótimo. Vamos começar a cozinhar agora, meninas. Podem se juntar a nós, se quiserem”, convida a mãe de Savannah. “Sei que Savannah adora palpitar.”

E eles fazem a comida junto com os funcionários. Puxa! Isso é muito legal.

Para alguém que veio de baixo, como eu, ver pessoas tão ricas tratando os mais pobres como iguais, é algo extraordinário. Como eu já disse, gentileza não é algo que eu estou acostumada a presenciar. Nem comigo e nem com as outras pessoas.

“Vamos começar a fazer o pudim de chocolate agora”, incentiva Dulce.

“O que você acha, Soph? Quer cozinhar?”, Savannah me encara com

expectativa.

“Você ainda pergunta? Claro que sim.”

DEREK

Minha mãe aparece para me buscar no aeroporto com uma plaquinha escrito “Mãe do melhor filho do mundo”, o que me faz sorrir instantaneamente. E, quando ela me envolve em um abraço, sinto que estou em casa. Todo o peso que venho sentindo nas últimas semanas desaparece momentaneamente.

Sophie não tem falado comigo desde o ocorrido com Jenni — que ainda não me explicou porra nenhuma, mas, como eu sou um homem de palavra, estou, de fato, tornando a vida social dela um inferno. E, nesse interim, tenho tentado reconquistar a minha garota, mas Sophie está irredutível na sua decisão de se manter longe de mim.

Sei que não posso culpá-la, também entenderia tudo errado se visse mensagens parecidas com aquelas no celular dela, mas, porra, não consigo evitar me sentir ofendido por ela achar que eu desceria tão baixo, que eu realmente transaria com ela, sabendo de tudo o que ela passou, e continuaria vendo outras garotas. Pelo amor de Deus.

“Ai, meu filho, que saudade absurda”, minha mãe diz, me esmagando em um abraço.

Sorrio, inalando o cheiro familiar de café da minha mãe. Como ela está sempre na cafeteria, parece que o cheiro da bebida está impregnado nela. “Também senti saudades, mãe.”

“Ah, Brianna, querida, que bom te ver.” Minha mãe puxa Brianna para um abraço apertado.

Minha amiga ri. “Bom te ver também, Ruth. Cadê os meus pais?”

“Ah, eles ficaram cuidando da comida enquanto eu vinha buscar vocês dois.”

“Ótimo. Então eu posso ir dirigindo enquanto vocês dois colocam o papo em dia no banco de trás”, sugere Brianna. “Chaves, por favor.”

Minha mãe dá risada e coloca as chaves do carro na mão de Brianna.

Em alguns minutos, já estamos no carro e a caminho da minha casa em Carson City, Nevada.

Quando chegamos, sou recebido por um cheiro magnífico de comida

caseira. Os pais de Brianna vêm nos encontrar na sala, abraçando a filha como se não a vissem há anos e depois direcionando o mesmo carinho para mim. O pai de Brianna conversa um pouco comigo sobre os últimos jogos da Duke — que ele acompanha religiosamente pela televisão — e faz comentários sobre os placares, me parabenizando pelas vitórias.

Embora eu sinta falta deles como se fossem realmente minha família, estou um pouco alheio a tudo isso. Sem contar o cansaço de uma viagem de oito horas de avião. Então, peço licença e vou para o meu quarto descansar um pouco.

Minha mãe não mexeu em nada do meu antigo quarto. Tudo está exatamente como eu deixei, e sou invadido pelas memórias, como sempre acontece quando eu entro nesse cômodo.

“Você vai me dizer o que está te deixando com essa carinha triste ou eu vou ter que começar a ficar boa em adivinhação?”, minha mãe pergunta, aparecendo na porta do quarto.

Abro um meio sorriso. “Não tem como esconder nada de você, tem?”

“Não”, ela responde com firmeza. “As mães sempre sabem. O que está acontecendo, querido?”

Suspiro, cansado, e me sento na minha cama. “Minha namorada terminou comigo.”

Minha mãe arregala os olhos. “Desde quando você estava namorando? Desde quando você começa a namorar *e não me diz nada*, Derek Lennox Mackenzie?”

Dou risada. “Você sabe que não se torna mais ameaçadora por me chamar pelo meu nome completo, né? Isso parou de funcionar quando eu fiz onze anos, mãe.”

Ela faz uma careta de insatisfação. “Isso nunca deveria parar de funcionar. Enfim, por que sua namorada terminou com você?”

E eu explico a coisa toda para a minha mãe. Não tenho problema de conversar com ela sobre isso e nem de parecer chateado por conta de uma garota. Minha mãe sempre foi pai e mãe, então, o que eu, tecnicamente, deveria conversar com o meu pai, ela me fez sentir confortável o bastante para conversar com ela.

“Entendo”, ela diz quando eu termino de falar. “E você tentou conversar com ela?”

“Ela não está falando comigo. Ela tem certeza de que estou mentindo pra ela. Faz semanas que estou tentando falar com ela, mas ela não me dá

nenhuma abertura. Apareci de surpresa no trabalho dela há alguns dias, mas ela nem olhou para mim.” Bufo. Estou estressado e cansado de pensar sobre isso, de sentir falta de Sophie, de não saber o que fazer para tê-la de volta. “Eu amo essa mulher, mãe. Tô enlouquecendo sem ela.”

Minha mãe segura a minha mão. “A verdade sempre aparece, filho. Mais cedo ou mais tarde, a verdade vai aparecer. Seja paciente. Depois de tudo o que a pobre menina passou, é normal que ela se feche em um casulo para se proteger. Mas eu tenho certeza de que ela está morrendo de saudades de você também.”

“Eu espero que você esteja certa.”

E com um beijo no alto da minha cabeça, minha mãe diz: “As mães sempre estão, querido. As mães sempre estão.”

35.

SOPHIE

“Feliz Natal, Soph!”, Savannah me abraça.

A ceia de Natal com a família Radcliff foi a coisa mais sensacional que já presenciei. Por serem uma família pequena e ambos os pais de Savannah serem filhos únicos, eles criaram a tradição de fazer a ceia de Natal com a família de todos os funcionários que trabalham para eles. Isso significa que, à meia noite, todos param de trabalhar, se reúnem na mesa gigantesca da sala de jantar e desfrutam da refeição que passaram o dia preparando.

Foi o melhor Natal da minha vida. Pelo menos, dos que eu consigo me lembrar. Mas teve um Natal, quando eu tinha seis anos, que me lembro que meu pai comprou uma bicicleta para mim e nós passamos horas na rua, no dia seguinte, para que ele me ensinasse a pedalar naquela coisa sem eu cair e me esborrachar no chão. Minha mãe ficou na calçada me aplaudindo sempre que eu conseguia pedalar por cinco segundos sem me desequilibrar.

É a lembrança mais feliz que tenho dos meus pais. E me agarro a ela com todas as forças, pois tenho medo que um dia me esqueça disso. Ou me esqueça do rosto deles. Não consigo mais me lembrar de suas vozes, e isso já dói o suficiente. Não posso me esquecer de seus rostos nunca.

“Feliz Natal, Sav”, eu digo, abraçando-a de volta. “Obrigada por me convidar. Foi tão bom estar aqui hoje.”

“Não precisa me agradecer, quanto mais gente melhor.” Ela me solta do abraço e olha para mim, séria, antes de soltar um suspiro. “Você está péssima, Soph. Por que não liga para ele?”

“Porque ele me traiu.”

“E se ele não traiu?”

Eu a encaro. “Claro que ele traiu, Sav. Eu vi a droga das mensagens.”

“Você viu as mensagens *dela*”, ela argumenta. “Você nem sabe se ele

realmente estava conversando com ela. Ouça, eu andei pensando sobre isso... E se Jenni estiver mentindo?”

Franzo o cenho. “E por que ela faria isso?”

“Eu não sei. As pessoas fazem merdas muito loucas quando querem alguma coisa. E se ela quiser o Derek?” Savannah começa a andar de um lado para o outro no seu quarto. “Quando eu estava na escola, eu costumava andar com o maldito clone da Regina George, de Garotas Malvadas. Essas eram as minhas amigas. Eu era a Cady do grupo. Acredite em mim quando eu te digo que reconheço um projeto de Regina George quando vejo um. E Jenni definitivamente é um.”

Penso por um momento. “Mas ela sabia o meu nome, sabia sobre o meu emprego e até sabia que Derek estava machucado. Parece muito suspeito.”

“Aí é que está. É justamente nisso que eu estava pensando. Você estava saindo com um dos caras mais populares da Duke, amiga. O que significa que conseguir essas informações sobre você é a coisa mais fácil do mundo. Quanto aos machucados, Jenni conhece Derek há tempo suficiente para saber que ele se machuca quando joga”, Savannah continua argumentando. “Por isso eu estou te perguntando... E se ela estiver mentindo?”

Eu me sento na cama King Size de Savannah, pensativa.

E ela se senta ao meu lado. “Não estou dizendo que ele é inocente. Estou dizendo que ele *pode* ser inocente. Talvez você devesse conversar com ele, sabe? Olhar nos olhos dele e ouvi-lo, porque se Jenni estiver mentindo, você está perdendo Derek por nada.”

Suspiro. “Eu preciso ter certeza, Sav. Mesmo que eu converse com ele e escute o que ele tem para dizer... E se ele for um excelente mentiroso? Meu coração nunca vai descansar se eu não tiver certeza de que Jenni está mesmo mentindo.”

Savannah concorda com a cabeça. “Nós vamos descobrir a verdade, Soph. Mais cedo ou mais tarde. Eu tenho certeza.”

Meu celular apita, indicando uma nova mensagem, e eu o puxo do bolso de trás da minha calça.

“É ele.”

Abro a mensagem.

Ele: Feliz Natal, Clarke. Sinto sua falta.

“Clarke? Ele acabou de confundir o seu nome e eu estou aqui

defendendo o cretino?”, Savannah se indigna.

Dou risada. “Não. Ele me deu esse apelido depois que assistimos *The 100*.”

“Graças a Deus!” Ela respira aliviada. “Você vai responder? Quer saber, não é da minha conta. Vou tomar um banho enquanto você decide a sua vida amorosa. Depois me conte os detalhes.”

E depressa como um tornado, Savannah pega uma toalha dentro do seu closet — que mais parece outro quarto de tão grande — e sai.

Fico encarando a mensagem de Derek por quase cinco minutos, me perguntando se devo ou não responder enquanto o argumento de Savannah ecoa no fundo da minha cabeça.

Merda.

A esperança é a semente mais perigosa do mundo.

E se Jenni estiver mesmo mentindo?

E se Derek for inocente?

E se estivermos separados por nada?

Por fim, solto um suspiro cansado e decido que devo responder a mensagem. Afinal de contas, é Natal. Não vai me matar se eu só desejar a ele um bom feriado.

Eu: Feliz Natal, Derek.

Pronto.

Nada comprometedor. Nada esperançoso. Até um pouco seco, na verdade. Mas é melhor assim. Pelo menos por enquanto, até que a verdade finalmente seja revelada.

Ele: Precisamos conversar, linda.

Meu coração idiota acelera e as lágrimas invadem meus olhos antes que eu possa detê-las.

Sinto falta dele.

Nossa. Como sinto falta dele.

Mas só a remota possibilidade de que ele dormiu com Jenni faz meu peito doer como se um buraco tivesse sido aberto por uma britadeira.

Ele: Vc n precisa me responder. Te vejo no campus, e então vms conversar.

36.

SOPHIE

Não me surpreendo nem um pouco de encontrar Derek sentado do lado de fora da Bassett House quando Savannah e eu chegamos de West Palm Beach. O que me surpreende é que ele tenha escolhido esperar do lado de fora da caminhonete, em pleno frio de dezembro, ao invés de ficar dentro do carro, no aquecedor.

Eu mencionei que está nevando?

Pois é.

Savannah olha para mim, olha para Derek e depois olha mim de novo em uma pergunta silenciosa, mas eu escuto sua voz perfeitamente na minha cabeça “*Devo expulsá-lo?*”

O empenho das minhas amigas em me defender me deixa genuinamente feliz. Gosto de saber que tudo pode estar caindo sobre a minha cabeça e elas vão continuar do meu lado.

“Tudo bem, Sav.” Sorrio para ela.

Savannah abre um meio sorriso para mim, pega a sua mala e começa a arrastá-la pela fina camada de neve que começa a se aglomerar no chão.

Como minha amiga não consegue deixar passar o seu pequeno toque dramático, ela fuzila Derek com os olhos até entrar na Bassett House e sumir do nosso campo de visão.

Olho para Derek e não consigo deixar de reparar que ele parece cansado, mas mesmo com o cansaço aparente, ele é lindo. A ponta do seu nariz está vermelha por conta do frio e percebo que ele está tremendo sutilmente.

Há quanto tempo ele está aqui fora esperando?

“Oi”, ele diz, forçando um sorriso, e colocando as mãos dentro dos bolsos da calça jeans.

“Oi”, digo, baixo. “Derek, eu não...”

Ele levanta a mão para me interromper. “Antes que você diga não, me escuta, tá legal?” Ele hesita. Toda a sua habitual confiança desapareceu. “Como foi o Natal?”, ele pergunta, mas antes que eu possa abrir a boca para responder, ele começa a balançar a cabeça de um lado para o outro. “Quer saber, não, eu não quero saber do seu Natal. Eu quero saber de nós.”

Não respondo imediatamente. A verdade é que não sei o que responder. O que ele espera que eu diga? O que ele espera que eu faça?

“Você me traiu.” A minha voz sai baixa.

Ele nega com veemência. “Não trai.”

“Eu quero acreditar em você, Derek...”

“Então acredita.” Ele se aproxima de mim e eu não me esquivo. Meu coração trai o meu cérebro e implora que eu deixe que ele se aproxime, pois preciso sentir o calor do seu corpo, preciso sentir suas mãos em mim. Preciso que ele me passe a segurança necessária para que eu possa esquecer toda essa história.

“Confiar nas pessoas não é fácil pra mim, Derek. Você sabe disso. E, me desculpa, talvez a sua palavra devesse ser suficiente pra mim, mas não é.” Eu dou um passo para trás, e meu coração protesta, mas eu o ignoro por enquanto. “Eu preciso ter certeza, ou isso vai ser como uma bigorna pairando sobre as nossas cabeças, só esperando o momento para nos destruir.”

Por quase um minuto inteiro, Derek não diz nada, e sua expressão é indecifrável. Não faço a menor ideia do que ele está pensando, mas sei que tudo o que eu queria agora era me jogar nos seus braços fortes e deixar que ele levasse toda a minha insegurança e desconfiança embora, mas isso não vai acontecer. Eu me conheço, e sei que se eu não tiver certeza, minha mente sempre vai me fazer voltar nesse assunto. Eu sempre vou ter aquela pulga atrás da orelha e, meu Deus, eu não quero começar um relacionamento pensando que o cara pode ou não ter me traído.

“Eu vou provar pra você”, ele fiz, finalmente. “Custe o que custar. Eu vou te dar a segurança que você precisa.” Ele se aproxima de novo, e dessa vez aproveita para fazer um carinho na minha bochecha. “Não desista de mim, gata. Nós vamos ficar juntos de novo.”

Derek dá um beijo na minha testa e vai embora.

DEREK*Primeiro de Janeiro*

Como todos os anos desde que me mudei para a costa leste, eu e meus amigos comemoramos a virada do ano no Holme's. E nesse ano não foi diferente. A diferença estava em mim mesmo.

São duas horas da tarde do dia primeiro de um novo ano e os caras estão mortos, com uma ressaca que pode durar mais de vinte e quatro horas. Eu, por outro lado, passei a virada do ano sóbrio pela primeira vez em muito tempo. O que foi uma merda. É ruim pra caralho estar sóbrio quando todos os seus amigos estão bêbados.

Faz seis dias que venho trabalhando no meu plano de fazer Jenni abrir a boca.

Por conta dos seus problemas de confiança e da vida de merda que teve, Sophie precisa de uma prova de que eu estou falando a verdade, então é isso que eu darei a ela. Prometi que faria isso, mas ainda não consegui nada. E minha paciência está sendo drenada dia a dia com essa história. E é por isso que eu decidi dar a penúltima cartada do meu plano. Se Jenni não falar agora, com certeza falará depois de eu lançar a bomba que venho planejando.

Espero realmente não precisar chegar tão longe.

Meu plano para hoje é tentar manter meus amigos fora do coma alcoólico. Nós temos um jogo em dois dias. E, de novo, contra o Boston College, o que vai ser uma merda grande pra caralho porque terei que olhar para Owen Montgomery mais uma vez. E não sei se vou ser capaz de segurar o ódio dessa vez. Não sem Sophie lá para manter a minha sanidade. Não estando longe dela há semanas.

No entanto, eu mal pude colocar meu plano inicial em prática, pois dois

minutos depois de eu levantar da cama, um tornado ruivo chamado Jenni Anniston invade o meu quarto sem se dar ao trabalho de bater na porta.

Eu meio que estava esperando que ela fosse aparecer mais cedo ou mais tarde. E não consigo evitar um sorriso quando vejo que seu rosto está vermelho feito um tomate, o que evidencia as suas sardas. Ela está puta da vida.

É impressionante como você pode deixar de achar uma pessoa bonita quando ela te sacaneia no nível que Jenni fez comigo. Eu costumava achá-la maravilhosa. A ruiva mais gostosa que já conheci, mas agora, com ela parada bem na minha frente e me olhando como se fosse capaz de me comer vivo, não a acho nem um pouco atraente. O encanto acabou quando ela decidiu ser uma bela de uma filha da puta.

Sento na cama. “Oi, Jenni. Feliz Ano Novo”, minha voz é controlada e animada.

“Não me venha com essa de Feliz Ano Novo, Derek. Não acredito que você espalhou pelo campus que eu tenho uma doença contagiosa.”

Dou de ombros, descontraído. “É ruim pra caralho o que uma mentira pode fazer, não é?”

“Não acredito que você está estragando a nossa amizade por causa de uma garota qualquer.”

“Ela não é uma garota qualquer. É minha namorada.”

Jenni abre um sorriso. “Claramente não é mais.”

“Você quer continuar brincando comigo?” Dou de ombros de novo. “Vai em frente. Comecei leve. Só para você sentir o que um boato lançado por mim pode fazer. Mas não tenho nenhum problema em jogar sujo. Imagina o que vai acontecer com a sua reputação se eu disser que essa doença contagiosa é uma DST.”

Ela arregala os olhos verdes. “Você não se atreveria.”

“Experimenta me testar”, ameaço.

Jenni fica em silêncio, avaliando a minha expressão. Mas, se ela está buscando o meu blefe, não vai encontrar, pois não estou blefando. Acho que nunca falei tão sério em toda a minha vida.

“Não tenho o menor prazer em fazer isso com você, Jenni, mas você começou com essa merda sem nenhum motivo. Eu amo a Sophie, e se tiver que descer até o inferno para ter ela de volta, pode apostar que é o que vou fazer.”

Jenni parece chocada com a minha revelação. “Você a ama?”

“Amo”, eu confirmo. “Você vai me dizer agora que porra foi aquela? Porque, se você tinha alguma esperança de ficar comigo, já sabe que isso nunca vai acontecer de novo agora.”

Com um suspiro, Jenni joga seu corpo em cima da minha cama. “Não me falaram que era tão sério”, ela diz, mais para si mesma do que para mim.

Franzo o cenho. De que diabos ela está falando?

“Quem falou o que?”, exijo saber.

Jenni solta mais um suspiro antes de *finalmente* começar a me explicar o que aconteceu.

* * *

O problema de ficar muito tempo esperando por alguma coisa quando você está com raiva, é que a raiva só cresce. E é exatamente isso o que está acontecendo enquanto espero do lado de fora do Tina’s.

Nunca me considere um cara que tem problemas de controlar o temperamento. Normalmente, precisa de muito para me tirar do sério, no entanto, tenho tido problemas de controlar a raiva ultimamente. Depois de toda a história com Sophie e Owen, com Brianna e o cara de Nova Iorque, eu venho arrastando o meu ódio como se fosse uma sentença.

E agora mais essa merda.

Depois de mais de uma hora esperando dentro da caminhonete, vejo o meu alvo saindo do Tina’s. Já passou das dez da noite quando eu salto do carro e caminho a passos determinados até o meu destino.

“PJ”, eu chamo, um pouco mais alto do que o necessário.

Peter se vira ao ouvir se apelido. Ele parece surpreso ao me ver. “Sim?”

Reprimo a vontade de esmurra o desgraçado. “Então você é a mente brilhante por trás da mentira de Jenni?”

Ele enrijece a postura. “Eu não sei do que você tá falando, cara.”

“Nem precisa perder o seu tempo negando. Jenni já me contou tudo. Que vocês têm aulas juntos, que você sabia que eu costumava ficar com ela e então disse para ela que Sophie e eu brigávamos muito, que Jenni estaria me fazendo um favor se afastasse Sophie de mim. Não foi isso? Ou eu tô esquecendo alguma coisa?”

Peter olha para mim e posso vê-lo gritando com Jenni mentalmente.

“Ah, é, tem a parte onde você disse para Jenni que estava apaixonado por Sophie e se considerava melhor para ela do que eu.” Dou risada, mas

estou pegando fogo por dentro. “Você tá um pouco desesperado, cara. As mulheres não gostam disso.”

Agora ele está puto. “Soph é boa demais pra você. Ela é linda, é inteligente e pode conseguir algo muito melhor do que um atleta que se acha o comedor do século.”

Isso foi mais fácil do que eu pensava.

“Você tá me confundindo com o Nash. Ele é o comedor do século. E, cara, você armou um teatro pra separar duas pessoas que estavam felizes juntas e tem a coragem de falar que é melhor do que eu?” Rio de novo. “Porra nenhuma. O que você acha que vai acontecer quando Sophie descobrir a porra toda que você armou?”

Ele abre um sorriso que só faz aumentar a minha vontade de socar a cara dele. “Ela não vai descobrir. Soph está tão triste por sua causa que nunca voltaria pra você. É por isso que ela aceitou sair comigo.”

“Não, não aceitou.” Agora é a minha vez de sorrir. Eu conheço Sophie, e ela jamais aceitaria sair com um cara que não confia. “Eu conheço minha garota, e ela não aceitaria sair com qualquer um.”

“Não foi o que pareceu quando ela me beijou a meia noite da virada do ano. Ah, é, nós estávamos juntos.”

Uma ponta de dúvida me atinge.

Não. Sophie não faria isso. Eu tenho certeza que não. Ela pode até ter estado com ele durante a virada do ano, mas eu tenho certeza que ela nunca o beijaria.

Certo?

“Parece que você não tem mais tanta certeza de que conhece a ‘sua garota’, hein?” Ele abre outro sorriso presunçoso.

Dou um passo na direção dele. Peter é forte, mas eu sou mais. E ainda sou mais alto. No entanto, ele não se intimida com a minha aproximação. “Você não vai gostar se eu tiver que voltar aqui. Então me poupa de arrebentar a sua cara e fica longe da minha namorada.”

Dou um tapinha na lateral da cabeça de Peter como se ele fosse uma criança que acaba de fazer uma besteira. Reduzir o ego do cara a isso é pior do que se eu realmente tivesse batido nele.

“Ela não vai voltar pra você, Mackenzie”, ele grita pra mim quando eu já estou perto da caminhonete.

Olho na direção dele e abro o maior sorriso que consigo. “Isso é o que nós veremos.”

SOPHIE

Voltei ao estado de The Walking Dead.

Na verdade, acho que estou mais para aquele filme Meu Namorado É Um Zumbi, onde o personagem sai do estado de zumbi quando tem o seu coração aquecido pelo amor de uma humana.

É exatamente assim que eu estou me sentindo. Como se meu coração precisasse ser aquecido por Derek.

Estou um trapo. Não tenho dormido direito, e estou andando por aí como se tivesse um buraco no meu peito.

Faz dias que Derek e eu não nos falamos. Tenho esperado que ele me prove que nada aconteceu com Jenni, mas até agora nada. Acho que é porque você não pode provar que nada aconteceu se realmente tiver acontecido algo.

Está na cara que eu preciso seguir em frente e esquecê-lo, mas então por que não consigo fazer isso? Droga.

Porque você também ama o cara, meu coração prestativo vem me trazer a resposta que venho ignorando há dias.

Eu o amo.

Uma parte de mim soube disso quando ele disparou para defender a minha honra no Noel's sem pensar nas consequências. Foi naquele momento que me senti verdadeiramente amada, depois de tantos anos acreditando que talvez esse sentimento não fizesse parte da minha realidade. Mas lá estava Derek, meu cavaleiro de armadura reluzente, pronto para me defender dos meus demônios.

“Oi, Soph”, PJ me cumprimenta, sorridente.

Franzo o cenho. “Oi. O que está fazendo aqui? Pensei que tínhamos trocado de horário hoje pra você ir ao jogo.”

Duke vai jogar daqui a pouco contra o Boston College. O que significa

que eu estou com o coração na boca, pois Derek e Owen vão se encontrar de novo. E, meu Deus, isso pode acabar muito mal. Muito mal mesmo.

“Pois é, mas eu decidi não ir, então a Cami foi com a namorada. Elas queriam muito ver o jogo.”

“Ah.” Forço um sorriso. “Tudo bem, então. Eu vou começar a atender as mesas.”

É terça feira à noite, o que significa que não estamos no dia de maior movimento no Tina’s. Ainda mais em dia de jogo. As pessoas realmente preferem assistir jogos ao vivo. Hoje posso dizer que entendo o motivo.

Tento me concentrar no meu trabalho e não pensar que Derek e Owen vão estar a metros de distância um do outro. Talvez até menos, se Owen realmente jogar hoje. Mas, não importa o quanto eu tente focar apenas nos clientes simpáticos do meu setor, minha mente continua voltando para Derek e Owen.

Talvez eu não devesse ter concordado em trocar de horário com PJ. Talvez eu devesse ter ido ao jogo para evitar uma catástrofe. Mas pensar em ver Owen de novo me faz tremer nas bases. Eu quero nunca ter que olhar para o seu sorriso malicioso ou sentir que ele sabe que tem poder sobre mim.

Odeio isso.

O relógio de parede do Tina’s marca sete e dez, o que significa que o jogo já começou. Talvez eu possa acompanhar pelo Twitter durante o meu intervalo, só para saber como estão as coisas por lá.

Estou limpando uma mesa, depois que um casal fofo de velhinhos foi embora, quando meu celular começa a tocar no bolso do meu uniforme. Nós não temos autorização para mexer no celular durante o trabalho, só nos intervalos, mas Tina não está aqui e a lanchonete está bem vazia, então acho que não terá problema pelo menos ver quem é.

Tiro o celular do bolso e vejo o nome da Eretria na tela. Por que ela está me ligando se sabe que eu estou trabalhando agora?

Se ela sabe disso e mesmo assim está ligando, deve ser importante.

Olho para PJ rapidamente e balanço o celular, dizendo que vou atender rapidinho. Ele concorda com a cabeça e eu entro no corredor da área de acesso aos funcionários para atender. “Oi, Tria. O que foi? Não tenho muito tempo pra falar.”

O barulho da torcida gritando do outro lado do telefone quase não me deixa entender o que ela está falando. “Você tem que vir pra cá agora.”

“Por quê? O que aconteceu?” A preocupação transparece na minha voz.

“Derek deu um soco em Owen no meio do jogo. Deu uma puta confusão aqui. Os dois rolaram no chão e tudo. Derek foi expulso da quadra e Owen tá na enfermaria”, conta Eretria, falando rápido.

“O quê?!”

“Brianna tá indo te buscar. Ela saiu daqui tem um tempo. Dá um jeito de vir pra cá.”

“Tô indo.” E desligo o telefone sem dar chance para Eretria falar qualquer outra coisa.

Eu sabia. Meu Deus. Eu tinha certeza que isso iria acontecer. Colocar os dois no mesmo lugar era implorar para que uma confusão acontecesse.

Saio do corredor feito um foguete e vou para a parte de trás do balcão, procurando a minha bolsa enquanto mando uma mensagem para Tina, avisando que vou precisar sair mais cedo devido a um imprevisto. Estou fazendo tudo tão rápido que nem percebo quando PJ aparece do meu lado.

“Tá tudo bem?”, ele pergunta.

“Não. Eu preciso ir”, digo, enfiando meu celular dentro da bolsa. “Desculpa.”

Ele me olha, perdido. “Você não pode ir. Eu não consigo segurar aqui sozinho.”

“Vou mandar mensagem para Cami e pedir que ela venha. Preciso ir para Durham agora.”

PJ fecha a cara. “Você vai atrás dele, não vai? O cara te traiu, Soph.”

Meu coração dói. “Eu sei, mas ele está encrocado por minha causa. Não tenho tempo pra explicar.”

Antes que eu tenha a chance de sair de trás do balcão, PJ segura o meu braço. “Você não pode ir.”

“Eu não estou exatamente pedindo a sua permissão, PJ. Eu estou falando que eu vou”, digo, secamente. Ignoro completamente o tremor do meu corpo por conta da forma como ele me olha. Me concentro na minha preocupação com Derek. “Me solta.”

Mas PJ não me solta. “Se você for embora, vou te demitir.”

Meu queixo cai. “Como é que é? Qual é o seu problema?”

“O meu problema é você sendo burra e indo atrás de um cara que só te faz mal.”

Puxo o meu braço com força, me desvencilhando da sua mão. “Isso é problema meu, não acha? E você não tem autoridade aqui para me demitir.”

Ele me fuzila com os olhos. “Você é só mais uma vadia que corre atrás

de caras como ele.”

Antes que eu consiga pensar e lembrar que estamos em público, minha mão atinge a cara de PJ com tanta força que eu sinto minha pele arder na mesma hora. “Me chama de vadia de novo. Eu te desafio.”

PJ parece atordoado com o tapa que levou, ou talvez não queira chamar ainda mais atenção para nós. Seja o que for, ele não diz mais nada.

“Foda-se você.” Tiro o meu avental e jogo na cara dele. Se for para chutar o pau da barraca, pelo menos vou fazer isso com algum estilo. “Eu passei a vida toda suportando homens como você, que acham que podem mandar em uma mulher, que podem ter o que querem e quando querem. *Foda-se você, PJ.*”

Coloco a minha bolsa sobre o ombro e passo por ele, fazendo questão de esbarrar em seu corpo quando faço isso. E então, disparo para fora do Tina’s.

Sinto a adrenalina correndo as minhas veias. E, caramba, a sensação é ótima. Pela primeira vez na minha vida, eu enfrentei a merda toda. Não deixei que me intimidassem, não deixei que o medo tomasse conta de mim e me impedisse de fazer o que precisava ser feito. E, nesse momento, o que preciso fazer é chegar até Derek e entender qual é o tamanho do dano que o meu segredo causou.

39.

DEREK

Mal consigo abrir o olho por conta do soco que levei do filho da puta do Montgomery. Mas, considerando que é ele quem está na enfermaria e não eu, acho que poderia ser pior.

Não. Retiro o que eu disse. A parte ruim nem chegou ainda. A parte ruim vai chegar quando o treinador Burke entrar aqui no vestiário, onde estou me escondendo, depois do final do segundo período e chutar a minha bunda.

Caralho. O que foi que eu fiz?

Ainda está saindo com a minha garota, Mackenzie?

Phie é gostosa, não é?

E aqueles peitos? Lembro de quando peguei neles.

E foi exatamente nesse momento que eu perdi a cabeça e virei um soco na cara dele, com o meu belo gancho de direita. Acho que posso ter quebrado algum osso na mão, pois mal consigo mexê-la. Mas, valeu a pena cada soco que eu consegui dar naquele pedaço de merda.

Porra.

Fiquei tão imerso no que aconteceu que esqueci completamente que Sophie implorou que eu não expusesse a sua situação. Mas lá estava eu, na frente de centenas de pessoas, esmurrando outro jogador porque ele estava faltando com respeito com a minha namorada.

Brigas não são aceitas no basquete universitário, então a minha expulsão foi bem aplicada, mas, ainda assim, acho que eu posso ter estragado tudo para Sophie. Nesse momento, não estou nem aí para o que vai acontecer comigo, só estou pensando que eu joguei a merda no ventilador, e nem era a minha merda para que eu pudesse jogar.

Burro pra caralho.

“Derek?” Ouço a voz de Sophie invadir o vestiário e meu coração

dispara.

“Soph?”

Ela aparece no meu campo de visão e está linda como sempre. Está com o vestidinho vermelho do Tina's, o que me dá uma visão privilegiada das suas pernas infinitas. Seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo alto e seus olhos azuis estão arregalados ao olhar pra mim. Caralho. Ela é a mulher mais linda que eu já vi.

Em um piscar de olhos, Sophie já está sentada do meu lado, encarando os meus machucados. Considerando que mal consigo abrir o olho, imagino que deva estar bem feio.

“Ah meu Deus, Derek”, ela diz, exasperada. “Você tá bem?”

“Tô legal, linda. Só fiz uma merda muito grande”, admito. “O que você tá fazendo aqui? Não deveria ter vindo.”

Pensar em Montgomery olhando para ela é a última coisa que eu preciso agora, já que estou na caminhada rumo a tentar me acalmar.

“Eretria me ligou e contou o que aconteceu. Não podia deixar você se encrencar por minha causa.”

Balanço a cabeça. “Você não tem culpa de nada. Você não me pediu pra bater no cara. Eu bati porque ele é um filho da puta e estava te desrespeitando, e eu perdi a cabeça. Desculpa, linda.”

“Quão ruim é tudo isso?” Seus lindos olhos azuis se arregalam. “Eles podem te expulsar do time?”

“Acho que não. Provavelmente não. Os caras viram que eu fui provocado. Isso vai ser levado em consideração. Mas talvez eu seja suspenso de um ou dois jogos.”

“Sinto muito”, ela lamenta, baixinho. “Eu não devia ter te contado sobre Owen e...”

“Para”, eu a interrompo. “É claro que você deveria ter me contado.” Me ajeito no banco para olhar para ela de frente. “Eu é que tenho que pedir desculpas. Bati no imbecil mesmo você pedindo que eu não fizesse isso. Mas, não vou me desculpar por defender você. Se eu tiver que me meter em mais mil brigas para te proteger, eu farei isso, e não vou me desculpar por isso. Não vou ficar parado e olhando enquanto as pessoas machucam você.”

Sophie olha para mim com os olhos cheios de lágrimas, e meu peito explode.

“Eu te amo”, digo mais uma vez “e eu sei que você me ama também, mas eu também sei que você precisava de uma prova. Então, eu consegui

uma pra você.”

Ela franze o cenho. “Você conseguiu?”

Não consigo evitar uma risada. “A sua fé em mim é motivadora, gata.”

Levanto do banco, mesmo estando todo fodido, e vou até o meu armário. Pego o meu celular de lá de dentro e coloco para tocar a gravação que fiz de PJ confessando que sabia de tudo desde o começo. O imbecil me entregou tudo que eu precisava tão fácil que quase quis agradecê-lo depois.

Sophie ouve a coisa toda com atenção, mas não fica surpresa como eu achei que ficaria. Quando a gravação termina, ela solta um suspiro cansado. “É a cara dele ter feito isso. PJ está me cercando há semanas, me convidando para sair, puxando conversa, evidenciando o quanto você era ruim pra mim. E ele ameaçou me demitir se eu viesse te encontrar.”

“O quê?”, me indigno. “Ele não pode fazer isso.”

“Não, ele não pode, mas eu tenho certeza que ele vai tentar convencer Tina a me mandar embora.” Ela dá de ombros. “Talvez seja melhor assim. Acho que não conseguiria continuar trabalhando com ele depois que ele me chamou de vadia.”

“Ele o quê?!” Sinto o trem da calmaria fazendo meia volta para o meu estado de ódio cego.

Sophie dá de ombros mais uma vez, despreocupada. “Eu mandei PJ ir se foder e vim atrás do cara que eu amo porque ele estava precisando de mim.”

Meu ar é roubado dos meus pulmões.

Eu já sabia que ela me amava. Ou, pelo menos, tinha uma suspeita muito elevada a respeito, mas finalmente ouvi-la dizendo isso é muito melhor do que ficar imaginando na minha cabeça.

Abro o maior sorriso do mundo, e estou bem ciente das minhas covinhas. “Você me ama, é?”

Sophie ri, levantando do banco e colando o corpo no meu. “Eu te amo”, ela diz de novo, e meu coração bate tão depressa que suspeito que ele seja capaz de voar através da minha caixa torácica. “Mas pode tirar esse sorriso arrogante da sua cara, Bellamy. Temos um problemão para resolver.”

“Isso pode esperar, linda. Tudo o que eu quero agora é beijar minha namorada.”

Sophie abre o sorriso mais lindo que eu já vi na minha vida. Eu estou completamente rendido por essa mulher. “Então beija.”

E eu obedeço, grudando meus lábios nos dela.

E por causa dela, o mundo faz sentido de novo.

E ela está exatamente onde ela pertence. Nos meus braços.

SOPHIE

“Você precisa sair daqui, linda”, Derek diz pela décima vez.

E pela décima vez, eu respondo. “Não vou a lugar nenhum.”

Depois que nos beijamos e fizemos as pazes, ele tentou me convencer a sair do vestiário, pois o jogo já estava chegando ao fim, e, segundo Derek, o treinador Burke vai chutar a sua bunda por me encontrar aqui e também por ele ter brigado durante o jogo. No entanto, eu vim até aqui para impedir que ele se encrencasse, é isso o que eu pretendo fazer.

Leva mais alguns minutos para que os primeiros garotos comecem a entrar no vestiário. Friends e Ryan são os primeiros, seguidos de Chad, Brice, e depois Babyface e Jeremy, e outros garotos que eu não me lembro do nome. Nash e Kyle entram junto com o treinador Burke, e todos eles se aglomeram ao redor de mim e Derek, olhando para mim como se eu fosse um extraterrestre.

Mas são os olhos do treinador que queimam de ódio quando me encontram parada ao lado do seu jogador arreventado, por conta de uma briga que eu, em partes, causei.

“Mackenzie.” A voz do treinador é fria como gelo e deixa transparecer toda a sua insatisfação com Derek.

Vou ao socorro do meu namorado. “Treinador, oi, meu nome é Sophie Harley. Derek e eu estamos namorando. E eu estou aqui porque sou o motivo de ele ter arrumado briga na quadra essa noite.”

Burke olha para Derek, decepcionado. “De novo essa merda? De novo eu tenho jogadores brigando na quadra por causa de garotas? Já não bastou o que aconteceu entre Jacob e Nash no ano passado?”, Burke troveja, furioso.

“O senhor não me deixou terminar”, eu digo, secamente. Ele pode assustar os garotos, mas não a mim. Estou me sentindo estranhamente

confiante para enfrentar os homens hoje. “Peço que fique entre nós o que eu vou dizer.” Olho para cada um dos garotos diante de mim. Nunca fiquei em um cômodo com tantos homens antes, mas, pela primeira vez, não sinto medo nenhum. “Posso contar com a discrição de vocês?”

Encaro o treinador Burke. Sei que é ele quem manda. Se ele disser que os meninos manterão a boca fechada, sei que posso confiar que farão isso.

Por fim, o treinador concorda com a cabeça.

“Você não tem que fazer isso”, diz Derek, baixinho. “Eu posso lidar com tudo sozinho.”

Ignoro meu namorado altruísta. “Eu sou órfã desde os sete anos. Passei por alguns lares adotivos até que, aos dezesseis anos, fui morar com a família de Owen Montgomery, o jogador do Boston College que Derek agrediu essa noite. E, o motivo de Derek ter batido nele, é porque Owen...” Respiro fundo. “Owen tentou me estuprar naquela época.”

O queixo do treinador cai. E não só o dele. O de todos os garotos também.

“Eu não posso provar isso, porque ele nunca conseguiu realmente... vocês sabem. Então, não tenho nada contra ele além da minha palavra que, como vocês devem imaginar, não vai fazer diferença em um tribunal se eu não tiver provas que embasem isso.”

Um silêncio ensurdecedor se instala no vestiário e dezesseis pares de olhos masculinos me encaram em uma mistura de pavor, choque, consternação e revolta.

“Eu sinto muito por ter criado problemas”, eu concluo.

“Você sente muito?”, Nash pergunta, incrédulo. “Pelo que você sente muito? Você tá de brincadeira comigo, porra? Nós devíamos sair daqui agora e matar o filho da puta.”

Kyle concorda. “Vamos fazê-lo confessar.”

“Eu seguro de um lado”, anuncia Babyface.

“Eu seguro do outro.” Jeremy.

“Ninguém vai matar ninguém”, intervém o treinador, gritando por cima dos burburinhos dos garotos.

Friends se indigna. “Mas, treinador...”

“Ninguém vai matar ninguém”, Burke repete, e então se aproxima de mim, cautelosamente. “Eu sinto muito que isso tenha acontecido com você, filha. E obrigado por ter nos contado. Estamos aqui para o que você precisar de nós.” Ryan abre a boca, mas o treinador lança um olhar furioso na direção

do seu jogador. “Menos matar pessoas.”

Solto uma risadinha. “Obrigada.” Sorrio, e estou verdadeiramente agradecida. “E obrigada, meninos, mas não quero que matem ninguém por mim. Só... mantenham as mulheres longe desse cara sempre que puderem.”

O treinador olha para Derek, e coloca a mão no ombro do meu namorado. “Eu nunca disse isso, mas muito bem feito pra ele.”

Derek sorri. “Obrigado, treinador.”

“Eu te espero lá fora”, digo a Derek.

Ele segura a minha mão antes que eu tenha a chance de dar dois passos para frente. “Você deveria ficar aqui. Não quero que você corra o risco de encontrar com ele.”

Fico na ponta dos pés para dar um beijo em Derek. “Eu vou ficar bem. Estarei com as meninas. Não posso deixá-lo controlar a minha vida pra sempre, posso?”

Derek engole visivelmente em seco.

“Relaxa, D. Soph tem quinze guarda-costas agora”, garante Babyface. “Nenhum filho da puta vai tocar nela de novo.”

O treinador fecha a cara. “Linguajar!”

Dou risada, e sinto meu coração expandir ao olhar para os quinze garotos diante de mim, dispostos a me ajudar. “Obrigada, meus heróis!” Sorrio para os meninos, e depois volto a olhar para o meu namorado. “Amo você. Vou estar segura.”

Derek me beija mais uma vez. “Também te amo.”

“Eles já tão nas três palavras?”, pergunta Babyface, surpreso. “Como ela foi de odiar o D pra amar ele?”

Os meninos explodem em uma risada, o que me faz dar risada também.

“Vocês são tão babacas”, diz Derek, rindo.

“Chuveiro! Agora!”, Burke grita para os meninos.

E como baratas tontas, eles começam a se mover.

Ainda estou dando risada quando saio do vestiário e encontro Eretria, Savannah e Brianna me esperando do lado de fora.

“Burke acabou com a raça dele?”, pergunta Brianna, preocupada.

Nego. “Acho que vai ficar tudo bem.”

Brianna leva a mão ao peito, aliviada. “Graças a Deus.”

“Vamos procurar alguma coisa para comer. Eu tô morrendo de fome”, resmunga Savannah.

Mas antes que eu possa dar o meu primeiro passo, encontro Owen

parado no final do corredor dos vestiários, perto da porta de saída. Porque, claro, nada pode ser fácil na minha vida.

Eu me sinto dentro de um daqueles filmes onde a protagonista está indo para a sua última batalha, antes das coisas finalmente começarem a dar certo. Depois que ela já passou pelo pão que o diabo amassou, sempre tem aquela grande batalha que a protagonista precisa enfrentar para finalmente chegar a tão sonhada felicidade.

Owen é a minha batalha final.

O fantasma do meu passado que constantemente me assombra.

“Devemos chamar um segurança?”, Eretria pergunta.

Eu olho bem para Owen, para os olhos prateados me encarando de volta a alguns metros de distância. Não vou mentir, minhas pernas estão tremendo e meu coração está batendo feito um louco, mas não consigo evitar sorrir ao olhar para a cara machucada de Owen e ver o estrago que Derek fez. Um olho roxo, lábios inchados e cortados e um corte enorme no supercílio. Aquela pequena parte de mim que gostaria de ser vingada está saltitando.

“Não”, eu digo, firme. “Nós vamos passar por ele como se ele nem estivesse lá. Isso acaba hoje. Ele não controla mais a minha vida. Eu não tô mais sozinha. Ele não pode mais me machucar.”

Savannah segura a minha mão, e abre um sorriso para mim. “Você com certeza não está mais sozinha.”

“Não está mesmo”, confirma Eretria.

“Um passo atrás do outro, Soph”, Brianna me incentiva.

E, de braços dados com as minhas amigas, eu caminho na direção de Owen, sustentando os seus olhos prateados até certo momento, antes de desviar o rosto para focar no caminho que eu tenho a minha frente.

O que é passado está no passado agora.

E eu vou ficar bem.

E pela primeira vez em... bom, sempre... eu *realmente* acho que vou ficar bem.

EPÍLOGO

DEREK

Fevereiro

Sophie produz os sons mais sensuais do mundo quando eu estou dentro dela. Suas pernas grossas estão ao redor do meu corpo enquanto eu aperto sua bunda macia e ela cavalga em mim, com as mãos espalmadas no meu peito.

Em um movimento rápido, eu me sento na cama e enfio o seu mamilo rosa avermelhado e enrijecido na minha boca. Eu chupo com força enquanto ela geme, jogando a cabeça para trás.

Essa mulher é a criatura mais sensual que já andou nesse planeta.

Sophie puxa a minha cabeça para cima e gruda meus lábios nos dela. Sua língua desliza para dentro da minha boca e o toque com a minha desencadeia uma descarga elétrica através do meu corpo. Ela geme na minha boca, deixando o som reverberar.

Agarro-a pela cintura e giro nosso corpo na cama, deixando-a cair de costas no colchão, os cabelos loiros espalhados pelo meu travesseiro, e é a visão mais linda que já testemunhei.

“Eu te amo pra caralho, sabia disso?”, digo a ela.

Sophie ri. “Eu também te amo.”

Ela abraça o meu quadril com as pernas para intensificar minhas estocadas. Levo a mão até onde estamos unidos e massajeio o seu clitóris, pois sei que ela vai ao céu e volta quando eu a toco desse jeito. E é exatamente o que acontece agora. Seu corpo delicioso explode como fogos de artifício e ela geme para acordar os mortos. E, pelo fato de ela produzir os sons mais sensuais que existem, eu gozo logo em seguida, escutando-a gemer o meu nome.

Caímos lado a lado, exaustos, suados, saciados e loucamente

apaixonados um pelo outro. Mil anos podem se passar e eu ainda vou amar essa garota exatamente como a amo agora, e ainda vou querer transar com ela, fazê-la gemer e gozar para mim, porque estar com ela e dentro dela é a melhor coisa que já me aconteceu.

Sophie se alinha ao meu peito e eu beijo o alto da sua cabeça, puxando-a para mais perto de mim.

“Não lembro a última vez que a vida foi assim tão boa.”

“Como poderia ser boa se eu não estava nela antes?”, questiono, brincalhão.

Sophie ensaia uma risada. “Babaca como sempre.”

Dou risada. “Gata, você me chama tantas vezes de babaca que talvez eu precise realmente começar a agir como um.”

Ela levanta a cabeça para me olhar. “O que te faz pensar que você não age como um diariamente?”

Sorrio. “O fato de que Sophie Harley nunca namoraria um babaca.”

“Merda. Odeio quando você está certo.”

Rio de novo. “Não é possível que você odeie algo em mim, gata. Nós fomos feitos um para o outro.”

Agora é ela quem dá risada. “Quando você ficou tão cafona?”

“A culpa disso é sua. Eu era um garanhão antes. Conquistava mulheres com as minhas cantadas infalíveis e agora estou dizendo coisas como ‘feitos um para o outro’. Você me deixou cafona, gata”, brinco.

Ela me olha, incrédula. “Você está reclamando? Porque pode voltar para as suas mulheres quando quiser, eu nem vou ligar.”

Puxo Sophie para cima de mim. “Porra nenhuma. Estamos juntos agora, linda. Só me matando pra me separar de você.”

Sophie ri de novo. “Tentador.”

“Ah, é?” Começo a fazer cócegas em seu corpo e Sophie começa a gritar, implorando para que eu pare. “Isso é para você aprender uma lição. Sua malcriada.”

Como em um lembrete de que existe um mundo fora do meu quarto, fora da bolha de felicidade na qual Sophie e eu estamos inseridos, uma gritaria começa do lado de fora.

Paro as cócegas, e Sophie olha para mim com o cenho franzido. “O que foi isso?”, ela pergunta.

“Seu filho da puta!” Escuto a voz de Kyle.

“Para com isso, Ky.” Eretria grita.

Sophie pula da cama. “Eretria?”

Minha namorada começa a caçar as suas roupas espalhadas pelo chão do meu quarto, e eu faço a mesma coisa. Nós nos arrumamos tão depressa que, quando abrimos a porta do quarto, estamos ofegantes. E a cena diante dos meus olhos no corredor termina de roubar todo o ar da casa.

Eretria está enrolada em um lençol, mantendo Kyle longe de Nash que, por sua vez, está vestindo só uma bermuda. Os dois estão com os cabelos bagunçados e os lábios inchados.

Nada precisa ser dito. A cena fala por si só.

“Você está transando com a minha irmã?”, Kyle rosna. “Seu mentiroso filho da puta! Você jurou! Jurou que não tinha nada rolando com ela!”

Kyle é grande demais para que Eretria consiga segurá-lo sozinha, mas, mesmo assim, ela o empurra para trás com uma mão enquanto segura o lençol preso ao corpo com a outra.

“Kyle, para com isso”, ela grita. “Me escuta!”

“Para de tentar controlar a vida da sua irmã, porra”, Nash explode. “Ela não...”

Kyle passa por Eretria, com a mesma facilidade com a qual se rouba doce de criança, e dá um soco na cara de Nash.

Sophie prende a respiração ao meu lado.

É como eu disse, a vida tem a tendência de fazer as mentiras explodirem na sua cara mais cedo ou mais tarde.

FIM DO LIVRO I

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao final de mais uma história que eu me diverti horrores escrevendo. E o mais legal é que ela só está no começo. Vem muita encrenca por aí ainda.

Quero agradecer a Deus por mais essa empreitada realizada com sucesso. Mas também quero agradecer aos meus pais, por entenderem que eu só consigo escrever bem de madrugada, então não reclamavam quando eu trocava o dia pela noite. Vocês são incríveis!

Também quero agradecer a Matheus Pedroso e Felipe Tadeu, por responderem a todas as minhas perguntas sobre basquete e terem toda a paciência do mundo para me explicar quando eu não entendia da primeira vez. Amo vocês!

E não pode faltar agradecimentos para as minhas incentivadoras enlouquecidas, que apoiaram todas as trocas de nomes dos personagens e acompanharam de perto todo o meu processo criativo. Obrigada Ana, por ser minha maior defensora. Obrigada Maria e Nathaxa por serem malucas completas e por dividirem suas próprias experiências comigo para me inspirar durante um bloqueio criativo. Obrigada Thais, por todas as dicas de planejamento e marketing e por controlar os ânimos do nosso pequeno grupo enlouquecido. E obrigada Beatriz, por sempre me dar a sua opinião e me ajudar a decidir entre a minha indecisão. Não me deixem nunca!

Agradeço ao meu cachorro, Toddy Cleiton, o meu maior companheiro durante as madrugadas em que fiquei acordada, aproveitando o silêncio para escrever. E ele estava sempre, firme e forte do meu lado. Não há como explicar o quanto eu te amo, Cleitinho.

Foto de capa: Designed by Svetlanasokolova - Freepik.com

E agradeço a minha amiga Halexá Helen por me ajudar a fazer essa capa lindíssima. Você foi demais, amiga!